

VIDA, MORTE E TRAIÇÃO NO RITZ DE PARIS



O HOTEL NA
**PLACE
VENDÔME**

Tilar J. Mazzeo



TILAR J. MAZZEO

O hotel na Place Vendôme

Vida, morte e traição no Ritz de Paris

TRADUÇÃO DE ANDRÉ GORDIRRO



Copyright © 2014 by Tilar J. Mazzeo
Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL
The Hotel on Place Vendôme

PREPARAÇÃO
Pedro Staite

REVISÃO
Luísa Ulhoa
Nina Lua

DESIGN DE CAPA
Victor Burton

IMAGENS DE CAPA
Fotografia de capa: © Robert Doisneau / Getty Images
Bandeira nazista: © Hugh Kooney / Getty Images

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0019-9

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Emmanuel

*Il faut être très patient...
Je te regarderai du coin de
l'œil et tu ne diras rien.*

O luxo mancha tudo que toca.
— Charles Ritz

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Lista de personagens](#)

[Prólogo: o Hôtel Ritz,o espelho de Paris](#)

[1. Uma Suíça em Paris | Junho de 1940](#)

[2. O assunto em voga em Paris | 1º de junho de 1898](#)

[3. Batalha aérea sobre a Place Vendôme | 27 de julho de 1917](#)

[4. Diamantes tão grandes quanto o Ritz | 1º de setembro de 1940](#)

[5. Os americanos vão a Paris | 1944](#)

[6. A atriz francesa e seu amante nazista](#)

[7. O barman judeu e a Resistência alemã](#)

[8. A esposa americana e o diretor suíço](#)

[9. O general alemão e o destino de Paris](#)

[10. Os correspondentes de guerra e a corrida para Paris](#)

[11. Ernest Hemingway e o Ritz libertado](#)

[12. Aquelas repórteres de saias | 26 de agosto de 1944](#)

[13. Os últimos trens de Paris](#)

[14. A guerra de Chanel e outras roupas sujas](#)

[15. A diva loura e os cientistas nucleares](#)

[16. De Berlim com amor, e as últimas batalhas em Paris | 1945](#)

[17. Potências em declínio em Paris | Junho de 1951](#)

[18. A grande sombra da guerra | 29 de maio de 1969](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Bibliografia selecionada](#)

[Créditos das fotografias](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

LISTA DE PERSONAGENS

A EQUIPE DE FUNCIONÁRIOS DO HOTEL

BLANCHE AUZELLO: A bela e impulsiva esposa americana do diretor do Hôtel Ritz. De ascendência judaica e alemã, morou em Paris durante a guerra com um passaporte falsificado e foi atraída contra a vontade para as redes secretas da Resistência.

CLAUDE AUZELLO: Diretor-geral do Hôtel Ritz, um velho soldado francês, especialista em atender aos caprichos dos ricos e famosos. Embora extremamente educado, manteve uma perigosa atitude de desprezo pelos ocupantes alemães do hotel. Sem que a esposa soubesse, Claude Auzello fazia parte de uma segunda rede de resistência que operava nas cozinhas do Hôtel Ritz, sob intensa fiscalização alemã.

HANS FRANZ ELMINGER: Diretor-adjunto do hotel, nascido na Suíça, um sujeito prestativo que falava alemão e era incumbido de lidar com as operações cotidianas que envolviam os nazistas. Era sobrinho do presidente do Hôtel Ritz, o barão Hans von Pfyffer. Mantendo as aparências com uma cuidadosa neutralidade, Hans Franz Elminger e a esposa, LUCIENNE, guardaram um segredo perigoso no último verão da guerra.

MARIE-LOUISE, A MADAME RITZ: Viúva do falecido fundador do hotel, César Ritz, era uma astuta mulher de negócios suíça, mas frequentemente presunçosa e tola. Sempre acompanhada por dois Griffons de Bruxelas, madame Ritz desprezava BLANCHE AUZELLO, que devolvia a gentileza com fervor.

CHARLES "CHARLEY" RITZ: Filho de MARIE-LOUISE e do fundador do hotel, César Ritz. Um esportista entusiasmado, hoteleiro relutante e companheiro de copo de ERNEST HEMINGWAY.

FRANK MEIER: Lendário barman que trabalhava no bar da lateral do Hôtel Ritz, na rue Cambon, foi o inventor de alguns dos mais famosos coquetéis clássicos dos anos 1930. Nascido na Áustria com um quarto de ascendência judaica, era atuante na Resistência. O correio informal que funcionava atrás do bar de Frank era conhecido pelos agentes tanto da inteligência francesa quanto da alemã. Seu subordinado direto e sucessor foi o barman GEORGES SCHEUER.

MONSIEUR SÜSS: Diretor-assistente do Ritz, o suíço jogou os dois lados da guerra um contra o outro em benefício próprio. Com Claude Auzello, trabalhou para driblar o regulamento alemão referente aos bombardeios aéreos e ajudar os Aliados; com os alemães, conspirou para saquear o patrimônio cultural de Paris.

OLIVIER DABESCAT: Garçom, *maitre d'hôtel* e informante falastrão de MARCEL PROUST. Severo, metódico, frio e ameaçador, era o juiz definitivo do prestígio social no Hôtel Ritz e, aos olhos de quem o temia, uma das silenciosas figuras cheias de poder por trás dos tronos da Europa.

AUGUSTE ESCOFFIER: Um dos cofundadores do Hôtel Ritz e o maior chef do século XX, criou o cardápio moderno e tornou possível que as mulheres comessem em público. Teve um caso que ia e voltava com a atriz francesa SARAH BERNHARDT, sua maior paixão.

Os alemães

REICHSMARSCHALL HERMANN GÖRING: Viciado em morfina, extravagante em excesso e muitas vezes ridículo, o general da força aérea alemã Hermann Göring passou boa parte da guerra no Hôtel Ritz, saqueando arte, conduzindo a máquina de guerra nazista e tentando desesperadamente evitar a fúria brutal de ADOLF HITLER, que culpava seu subcomandante por não ter conseguido dominar o mundo.

CORONEL HANS SPEIDEL: Coronel alemão que ocupou vários cargos na chefia do Estado-maior da Paris ocupada. Responsável por supervisionar a administração diária do Hôtel Ritz nos primeiros anos da ocupação, mais tarde participou da Operação Valquíria, a malfadada conspiração de verão para assassinar ADOLF HITLER.

CARL-HEINRICH VON STÜLPNAGEL: Comandante militar da Paris ocupada. Ao lado do primo, o tenente-coronel CAESAR VON HOFACKER, foi protagonista da fracassada Operação Valquíria.

CAESAR VON HOFACKER: Ao lado do primo, CARL-HEINRICH VON STÜLPNAGEL, foi um dos arquitetos em Paris da fracassada Operação Valquíria.

HANS GÜNTHER VON DINCKLAGE: Charmoso diplomata alemão de quarenta e poucos anos, mais conhecido pelo sucesso com as mulheres e pelo caso escandaloso com a estilista COCO CHANEL durante a guerra. Espião playboy que morava no Ritz, era um homem de lealdades duvidosas.

HANS-JÜRGEN SOEHRING: Oficial alemão da Luftwaffe e amante da famosa estrela do cinema francês ARLETTY durante a guerra.

DIETRICH VON CHOLTITZ: Responsável por Paris durante os últimos dias da ocupação, foi o general alemão que desafiou ADOLF HITLER e se recusou a incendiar Paris — talvez não inteiramente por altruísmo.

WILHELM CANARIS: Chefe dos gabinetes da agência de inteligência alemã Abwehr em Paris, participou de um jogo sinistro de contrainteligência como agente duplo britânico até ser descoberto e preso, no inverno de 1944.

ARNO BREKER: “O Michelangelo de Hitler” e membro de carteirinha do Partido Nazista, se enturmuou com o mundo das artes de Paris durante os anos 1920 e 1930 e fez amizade com JEAN COCTEAU e PABLO PICASSO, para quem sua esposa, Demetra, posou como modelo. Em 1942, retornou à Paris ocupada para uma famosa exposição de arte que se tornou o ponto alto do colaboracionismo na temporada.

Os políticos

GENERAL CHARLES DE GAULLE: Líder patriótico e rabugento do governo no exílio França Livre, cujas opiniões sobre a Libertação de Paris iam com frequência de encontro às estratégias militares dos Aliados no verão de 1944.

WINSTON CHURCHILL: O eloquente e abastado primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a guerra era frequentador assíduo do Hôtel Ritz e conhecia COCO CHANEL dos verões na Riviera Francesa. Cada vez mais irritado com a teimosia de CHARLES DE GAULLE, Winston Churchill preferia que GEORGES MANDEL ocupasse a liderança francesa e não se importava em dizer isso nos últimos dias da ocupação.

GEORGES MANDEL: Jornalista malvestido de origem judaica e ex-ministro francês, morou durante muito tempo no Ritz e convenceu MARIE-LOUISE RITZ a manter as portas do hotel abertas durante a queda da França. Foi preso no início da guerra e mantido em cárcere pelos alemães. Sua execução selou o destino do antigo arquirrival.

PIERRE LAVAL: Fumante inveterado e ministro-chefe do governo francês estabelecido em Vichy durante o período nazista, era um colaboracionista cruel e pragmático e frequentemente podia ser encontrado no Hôtel Ritz. Amealhou grande poder pessoal e foi responsável pela deportação de crianças judias da França, mas alegou que era apenas um “curador de massas falidas”.

PAUL MORAND: Diplomata e escritor francês, amigo de COCO CHANEL, JEAN COCTEAU e MARCEL PROUST, foi amante secreto da PRINCESA SOUTZO, com quem veio a se casar. Sob a influência dela, tomou partido da França de Vichy durante a ocupação.

Os militares e os correspondentes americanos

ROBERT CAPA: Corajoso, carismático e perigosamente bonito fotógrafo de guerra americano nascido na Hungria. Travou brigas intensas com ERNEST HEMINGWAY nos dias que antecederam a Libertação de Paris. Amante de INGRID BERGMAN, Robert Capa fez parte de um complexo emaranhado de lealdades e traições que acabaram com o terceiro casamento de HEMINGWAY.

MARTHA GELLHORN: Correspondente de guerra americana e terceira esposa de ERNEST HEMINGWAY, era jovial, espirituosa, intensamente independente e alvo involuntário do malicioso ciúme sexual de MARLENE DIETRICH.

LEE MILLER: Fotógrafa americana famosa pela beleza e correspondente de guerra da *Vogue*, era amiga de PABLO PICASSO; como a jornalista americana HELEN KIRKPATRICK, Lee Miller fez reportagens sobre a Libertação de Paris.

MARY WELSH: Jornalista “de saias” americana, era jovial e bonita e tinha predileção por falar francamente e não usar sutiã por baixo de suéteres justos. Teve um caso com ERNEST HEMINGWAY no Hôtel Ritz durante a guerra e acabou se tornando a quarta esposa do famoso escritor. Íntima de MARLENE DIETRICH, mas desprezada por ROBERT CAPA, Mary Welsh também cobriu em primeira mão a Libertação de Paris.

HENRY WOODRUM: Abatido durante um bombardeio diurno sobre Paris nas semanas anteriores à Libertação, o piloto americano foi o único homem conhecido a ter “saído a pé” da capital ocupada. Caçado pela Gestapo, sua sobrevivência sem precedentes foi possível graças aos cidadãos franceses.

FRED WARDENBURG: Executivo de carreira da DuPont no setor de produção química, foi convocado nos dias após a Libertação para se tornar o James Bond científico de sua geração — e para participar da ala secreta do Projeto Manhattan em Paris na corrida para evitar que os alemães desenvolvessem armas nucleares.

IRWIN SHAW: Romancista, dramaturgo, jornalista e amante azarado, foi o homem que apresentou a namorada MARY WELSH para o viril ERNEST HEMINGWAY. Mais tarde, pagou a conta enquanto ROBERT CAPA transava com INGRID BERGMAN na recém-libertada Paris.

JAMES GAVIN: Tenente-general do Exército dos Estados Unidos, em 1945 “Jumpin’ Jim” se viu envolvido entre a paixão por MARTHA GELLHORN e o estrategema de uma decidida MARLENE DIETRICH.

Os escritores

MARCEL PROUST: Nervoso, irrequieto, excêntrico e brilhante, escreveu o que muitos consideram o maior romance do mundo — e fez do Hôtel Ritz seu verdadeiro lar durante o processo.

JEAN COCTEAU: Viciado em ópio e com um talento desenfreado, o escritor, artista e cineasta tentou salvar alguns amigos judeus da deportação, embora respeitasse ADOLF HITLER. Velho amigo de COCO CHANEL, MARCEL PROUST, SACHA GUITRY e ARLETTY. Seu pecado foi a neutralidade.

JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR: O casal intelectual incompatível mais famoso da França. Adoravam beber todas no quarto de ERNEST HEMINGWAY no Ritz. Simone de Beauvoir e Hemingway às vezes faziam um pouco mais do que simplesmente beber, e os funcionários do hotel percebiam que ela saía do Ritz de manhã com uma aparência amarrotada suspeita.

SACHA GUITRY: Famoso dramaturgo e roteirista de cinema francês; espirituoso, extravagante e queridinho de Paris, dava vazão ao próprio prazer e frivolidade no Hôtel Ritz sem se preocupar com as consequências políticas ou humanas.

F. SCOTT FITZGERALD: A voz da Era do Jazz e famoso autor americano; o bar do Hôtel Ritz foi seu boteco favorito durante a descida ao alcoolismo.

ERNEST HEMINGWAY: Romancista e famoso aventureiro americano, conhecido pelos feitos viris e pelas frases lacônicas. Ele e sua “milícia” libertaram o Hôtel Ritz — e muitas garrafas de vinho fino das adegas — nas últimas horas da ocupação. “Papa”, como era conhecido, então tornou o Ritz seu lar

pelos meses que se seguiram, em uma nova ocupação de luxo ao estilo americano.

As estrelas de cinema e os famosos

ARLETTY: Sedutora estrela do cinema francês e celebridade nacional, passou a guerra no luxo do Hôtel Ritz com o amante alemão, HANS-JÜRGEN SOEHRING. Seu “colaboracionismo horizontal” lhe valeu o ódio de muitas pessoas na Paris ocupada e uma terrível retaliação.

SARAH BERNHARDT: Conhecida no mundo inteiro simplesmente como “a divina Sarah”, era a lenda dos palcos no fim do século XIX e início do século XX e amiga e amante do chef fundador do Hôtel Ritz, AUGUSTE ESCOFFIER.

ELSA MAXWELL: Atrevida, atarracada e nitidamente feia, era a americana lésbica do Meio-Oeste que elevou o nível de festas extravagantes a novos patamares nos anos 1920 e se viu reconhecida como uma das rainhas da alta sociedade, tudo a partir de seu começo nas recepções do Hôtel Ritz.

LAURA MAE CORRIGAN: Desdenhada por muitos nos Estados Unidos, seu país de origem, como uma terrível caçadora de maridos ricos, a bela e jovem garçonete se viu com um homem que possuía uma enorme fortuna e um problema cardíaco. Quando ele saiu de cena cedo demais, ela viveu luxuosamente entre Londres e a maior suíte do Ritz em Paris — até que a Segunda Guerra Mundial começou, e Laura Mae Corrigan teve que tomar uma decisão corajosa.

DUQUE E DUQUESA DE WINDSOR: Mais conhecidos como o antigo rei Edward VIII da Grã-Bretanha e a americana divorciada Wallis Simpson, viveram uma história de amor que chegou às manchetes. Nos bastidores, suas afinidades pró-fascistas causaram grande preocupação.

LUISA, MARQUESA CASATI: Estupidamente rica, famosa pela extravagância e possivelmente desequilibrada, a marquesa transformou a própria vida em uma espécie inigualável de arte performática modernista; na Paris dos anos 1910 e 1920, o Hôtel Ritz era seu cenário favorito.

ALEXANDRE ROSENBERG: O culto filho de 24 anos do marchand judeu Paul Rosenberg — cuja galeria foi o epicentro da cena artística de Paris —, lutou na Grã-Bretanha pelas Forças da França Livre sob o comando de Charles de Gaulle. Em agosto de 1944, voltou a Paris como oficial na Libertação e fez uma descoberta surpreendente em um dos últimos trens alemães que fugiam da capital.

PRINCESA SOUTZO: Bela, calculista, paqueradora e, no fundo, pró-Alemanha, a princesa casada foi a última grande paixão de MARCEL PROUST e jogou friamente o escritor contra seu amigo PAUL MORAND nos últimos dias da Primeira Guerra Mundial.

MARLENE DIETRICH: Lenda do cinema de Hollywood, nascida na Alemanha, levantou o moral das tropas aliadas no fim da guerra com turnês militares, mas considerava o Hôtel Ritz seu lar. Era amiga de ERNEST HEMINGWAY e tornou-se inimiga jurada de MARTHA GELLHORN.

COCO CHANEL: Madura estilista francesa e residente de longa data do Hôtel Ritz. Sua principal boutique ficava do outro lado da rua, na rue Cambon. Chanel fechou o estabelecimento durante a guerra e morou no Ritz com o amante alemão, HANS VON DINCKLAGE. Interrogada, depois da Libertação, pelos governos britânico, francês e americano sobre suas atividades dúbias e ilícitas durante a guerra, Coco Chanel brincou, dizendo que, diante da chance de ter um amante na sua idade, não pediria para ver o passaporte dele.

JOSÉE, CONDESSA DE CHAMBRUN: Filha do colaboracionista francês PIERRE LAVAL e socialite na época da guerra, era frequentemente vista no Ritz durante a ocupação. Amiga de COCO CHANEL, ARLETTY e SACHA GUITRY, era uma “queridinha” da indústria cinematográfica e usou sua influência com os alemães.

INGRID BERGMAN: Estrela sueca de cinema que fez par com Humphrey Bogart no clássico de guerra *Casablanca*, apaixonou-se por um irrequieto ROBERT CAPA no Hôtel Ritz nos meses após a Libertação de Paris.

PRÓLOGO: O HÔTEL RITZ,
O ESPELHO DE PARIS



Tropas alemãs e civis francesas, 1940.

Obviamente, os grandes hotéis sempre foram ideias sociais, espelhos perfeitos para as sociedades a que serviam.

— Joan Didion, *O álbum branco*, 1979

Este livro não começou na bela Place Vendôme. Não começou sequer em Paris. Em vez disso, ganhou forma primeiro em uma tarde de inverno na antiga zona oriental de Berlim, no apartamento de um amigo com vista para a Alexanderplatz.

Enquanto conversávamos, eu estava debruçada sobre uma pilha robusta de fotocópias de documentos dos governos francês e britânico a respeito das atividades da estilista Coco Chanel no período da guerra. Li repetidas vezes o nome do Hôtel Ritz e de seus residentes, ora famosos, ora infames, em correspondências — agora não mais secretas — que descreviam informações de espionagem vindas da Paris ocupada. Alguns desses moradores eram oficiais alemães de alto escalão e seus equivalentes do Eixo. Alguns eram civis franceses ricos; outros, americanos. Muitos eram espiões com lealdades extremamente intrincadas e segredos perigosos. Lá, em opulento esplendor, todos viveram lado a lado na Place Vendôme, unidos em uma dança complicada em meio a uma Europa dividida.

Qual era, perguntei em voz alta para meu amigo alemão naquela tarde, a história dessas pessoas que viveram no famoso hotel durante a ocupação em Paris? Como o ocorrido, entre taças de champanhe e mesas de toalhas brancas, nos corredores, nas suítes palacianas e nas cozinhas de

porão, moldou a vida daqueles que se encontraram lá por acaso ou intencionalmente? E, mais importante, como isso definiu a vida de milhares de outras pessoas? Como aqueles fatos delimitaram a França e determinaram o rumo do nosso século XXI, tão compartilhado, confuso e pan-europeu?

Esses homens e mulheres, que vieram de todos os cantos do maior conflito do século deles, foram capturados juntos pelo turbilhão da história. Para algumas centenas de pessoas durante a guerra, a vida continuou — e às vezes chegou ao fim — dentro dos muros de um palácio que já fazia parte da lenda cultural que era a Paris moderna. O que aconteceu lá, quando o Hôtel Ritz equivalia a uma encruzilhada do poder internacional, mudaria cada um deles. Juntos, eles transformariam o último século. Este livro é o relato dessa história emocionante e extraordinária, com todo o drama e a complexidade humana, ora inspiradora, ora assustadora.

A Paris dos anos 1940 é um universo inteiro que ficou no passado. Era um mundo onde mulheres em vestidos de noite feitos de cetim fumavam cigarros em longas piteiras de marfim e homens ainda usavam chapéus de feltro. Um mundo onde funcionários de hotel usando quepes recolhiam estolas de pele e choferes aguardavam nas esquinas enquanto cantores de jazz embalavam os cabarés de Montmartre tarde da noite.

Isso é passado agora. No entanto, para muita gente não há como deixar o passado para trás. E assim, de certa forma, essa também é a história do nosso presente momento. Todos nós vivemos à enorme sombra dessa história.

Nos salões de jantar do grande hotel, os aspectos visíveis da guerra e suas traições eram suspensos — pelo menos superficialmente. Durante a ocupação, oficiais alemães colocavam o uniforme de lado, e com frequência o francês era a língua usada nas conversas. Os parisienses que jantavam com eles adotavam uma pose de neutralidade estudada em troca de cortêsias. Durante almoços “de negócios”, a dinâmica econômica do colaboracionismo foi forjada entre estilistas, industriais, diplomatas e políticos. Aquelas conversas no Hôtel Ritz plantaram as fundações para o estabelecimento da União Europeia de hoje.

Para outros, o que permanece dessa história é bem mais pessoal. A ocupação está no centro da França moderna e — do ponto de vista de alguém que se considera tanto francófila quanto realista — no centro das evasivas mais difíceis.

Em qualquer cultura, há algumas coisas que parecem perigosas, mesmo depois de décadas ou séculos. Na França, este tema é a coisa perigosa. Pelo menos em uma ocasião, fui avisada de que não deveria tentar contar esta história. O aviso veio de uma idosa francesa, uma senhora elegante com olhos aguçados e uma grande memória do que aconteceu em Paris durante os anos sombrios da guerra — e nos anos sombrios que se seguiram. Em uma tarde na primavera de 2010, nos encontramos em um café obscuro e intencionalmente comum ao lado da rue de Rome, no décimo sétimo *arrondissement*, uma área bastante fora de moda. O falecido marido da senhora esteve na Resistência, parte do movimento clandestino que lutou contra o controle fascista da França ocupada — e contra os fascistas que não eram sempre convenientemente alemães. Por meio do contato de um contato de um contato, ela concordou em se encontrar comigo e talvez conversar.

Isto foi a primeira coisa que ela me disse:

“A maioria das pessoas que dizem ter pertencido à Resistência são contadoras de histórias, na melhor das hipóteses. Na pior, são simplesmente mentirosas. A Resistência foi um movimento assustadoramente pequeno, sigiloso, secreto, e o preço de ser descoberto era gigantesco. Depois da guerra, todo mundo queria acreditar que apoiou a Resistência. É uma fantasia nacional coletiva da França.”

Então, conforme o ambiente em volta foi ficando muito silencioso, a senhora colocou sobre a mesa do café, na minha frente, as medalhas de guerra do marido, uma atrás da outra.

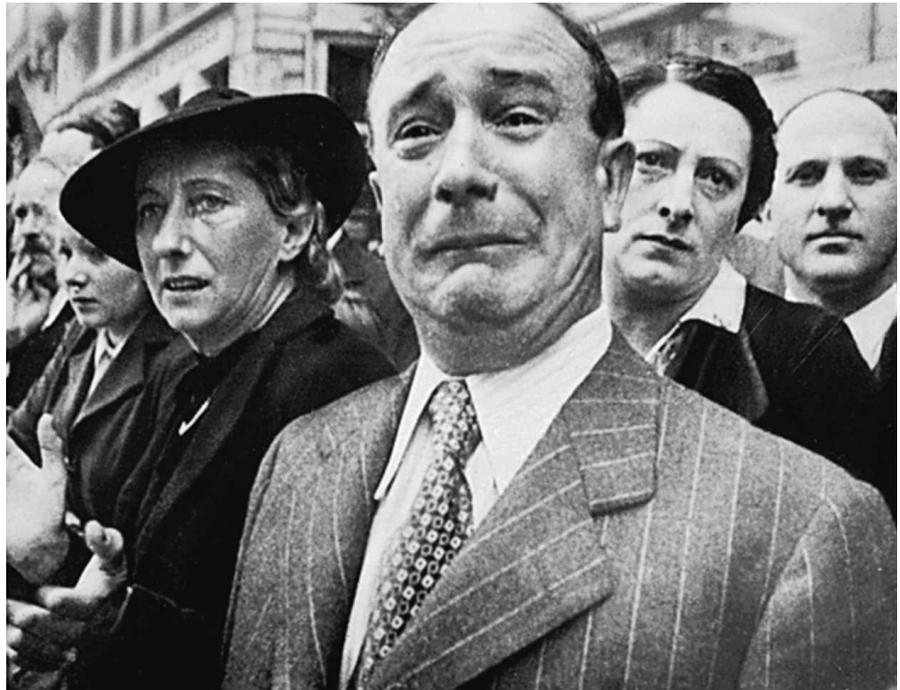
“Para que você saiba que não sou uma dessas impostoras.” E continuou: “O que preciso lhe contar é o seguinte: a verdade que você procura se perdeu na história no momento em que a guerra acabou. Talvez tenha se perdido até mesmo antes disso. As perguntas que você está fazendo são mais traiçoeiras do que imagina. Você não deveria escrever esse livro sobre o Hôtel Ritz e a história da ocupação. Lamento.”

Você tem em mãos a prova, para o bem ou para o mal, de que não segui aquele conselho. Talvez eu não o tenha seguido porque ele pareceu incredivelmente paranoico para uma autora americana que cresceu na Guerra Fria dos anos 1970. Como aquele passado poderia de alguma maneira me afetar? Como poderia afetar qualquer pessoa da minha geração pós-atômica, agora na meia-idade? No entanto, o que aconteceu no Ritz durante a Segunda Guerra Mundial e em Paris durante a ocupação foi parte do que plantou as fundações daqueles mesmos conflitos nucleares que ainda não deixamos completamente para trás. E a ocupação de Paris não foi nada além de uma espécie de terrorismo urbano em massa.

Mas também é verdade que a história da Segunda Guerra Mundial costuma ser contada de maneira muito simplista, em preto e branco, como uma batalha épica entre as forças do bem e do mal. Aprendemos que há aqueles que resistiram e há os colaboracionistas. E, é claro, há aqueles cujas ações se encaixam incisivamente em uma categoria ou em outra. Para quem viveu em Paris

durante a ocupação, entretanto, a sobrevivência dependia da capacidade de navegar pelas nuances daquela realidade. No Hôtel Ritz, os tons de cinza estavam totalmente impenetráveis. Nos limites do hotel, coisas surpreendentes aconteceram. Naquelas áreas nebulosas — onde a coragem e o desejo colidiram com a brutalidade e o terror — ocorreram histórias humanas poderosas. Esta é a história surpreendente daquelas vidas e mortes e suas ligações perigosas, de como tudo ganhou forma lá na Place Vendôme, na sempre sedutora Paris.

UMA SUÍÇA EM PARIS JUNHO DE 1940



*Um francês chora ao ver tropas nazistas ocupando Paris,
14 de junho de 1940.*

Assim como um retrato conta o destino daquele que serviu de modelo, o mapa da França prevê nossa fortuna... Nosso país tem uma fortaleza no centro... mas no nordeste existe uma terrível brecha que leva [ao] território alemão... [nossa] avenida fatal.

— Charles de Gaulle, *Por um exército profissional*, 1934

Para qualquer um que olhe o mapa da França, aquela brecha a que De Gaulle se refere fica no ponto em que as fronteiras da Alsácia e da Lorena penetram na Renânia alemã. Ao norte, ficam a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo. Ao sul surgem os Alpes e o território montanhoso da Suíça.

Em 1939 — depois de dez anos de uma reconstrução desastrosamente cara e das lições aprendidas a duras penas com a Primeira Guerra Mundial —, a França havia erguido, na fronteira que ia de Luxemburgo à Suíça, uma barricada contra um futuro sombrio: uma série de fortalezas formidáveis de aço e concreto conhecida simplesmente como a Linha Maginot, em homenagem ao general que a planejou.

No entanto, essas fortificações também possuíam uma fraqueza fatal. No extremo norte da fronteira francesa, a leste, ficava a Bélgica, e aquela enorme fronteira aliada permanecia em grande parte desprotegida. Em nenhum ponto as fortificações eram mais escassas do que no lugar em que a fronteira passava pela densa floresta das Ardenas. Ela era considerada impenetrável. Em questão de dias, em maio de 1940, um milhão de soldados alemães provaram que não era.

Naquela primavera, as forças do Terceiro Reich varreram a Bélgica e entraram na França com uma velocidade assustadora. O objetivo era a fortaleza no centro do país: a célebre capital, a cidade de Paris.

E para muitos oficiais alemães do alto escalão, tão suscetíveis aos atrativos daquela lenda quanto o restante de sua geração, o Hôtel Ritz já era o coração de Paris. Desde o fim do século XIX, o palaciano hotel na ampla Place Vendôme, localizada no primeiro *arrondissement* (ou “distrito”) da cidade, fora um símbolo internacional do luxo e de tudo que havia de glamoroso sobre a modernidade — lar de estrelas de cinema e escritores famosos, herdeiras americanas e melindrosas ousadas, playboys e príncipes. Os trezentos mil alemães que em breve ocupariam a cidade viveriam

em Paris não apenas como um exército e como burocratas, mas também como turistas, e muitos não queriam nada além de aproveitar os prazeres daquela metrópole famosa pela beleza.

Antes mesmo de a guerra começar, o Ritz já estava no centro da ação política do continente e dava forma àquele século. A chegada dos alemães não mudaria nada nesse sentido. Winston Churchill havia visitado o hotel não apenas uma, mas duas vezes nas semanas antes de os alemães contornarem a Linha Maginot. Na verdade, em meados de maio de 1940, imediatamente após fazer sua primeira transmissão de rádio como primeiro-ministro da Grã-Bretanha — na qual admitiu que “seria tolice disfarçar a gravidade do momento”¹ —, Churchill foi direto a Paris para uma reunião de emergência do conselho supremo de guerra com seu equivalente francês, Paul Reynaud. No fim do mês, no dia 31, Winston Churchill voltou, dessa vez para ver se existia alguma maneira de a França sobreviver ao massacre sofrido na banda ocidental.²

Ele sempre preferiu se hospedar no Hôtel Ritz. “Quando estiver em Paris”, brincou Ernest Hemingway certa vez, “a única razão para não se hospedar no Ritz é se você não puder pagar”,³ e Winston Churchill, filho de um lorde inglês, nunca teve poucos recursos.

Com o avanço dos alemães naquela primavera, havia um velho amigo com quem Churchill queria especialmente debater os problemas. Ele e Georges Mandel, o ministro francês do Interior, de ascendência judaica,⁴ tinham debatido problemas dessa maneira várias vezes na década anterior, quando, juntos, no agitado cenário político dos anos 1930, haviam alertado seus compatriotas de que a ascensão descontrolada de um nacionalismo alemão nostálgico traria consequências terríveis. Infelizmente, as previsões foram precisas.

Georges Mandel, entretanto, não se hospedava no Hôtel Ritz apenas ocasionalmente. Ele morava nos cômodos escuros do quarto andar desde meados dos anos 1930.⁵ Naquela época, o Ritz tinha entre os hóspedes ao menos uma dúzia de residentes permanentes, e todos eram conhecidos ou poderosos.

Alguns desses residentes iriam embora em pouco tempo. Em 11 de junho de 1940, com as tropas alemãs a cinquenta quilômetros da cidade, um pânico coletivo varreu Paris. O governo francês fugiu da capital da noite para o dia, escapando na surdina para Bordeaux, no sudoeste do país. O sistema ferroviário francês foi paralisado apenas algumas horas depois.⁶ Na tarde seguinte, o rádio anunciou uma ordem para que todos os homens deixassem Paris a fim de evitar a captura. Rumores sobre a brutalidade e o sadismo dos soldados alemães que avançavam alastravam-se, e nenhuma mulher gostou da ideia de ser deixada para trás como troféu de guerra em uma cidade derrotada.

No êxodo em massa que se seguiu, 70% da população da capital — cerca de dois milhões de pessoas — caiu na estrada, carregando posses e arrastando parentes enfermos em um esforço para fugir do avanço alemão, e foi se juntar a uma torrente de refugiados da Bélgica e da Holanda.⁷ Mas já era um caso perdido. Eles provocaram um engarrafamento colossal nas estradas que iam para o sul. A maioria nunca conseguiu se afastar mais do que cem quilômetros de Paris.

O Hôtel Ritz não ficou imune ao pânico. Em 12 de junho de 1940, pela segunda vez desde que a batalha pela França começara, a força aérea alemã, a temível Luftwaffe, açoitava a cidade de Paris com bombas incendiárias, e um cerco parecia inevitável. O recém-promovido diretor do hotel, um velho soldado francês chamado Claude Auzello, fora convocado para o serviço militar, e sua esposa americana, Blanche, o acompanhara ao posto na Provence.⁸ Porém o diretor-adjunto, Hans Franz Elminger, sobrinho do investidor aristocrata mais importante do hotel, era suíço — e os suíços, obviamente, eram famosos pela neutralidade. Portanto, naquela semana coube a Hans Elminger, junto com a também suíça Marie-Louise Ritz, viúva do fundador que deu nome ao hotel, César Ritz, traçar uma rota para o grupo de pessoas que habitava aquele refúgio luxuoso. Os dias seguintes exigiriam muita diplomacia e todos os esforços combinados dos dois.

De repente, havia menos pessoas no saguão da Place Vendôme. O Ritz vinha operando com a equipe mais enxuta possível havia semanas. Normalmente, o *staff* consistia em uma força de 450 homens e mulheres — de barmen e camareiras a garçons e compradores de ostras — em um hotel de luxo com pouco mais de 150 quartos. Naquele momento, segundo o que Hans Elminger relatou para o tio na Suíça, “muitas pessoas deixaram Paris, é claro, e ficamos reduzidos a 36 supervisores e sete criados (...) Apesar de tudo, o restaurante está funcionando e até tivemos uma grande recepção com 38 lugares”.⁹ Em seguida, porém, acrescentou: “Infelizmente o almoço foi interrompido pelo bombardeio de Paris.”¹⁰ O corpo de funcionários durante a guerra acabaria se estabelecendo em torno de vinte pessoas, quase todas homens mais velhos, mulheres ou, como Hans Elminger, indivíduos cujos passaportes indicavam que eram cidadãos de um país neutro.¹¹

Em pouco tempo haveria um novo afluxo de visitantes. Naquele momento, o número de hóspedes no hotel despencava. Os residentes de longa data do Ritz e muitos dos frequentadores parisienses estavam desaparecendo rapidamente com o êxodo. Com a cidade tomada pela histeria em massa, nem mesmo os ricos e famosos da França tinham como saber o que os aguardava após a queda da capital.

Aquelas celebridades e socialites formavam uma rede íntima de amigos e conhecidos, e na prática

muitos fizeram do Hôtel Ritz sua sala de estar por anos. Georges Mandel não foi o único velho amigo que Winston Churchill visitou naquela primavera em Paris. A lendária Coco Chanel morava em suítes do Ritz desde o início dos anos 1930. Ela e o primeiro-ministro britânico tinham casas de veraneio vizinhas na Riviera Francesa.

Numa noite comum era possível encontrar, na mesa de Coco Chanel no salão de jantar do Ritz, o extravagante dramaturgo e roteirista de cinema Sacha Guitry, o ágil e talentoso bailarino russo Serge Diaghilev ou o cada vez mais consumido pelas drogas Jean Cocteau.¹²

No mesmo salão de jantar, a amante de Georges Mandel, a curvilínea atriz cômica Béatrice Bretty, compartilhava coquetéis e momentos de diversão com a mais celebrada estrela do cinema francês, uma mulher conhecida simplesmente como Arletty. Já em 1935, George Mandel e as duas atrizes haviam comemorado juntos a noite em que Béatrice Bretty entrara para a história ao fazer, em Paris, a primeira transmissão televisiva da França.¹³

Todos eles conheciam o pintor espanhol Pablo Picasso e sua amante na época da guerra, a artista surrealista Dora Maar, bem como Lee Miller, a famosa e sexualmente liberal fotógrafa de arte e modelo americana que era amiga do casal.¹⁴ Os escritores americanos da Geração Perdida, claro, também faziam parte do grupo. De Ernest Hemingway a F. Scott Fitzgerald, eles eram frequentadores regulares do Ritz, tendo sido, por sua vez, inspirados por uma geração anterior de escritores e estrelas do palco que fizera do hotel seu ponto de encontro e seu lar desde os últimos dias do século XIX.

Por fim, uma geração de príncipes e princesas europeus exilados também fizera do Ritz sua casa em Paris. O primeiro sinal do que viria pela frente surgiu quando o duque e a duquesa de Windsor desistiram de sua extravagante suíte no Ritz após o início das hostilidades com a Alemanha.¹⁵

Conforme chegavam notícias do avanço alemão, houve diálogos exaltados e conversas discretas no hotel durante a segunda semana de junho de 1940. Permanecer ou ir embora era a questão premente. Arletty, hesitante até o último momento, acabou se juntando às caravanas de parisienses a caminho da segurança, no sul. Coco Chanel fechou a boutique do outro lado da rua do Ritz, na rue Cambon, declarando que não era tempo de fazer negócios. A estilista não queria deixar seus aposentos permanentes no hotel naquela semana, mas suas criadas, as irmãs Germaine e Jeanne, estavam assustadas demais para permanecer na capital, e ela não conseguia viver sem as duas.¹⁶ Quando Chanel estava pronta para fugir, o novo chofer que os funcionários do hotel haviam arrumado para ela recusou-se a dirigir o Rolls-Royce azul-claro da estilista no meio das multidões.

Uma menina de nove anos chamada Anne Dubonnet, outra hóspede habitual do Ritz, foi enfiada em um carro menos chamativo com os ricos pais franceses e a babá escocesa.¹⁷ A família Dubonnet passava várias semanas por ano no hotel desde meados dos anos 1920.

Georges Mandel também fazia planos para sair de Paris com Béatrice Betty e a jovem filha do casal, Claude. Ele iria para o sul com o governo francês. No entanto, não conseguiu abandonar completamente a luta pela França. Àquela altura, Winston Churchill insistia em que ele fosse para Londres. O primeiro-ministro sempre quis que Mandel fosse o líder exilado da Resistência da França Livre, não Charles de Gaulle, e havia uma vaga em um avião militar esperando por ele. Georges não admitiu a ideia. “Não vou, porque sou judeu”, explicou. “Daria a impressão de que estou com medo, de que estou fugindo”.¹⁸

Antes que Georges Mandel partisse, Marie-Louise Ritz procurou o velho amigo. Georges era um homem em quem todos no Hôtel Ritz confiavam. Afinal de contas, haviam convivido com ele por grande parte da década anterior.

Marie-Louise Ritz tinha um dilema complicado. Teimosa e altamente pragmática, “Mimi”, como era conhecida, era suíça, e, assim como os americanos na primavera de 1940, os suíços não faziam parte daquela guerra travada por Hitler. Uma vez descrita por Ernest Hemingway como “um pequeno país íngreme, com mais altos e baixos do que laterais”,¹⁹ a Suíça estava empoleirada nos Alpes e era cuidadosamente neutra. Os nazistas a deixaram intocada durante a marcha para o oeste. De certa maneira, aquela luta não era de Marie-Louise Ritz.

O dilema era: será que ela e os outros investidores deveriam manter o hotel aberto, agora sob o Terceiro Reich? Ou ela deveria fechar aquele famoso símbolo de luxo da cidade? No momento em que os nazistas chegassem a Paris, haveria alemães do alto escalão no saguão, e Marie-Louise sabia disso.

Preocupado, sem dormir e vestindo um casaco amarrotado, Georges Mandel asseverou, confiante, que a idosa proprietária não tinha outra opção. Se ela fechasse o hotel, o prédio seria requisitado. Então “a senhora jamais o recuperará, madame Ritz”, alertou Mandel.²⁰ Ele foi ainda mais direto com o diretor-adjunto, Hans Elminger: “Você é suíço, portanto neutro, e fala alemão perfeitamente, o que é uma vantagem nessas circunstâncias. Seu hotel sem dúvida será ocupado pelos alemães quando eles entrarem em Paris, e eles vão respeitá-lo por causa de sua presença e neutralidade.”²¹

Assim, o Hôtel Ritz permaneceu aberto. Quando o governo fugiu, Georges Mandel foi para o sul com Charles de Gaulle e um quadro de ministros importantes.

Em 12 de junho, os jornais britânicos noticiavam “milhares e milhares de parisienses saindo da capital por todos os meios possíveis, preferindo abandonar lares e propriedades em vez de arriscar uma dominação nazista, mesmo que temporária”.²² Enquanto os residentes franceses e os refugiados da elite internacional de uma porção oriental do continente já subjugada fugiam da cidade, outros chegavam — sobretudo um grande número de correspondentes de guerra americanos com verba de reportagem, todos ansiosos pelos quartos luxuosos do Ritz.

Na quinta-feira, 13 de junho — o último dia em uma Paris livre pelos mais de quatro anos que viriam —, por um breve e delicado momento, aqueles dois mundos transitórios ficaram na expectativa e brindaram juntos ao futuro incerto da capital, durante um jantar memorável no Ritz. No dia seguinte, talvez Paris estivesse em chamas.

De manhã ocorreria o último momento possível para se fugir da cidade. Naquela noite de junho, porém, a festa prosseguiu como sempre no hotel. Os anfitriões foram a escritora e jornalista americana Clare Boothe Luce, que trabalhava para a revista *Life*, e Hugh Gibson, o antigo embaixador americano na Bélgica, agora território ocupado pelos nazistas. Na mesa havia dignitários de um mundo que não existia mais, entre eles o líder exilado do governo polonês e o príncipe herdeiro expatriado do recém-extinto Império Austro-Húngaro, Otto von Habsburg, de 28 anos.²³ Os nazistas tinham oferecido uma recompensa pela cabeça de Habsburg. “Foi incrivelmente macabro”, lembrou ele mais tarde. “Dois terços da cidade cercados por tropas alemães, o céu iluminado por tiros de artilharia, e lá no Ritz tudo estava como sempre esteve: os garçons de fraque, a comida, o vinho.”²⁴

Naquela noite, Hans Elminger pediu aos distintos visitantes que assinassem o livro de ouro antes de se recolherem. A assinatura seguinte seria o registro do marechal de campo alemão Erwin Rommel, ali para tomar o comando da capital.

Na manhã de 14 de junho, os últimos exilados lutaram para chegar a um lugar seguro antes que a cidade caísse diante dos conquistadores. À tarde, tanques alemães passaram sem resistência pelas largas avenidas, e o Terceiro Reich tomou posse de Paris. A ocupação havia começado.

Louis Lochner, um correspondente da cidade americana de Milwaukee, estava lá para ver a chegada de alguns daqueles alemães. “Passei por muitas cidades-fantasma na Bélgica e no norte da França”, escreveu ele na breve reportagem da *Life*, “mas nenhuma experiência ficou mais indelevelmente marcada em minha mente do que entrar na incomparável capital da nação francesa, Paris, no dia 14 de junho, imediatamente após a primeira vanguarda alemã. Parecia inconcebível, embora eu estivesse no local, que aquela metrópole fervilhante, alegre e barulhenta estivesse morta. No entanto, ela estava.”²⁵ Uma suástica tremulou na Torre Eiffel, e “a famosa galáxia de hotéis luxuosos de Paris sumiu atrás de janelas fechadas”.²⁶

Exceto no Hôtel Ritz. Os funcionários remanescentes reuniram-se nas primeiras horas da manhã para ouvir a transmissão de rádio que anunciava a queda de Paris e choraram. Em seguida, havia trabalho a ser feito. O Ritz permaneceria aberto, e haveria o mesmo serviço refinado de sempre.

No momento em que Louis Lochner entrou na capital francesa naquele dia, havia se espalhado por Paris a notícia de que os primeiros oficiais alemães estavam comendo em meio ao luxo do Ritz, exatamente como Marie-Louise previra. O tenente-coronel alemão Hans Speidel²⁷ teve naquele dia, no hotel, um almoço de vitória que incluía filé de linguado cozido em vinho branco alemão, galinhas assadas (presume-se que fossem francesas), aspargos ao molho holandaise e *fruits au choix* — seleção de frutas locais, agora no ponto para serem colhidas. A oferta de pratos nacionais era de um simbolismo sombrio.

Quando Lochner e um grupo de correspondentes de guerra americanos abatidos e misturados ao Exército alemão chegaram à procura de comida e hospedagem, os salões de jantar estavam fechados, e a recepção não foi muito entusiasmada. O “gerente presunçoso”, contou Louis, “quase teve um ataque apoplético, depois murmurou algo sobre a cozinha já estar fechada”.²⁸ O gerente em questão era um Hans Elminger um tanto quanto irritado e indignado. Quando o decidido tenente alemão no comando anunciou que aquilo não seria obstáculo e que seus homens cozinhariam as próprias refeições, quatro garçons em paletós elegantes se materializaram na mesma hora, assim como uma caixa de champanhe vinda do porão. Em pouco tempo, “como num passe de mágica, apareceram um presunto delicioso, queijo cremoso e ovos fatiados, preparados com bom gosto. Foi esse o nosso suntuoso banquete naquela primeira noite”²⁹ — a primeira noite da ocupação de Paris.

Nos dias seguintes, Paris realmente foi uma fruta no ponto para ser colhida. Em pouco tempo, tanques alemães desfilariam em uma parada da vitória pela Champs-Élysées, passariam pelo Arco do Triunfo, e Adolf Hitler em pessoa iria até lá para ver — pela única vez na vida — as atrações turísticas de Paris. Entre as paradas no itinerário estava a Place Vendôme, onde sentinelas armadas alemãs já guardavam a monumental entrada principal do lendário hotel de luxo. Enquanto esteve em Paris, o Führer tomou providências para se encontrar com um dos frequentadores regulares do hotel, Serge Diaghilev, o fundador do Ballets Russes, o balé russo em Paris, para pedir pessoalmente que ele continuasse a fazer arte na cidade. Afinal de contas, era isto que os conquistadores alemães

mais queriam: um playground luxuoso e moderno e a experiência parisiense completa. O desapontado astro do balé conseguiu dormir demais e perder o encontro — mas continuou a entreter os ocupantes.

Isso incluía aproveitar a boa vida com alguns dos habitantes mais talentosos e famosos da cidade. Para os que eram ricos e belos e estavam dispostos a ser razoavelmente condescendentes, a ocupação não precisava ser um terrível inconveniente. Na verdade, tampouco havia motivo para não se hospedar e aproveitar o Ritz. Em breve, o governo alemão tomaria dezenas de hotéis e mansões particulares espalhadas por Paris para uso como acomodação e gabinetes militares — incluindo outros estabelecimentos hoteleiros de elite, como o Crillon, o Georges V e o Meurice.³⁰ No entanto, de todos os grandes hotéis de luxo da capital, apenas o Ritz se tornaria uma Suíça em Paris.

Como a França, ele seria dividido. Um acidente arquitetônico tornou isso possível. Quando Marie-Louise Ritz expandiu o hotel, depois da longa loucura e da morte prematura do marido, décadas antes, ela construíra um corredor comprido para unir o que antigamente eram dois prédios — um pequeno palácio do século XVIII voltado para a Place Vendôme e outro, um conjunto mais modesto de prédios com uma entrada aconchegante em uma avenida lateral, a rue Cambon, que subia ao norte do rio na direção da Opéra.³¹ Aquela passagem forjaria o destino do Hôtel Ritz e daqueles que passaram a ocupação em seus salões e suítes.

Vieram ordens de Berlim a respeito do futuro singular e dúbio do hotel. O maestro da propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels, deu uma declaração famosa de que a capital deveria permanecer alegre e contente — ou sofreria as consequências. As ordens de Berlim especificavam que o Ritz seria o único hotel de luxo do gênero na Paris ocupada. Goebbels insistia nisso porque, para os invasores alemães, Paris e o Ritz eram lendas que não podiam ser facilmente dissociadas.

O “Ritz”, disse a ordem naquele verão, “ocupa uma posição suprema e excepcional entre os hotéis requisitados”.³² O lado do hotel na Place Vendôme seria, de acordo com os documentos oficiais, a suntuosa residência dos oficiais alemães do alto escalão e “ocupado pelo Exército alemão”.³³ Lá, “na entrada do Ritz na Place Vendôme e no saguão interno, imediatamente na escadaria de acesso ao hotel, [ficarão] duas sentinelas alemãs com armas nos ombros que saudarão os chefes militares que entrarem e saírem do hotel. No interior, nos salões dourados e em outros andares, nos corredores e saguões (...) todos os civis [são] proibidos”.³⁴

Em pouco tempo, o subcomandante de Adolf Hitler, o corpulento Reichsmarschall Hermann Göring, se mudaria para uma gigantesca suíte imperial que ocupava um andar inteiro. Com ele viria uma comitiva de funcionários alemães, entre eles Hans Speidel, o recém-designado chefe do Estado-maior de Paris e o homem encarregado de garantir que a vida corresse bem para os dignitários nazistas que residiam no hotel.

Por aqueles quartos no Ritz, os alemães receberiam um desconto de 90% e pagariam meros 25 francos por dia, na média.³⁵ Como “convidados” do povo francês, no fim eles enviariam até mesmo essa conta reduzida para o novo governo francês da ocupação, o regime fantoche de Vichy, batizado em homenagem a uma estância termal ao sul do território ocupado.

Marie-Louise Ritz e os investidores do hotel não veriam quaisquer lucros previstos. Pelo contrário: foi apenas com a ajuda relutante das autoridades alemãs que o Ritz conseguiu uma linha de crédito de 1 milhão de francos no Banco da França, de que necessitava desesperadamente para manter o negócio funcionando. Como Hans Elminger explicou para o comandante de Paris, com certeza Adolf Hitler ficaria descontente se o hotel falisse e não pudesse hospedar dignitários e celebridades nazistas, como Berlim ordenara.³⁶

Se metade do Ritz era refúgio exclusivo para a satisfação particular dos alemães, no lado do antigo palácio voltado para a rue Cambon e nos bares e restaurantes o hotel permanecia aberto ao público — para os cidadãos da França e de países neutros, e para aquele seleto grupo de artistas, escritores, astros de cinema, dramaturgos, empreendedores e estilistas que tinham permissão de continuar hospedados.

Muitos integrantes daquele grupo já eram rostos conhecidos. Arletty e Coco Chanel em pouco tempo retornaram a Paris e ao Ritz, assim como a jovem Anne Dubonnet e seus pais, Jean e Paul.³⁷ Mesmo com a ajuda de um oficial austríaco antifascista, a família Dubonnet não conseguira cruzar a fronteira em Biarritz, e eles levariam mais de um ano para obter na embaixada americana os vistos necessários para enfim fugir rumo a Nova York.

Os rostos que não eram conhecidos devem ter deixado os alemães desconfiados. Os muitos jornalistas americanos que chegaram ao hotel não eram os únicos atrás da verdade. Agentes e espões que se envolviam em jogos intensos e perigosos de espionagem e contraespionagem também logo se dirigiram ao Ritz. Afinal de contas, em que outro lugar da Europa alguém poderia se sentar para jantar no mesmo ambiente que Hermann Göring?

Apenas ali, nos espaços públicos do Hôtel Ritz, os combatentes silenciosos da Paris ocupada poderiam se reunir sob o disfarce da neutralidade. Lá, pelo menos a fachada permaneceu inalterada e reluzente. Como disse José de Chambrun, filha nobre de um líder colaboracionista francês, sobre

as festas durante aqueles anos em Paris, “o champanhe fluía, e os oficiais alemães, vestidos com traje a rigor e uniformes esplêndidos, falavam apenas francês. A vida social retornara com amigos e nossos novos hóspedes, os alemães”.³⁸ Nos salões de jantar e nos bares do Ritz, aquilo acontecia toda noite.

“Os ocupantes”, para o espanto de todos, estavam descaradamente desinteressados em esconder segredos: eles “usavam pouco as salas de estar do primeiro andar; tudo acontecia em público”.³⁹ Nenhum oficial alemão tinha permissão para aparecer de uniforme naqueles espaços públicos, e todas as armas eram depositadas em um quiosque logo após a entrada da Place Vendôme. Não era permitida a entrada de nenhum oficial alemão de baixo escalão. Casos amorosos ilícitos e paixões indecentes floresceram, como seria de se esperar. Marchands que visavam saquear Paris e amealhar grandes fortunas apregoavam suas mercadorias para “compradores” alemães dispostos, e, antes do fim da guerra, havia até mesmo um ou dois prisioneiros particulares encarcerados em suítes nos andares superiores. Semanas após a queda de Paris, Hans Elminger pôde informar ao tio na Suíça que, no Ritz, todos tinham boas relações com os oficiais do alto escalão e que a vida estava quase de volta ao normal.⁴⁰

No entanto, sob a fachada, nem tudo era sempre tão refinado ou neutro. O Hôtel Ritz foi um foco de espionagem e resistência durante a guerra. Nas cozinhas, alguns funcionários operavam uma perigosa rede da Resistência, contrabandeando informações para fora da capital. Outros escondiam refugiados em cômodos secretos construídos entre as vigas do telhado. O barman meio judeu passava mensagens em código para a Resistência alemã, e a conspiração para assassinar Adolf Hitler ganhou corpo em alguns daqueles famosos coquetéis típicos do Ritz, tudo nas barbas da Gestapo. Eram jogos altamente arriscados, e nem todo mundo que estava lá no início sobreviveria à ocupação.

Um dos que sobreviveram, o diretor-geral do hotel, Claude Auzello, disse mais tarde, sem meias palavras: “Não se ouviram canhões no Ritz, mas a guerra foi travada lá também.”⁴¹ Embaixo de um teto — um teto como nenhum outro durante o período nazista —, desenrolou-se em conjunto uma dezena de histórias surpreendentemente poderosas sobre coragem pessoal e traições estonteantes, no calvário onde o futuro da França pós-guerra — e o futuro de toda a Europa pós-guerra — foi transmutado. Na primavera de 1940, aquelas histórias estavam apenas começando.

Na primavera de 1944, conforme a guerra se arrastava para o fim, todas aquelas histórias chegaram a conclusões dramáticas, às vezes de cortar o coração. Algumas pessoas cujas histórias começaram lá na Place Vendôme estavam enfim a caminho de voltar ao Ritz e a uma vida destruída em Paris. Outras, que passaram a guerra na opulência do hotel palaciano, estavam começando a lidar com a mácula do luxo. E outras ainda, confrontadas com a propagação inacreditável de morte e horror naquele verão, finalmente cederam às crises de consciência de última hora que as levariam a enfrentar a monstruosidade de suas ações e omissões.

O resultado foi uma temporada singular no Hôtel Ritz — e um retrato íntimo dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial e do destino do mundo que sobreviveria a ela. Esta é a história dos últimos meses de ocupação nazista e de como o Ritz, desde seu início, décadas antes, estava destinado a ser o ponto de encontro das pessoas que formaram a Paris moderna.

O ASSUNTO EM VOGA EM PARIS
1^o DE JUNHO DE 1898



Julgamento do Caso Dreyfus, 1896-1899.

O presente contém nada mais do que o passado, e o que foi encontrado no efeito já estava na causa.

— Henri Bergson, *A evolução criadora*, 1907

Aquela história da Paris do século XX e do Hôtel Ritz começou bem, bem antes, em uma noite quente e chuvosa de junho de 1898, totalmente no limite de outro século, no meio de um escândalo político que abriu espaço para o surgimento da França moderna. Foi a noite em que o Ritz abriu as portas para o público pela primeira vez, com uma extravagante festa de gala.

Para os anfitriões do evento de inauguração — os fundadores do hotel, Marie-Louise e César Ritz —, a garoa que ia e vinha naquela noite foi um problema. Nunca era possível prever se o tempo inclemente afastaria um grande número de convidados, e a lista para aquela noite incluía o círculo social mais temperamental e elitista de Paris. Era um grupo que gostava de se considerar não apenas a nata da sociedade, mas seu *gratin* — aquela camada crocante fina, perfeita e deliciosa em cima de algo já gostoso e divino. A imagem era especialmente adequada para a ocasião, levando-se em conta que o homem tido como o melhor chef do mundo — outro sócio-fundador do hotel — demonstraria seus talentos naquela noite.

Nas noites úmidas, o pavimento duro e as gastas fachadas de pedra que envolviam a Place Vendôme, uma praça octogonal no elegantíssimo primeiro *arrondissement*, ampliavam os sons das rodas, dos cascos dos cavalos e da voz aguda das mulheres em ecos retumbantes que pareciam voltar de todas as direções, como um ataque surpresa aos sentidos.

Para um dos convidados da noite, a algazarra de uma Paris cada vez mais urbana era insuportável. Marcel não gostava de barulho. Na verdade, considerava-o doloroso. Mas ele tinha ido

à Place Vendôme naquela noite porque, naquele exato momento, o imponente prédio no número 15 era o epicentro de um mundo fechado e antigo do qual ele vinha lutando para fazer parte havia mais de seis anos — desde quando, aos 21 anos, começara a frequentar as exclusivas recepções intelectuais de Paris como um estudante de direito.

O pai de Marcel, médico rico da capital, homenageado com a faixa da Legião de Honra da França e muito conhecido, diagnosticara os nervos frágeis do filho e os constantes problemas com asma como um transtorno que vinha se tornando rapidamente a doença moderna. Naquele outono, em outubro de 1897, o pai publicara com um colega um volume especializado na doença, chamada de neurastenia.¹

Pelo menos Marcel podia ficar lisonjeado ao saber que a causa de sua patologia de vanguarda resumia-se a ter um temperamento aristocrático sensível, abalado pelas rápidas mudanças metropolitanas que já alteravam a Europa e a América do Norte. O pai argumentou que, como as classes superiores usavam mais o intelecto do que os músculos, eram naturalmente dadas a esses tipos refinados de neuroses. Essa parte, de toda maneira, tinha certo apelo para um jovem alpinista social.

Marcel sem dúvida ficou menos lisonjeado ao saber que, junto com a asma, a insônia crônica e a hipersensibilidade a barulhos, os outros sintomas de sua doença da moda eram fobias excêntricas, uma ausência paralisante de vontade própria e uma tendência excessiva à masturbação.²

O único tratamento, enfatizou o médico, era evitar completamente o tipo de alta sociedade agitada de Paris que transformara o jovem Marcel em um playboy perdulário. No entanto, evitar a boa vida da capital francesa teria exigido uma força de vontade que Marcel, por natureza, não teria como possuir, portanto ele ignorou com prazer a tediosa prescrição médica do pai.

Assim, na noite de 1º de junho de 1898, vestido nos extravagantes trajes da última moda que eram sua marca pessoal de homem da sociedade, Marcel juntou-se a um seleto grupo de várias centenas dos mais influentes lançadores de tendências do fim do século XIX.

O jovem não era um aristocrata — exceto talvez no temperamento. O pai era simplesmente talentoso e rico. Mas, para Marcel, o mundo de condes e condessas o atraía de uma maneira estranha, poderosa e cara —, como o pai fazia questão de lembrá-lo, sem muito efeito. Por anos, ele não quis nada além de entrar para aquele círculo restrito, o único que importava na Paris dos anos 1880 e 1890.

Enfim, Marcel adentrara aquele estranho mundo novo. Foi tudo graças à influência de alguns patronos nobres, mulheres e sobretudo homens com quem ele fez amizade por meio de poemas aduladores e embaraçosa devoção pública. Porém ele ainda habitava apenas as margens daquele círculo social, e, pelas costas, os que se diziam seus novos amigos debochavam de Marcel e o chamavam de “bajuladorzinho” e “uma criaturinha vulgar, rude em sua polidez plebeia e burguesa”.³ Isso significava que noites como aquela eram sempre testes altamente arriscados. E seu relacionamento com o patrono mais importante, o conde Robert de Montesquiou, deteriorava-se assustadoramente, resultado do escândalo que dominou a sociedade francesa naquela temporada.

A elite parisiense estava à beira de uma guerra civil da qual não haveria volta. Era uma guerra que ainda seria travada, de uma maneira ou de outra, décadas mais tarde, na véspera da ocupação alemã. Alguns dizem que a França, na verdade, jamais se recuperou do estrago. Aquela noite determinaria qual facção na batalha cultural tomaria o Hôtel Ritz como seu quartel-general não oficial.

A abertura do Ritz em Paris foi a sensação da sociedade em junho de 1898. Como noticiou o jornal *Le Figaro* naquela manhã, “todo mundo está falando sobre o Hôtel Ritz, inaugurado hoje”.⁴ Mas aquela pequena coluna apareceu espremida entre notícias da controvérsia que tomava conta da nação — o escândalo já conhecido como Caso Dreyfus, que abalou as estruturas da nação e separou a sociedade reluzente composta pela aristocracia e pelo governo franceses das fileiras dos maiores escritores, pensadores e artistas no país. Além disso, dividiu a aristocracia. De um lado estavam os nobres tradicionalistas, gente cujos privilégios e riqueza herdada simbolizaram a chamada Belle Époque — a era de ouro da França pré-guerra nos anos 1880 e 1890 e na primeira década do século XX. Do outro lado estavam os artistas e intelectuais, os defensores de uma nova e ainda inexplorada visão para o futuro do país.

Marcel, então, teria de tomar uma decisão. Precisaria escolher entre ser um playboy da sociedade nos velhos moldes da Era Dourada ou um artista dedicado a quebrar as barreiras de uma cultura engessada e a abraçar a efervescência da modernidade. Os acontecimentos daquela semana tornaram impossível o meio-termo.

Do ponto de vista da elite governante, o escândalo jamais deveria ter sido um escândalo. Em 1894, os militares descobriram que alguém passava segredos para a embaixada alemã em Paris. Alguém deveria ser entregue à justiça por aquele ato de traição, e, na pressa para encontrar um bode expiatório impopular, o tribunal acusou um jovem oficial de artilharia chamado Alfred Dreyfus pelo crime. Dreyfus foi escolhido por uma simples razão: ele era judeu.

O assunto poderia ter sido encerrado ali. Mas em 1896 surgiram provas que apontavam para a inocência de Alfred Dreyfus. Foi aberto um segundo inquérito. Então os oficiais superiores e o governo, determinados a provar que haviam condenado o homem certo a um brutal confinamento solitário na Ilha do Diabo, encontraram uma nova solução para o dilema: forjaram e inventaram provas contra o pobre oficial e provocaram um furor antissemita que se valeu de preconceitos arraigados na cultura francesa.

Em 1898, o Caso Dreyfus finalmente chegou ao triste fundo do poço. Naquele inverno, conforme notícias se espalharam a respeito de novas revelações e de que o caso seria acobertado na surdina, a França literária e intelectual rompeu com a aristocracia e foi em socorro de Alfred Dreyfus. Naquela noite de 1º de junho, na festa de gala de inauguração do Ritz, a nação estava atenta às próximas consequências.

Marcel testemunhara em primeira mão o crescimento do conflito nas recepções culturais de Paris naquele inverno — *soirées* nas quais a elite da capital se reunia nas casas de mulheres elegantes para debater ideias e projetar políticas. As reuniões garantiram a entrada de Marcel no mundo da alta sociedade, e Robert de Montesquiou lhe abriu as portas mais do que ninguém. Mas agora o relacionamento dos dois estava abalado.

O conde de Montesquiou e Marcel frequentavam as mesmas recepções — e havia muitas. Na recepção de quarta-feira à noite organizada pela madame Arman de Caillavet, o amante literário da anfitriã, o romancista Anatole France, fora bajulado por admiradores. Lá, Marcel ouvira, repleto de entusiasmo, eruditos como a atriz Sarah Bernhardt e o conde debaterem intensamente o caso.

Todas as fofocas de Paris sussurravam que Bernhardt era amante de longa data de um dos sócios da empreitada do Hôtel Ritz, o lendário Auguste Escoffier. Todo ano, no aniversário da atriz, os dois jantavam juntos em uma comemoração particular, com uma refeição que o grande chef preparava para ela. Eles se conheceram havia quase duas décadas, muito antes de qualquer um dos dois obter fama mundial e atenção pública. A comida era o *métier* de Auguste Escoffier, mas a “divina Sarah” era a grande paixão que o consumia.⁵ O envolvimento de Sarah Bernhardt no Caso Dreyfus teria papel fundamental no futuro do hotel.

Marcel e o conde também apareciam com frequência em outras *soirées* espalhadas pela cidade. A recepção da imensamente poderosa porém frívola Mélanie, condessa de Pourtalès, era o ápice da exclusividade. No entanto, Marcel preferia secretamente as recepções mais cordiais da amiga e patrona Geneviève Straus, que Robert de Montesquiou costumava frequentar com a prima, a condessa de Greffulhe. Ali, Marcel encontrou o jovem dramaturgo Sacha Guitry e a ousada aristocrata inglesa *lady* de Grey, cujo marido era outro dos grandes investidores no projeto do Hôtel Ritz em Paris.

Foi durante uma conversa animada numa recepção da madame Straus no outono anterior que o Caso Dreyfus se reacendeu naquele pequeno círculo da alta sociedade parisiense. Em outubro de 1897, um dos velhos amigos de Geneviève Straus, um advogado e político chamado Joseph Reinach, anunciou impulsivamente que sabia quem era o verdadeiro culpado naquele escândalo de traição. Não era Alfred Dreyfus, mas determinado major, cujo sobrenome aristocrático — Esterházy — tinha ligação com uma das famílias nobres da Hungria. O pintor impressionista Edgar Degas, que era antissemita, saiu da festa em um rompante, furioso. Outros no mundo da Paris intelectual e artística deram ouvidos.

Um dos que em pouco tempo se convenceriam de que o governo francês acusara um homem inocente foi o então maior escritor vivo da nação, outro convidado frequente de Geneviève Straus: Émile Zola. Em 13 de janeiro de 1898, Zola publicou no jornal parisiense *L'Aurore* a carta ao editor mais influente já escrita. Ela era dirigida ao presidente da França e começava com as palavras ousadas *J'accuse*. A expressão em francês significa “eu acuso”, e o escritor sabia que sem dúvida seria denunciado por difamação devido à carta. Era precisamente a intenção.

No dia seguinte, houve uma segunda carta no jornal, intitulada “Manifesto dos Intelectuais”. Era uma declaração fervorosa de apoio à bravura de Émile Zola e um apelo para uma investigação sobre *l'affaire Dreyfus* — o “Caso Dreyfus”. Também foi o momento na França em que o conceito de “intelectual” francês como voz de consciência política capturou a imaginação pública pela primeira vez.

Marcel era um aspirante a escritor e, na época, trabalhava em seu primeiro romance. Ele também tinha — como a madame Arman e a madame Straus — ascendência judaica e incluiu seu nome entre os três mil signatários da carta publicada em 14 de janeiro de 1898. O conde não gostou daquele ato de rebelião social. Marcel explicou educadamente para Robert de Montesquiou que, quando se tratava de aceitar aquele arraigado antissemitismo francês, “nossas ideias de fato discordam”. Ou melhor, continuou Marcel, “não posso ter outra opinião a respeito desse assunto”, pois sua mãe era israelense.⁶

Na última semana de maio de 1898, aquelas tensões latentes se intensificaram na elite parisiense. No dia 23 de maio, na semana anterior à abertura do Hôtel Ritz, Zola — cuja primeira condenação

por difamação fora derrubada por uma apelação — foi julgado pela segunda vez, em um tribunal em Versailles, perto de Paris. Marcel, em um segundo ato de rebeldia, compareceu todas as manhãs à galeria destinada ao público para ouvir os depoimentos, levando café e sanduíches. Era versado em direito: por que não deveria estar interessado?

O julgamento levaria semanas, e ninguém duvidava que seria o principal assunto das conversas em todas as recepções. O interrogatório de Émile Zola levou as emoções ao extremo, e a neutralidade educada e a tolerância liberal rapidamente se extinguiram com a mudança do clima. O Caso Dreyfus foi um divisor de águas na cultura francesa naquele verão — e um divisor de águas nas amizades mais importantes de Marcel, por mais que ele tentasse evitar quaisquer ressentimentos.

A porta por onde Marcel entrou naquela noite era um símbolo tão poderoso quanto qualquer outro de como muitas coisas vinham mudando na França e de por que a aristocracia estava tão ruidosamente ansiosa. O edifício número 15 da Place Vendôme tinha sido por séculos moradia particular de príncipes. Construído no início do século XVIII como uma mansão familiar — um *hôtel particulier*, no vernáculo da arquitetura parisiense — no local do palácio renascentista dos duques de Vendôme, o prédio de quatro andares contornava o agitado Ministério da Justiça da França.

Atrás dos portais de pedra da praça e nas pequenas ruas e vielas que partiam do centro, ainda moravam velhos aristocratas como Virginia Oldoini Verasis, condessa di Castiglione — já com a beleza arruinada e conhecida como “a louca da Place Vendôme”.⁷ Ela um dia fora amante do último imperador da França. Os contatos vivos com aquele mundo imperial estavam desaparecendo depressa, e a condessa já sofria da doença que a mataria no outono seguinte. Robert de Montesquiou estava decidido a escrever a biografia dela.

Agora, o pequeno palácio no número 15 da Place Vendôme, remobiliado e restaurado, abria as portas para convidados que incluíam um tipo diferente de elite emergente e desafiavam a antiga supremacia aristocrática — convidados cuja fama vinha da inovação, além da assimilação de uma cultura que rapidamente tomava novas e ousadas direções.

Naquela noite, o futuro de Marcel e o futuro do Hôtel Ritz dariam um passo na mesma direção. Marcel passara anos bajulando os jovens dândis e aristocratas de sua geração, na companhia de estetas e decadentistas retrógrados como o conde. Todos almejavam ser, como seu modelo Oscar Wilde, os belos “rapazes” de uma alta sociedade que já estava morrendo. Marcel quisera ser um deles. Mas agora começava a compreender que era inútil. Artistas, intelectuais e inovadores tomavam as rédeas do vindouro século XX. E seu destino estava entre eles.

Desde o momento em que abriu as portas pela primeira vez, o Ritz foi a capital daquele mundo novo, mesmo que ninguém jamais tivesse planejado isso. O hotel estava prestes a se tornar o famoso refúgio dos chamados *Dreyfusards* e de seus partidários artísticos — daqueles que, já nos últimos dias do século XIX, estavam de olho em um tipo de horizonte revigorante, repleto de possibilidades criativas. Não era algo que todos no corpo de funcionários do Ritz necessariamente aceitavam. Mas nem mesmo o mais poderoso *maitre d’hôtel* poderia ditar os caprichos da moda ou conter a onda de mudanças que surgia na Europa.

A partir da inauguração, o Ritz se tornaria o precursor do que era moderno — o centro de tudo que era “novo” a respeito daquela época e de tudo que, nas duas ou três décadas seguintes, se tornaria tão inebriante e mágico a respeito de Paris. O hotel faria parte daquilo que transformaria a cidade numa lenda no século XX. Faria parte do motivo por que artistas jovens e mortos de fome, estudantes e sonhadores ainda encontram em Paris uma espécie de embriaguez espiritual.

A partir de 1898, o Hôtel Ritz tornou-se o lar e o ponto de encontro dessa tribo moderna — de artistas e intelectuais; astros de cinema e atrizes de teatro em ascensão; cineastas e estilistas de vanguarda; fotógrafos, escultores e escritores extravagantes e excêntricos do século que viria a seguir. Passou a ser também a capital escolhida pelos mais desabrigados entre todos nesse mundo novo: os párias daqueles antigos círculos aristocráticos, as condessas inquietas, criativas e às vezes brilhantemente loucas, os príncipes e princesas que a história transformou em exilados apátridas, os reis que se livraram de seus tronos por paixões românticas e indevidas por mulheres que tinham nomes como sra. Simpson. (Décadas depois, como seria de se esperar, o hotel ainda serviu de último refúgio para uma recém-divorciada princesa de Gales e seu companheiro.)

Em pouco tempo, o Ritz tornou-se também um farol para o grande número de americanos que chegavam a Paris — uma colônia temporária de novos-ricos e enviados de metrópoles que eram modernas desde o começo. A maior parte da velha aristocracia parisiense desdenhava desses recém-chegados tanto quanto desdenhava da população judia da França.

Talvez fosse inevitável que o Ritz se tornasse o playground dessas novas e modernas celebridades e socialites. Há um truísmo no mundo da arquitetura: design gera cultura. O Ritz foi projetado com um senso progressista de inovação e originalidade. Na verdade, foi exatamente por isso que Oscar Wilde, um decadentista da Belle Époque, logo decidiu desprezá-lo.

O fundador, César Ritz, planejou ele mesmo o projeto do Hôtel Ritz. Filho de um camponês suíço, César subiu na vida ainda jovem, indo de garçom a gerente de hotel e, por fim, sócio. Com Auguste

Escoffier, redefinira no Savoy de Londres a maneira como os ricos encaravam os hotéis de luxo. Na primavera de 1898, Ritz estava no auge da carreira e abria um novo estabelecimento grandioso atrás do outro.

O Hôtel Ritz resumia sua filosofia pessoal de luxo moderno. Por um lado, era um hotel palaciano, feito para ser o tipo de lugar em que a realeza pudesse se sentir em casa quando fizesse um passeio por Paris. O hotel era — e ainda é — conhecido por não ter propriamente um saguão. Isso foi feito para evitar que quem não estivesse hospedado lá ficasse à espreita como um voyeur no lobby. Era parte de uma série de decisões pensadas para que o palácio parecesse reservado, íntimo e aconchegante.

No entanto, quem era acolhido no círculo mágico do hotel precisava de uma oportunidade para se exhibir. Era assim que funcionava a alta sociedade, onde muita coisa dependia de aparência e atuação. Portanto, havia uma grande escadaria, por onde as damas podiam descer vestidas nas melhores roupas, observadas por todos os olhos enquanto faziam uma entrada triunfal na passarela. Não por acaso o Ritz foi instalado no centro do novo distrito de alta-costura de Paris no exato momento em que os franceses inventavam a moda moderna. As lojas que promoviam os grandes nomes do estilo e do luxo estavam concentradas no entorno da Place Vendôme e a oeste dela, na rue du Faubourg Saint-Honoré. Nas pequenas ruas que brotavam da Place Vendôme e especialmente ao longo da rue Cambon, havia chapeleiros, vendedores de tecidos, lojas de chá inglesas e os ateliês de jovens estilistas promissores.

O Ritz era um hotel palaciano, mas não havia nada convencional ou ancestral quanto a ele, apesar de sua estética e de suas comodidades. Sem dúvida, a mobília era clássica e cara, no estilo dos reis franceses. Contudo, todos os quartos foram desenhados para serem contemporâneos e — uma vez que César Ritz tinha um medo, não sem razão, de que a tuberculose e a cólera se espalhassem entre os hóspedes — escrupulosamente higiênicos. Tapetes e cortinas pesados que acumulavam poeira e germes foram execrados, e os quartos tinham inovações como closets embutidos e banheiros privativos e encanados. Em homenagem ao zelo dos suíços por precisão, em cada suíte havia um pequeno relógio de bronze na parede que marcava as horas com exatidão.⁸

Como Oscar Wilde reclamou, com certo cinismo senão com total razão, os elevadores eram muito rápidos, e cada quarto tinha “uma luz feia e berrante, suficiente para estragar os olhos, e não havia uma vela ou lamparina no criado-mudo para que se pudesse ler na cama. E quem quer uma bacia fixa no quarto? Eu, não. Escondam essa coisa. Prefiro tocar a sineta para pedir água quando precisar”.⁹ Em 1898, pias de banheiro com encanamento interno eram uma inovação. Nos anos seguintes — quando a guerra destruiria gerações inteiras de homens jovens e carreiras profissionais para mulheres se tornariam novas possibilidades —, apenas os ricos de verdade teriam condições de manter criados para pegar água.

Oscar Wilde pode ter ficado inconformado com o encanamento moderno, mas os primeiros visitantes americanos elogiaram o Ritz como o ápice dos hotéis de luxo. “Tem uma belíssima localização”, escreveu uma certa sra. Elizabeth William:

*Alguns quartos laterais são voltados para o jardim do Bureau du Ministre de la Justice e são muito silenciosos, bem como arejados (...) [embora] a vista não seja tão interessante quanto a dos quartos com janelas voltadas para a Place Vendôme (...) O hotel é bem moderno, e todas as decorações são completamente asseadas.*¹⁰

Marcel, com sua asma, aprovou totalmente.

Das cozinhas, Auguste Escoffier modernizou a gastronomia em Paris. Com a ajuda de *lady* de Grey, ele já havia popularizado o chá ajantarado e transformado em moda — e em algo aceitável — a prática de mulheres comerem em público em Londres. O chef pretendia fazer o mesmo na capital francesa. Escoffier inventou a refeição moderna como a conhecemos e popularizou o “serviço russo”, o sistema de servir pratos em sequência. Por gerações antes disso, a realeza francesa se refestelara em fartos bufês de pratos elaborados. E, para a alta gastronomia de restaurante, Escoffier inventou o *prix fixe menu*, o cardápio a preço fixo — e, é claro, criou vários pratos batizados em homenagem a sua “divina” Sarah.

Desde a noite de inauguração de gala, o destino do Hôtel Ritz estava decidido. Marcel tampouco podia protelar sua própria decisão.

Na grande entrada do Ritz, conforme os sons da Place Vendôme sumiam atrás dele, Marcel sentiu o casaco ser retirado com delicadeza. Ele não pensara rápido o suficiente para deter o porteiro. Gestos como aquele o deixavam muito aflito. Marcel gostava de ficar vestido com o casaco. Era algo que as pessoas notavam sobre ele.

Ao entrar no grande salão, guiado pelo elegante *maître d’hôtel*, Marcel hesitou novamente por um instante com a algazarra furiosa de vozes.

Uma espiada no ambiente era suficiente para deixar qualquer observador social perspicaz ciente de onde estava o futuro do Ritz. Lá, em um lado do salão, encontrava-se o magnata do petróleo do Oriente Médio Calouste Gulbenkian, aficionado por arte, fechando um negócio novo ou algo do tipo.

Lá estava também o exilado grão-duque russo Michael Mikhailovich e a mulher por quem ele abriu mão de um império em um casamento ilícito e morganático, a condessa de Torby. Longe de ser uma “ninguém”, ela era neta do poeta russo Aleksandr Pushkin.

Marcel viu rostos conhecidos dos círculos das recepções, e havia também os rostos conhecidos de algumas das cortesãs mais distintas e desejáveis da cidade — as chamadas *grandes horizontales*, ou “grandes mulheres horizontais”. Havia a estrela do cabaré Folies Bergère, a dançarina Liane de Pougy, e, diziam os rumores, sua arquirrival espanhola, Carolina Otero, conhecida em Paris simplesmente como La Belle. Carolina Otero e Sarah Bernhardt compartilhavam o dramaturgo e poeta italiano Gabriele D’Annunzio como amante. Amantes profissionais e relacionamentos entrelaçados eram tranquilamente aceitos em Paris.

De algum lugar, Marcel talvez pudesse ser visto por Robert de Montesquiou. Nunca se sabia ao certo qual seria a reação do conde temperamental, mas Marcel tinha motivos para estar ansioso. As cartas entre os dois após o Caso Dreyfus tiveram um tom de ressentimento. Um olhar mais frio seria um aviso suficiente.

E lá, aparentando arrogância e certa velhice mesmo sendo jovem, Mélanie, a condessa de Pourtalès, que parecia isolada e deslocada em um mundo em transformação, não passava despercebida a ninguém.

Ela era linda, uma rainha da sociedade. Marcel tinha observado como os olhos castanhos da condessa escureciam até quase ficarem violeta, dependendo da luz. Olhos eram algo que ele notava. As pessoas muitas vezes ficavam incomodadas pela intensidade da observação de Marcel. Ele era inegavelmente atraído pela condessa. Ela era o epitome do velho mundo que Marcel estivera prestes a penetrar.

Aqueles olhos mutantes encaravam o mundo com frieza, e agora seria apenas uma pequena pontada de dor caso eles passassem por Marcel sem notá-lo. Naquela noite de verão, ele observava diante de si uma era que começava a se desvendar lentamente — a Belle Époque já estava em declínio, Marcel se recordaria mais tarde, pensando naquela época e imaginando que mulheres como a condessa de Pourtalès estavam mortas antes de nascer. O que Marcel queria dizer era que elas viviam em um mundo fechado para ele — um mundo que já estava fechado até para elas mesmas. Era a essência de qualquer verdadeiro momento de decadência: a noção de que uma *époque* já está escapando de nós, inexoravelmente, mesmo no momento de glória.

Marcel sabia que as linhas que o separavam do conde e da condessa tinham passado a ser simples e definitivas. “Eu admito que me adapto às novidades; mas que se dane tudo, porque, quando alguém é conhecido como “marquês de Saint-Loup”, essa pessoa não é um Dreyfusards; o que mais posso dizer?”, escreveria mais tarde.¹¹ Apoiar Alfred Dreyfus era a traição suprema para um homem na posição de Marcel. Era como eles enxergavam a questão. Para eles, “aquele que ficou do lado de Dreyfus (...) contra uma sociedade que o adotara”¹² já tinha tomado a decisão burguesa e plebeia — e Marcel sabia disso. Porque a palavra *Dreyfusard* podia muito bem ser simplesmente trocada pela palavra *moderno*.

Havia luzes rosadas e abajures suaves iluminando as mesas no grande salão de jantar do Hôtel Ritz naquela noite, e o ar de junho estava tomado pelo perfume de flores brancas. A luz que Marcel poderia ter imaginado brilhar tinha outra origem — e seria apagada pelo Caso Dreyfus. Com a abertura do Ritz, ele observou algo diferente surgir no horizonte.

Antes de o século XIX chegar ao fim, o Ritz se tornaria o lar para um novo mundo e para uma França do século XX que acabara de emergir. Seria o mundo de uma nova espécie de celebridade — um lugar onde filhas ilegítimas que eram dançarinas em cafés podiam reescrever a história da moda mundial. Onde moças americanas de classe média podiam se tornar novas duquesas e onde prostitutas podiam se tornar princesas. Onde rapazes judeus podiam mudar o mundo da literatura. Entretanto, aquele nascimento seria terrível e doloroso e viria a um custo de vidas humanas que ainda achamos devastador.

Naquela noite, quando a condessa de Pourtalès saía da órbita daquela galáxia de astros e estrelas recém-nascidos, Marcel via aqueles dois mundos à beira de uma colisão se encararem: um tomava forma e o outro se dissolvia. O fato ficaria gravado em sua memória. Ele tentaria se recordar daquele mundo perdido e dos odores e sons que o evocariam. Em meio ao último capítulo do Caso Dreyfus, Marcel finalmente tomaria a decisão.

Em breve, ele se dedicaria às páginas do romance que começava a se formar em sua imaginação. Marcel sabia que se tornaria escritor e intelectual. O romance tomaria muitas formas, e o caminho seria tortuoso. Seria um trabalho de décadas. Porém naquele romance ele imortalizaria esse momento — Paris em 1898 —, em que duas culturas avançaram uma contra a outra na escuridão. Ele ambientaria o romance nessa *époque*, nos dias em que a França ficou dividida quanto ao destino de um oficial judeu chamado Alfred Dreyfus e quanto à coragem de um velho escritor de falar a verdade para os poderosos.

Marcel transformaria a condessa de Pourtalès — além de Sarah Bernhardt, Robert de

Montesquiou, a madame Arman e até mesmo alguns funcionários do Hôtel Ritz — em personagens.

Ele o escreveria, nas décadas seguintes, cada vez mais doente e em geral isolado, em ambientes revestidos com cortiça para abafar os sons do clamor urbano que o atacavam. O livro se tornaria — muitos disseram na época e muitos ainda dizem hoje — o maior romance já escrito. Seria um dos maiores feitos da modernidade. À sua história épica sobre a nossa procura pelo tempo perdido, e por aquele momento perdido em especial, ele daria o título *À la recherche du temps perdu*. É uma história ambientada na França na primavera de 1898, nos dias e semanas em que o Ritz foi inaugurado.

Marcel Proust — Proust do Ritz, como alguns mais tarde o chamariam — se tornaria o nome mais lendário dentre os integrantes daquela geração moribunda. Émile Zola seria seu único rival na fama. O Hôtel Ritz seria seu lar mais verdadeiro enquanto ele e os demais personagens — talentosos, mas às vezes com defeitos fatais — que se reuniram na Place Vendôme nos anos seguintes escreveriam juntos a nova história de Paris no século XX.

Uma história que, infelizmente, sempre teve uma guerra no meio.

BATALHA AÉREA SOBRE A PLACE VENDÔME
27 DE JULHO DE 1917



Luisa, marchesa Casati.

Em Paris, todo mundo quer ser ator; ninguém está satisfeito em ser espectador.

— Jean Cocteau

No verão de 1917, Paris foi bombardeada. Depois de um hiato de quase seis meses, os bombardeios alemães voltaram a ser uma atração regular na vida noturna da capital.

Mas era de admirar a calma do *maître d'hôtel* Olivier Dabescat, que passava, tranquilo, pelos quartos do Ritz não importava o que acontecesse. Olivier sabia onde ficavam as engrenagens do poder e como movimentá-las silenciosamente. Jean Cocteau percebia isso muito bem. Havia algo sinistro a respeito do poder que Olivier detinha e o prazer que obtinha com aquilo.

Passava das onze da noite de 27 de julho de 1917. A festa na suíte opulenta da princesa não dava sinais de acabar tão cedo. Ela vinha oferecendo uma série de jantares exclusivos como aquele havia meses, e as reuniões raramente terminavam antes das primeiras horas da manhã.

Contendo um bocejo, Cocteau estava dividido entre a diversão e a frustração. Diversão porque o jantar poderia ter sido facilmente encenado como uma comédia romântica no Théâtre du Vaudeville, e frustração porque a trama romântica teria sido mais divertida se Cocteau já não tivesse visto aquela cena mais de uma vez. Marcel Proust e o jovem e elegante diplomata francês Paul Morand estavam do outro lado do cômodo, assediando obstinadamente a mesma mulher: Hélène Chrissoveloni Soutzo, a princesa romena de 38 anos que era a anfitriã.¹

A culpa era do próprio Morand. Fora ele quem havia apresentado o escritor bissexual para a princesa alguns meses antes. Agora o diplomata fingia não se importar com a concorrência, embora amigos com certeza notassem uma ponta de amargura em sua descrição do primeiro encontro de Marcel Proust com ela. Foi uma fascinação enorme e imediata. “O escritor examinou o cachecol

preto e o regalo de arminho que ela usava como um entomologista absorvido pelas *nervures* da asa de um vaga-lume, enquanto os garçons se agitavam em círculos em volta dele”, lembrou Paul, com irritação.² Era o tipo de encontro que chamava a atenção do senso de absurdo de Cocteau.

O absurdo estava na moda. Naquele ano, um novo movimento artístico tinha estourado na cena parisiense. Na peça *Les Mamelles de Tirésias* — “Os seios de Tirésias” —, que estreou naquela primavera, o escritor Guillaume Apollinaire dera um nome ao movimento: *surréalisme*. Desde então, o mundo das artes fora tomado por uma febre de novas obras com estranhas justaposições cinematográficas e com um tom aterrorizante de fantasias tão intensas que derrubavam as fronteiras da realidade. Com as notícias que chegavam todos os dias a Paris sobre uma nova guerra de trincheiras e ataques de gás, além do racionamento de comida, estava ficando cada vez mais difícil dar sentido lógico a qualquer coisa. O surrealismo expressava a condição moderna.

O surrealismo e o palco reuniram aquele grupo de pessoas naquela noite. Os artistas, escritores e patronos da sociedade compunham o tipo de público criativo que fez do Hôtel Ritz um ponto de referência na geografia parisiense desde a sua inauguração. Na verdade, a conexão entre o Ritz e a próspera vanguarda internacional só fizera se intensificar desde a época do escândalo Dreyfus. Jean Cocteau havia sido apresentado ao culto e curioso Paul Morand naquela primavera, na estreia do balé experimental *Parade*, que Jean e Pablo Picasso produziram em colaboração com Apollinaire. Na ocasião, Jean Cocteau estava submerso na própria obsessão romântica pelo famoso pintor espanhol. Infelizmente, a atração não era recíproca: Picasso estava em Madri planejando o malfadado casamento com a bailarina russa chamada Olga Khokhlova.

Desde 1898, o Ritz também continuava sendo o refúgio favorito dos Dreyfusards de carteirinha — que iam de intelectuais de boina e artistas experimentais parisienses a aristocratas renegados que tinham dado as costas para a antiga cultura da França e abraçado a vanguarda. Muitos Dreyfusards se tornaram modernistas, surrealistas e existencialistas. O pai de Paul Morand havia sido um Dreyfusard — embora todo mundo fingisse educadamente não perceber que ele não permitia que o filho convidasse judeus para sua casa. O conde e a condessa de Beaumont também estavam na suíte da princesa naquela noite. Eles eram patronos ricos e generosos da vanguarda, famosos na capital por organizarem extravagantes bailes de máscaras e por apoiarem artistas inovadores. Sentados em cadeiras luxuosas estavam a já idosa princesa Marat e o jornalista judeu Joseph Rinach, o antigo amigo de Marcel que deflagrara a polêmica sobre Dreyfus na recepção de Geneviève Straus na primavera em que o Ritz foi inaugurado.

Quando Marcel Proust pensou em sua paixão pela princesa Soutzo — “a única mulher”, dissera ele, “que, para meu azar, consegui que eu sáísse da reclusão”³ —, percebeu que, acima de tudo, fora a determinação política da princesa que ele considerara inebriante. “O que mais me impressiona sobre essa mulher e sua visão aguçada da política”, escreveu Proust, “é a força excepcional que me fascina tanto quanto me horroriza. Sempre há alguma coisa mágica a respeito dela, e especialmente uma força de vontade ferrenha!” O engajamento político da princesa Soutzo era intenso e calculista — e nem sempre íntegro.

A Primeira Guerra Mundial afetava a todos na Paris de 1917. Até mesmo as refeições no Hôtel Ritz eram reduzidas vez ou outra por racionamento e falta de estoque. Porém não as de Marcel ou da princesa Soutzo. Qualquer coisa que o escritor desejasse, Olivier Dabescat providenciava através de contatos no mercado negro — e aos preços espantosos típicos desse mercado. Quando Proust, em um momento ocioso, sentiu vontade de comer seus biscoitos favoritos, Olivier conseguiu para ele o suficiente “para trinta anos de cativeiro”, como disse o escritor para Straus, rindo.⁴ Naquela noite, os dois jantaram lagosta com champanhe, apesar da fome que prevalecia na capital.

No todo, era melhor ignorar a guerra o máximo possível em ocasiões como essa. Era a convenção social tácita. Então, em vez de trincheiras e tropas, as pessoas falavam de arte, viagens e escândalos. Era difícil, contudo, evitar totalmente o assunto. Naquela semana na capital, por exemplo, um tribunal militar condenara à morte a cortesã e dançarina holandesa Margaretha Zelle. Foi o assunto mais comentado na cidade. Mais conhecida na história como Mata Hari, ela havia atuado como espiã a mando dos alemães.

Por outro lado, a conversa poderia logo se voltar para a turnê de Cocteau na Itália com Picasso e o principal coreógrafo do Ballets Russes, Serge Diaghilev. Em Veneza naquela primavera, os três homens haviam visitado uma das figuras mais excêntricas entre as velhas frequentadoras do Ritz — Luisa, a marquesa Casati — em seu célebre palácio no Grande Canal. Ela aparecera com a trupe do balé russo como uma famosa atração e conhecia Diaghilev havia quase uma década. Naquela primavera, a marquesa cativou Cocteau e Picasso. Afinal de contas, ela *era* o surrealismo — dedicada a se tornar o espírito moderno vivo da arte.

Durante os anos pré-guerra, quando Luisa Casati morara no Ritz, ela foi um ícone da sociedade. A marquesa estava disposta a ficar na memória de todos, especialmente naquela noite. Sua paixão por magia negra, ocultismo e espiritualismo era famosa, e para aquela noite a princesa Soutzo tinha convidado uma hipnotizadora do mundo dos espíritos para entreter os convidados.

Cocteau poderia distraí-los com histórias das festas no palácio da marquesa Casati se quisesse. As performances (pois não havia outra palavra para aquilo) de Luisa foram as únicas ocasiões, confessou Jean, em que ele viu Picasso ficar atônito com algo. Casati os recebera no palácio vestindo criações ousadas, geralmente feitas para ela por Léon Bakst, cenógrafo e figurinista de vanguarda do mundo do balé. Às vezes, a marquesa aparecia vestindo roupas com um decote que ia até o umbigo. Às vezes, se vestia apenas em peles e levava os guepardos de estimação, que usavam coleiras incrustadas de joias, para passear pelas ruas de Veneza à meia-noite, sob o aplauso espontâneo de quem estava na farra às altas horas.⁵

A marquesa usava uma cobra pintada de dourado — dopada para ficar obediente — em volta do pescoço, como uma espécie de colar vivo, e perigosamente pingava gotas de beladona nos próprios olhos para dilatar muito as pupilas e criar um efeito meio satânico. Ela tingiu os cabelos da cor de fogo. As pálpebras eram pintadas com uma dramática sombra preta. Os lacaios nus — cobertos de tinta dourada, como todas as criaturas da marquesa — jogavam silenciosamente limalha de cobre nas chamas para torná-las azuis, verdes e demoníacas enquanto os convidados fumavam ópio. Em volta deles, rituais ocultistas e pinceladas de sadomasoquismo, que ela praticava abertamente com o amante, o promíscuo poeta italiano Gabriele D’Annunzio, aconteciam ao longo da noite.

Todos eles tinham visto a mesma performance, embora em menor escala, bem ali na Place Vendôme. Olivier — que contava tudo para Marcel Proust — descreveu com clareza uma cena que acontecera no Ritz em uma tarde três verões antes, em 1914, na semana em que a Primeira Guerra Mundial começou.

Naqueles anos, Luisa Casati transformou sua suíte no Hôtel Ritz em um palco requintado. Seu ousado gosto para a moda era uma fonte de inspiração para os novos estilistas que se amontoavam no entorno da Place Vendôme, entre eles uma jovem chamada *mademoiselle* Coco Chanel, que se mudara pouco tempo antes para um modesto ateliê em uma rua lateral, bem defronte à porta dos fundos do Ritz.

Na suíte de luxo da marquesa, em pouco tempo os característicos sofás franceses e as poltronas elegantes que Marie-Louise Ritz escolheu com tanto cuidado e atenção aos detalhes foram cobertos por peles de animais exóticos. Porém os animais de que todos se lembravam eram os vivos: em seus aposentos no Ritz, a marquesa mantinha os guepardos de estimação semidomesticados e (para o horror constante de outros hóspedes) uma jiboia que adorava ficar solta, a quem Olivier alimentava pacientemente com uma dieta de coelhos vivos.

Não foi apenas a predileção por cobras que lhe valeu o apelido de “Medusa dos Grandes Hotéis”. Como a Górgone da mitologia grega, Luisa Casati era capaz de ser absolutamente petrificante, sobretudo nos ataques de fúria, lendários entre os funcionários do hotel. Um pequeno atraso ou contratempo no serviço poderia fazê-la atirar joias na Place Vendôme — e lá iam os funcionários desesperados para recuperar os tesouros. Além disso, seus horários eram notoriamente imprevisíveis.

No fim da tarde de 4 de agosto de 1914, Luisa Casati decidiu que queria tomar café da manhã. Quando ela ligou, ninguém veio correndo. A marquesa saiu para o corredor a fim de agarrar uma pobre camareira para cuidar do problema. Os corredores estavam inexplicavelmente desertos. O ascensorista fugira do posto. A gaiola dourada cuja velocidade tinha causado tanto horror em Oscar Wilde permanecia obstinadamente imóvel. A marquesa estava furiosa.

O que Luisa não notou foi o fato de que a Alemanha havia declarado guerra à França. Naquela manhã, a Bélgica fora invadida. Os alemães estavam avançando para capturar o prêmio supremo da Europa: Paris.

Quando a marquesa desceu a grande escada do hotel naquela tarde, o mundo que ela conhecia tinha virado um caos. Olivier não veio correndo; ele mal parecia ter notado a presença dela. Outra hóspede, a escultora Catherine Barjansky, disse mais tarde: “Encontrei a marquesa Casati berrando, histérica. O cabelo vermelho estava desgrenhado. Ela parecia furiosamente maligna e impotente em seu vestido Bakst-Poiret, tão inútil e perdida nessa nova vida quanto uma figura de cera. A guerra havia tocado as raízes da vida. A arte não era mais necessária.”⁶

A marquesa jurou que voltaria ao Hôtel Ritz e retomaria a antiga residência quando a guerra acabasse. Entretanto, as raízes da vida haviam sido mais do que tocadas — isso logo ficou claro. A escassez de comida e a gripe espanhola se combinaram a tanques, armas e mísseis para matar quase um milhão de cidadãos franceses antes que os americanos abandonassem a neutralidade e se juntassem à guerra, em abril de 1917. Por causa dessas sucessivas perdas e privações devastadoras, dois anos mais tarde os franceses insistiriam em que o tratado assinado em Versailles para encerrar a Primeira Guerra Mundial humilhasse e empobrecesse os alemães. Inconscientemente, a França estabelecia as bases para um segundo conflito terrível e o surgimento de uma Alemanha vingativa.

Quando as sobras do jantar foram recolhidas, a hipnotizadora a serviço da princesa Soutzo começou o estranho espetáculo. O automatismo psicológico encantava demais a vanguardista. Como a marquesa Casati, a princesa Soutzo considerava fascinante o novo campo da psicanálise e

comentou a respeito de um médico de Viena chamado Freud que recentemente publicara um livro sobre a teoria dos sonhos e o inconsciente. Por mais irônico que pareça, foi na Place Vendôme que o hipnotismo foi inventado. Logo ali no prédio vizinho — no número 16 —, o médico alemão Franz Mesmer fundou uma clínica nos anos 1770 e deu seu nome ao mesmerismo.⁷ A obra em que Marcel Proust trabalhava — o terceiro volume de seu romance, muito adiado, sobre a procura pelo tempo perdido — era dedicada ao funcionamento da mente, à memória, ao tempo e à fantasia. A hipnotizadora pediu por voluntários entre os presentes e os convidados se revezaram, um por um, para explorar os estimulantes reinos do inconsciente em transe.

No entanto, o número mais dramático era aquele que ainda se desenrolava entre Paul Morand e Marcel Proust, enquanto os dois tentavam conquistar a princesa Soutzo. Jean Cocteau só conseguia assistir, maravilhado. Marcel havia se recluso havia anos em seu quarto revestido de cortiça, onde até mesmo o menor zumbido do mundo exterior era abafado. Agora a paixão passageira pela princesa fizera o que ninguém imaginava ser possível: levava o escritor de volta ao turbilhão da alta sociedade. Porém aquela triangulação era bizarra. As mais recentes conquistas amorosas de Marcel Proust não tinham sido mulheres da sociedade, mas playboys de má reputação e belos e jovens garçons do Hôtel Ritz.

O relógio de bronze na parede da suíte anunciava que eram precisamente onze e meia da noite, contudo o som foi logo abafado pelo toque estridente da sirene de bombardeio aéreo da Torre Eiffel. A capital estava sendo bombardeada outra vez. As sirenes berraram na escuridão. Cocteau, sarcástico e cansado, fez uma piada leve para as pessoas na suíte: “Lá vem a Torre Eiffel reclamar outra vez porque alguém pisou nela.” As risadas educadas e compreensivas pareceram falsas.

No céu, surgiram aviões alemães, que se envolveram em uma perigosa perseguição com um esquadrão francês. No verão de 1917, o Barão Vermelho já era uma lenda assustadora, mas o jovem piloto da Luftwaffe que vinha ficando famoso no norte da França naqueles meses era um oficial alemão chamado Hermann Göring. Desde junho, ele abatera mais de dez pilotos aliados.

As estrelas pareciam anormalmente brilhantes em contraste com a cidade às escuras, e as bombas lançadas e os disparos de metralhadora iluminavam o ar em rajadas intermitentes de terror. A multidão reunida na festa da princesa foi em silêncio até o terraço descoberto que dava vista para a Place Vendôme, onde uma aglomeração calada se juntava para testemunhar o drama apocalíptico. “Observamos da sacada”, escreveu Marcel para Geneviève Straus, em uma descrição da noite, “o espetáculo sublime em pleno ar.”⁸

Nas sombras da Place Vendôme, “damas em camisolas e roupões de banho vagavam (...) apertando os colares de pérolas contra o peito”. Os funcionários do hotel conduziam os hóspedes mais cautelosos e sensíveis para abrigos bem equipados nos porões. Clientes notívagos dos bares do hotel permaneciam em alerta junto às portas, com as pequenas pontas vermelhas dos cigarros queimando. O cheiro de tabaco — um luxo na guerra — flutuava de leve por ali.

No horizonte, dois pilotos despontaram em uma desesperada batalha aérea nos céus de Paris. Para um deles, o combate terminaria em vitória; para o outro, em conflagração.

Cocteau também assistiu a uma estranha batalha se desenrolar diante dele na sacada. Marcel, vestindo um enorme sobretudo, mesmo no verão, avançou em direção à princesa. Sua voz saía em um murmúrio. “Assim como a voz de um ventríloquo sai do peito”, comentou Cocteau, “a de Proust saía da alma” naquela conversa.⁹ Marcel era inesgotavelmente, até mesmo opressivamente, solícito e bajulador. A princesa — uma soberana fria e controladora — encorajava a atenção dele. De longe, Paul Morand observava atento.

Paul se permitiu um sorriso secreto naquela noite quente de julho enquanto os céus de Paris explodiam. Proust já perdera a batalha. A princesa em breve se divorciaria do marido. E se casaria com Morand assim que ficasse livre. É quase certo que os dois já eram amantes. Ele deixaria que ela fizesse sua pequena conquista.

Quando veio a aurora, Marcel — talvez atormentado, talvez destemido — retornou ao quarto revestido de cortiça e mais uma vez retomou a escrita. Ele já sabia que, “se quisermos tornar a realidade suportável, todos nós devemos nutrir uma fantasia ou duas”.¹⁰ Toda tarde, o escritor convocava Olivier para levar cerveja e galinha fria e contar as fofocas do Hôtel Ritz. Tudo era combustível para seu grande romance parisiense, a obra que em pouco tempo lhe daria o prêmio literário mais cobiçado de toda a França e o tornaria famoso. Em breve, condes e princesas o cortejariam. Em breve os outros seriam os bajuladores.

E em breve a própria carreira de Jean Cocteau entraria em ascensão — e turbulência —, tudo precisamente por causa de sua fria indiferença. Talvez fosse verdade, como ele disse uma vez, que em Paris todo mundo queria ser ator. Duas décadas depois, quando chegou a hora de provar seu valor, Cocteau não teve presença de espírito ou coragem suficientes. Embora não soubesse ainda, ele já havia adotado o único papel que o definiria: o de observador acuado.

DIAMANTES TÃO GRANDES QUANTO O RITZ
1º DE SETEMBRO DE 1940



Laura Mae Corrigan.

Ele não ficou realmente desapontado em encontrar Paris tão vazia. Mas a quietude no bar do Ritz era estranha e grandiosa. Não era mais um bar americano — ele se sentia refinado ali dentro, e não como se fosse o dono do local.

— F. Scott Fitzgerald, "Babilônia revisitada", 1931

Mais de vinte anos depois, uma segunda guerra estava prestes a acontecer em Paris, e novamente o conflito que moldaria a vida na França era aquele fadado encontro com os alemães que Charles de Gaulle havia previsto.

Em 1º de setembro de 1940, a ocupação começou para valer para aqueles que estavam na Place Vendôme. Aquela foi a manhã em que Hermann Göring, o ás da aviação da Primeira Guerra Mundial — e agora general da força aérea alemã —, tomou oficialmente a suíte imperial como residência.

Os funcionários haviam se preparado para aquele evento desde que Göring passara pela primeira vez pela porta do Hôtel Ritz, dez semanas antes.

Haviam ocorrido reformas e um surto de atividades antes dessa mais nova ocupação. Acima de tudo, homens tinham instalado nos aposentos uma banheira enorme, desproporcional, para acomodar o subcomandante de Adolf Hitler, o corpulento Reichsmarschall.

O que justificava essa adaptação não era apenas o fato de que o comandante da Luftwaffe gostava de um longo banho de espuma enquanto tomava champanhe e devorava caviar em Paris.¹ Não que ele fosse contra tais prazeres. Mas os funcionários do hotel incumbidos de cuidar do comandante alemão logo descobriram que a banheira escondia um segredo mais sombrio, compartilhado por muitas pessoas de sua geração.

Hermann Göring era viciado em morfina. Vinha tentando largar o vício desde meados da década de 1920. Analgésicos eram um fato comum na vida pós-guerra de muitos homens que haviam

sobrevivido ao “Grande Conflito”. Tanto a cocaína quanto os narcóticos se tornaram bastante populares na Berlim modernista durante os anos da chamada República de Weimar — o período que acabou com a ascensão de Adolf Hitler ao poder e com o estranhamente retrógrado nacionalismo alemão pré-industrial que surgiu com o nascimento do fascismo. A guerra moderna — com “inovações” tecnológicas que incluíam o primeiro uso difundido de metralhadoras automáticas e armas químicas — também inaugurara uma nova era de vício em produtos farmacêuticos.

Nos anos 1930, um médico alemão de Colônia chamado Hubert Kahle anunciara a descoberta de uma nova “cura milagrosa” para o vício em morfina, e Hermann Göring havia procurado o eminente professor para um tratamento que contava com demorados banhos para controlar os sintomas da abstinência. O médico ia ao Ritz para “submergir Göring em uma banheira cheia de água, aplicar-lhe injeções, depois submergi-lo de novo, por horas e horas”, como lembraram os funcionários.² “Tínhamos que levar pilhas de toalhas e muita comida para o professor, pois o procedimento deixava Göring faminto.”

Quando o general se apoderou da suíte imperial do Ritz, a ocupante anterior do quarto se viu abruptamente realocada — e encarou um dilema angustiante naquela semana.

Aquela antiga hóspede era uma certa Laura Mae Corrigan, viúva de um industrial do aço do Meio-Oeste e, desde a morte do marido, uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos. Sua renda mensal no verão de 1940 era de 800 mil dólares — algo bem mais do que 12 milhões de dólares por mês, em valores atuais. Isso significava que a sra. Corrigan tinha condições de viver no Hôtel Ritz mais ou menos para sempre.³

Desde 1938, era mais ou menos o que ela fazia. É claro que, quando o recém-designado primeiro-ministro britânico Winston Churchill fora a Paris na primavera de 1940, nas semanas anteriores à Batalha da França, ele havia se hospedado na suíte imperial. Era preciso ceder o lugar para dignitários e chefes de Estado, naturalmente. Corrigan entendia tão bem quanto qualquer um que as benesses da hierarquia tinham importância. Porém, em geral, aqueles grandiosos aposentos na Place Vendôme eram os favoritos de Laura Mae. Eram os melhores cômodos no palácio. E ela tinha bolsos mais cheios do que quase todos os dignitários e chefes de Estado.

A vida de Laura Mae Corrigan nem sempre correria às mil maravilhas. Nascida em 1879 em uma família proletária em Waupaca, Wisconsin, Laura Mae Whitrock progrediu de garçonne a telefonista, depois a esposa de um médico de Chicago, e então a amante do grande industrial de aço e ferro James Corrigan. Após um rápido e discreto divórcio do médico, em 1916 ela e Corrigan chocaram a família dele e boa parte da alta sociedade de Cleveland ao se casarem.⁴

Ao ser esnobado pela elite de Cleveland, o casal foi para Manhattan. Lá os portões estavam igualmente fechados. No romance *O grande Gatsby*, de 1925, F. Scott Fitzgerald contou a história de um novo-rico do Meio-Oeste que tenta usar sua fortuna para entrar nos círculos dos herdeiros milionários da Costa Leste e fracassa de forma trágica. Laura Mae encarou os mesmos obstáculos. Depois que várias centenas de milhares de dólares em festas opulentas não conseguiram comprar a entrada da sra. Corrigan na elite, o casal se mudou para a Europa, onde ninguém esperava que uma americana rica tivesse pedigree, mesmo. E, após as perdas financeiras da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão, uma mão generosa com uma enorme fortuna pessoal compensou e muito a falta de ancestrais notáveis.

Quando o problema cardíaco de Jimmy Corrigan se manifestou, Laura Mae era uma sensação. Como disse tão sucintamente a anfitriã do mundo do alpinismo social mais famosa dos Estados Unidos — a promotora de festas atarracada e excepcionalmente feia Elsa Maxwell: “Uma grande anfitriã de Londres nos anos 1920 foi a irrefreável Laura Corrigan, que ganhou uma vantagem formidável na corrida para ser a Cinderela americana ao percorrer a distância de telefonista a viúva rica em seis meses, um recorde.”⁵ Era um exagero absurdo. Jimmy Corrigan morreu em 1928, não em 1916. Porém, quando a questão era fazer comentários maldosos e mordazes, ninguém se importava com a precisão da cronologia.

Na Europa, Laura Mae procurou seguir uma estratégia confiável do velho mundo. Seu dinheiro imediatamente garantiu a entrada para os espaços exclusivos da sociedade, e em pouco tempo ela estava festejando com duques e duquesas, príncipes e princesas. Laura Mae promoveu eventos de gala extravagantes e começou a convidar, de forma bem cuidadosa, todas as pessoas certas. Deu presentes caros e pagou para que duquesas sem um tostão fossem aos seus jantares.

Era uma tática que, no Hôtel Ritz, Elsa Maxwell havia dominado à perfeição. Como Janet Flanner, correspondente da *The New Yorker* em Paris durante os anos 1920 e 1930, observou com frieza, Elsa Maxwell tinha o dom de consolidar socialites americanas emergentes na sociedade aristocrática europeia — se elas tivessem dinheiro suficiente. Por uma comissão, Maxwell “transformava os indignos de nota em notáveis, usando a publicidade em torno de seus eventos de gala para tirar o melhor proveito para eles e para si mesma. Ela preferia promover suas *soirées* no Ritz” em Paris. Na maioria das vezes, essas *soirées* eram bailes de máscaras, onde aparecer travestido era considerado espirituoso. Flanner observou que Coco Chanel, em especial, “costumava

lucrar muito ao fazer e ajustar vestidos para rapazes de gosto requintado, que apareciam como algumas das mulheres mais conhecidas em Paris”.⁶

O Ritz era o local da cidade aonde os americanos ricos inevitavelmente iam. Era assim desde os anos 1900. Por décadas, os endinheirados do novo mundo socializavam com Dreyfusards, artistas e intelectuais sem raízes do continente europeu. O resultado foi uma espécie rara de magia cultural.

No fim dos anos 1930, Laura Mae Corrigan também havia chegado à capital francesa. Suas festas eram “em geral consideradas, na época, como o melhor rega-bofe para os nomes menos importantes do *Burke’s Peerage*”, a bíblia da genealogia aristocrática do continente.⁷ Mesmo quando se tinha muitos milhões, às vezes a ascensão social era um sonho difícil de realizar. Como disse Elsa Maxwell, o problema era que Laura Mae “não era bonita, não era instruída nem especialmente inteligente — e seus inocentes tropeços no modo de falar eram, pelas costas dela, tão divertidos quanto suas festas”.⁸ Com o tempo, porém, ela solucionou o problema que era a sociedade parisiense.

Em 1^a de setembro de 1940, Laura Mae Corrigan se viu envolvida em uma espécie de dilema. Ela era riquíssima, e seus investimentos em títulos do Tesouro haviam sobrevivido maravilhosamente à queda de Wall Street. E ter os bolsos cheios de dinheiro era essencial na Paris dos anos 1930 e 1940. Em nenhuma ocasião aquilo foi mais importante do que durante a ocupação. Para os ricos no Hôtel Ritz, a vida prosseguiu mais ou menos como sempre naqueles primeiros dias após a capitulação da França. Houve, é claro, alguns obstáculos e algumas alterações habilmente administradas, mas o luxo constituía um poderoso isolamento.

No entanto, o governo dos Estados Unidos, temendo que os milhões mensais de Laura Mae Corrigan — por acidente ou de propósito — caíssem nas mãos dos alemães e ajudassem no esforço de guerra fascista, congelou seus rendimentos e limitou-a ao orçamento de 500 dólares mensais enquanto ela permanecesse na Europa.

Se não tivesse sido pelo congelamento dos bens, Laura Mae teria preferido ficar na capital. Fizera planos que dependiam daquilo. Acompanhada por várias outras mulheres americanas da alta sociedade e por uma francesa, a duquesa de Doudeauville, ela se dedicara ao trabalho beneficente de amparo em Paris, semanas antes. Todos esperavam uma demonstração de envolvimento e filantropia em relação à guerra. A organização *Bienvenue au Soldat*⁹ — “boas-vindas ao soldado” — despachou donativos para os feridos de guerra e prestou auxílio a hospitais.

Laura Mae Corrigan se viu, se não sem um tostão, pelo menos em maus lençóis. Com Hermann Göring plenamente instalado em suas suítes no Ritz, ela também se viu sem teto.

Para piorar ainda mais, Laura Mae entendeu completa e dolorosamente que até mesmo a alta sociedade europeia só a tolerava por causa de sua fortuna. Quinhentos dólares por mês equivaliam a um pouco mais de 8 mil dólares por mês em valores de hoje, o suficiente para mantê-la em conforto na França, mas não o bastante para abrigá-la na suíte imperial do hotel durante trinta dias — mesmo que aqueles aposentos não tivessem acabado de ser tomados pelo general alemão. Com certeza não era suficiente para sustentar sua filantropia nos círculos mais elegantes de Paris.

O dilema para Laura Mae era o que fazer e aonde ir sem uma fortuna. Permanecer em Paris não era impossível para uma americana rica no verão de 1940. O Ritz, havia muito tempo um dos locais preferidos dos americanos na cidade, estivera repleto deles na primavera. Lá, Marlene Dietrich encerrara um relacionamento com Joseph Kennedy no ano anterior, e seu amante logo arrumou uma nova conquista.¹⁰ Os boatos diziam que a socialite e jornalista Clare Boothe Luce, esposa do dono das revistas *Time* e *Life*, estava tendo um caso com Joseph Kennedy em seu quarto no Ritz, em abril.¹¹ Quando fugiu da França no êxodo em massa, Clare fez um questionamento notório a Hans Elming: como era possível que ele soubesse que os alemães estavam chegando? (Ele teve a cara de pau de brincar que “os alemães tinham feito reservas”.)

Muitos outros americanos haviam permanecido no hotel após o começo da ocupação. A lendária decoradora *lady* Mendl. A socialite Barbara Hutton. Apesar de o embaixador dos Estados Unidos incentivar os cidadãos a deixarem a França enquanto ainda era fácil, a herdeira Florence Jay Gould insistia no plano de continuar na capital sob quaisquer circunstâncias.¹²

A mulher do diretor-geral do Ritz tomou logo a mesma decisão. Claude Auzello e sua irascível esposa americana, Blanche, sempre discutiam violentamente sobre a determinação dele em ter uma amante. Com um marido assim, ela também não tinha intenção de ir embora da França.

Havia um número surpreendente de mulheres no hotel naquele setembro. Com a chegada de Hermann Göring e de outros oficiais, essa tendência se acelerou logo. No bar do hotel, Laura Mae Corrigan conheceu novas frequentadoras. Secretárias como a bela Inga Haag, da vizinha Abwehr — um ramo dos gabinetes da inteligência fascista —, socializavam com Daisy Fellowes, a herdeira da fortuna das máquinas de costura Singer (e prima de Winston Churchill por casamento). O nome de solteira de Daisy Fellowes era Glücksbierg, algo que os alemães decerto perceberam nos arquivos. Inga Haag também tinha os próprios contatos: o tio era o diretor da Abwehr, o almirante Wilhelm Canaris.

Fern Bedaux e o marido, Charles, faziam parte do grupo de grã-finos americanos que permaneceram em Paris. Como um bom número dos que ficaram, sua visão política era nitidamente pró-fascista. Durante a guerra, os convidados dos jantares em sua propriedade de campo incluíam Göring e o ministro das Relações Exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop.¹³ Três anos antes, Fern e Charles Bedaux haviam organizado no castelo o casamento real entre a americana Wallis Simpson e o antigo rei Edward VIII. Após a abdicação e o casamento, o novo rei deu-lhes os títulos de duque e duquesa de Windsor.

O casal real foi pressionado a abandonar Paris quando o avanço alemão ganhou contornos mais dramáticos. No entanto, ambos eram simpatizantes de Adolf Hitler. Quando os alemães invadiram a França pela primeira vez e começaram a bombardear Londres, a duquesa de Windsor fez uma declaração insensível à imprensa que foi mal recebida entre os britânicos: “Não posso dizer que sinto pena deles.”¹⁴ O Führer, ao que parece, devolveu o sinal de sua consideração: o *hôtel particulier* do casal, no número 85 do boulevard Suchet, foi cuidadosamente “supervisionado por um zelador alemão e devolvido em 1944 em perfeito estado”.¹⁵

Contudo, a inteligência britânica estava preocupada com algo bem mais sinistro do que os acessos de raiva da duquesa de Windsor na imprensa. Ela ainda passava informações ao antigo amante, o ministro Von Ribbentrop, em 1940. Boatos diziam que, em troca, Von Ribbentrop continuava enviando para a duquesa dezessete cravos toda manhã — um para cada vez que os dois foram para a cama juntos.¹⁶

Laura Mae Corrigan nunca gostou de Wallis Simpson. Mas era amiga do duque de Windsor desde os primeiros dias em Londres, quando ele foi a uma de suas festas.¹⁷ Além disso, Laura Mae recebera Von Ribbentrop em sua mansão em Londres.

Tudo aquilo significava apenas uma coisa: ela poderia permanecer em Paris com razoável conforto — se ao menos tivesse dinheiro. Voltar aos Estados Unidos, por outro lado, seria desastroso, pois ela retornaria à vida de rica pária social. A elite de Cleveland não havia se enternecido por Laura Mae Corrigan desde que ela, renegada, deixara o Meio-Oeste, e a alta sociedade de Nova York não se tornara mais acolhedora.

Naqueles últimos dias de verão, Corrigan considerou se deveria adotar a solução óbvia para sanar seus problemas financeiros. Ela conseguiria levantar muito dinheiro vivo se começasse a vender itens pessoais para os alemães. Em Paris, os invasores estavam comprando tudo — de frascos de Chanel Nº 5 em promoção na rue Cambon a antiguidades, obras de arte, peças de alta-costura e joias.

Na verdade, no momento em que chegara à capital, o Reichsmarschall havia exigido um suprimento de fragrâncias da Guerlain, uma perfumaria próxima. Hans Elminger teve a tarefa ingrata de revelar ao general que a loja estava fechada àquela hora da noite e só abriria de manhã. Vociferando, Göring disse a Elminger que seria melhor alguém abrir a loja, e mandou o motorista levar o gerente do hotel até lá imediatamente. Göring estivera em uma sanha consumista de arte desde então e vinha arrematando obras em todos os cantos de Paris. “Com uma penca de detetives o seguindo a cem metros de distância”, escreve um dos biógrafos de Göring, “ele cruzava as feiras de antiguidade da capital francesa” catando artigos de luxo e pechinchas.¹⁸

Os bens pessoais de Corrigan eram uma fantástica feira por si sós. Göring não teria que pôr um pé para fora do Hôtel Ritz atrás do que gostava se ela decidisse levantar fundos com a venda de tesouros selecionados para o Reichsmarschall.

Obviamente, Laura Mae não poderia vender os casacos de pele, o que era uma pena, pois Göring adorava visons e zibelinas. Quando os alemães informaram que ela deveria desocupar a suíte imperial de três quartos (que ainda contava com quartos de camareiras, várias salas de visitas, uma sala de jantar e um *boudoir*), não houve opção a não ser esconder a coleção de peles. Se os alemães compreendessem a extensão do valor de suas posses, sem dúvida as tomariam à força. Então Corrigan empilhou tudo em um dos guarda-louças embutidos de César Ritz e arrastou um armário enorme até a frente da porta para disfarçar. Ali, as peles passaram a guerra escondidas e em segurança — fora do alcance até mesmo de sua proprietária.¹⁹ Por todo o Hôtel Ritz, as comodidades inesperadamente discretas de César serviram a propósitos clandestinos durante a guerra em mais de uma ocasião.

Contudo, Göring tentou obter as esmeraldas de Laura Mae Corrigan usando de charme e intimidação. Ela cometera o erro de deixá-lo vislumbrar as pedras, que eram extraordinárias. Na verdade, Corrigan tinha uma enorme coleção de gemas preciosas — não apenas esmeraldas, mas diamantes e também peças de ouro. E, por mais que Göring gostasse de se deleitar com peles e confiscar obras de velhos mestres da pintura, pedras preciosas eram sua verdadeira obsessão.

Uma das cobiçadas compras do Reichsmarschall naqueles primeiros dias em Paris foi um bastão de marechal de ouro, cravejado de diamantes, encomendado à luxuosa joalheria Cartier em um prazo curtíssimo e a um preço bem abaixo do valor de mercado. Às vezes, era possível vê-lo, naquele verão, descendo e subindo apoteoticamente a escadaria central do Ritz, vestido de maneira

extravagante, confuso pelas drogas e girando o bastão como uma animadora de torcida embriagada. Aqueles que tinham visto seus armários na suíte imperial sabiam que as calças roxas e os quimonos de seda eram apenas o começo. Os funcionários relataram ter encontrado “vestidos exuberantes com enfeites de arminho e vison (...) sandálias incrustadas de joias, broches de esmeraldas e brincos de diamante. Ele usava maquiagem e passava perfumes exóticos, além de manter uma tigela de cristal cheia de pastilhas de morfina sobre uma mesa ao lado de uma poltrona, junto de outra tigela, que continha uma *mélange* de pedras preciosas — esmeraldas, pérolas negras, opalas, granadas e rubis”.²⁰

O ministro das Relações Exteriores italiano, o conde Galeazzo Ciano, genro do ditador fascista Benito Mussolini, hospedou-se no Ritz na primavera de 1942 e escreveu ironicamente no diário de guerra que “Göring falava de pouca coisa além das joias que possuía (...) ele brincava com as gemas como um menino brinca com bolas de gude”.²¹ Isso foi dito a respeito de um homem terrivelmente violento e dono de uma indiferença mordaz.

As pessoas riam de Göring. Até mesmo os soldados alemães de vigia no Ritz lutavam para não debochar dele discretamente.²² Laura Mae sabia que as pessoas também riam dela. Todo o objetivo das maledicências da alta sociedade era fazer com que ela soubesse que era tolerada a contragosto. Nesse aspecto, ela e o comandante da força aérea alemã não eram tão diferentes assim.

Diante da escolha de voltar aos Estados Unidos ou continuar na França, Laura Mae tomou uma decisão angustiante. Ofereceu o anel de esmeraldas para Göring. Pela joia, ele pagou 50 mil libras esterlinas — quase 2 milhões de dólares em valores de hoje. Por meio do Reichsmarschall, ela vendeu um estojo de toucador de ouro para Adolf Hitler.²³ Também se desfez das tapeçarias renascentistas e de toda a linda mobília antiga francesa. Laura Mae vendeu seus bens — alguns disseram que se vendeu — para os nazistas. E formulou um plano secreto sobre o que faria com suas riquezas.

Ela ficaria na França. Continuaria vendendo os tesouros, mas não na Paris ocupada. Em vez disso, Corrigan foi para o território neutro de Vichy, a famosa estância termal no centro da França que se tornou o quartel-general do governo francês colaboracionista durante a ocupação alemã, e levou com ela seu dinheiro vivo e a pilha restante de artigos de luxo.

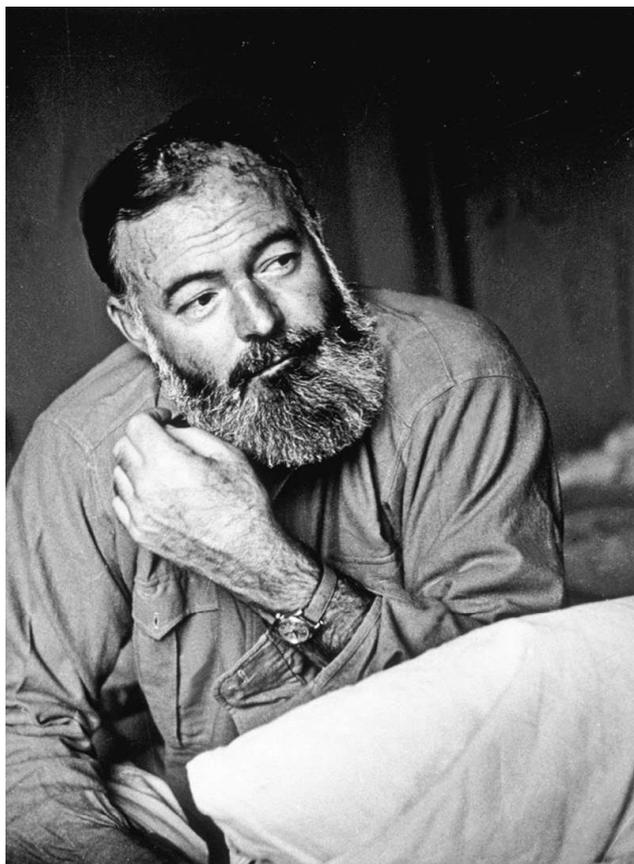
Em Vichy, Laura Mae poderia ter alugado uma mansão opulenta ou organizado festas durante a guerra para bajular oficiais franceses e alemães. Porém fez algo diferente e inesperado. Hospedou-se em um hotel pequeno e definitivamente mediano. Sem ostentação nem cerimônia, Laura Mae Corrigan começou a injetar todo o seu dinheiro — uma média de 2 mil dólares da época por mês — na caridade para soldados franceses feridos.²⁴ Entre os veteranos, ela ganharia o título de “Anjo Americano”.²⁵

Com o tempo, o chefe de Estado francês, o general Philippe Pétain, descobriu o que ela vinha fazendo e foi levado a premiar Laura Mae Corrigan com a Legião de Honra — o maior reconhecimento da nação por serviço ao país. Historiadores registram que “a sra. Corrigan teve a distinção de ser a única mulher americana além de [a espiã e corista] Josephine Baker a receber a mais cobiçada honraria francesa”.²⁶

Pelo trabalho beneficente na França, Laura Mae também cumpriu pena como prisioneira no campo de internação de Vittel, quando os Estados Unidos entraram na guerra em dezembro de 1941 e toda a neutralidade em relação aos americanos desapareceu.²⁷ Ao ser libertada do campo, em 1942, ela seguiu para Londres. Lá, continuou a dedicar a fortuna para ajudar soldados feridos. Em reconhecimento a esse serviço, o governo britânico a premiou com a Medalha do Rei.²⁸

Elsa Maxwell dissera que Corrigan “não era bonita, não era instruída nem especialmente inteligente”,²⁹ mas também afirmou que “ela era honesta, tinha vitalidade e um coração tão grande quanto sua conta bancária”.

Naquele momento, ela era uma heroína de guerra. Anos mais tarde, Charles de Gaulle pediria que a França pós-Libertação julgasse Laura Mae Corrigan a partir de uma perspectiva completamente diferente.



Ernest Hemingway, 1944.

Quando sonho com uma vida após a morte (...) a ação sempre acontece no Ritz de Paris.¹

— Ernest Hemingway

Em maio de 1944, o mundo estava em guerra havia quase cinco anos. Paris permanecia ocupada havia cerca de quatro anos. E, se as guerras têm suas histórias, esta vinha se aproximando rapidamente do clímax.

Sem dúvida, Ernest Hemingway considerava a guerra uma espécie singular de drama humano, e, para muitos jornalistas americanos que trabalhavam na Europa durante primavera de 1944, o que importava era o retorno a Paris. Era lá que estava a ação.

Hemingway não era o único a pensar que o melhor tipo de ação ocorria no Hôtel Ritz de Paris. No ápice dos loucos anos 1920 e no início da década de 1930, um grupo de talentosos escritores americanos conhecido como a “Geração Perdida” passou a juventude na capital francesa, e suas travessuras eram lendas no hotel. F. Scott Fitzgerald sonhara com diamantes tão grandes quanto o Ritz e uma vez refletiu sobre como “o melhor dos Estados Unidos vai a Paris”.²

Scott morrera no inverno de 1940 por causa de um ataque cardíaco sofrido na Califórnia. Agora um grupo de velhos frequentadores do Ritz aos poucos voltava a Paris sem ele. O retorno acabaria mais alegremente para uns do que para outros. Mas, para cada um deles, foi uma jornada tortuosa e intrincada, cheia de mágoas, perigos, além de sórdidas traições.

Para Hemingway, a volta começaria em uma noite de bebedeira competitiva bem do outro lado do canal da Mancha — menos de quinhentos quilômetros ao norte de Paris, mas em um mundo

completamente diferente. O retorno do famoso autor americano surpreenderia muita gente: na manhã de 26 de maio, vários jornais deram a notícia de que Hemingway perecera em um terrível acidente de carro nas ruas de Londres.³

A confusão toda começara duas noites antes, em uma festa degenerada em Belgrave Square, em uma das velhas mansões geminadas que cercavam o parque, agora um estacionamento de guerra para tanques e equipamentos militares e reduto de correspondentes estrangeiros.

O fotógrafo de guerra Robert Capa esbarrara em Hemingway, seu velho amigo, no bar do Hotel Dorchester e, como escreveu mais tarde o correspondente, Ernest era “pimenta para os olhos, mas eu fiquei muito feliz por vê-lo (...) Para provar minha devoção e prosperidade, decidi dar uma festa para ele no meu caríssimo e inútil apartamento”.⁴ Além disso, “Papa” Hemingway — como Ernest gostava que as pessoas o chamassem — tinha uma barba horrorosa que encobria uma doença de pele, e, como o amigo brincou, “Papa está com problemas (...) aquela barba assusta todas as garotas”.⁵ Ele precisava de um pouco de inspiração etílica.

Então, com a habilidade para conseguir suprimentos no mercado negro que os amigos sempre admiraram nele, Capa arranhou “um jarro de vidro de quarenta litros emprestado de um laboratório de pesquisa atômica”,⁶ enfiou meia dúzia de pêssegos maduros em uma garrafa com um precioso conhaque e despejou dentro uma caixa de champanhe — a 30 dólares a garrafa, preços de guerra — para fazer um dos ponches de festa mais letais da guerra. Depois, Capa abriu as portas de seu apartamento na praça para um seleto grupo de amigos incontroláveis em Londres. Ninguém se surpreendeu quando a reunião virou uma farra madrugada adentro.

Quando a festa esfriou, nas primeiras horas da manhã, Hemingway estava bêbado demais para pegar no volante. Na verdade, segundo todos os relatos, o dr. Peter Gorer, seu amigo, também estava. Eles partiram mesmo assim, com a esposa do médico a reboque, para uma viagem louca de volta a Dorchester, no distrito vizinho de Mayfair. A Luftwaffe andara bombardeando a região metropolitana de Londres de novo desde o início de janeiro, no que mais tarde veio a ser conhecido como a “Baby Blitz” de 1944. A cidade estava um breu por causa dos blecautes. Faróis eram terminantemente proibidos, mas ninguém pensou que a escuridão daquela noite fosse o problema principal.

Muito antes que os festeiros chegassem às camas, Gorer perdeu o controle do carro e bateu de frente em uma torre d’água. Eles foram levados com ferimentos para o hospital St. George, ali perto. Hemingway estava gravemente ferido, com um corte feio na cabeça, onde batera no para-brisa, e com os joelhos destrocados. Capa recebeu uma ligação do hospital logo depois e, quando chegou à emergência às sete da manhã, “ali, na mesa de cirurgia, vi 98 quilos de Papa. O crânio estava bem aberto e a barba, cheia de sangue. Os médicos estavam prestes a dar um anestésico e costurar a cabeça. Papa me agradeceu educadamente pela festa. Pediu-me para cuidar do doutor, que o enfiara em um tanque d’água e que devia estar bastante machucado também”.⁷

O acidente deixou o escritor com uma concussão séria que deveria tê-lo mantido na cama e longe da bebida por dias. Porém, em vez de refletir sobre a sorte que teve com esse susto e jurar que mudaria de hábitos, Ernest Hemingway voltou seus pensamentos para outra questão. Na verdade, eles se direcionavam em grande parte para uma jornalista americana baixinha, curvilínea e de olhos azuis chamada Mary Welsh. Ela despertara a atenção de Hemingway em um almoço poucos dias antes, em 22 de maio, no restaurante londrino White Tower, com seu suéter justo de tricô e o cabelo castanho cacheado. Como uma colega correspondente de guerra, ela tinha um estilo confiante e solto que Ernest Hemingway achava encantador.⁸ Mary Welsh estava almoçando com outro jornalista de guerra e romancista, Irwin Shaw, nascido em Nova York. Correspondentes de guerra aliados vindos de todos os cantos chegavam a Londres aos borbotões naquela semana, e todos estavam de olho no mesmo prêmio: dar a primeira notícia de uma Paris livre.⁹ Contudo, a competição entre Hemingway e Shaw logo ficou mais acirrada. Por acaso, Mary Welsh também era amante de Irwin Shaw.

Em suas próprias palavras, Welsh era atraente e não se fazia de rogada em explorar sua aparência ao máximo. Ela tampouco estava usando sutiã embaixo daquele suéter justo.

“Deus abençoe a máquina que costurou esse suéter”, disse Shaw com um suspiro quando a viu.¹⁰

Conforme eles cruzaram o ambiente, todos os correspondentes fizeram piadas. “Belo suéter”, soltou um, assobiando.¹¹ Houve sussurros de “o calor revela mesmo as coisas, não é mesmo?” e “Mary, eu queria ver mais de você”.

Hemingway deu uma olhada e falou “apresente-me para sua amiga, Shaw”, e Shaw, é claro, fez a fatídica apresentação.¹² Não havia como evitá-la. Mary escrevia para a revista *Time*, e Hemingway corajosamente lhe perguntou se ela almoçaria sozinha com ele outro dia. E daí que, além de ser a namorada de Shaw, Mary Welsh por acaso também era a sra. Noel Monks, esposa de outro homem? Ernest Hemingway estava cativado. O sentimento era, ao que parecia, mútuo.

Havia apenas mais uma complicação no horizonte: outra correspondente de guerra americana, Martha Gellhorn, também estava a caminho de Londres. “Marty”, como os amigos a chamavam,

estava determinada a voltar a Paris e também a fazer a grande reportagem. Por acaso, ela era a sra. Ernest Hemingway.

Na verdade, na noite da festança de Robert Capa, Martha estava chegando a Londres e ficou extremamente abalada. Ela fora a única civil em um navio de transporte de guerra, carregado com explosivos, que zarpou em 13 de maio de 1944 e cruzou o Atlântico.

Foi um modo arriscado de voltar à Europa para fazer reportagens para a revista *Collier's*, que era seu veículo no mundo do jornalismo de guerra. Um navio de transporte de armas era um alvo muito valioso naquela primavera, e ela correu um perigo inacreditável ao viajar nele. Naquele mês, submarinos alemães afundaram no Atlântico três navios aliados e um navio de escolta norte-americano, e os riscos eram tão altos que Winston Churchill mais tarde confessou em suas memórias que “a única coisa que realmente me assustou era o perigo dos submarinos alemães”.¹³ Durante a guerra, dezenas de milhares de marinheiros morreram no mar transportando suprimentos dos Estados Unidos para a Grã-Bretanha. Durante a viagem, o capitão tocava o apito do navio sem parar assim que qualquer coisa se aproximasse deles no horizonte. Era um apito que significava, como Martha disse com sarcasmo, “pelo amor de Deus não esbarre em mim, seu boçal, ou vou explodir”.¹⁴

Martha estava naquele navio de transporte por um simples motivo: foi a única maneira que ela conseguiu de cruzar o Atlântico. E ela estava naquele aperto por causa da traição de um certo Ernest Hemingway. Algo grande aconteceria no cenário europeu naquela primavera. A temperatura da guerra vinha aumentando drasticamente, com os Aliados bombardeando a França quase todas as noites agora. Estar lá como correspondente era algo que Martha Gellhorn queria muito.

Hemingway não apenas se apropriara do trabalho de Martha na *Collier's* — o que a deixou sem credenciamento oficial de imprensa e excluída até o verão de 1944 —, mas também se recusara a ajudá-la a conseguir um assento no voo da Pan Am que saiu de Nova York levando jornalistas para a Grã-Bretanha, para cobrir o que todos já sabiam que seriam algumas semanas cruciais na França. “Ah, não, eu não poderia fazer isso”, dissera Hemingway para ela ainda em Nova York.¹⁵ “Só aceitam homens no avião.” Ele sabia muitíssimo bem que haveria outras correspondentes naquele avião, claro. Hemingway queria apenas que a esposa ficasse em casa e agisse como uma mulher.

Para Martha, o golpe foi cruel e arrasador. “Desse jeito”, revelou ela para um amigo, em desespero, “vou perder o que mais desejo ver e escrever a respeito no mundo, e talvez na minha vida inteira.”¹⁶ Ficar de fora da invasão da França pelos Aliados exigiria “muito mais humildade e bom senso do que possuo agora”, e Martha Gellhorn conhecia muito bem o marido para suspeitar que ensinar a ela um pouco de humildade fazia parte da lição perversa de Hemingway. Ciúme profissional e uma tendência competitiva acirrada pontuaram o relacionamento dos dois, que agora naufragava seriamente.

Ao chegar ao cais de Liverpool naquela tarde, Martha estava com uma fúria acumulada de dezessete dias no mar em um cargueiro norueguês. Quando ela desembarcou em Londres e guardou as malas no quarto do Hotel Dorchester, Hemingway já tinha voltado a farrear no quarto do hospital com Shaw e Capa.¹⁷ Apesar da concussão e da cabeça enfaixada, havia garrafas vazias de bebidas destiladas e champanhe embaixo da cama.

Robert Capa era um dos amigos mais íntimos do casal e havia fotografado o casamento de Gellhorn e Hemingway para a revista *Life* em 1940. O badalado matrimônio do escritor e da jornalista fora uma grande reportagem. Agora o fotógrafo tirava fotos grosseiras de um Ernest Hemingway ligeiramente embriagado e de bunda de fora no quarto do hospital, posando alegre de avental hospitalar com “Pinky”, apelido da bela e jovem namorada ruiva de Bob Capa, Elaine Justin. Para os amigos, Papa sempre exagerava na macheza debochada. Porém, mesmo depois do golpe sujo que aplicara com a credencial de imprensa, Hemingway queria de Martha a compaixão típica de uma esposa por seu sofrimento, e não um pragmatismo implacável.

Infelizmente, Martha não estava muito no clima para compaixão. Os “falsos heroísmos” de Ernest Hemingway apenas a fizeram rir com desdém do melodrama e da autocomiseração do marido.¹⁸ Afinal de contas, como disse Martha, “se ele sofreu mesmo uma concussão, dificilmente poderia estar bebendo com os amigos”.¹⁹ Hemingway estava se aproveitando da situação: contava vantagem sobre sua bravura e, como sempre, exagerava. Ter escapado da morte por um triz mais uma vez fazia parte da velha ladainha do escritor, e bem naquele momento Martha Gellhorn estava um pouco cansada de ouvi-la.

A briga dos dois no quarto de hospital foi impressionante, e Martha não ficou por lá para bancar a enfermeira do enfadonho paciente. A espevitada Mary Welsh, no entanto, foi ao quarto dele mais tarde com um enorme buquê de tulipas e narcisos primaveris, transbordando compaixão.²⁰ Para Papa, aquilo resolveu a questão. O que Martha não sabia era que, de qualquer forma, Hemingway já havia mais ou menos pedido Mary Welsh em casamento no quarto dela certa noite no Hotel Dorchester. “Não conheço você”, dissera o escritor para Mary. Os dois estavam sentados na cama, em uma noite quente de primavera, na escuridão dos bombardeios aéreos.²¹ “Mas quero me casar

com você. Você é cheia de vida. É linda, como uma efemérida. Quero me casar com você agora, e espero me casar com você em algum momento. Em algum momento em que você possa querer se casar comigo.” Mary não sentiu exatamente repulsa pelos galanteios e elogios do gigante da literatura.

Hemingway recebeu alta do hospital alguns dias depois, em 30 de maio de 1944, uma terça-feira, e Martha se mudou para um quarto só dela no último andar do Dorchester. Ela queria um pouco de paz, longe das festas intermináveis de “Papa” e das tiradas do marido sobre seus fracassos como esposa. O casamento passava por problemas, e ela estava miseravelmente infeliz, mas imaginou que a briga iria esfriar, como sempre. Lá embaixo, no segundo andar do hotel, Ernest Hemingway e Mary Welsh combinavam outra coisa. Como o escritor argumentou com Mary: “Esta guerra pode nos manter afastados por um tempo, mas precisamos começar nossas Operações Conjuntas.”²²

Ainda em Nova York, já havia se desenrolado um jogo de golpes e traições entre os dois célebres jornalistas, e o caso da *Collier's* fora uma vitória dolorosa para Hemingway. A rivalidade entre marido e mulher, contudo, estava apenas se acirrando, e haveria mais arriscadas demonstrações de superioridade. No fim das contas, a história deles acabaria na França e levaria os dois — e também Robert Capa e Mary Welsh — de volta ao Hôtel Ritz em Paris antes do fim do verão.

De certo modo, foi no Ritz que as histórias de todos eles começaram.

Há um motivo para o bar na lateral do hotel na rue Cambon ser chamado de Bar Hemingway. No início da Segunda Guerra Mundial, depois de Paris ter caído na mão dos alemães e antes de Pearl Harbor, quando os americanos ainda eram neutros, o bar do Hôtel Ritz tinha sido o segundo lar de uma geração inteira de corajosos correspondentes de guerra e artistas modernistas expatriados.

Quase seis anos antes, em maio de 1938, Martha e Ernest haviam estado juntos em Paris. Naquela época, a história de amor do casal tinha menos de dois anos — e começara de maneira igualmente complicada. Hemingway visitara sua velha amiga Sylvia Beach, a proprietária americana da livraria Shakespeare and Company.²³ Naquela tarde, Sylvia juntou-se a ele e Martha para um almoço demorado. Mas quem deixaria de ficar recordando a época da juventude em Paris? Afinal de contas, o Ritz também estivera no centro da cena literária americana nos anos 1920 e no início da década de 1930, quando o câmbio tornou a cidade barata para artistas e sonhadores.

Na época frenética dos loucos anos 1920, F. Scott Fitzgerald tentou conquistar uma garota bonita no bar do Ritz oferecendo-lhe um buquê de flores. Ao receber uma recusa, o escritor comeu galantemente o arranjo inteiro, pétala por pétala, na frente da garota.²⁴ “A parte sensacional”, disse Hemingway, rindo, “foi que aquilo funcionou e Scott conquistou aquela beldade. Depois, sempre me referi a tais artimanhas e manobras como a Tática da Orquídea”.²⁵ O Hôtel Ritz fora sinônimo do glamour despreocupado daqueles dias libertários, quando as garotas ainda dançavam o charleston e continuavam se movendo sem parar até quando as pérolas voavam pelos ares.

O hotel permanecera como um farol reluzente nos anos 1930, parte da lenda que era Paris. Até no distante Harlem, em Nova York, “Puttin’ on the Ritz” fora o hino da cultura jovem. Coco Chanel — um ícone da moda havia muito tempo — já fazia o Ritz de lar por quase uma década.

Os funcionários e proprietários do hotel conheciam todos eles e ajudavam a manter a festa acontecendo. Por décadas, Marie-Louise Ritz — com as características luvas brancas, seguida por dois mimados Griffons de Bruxelas — administrava o hotel com mãos de ferro. Ernest Hemingway e Charley Ritz, filho de Marie-Louise, o entediado herdeiro natural, eram terríveis amigos de copo. A mãe ordenara que Charley voltasse das aventuras na incipiente indústria cinematográfica americana para trabalhar no negócio da família — depois de tê-lo mandado embora do país em 1928, completamente irritada. Mas Charley não conseguia se entusiasmar por administrar um hotel de luxo. Tudo com que ele de fato se importava era a pesca e sua cerveja *lager* holandesa favorita. Marie-Louise, como Charley disse sem meias palavras, era “a pessoa mais crítica que jamais conheci”,²⁶ e o filho não a impressionava.

A esposa de Charley, a americana Betty, era uma beberona ainda mais dedicada, e era por causa dela e de outra americana, Blanche Auzello, esposa do diretor do hotel, que as mulheres passaram a poder beber nos bares do Ritz.²⁷ Para Charley Ritz e Claude Auzello, restava discutir qual esposa era a maior alcoólatra.²⁸ Hemingway achava Blanche muito divertida e sempre planejou escrever um romance sobre o local. Se Blanche lhe repassasse as fofocas internas, prometeu Hemingway, ele até a incluiria como personagem — exatamente como Proust fizera pelo leal Olivier.²⁹

Agora, no início de junho de 1944, os mesmos jornalistas que haviam acampado no bar do Ritz no fim dos anos 1930 para cobrir a Guerra Civil Espanhola retomavam o caminho até Paris, esperando em Londres a chance de estar na primeira leva de repórteres a chegar à capital francesa. Afinal de contas, embora Adolf Hitler e seus generais não soubessem, faltavam apenas dias para as tropas aliadas desembarcarem nas praias da Normandia. Dentro de semanas, dezenas de milhares de rapazes americanos estariam marchando em direção a Paris.

Martha estava decidida a seguir as tropas de volta à França e conseguir o furo, mesmo que tivesse que fazer isso na surdina, sem a credencial de imprensa. Ela com certeza não pediria

permissão ao marido.

Ernest, com a cabeça enfaixada por causa do acidente e ainda mancando por conta dos ferimentos nos joelhos, estava com a credencial de imprensa em dia. O machucado na cabeça significava que ele não poderia voar com a força aérea britânica, como prometera à *Collier's*. Em vez disso, Hemingway viu a invasão do Dia D do mar, dentro de uma lancha de desembarque que chegou na sétima leva, quando a operação já se desenrolava havia algum tempo.³⁰

O desembarque na Normandia fora originalmente planejado para ocorrer no dia 5 de junho de 1944, naquela janela estreita de lua cheia e boa maré, mas o tempo não queria cooperar. Então, em vez disso, os Aliados saíram da Inglaterra na escuridão, e as primeiras tropas desembarcaram após o nascer do sol, em 6 de junho.

De onde Ernest Hemingway observava, a artilharia “soou como se estivessem jogando trens inteiros pelo céu”,³¹ e ele pôde ver a infantaria avançando na praia “lentamente, com dificuldade, como se fossem Atlas, carregando o mundo nos ombros”. De certo modo, eles carregavam. O futuro da França do pós-guerra dependia daquela operação.

Hemingway escreveu a reportagem para a *Collier's* a salvo, em terra firme, na Grã-Bretanha, e aquele foi o artigo principal da revista na cobertura do Dia D. Mas ele não esteve entre aqueles soldados que avançaram perigosamente pelos promontórios. Na Normandia, Ernest Hemingway nunca colocou os pés em terra firme. Ele ainda levaria seis semanas para voltar à França, enfim a caminho de Paris e do Hôtel Ritz.

Para Robert Capa e Martha Gellhorn, o Dia D acabou de maneira bem diferente. Capa sempre dizia a respeito do fotojornalismo de guerra que, “se as fotos não estão boas o suficiente, você não está perto o suficiente”.³² Quando a 1ª Divisão Americana de Infantaria desembarcou na praia de Omaha naquela manhã de junho, Robert Capa, aos trinta anos, estava entre os soldados, cobrindo o acontecimento para a revista *Life*. E não esteve na retaguarda da operação. “O correspondente de guerra tem a aposta — a sua vida — nas próprias mãos”, explicou o fotógrafo mais tarde.³³ “Sou um jogador. Decidi entrar com a Companhia E, na primeira leva.”

Dentro do navio de transporte no canal da Mancha, na escuridão do dia 5 de junho, os correspondentes e alguns oficiais passaram a noite jogando dados e pôquer. “Não importava se você ganhasse ou não”, afirmou um sargento a bordo, “era apenas um modo de passar o tempo. Você sabia que provavelmente não teria chance de recuperar o dinheiro mesmo.”³⁴ Às três da manhã, todos os homens se reuniram para um último café da manhã, uma refeição requintada com panquecas, ovos, linguiças e café. Às quatro da manhã, o navio estava a quinze quilômetros da praia, e todos a bordo ficaram no convés, em silêncio. “Eu estava pensando um pouco sobre tudo”, contou mais tarde Robert Capa, “sobre campos verdes, nuvens cor-de-rosa, ovelhas pastando, todas as épocas boas e, principalmente, sobre tirar as melhores fotos do dia. Nenhum de nós estava nem um pouco impaciente, e não teríamos nos importado em ficar na escuridão por muito tempo.”³⁵

O alto-falante deu as últimas ordens. “Lutem para levar as tropas a terra firme (...) e, se tiverem alguma força sobrando, lutem para se salvar (...) Lancem todos os botes! (...) Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome.”³⁶ Às 5h50 da manhã, os disparos começaram.

Mais tarde, ele se recordaria do momento em que “o fundo chato de nosso bote tocou na terra da França (...) Minha linda França parecia sórdida e repulsiva, e uma metralhadora alemã cuspiu balas (...) e estragou completamente meu retorno”.³⁷ Na água ao lado das tropas, com os rolos de filme protegidos da umidade por preservativos do Exército, Capa começou a bater fotos enquanto as balas rasgavam a arrebentação em volta.³⁸ Ele tirou 106 fotos do combate antes de subir a bordo de uma lancha de desembarque de tropas e foi retirado da operação por um mecânico de dezenove anos chamado Charles Jarreau.³⁹ Conforme o barco começou a se afastar do litoral, ele pensou: “Esta é a minha última chance de voltar à praia.”⁴⁰ “Não voltei”, confessou o correspondente mais tarde. “Os rapazes do refeitório que serviram o café usando casacos e luvas brancos às três da manhã estavam cobertos de sangue e colocavam os mortos em sacos brancos.” Ele passara noventa minutos na água e agora estava desmaiado no convés, exausto.

Quando Robert Capa desembarcou outra vez nas docas da Inglaterra no início do dia 7 de junho, um avião estava à espera para conduzi-lo logo para Londres. O mundo queria ouvir as primeiras transmissões de rádio daqueles que testemunharam os desembarques. Capa, no entanto, não conseguiu fazer aquilo. Ele entregou os rolos de filme para um mensageiro que os levaria para revelação em Londres e depois pegou o primeiro barco que encontrou de volta para a Normandia. O correspondente retornou às praias na manhã seguinte.⁴¹ daquelas 106 imagens, apenas onze sobreviveriam à incompetência de um assistente de câmara escura. As que chegaram a ser reveladas se tornaram imagens icônicas dos desembarques do Dia D.

Martha Gellhorn também conseguiu chegar às praias da Normandia. Sem credencial oficial de imprensa, apesar dos anos como correspondente de guerra, ela teve que mentir para chegar lá. No dia 5 de junho, noite da véspera da invasão, Martha convenceu um marinheiro britânico a deixá-la

embarcar em um navio-hospital, alegando que estava ali a fim de entrevistar uma enfermeira para uma reportagem. Na verdade, aquele era o primeiro navio-hospital a cruzar o canal com destino às linhas de frente da batalha. Lá, Martha trancou-se no banheiro até o navio, pintado de um branco fantasmagórico e marcado apenas com cruces vermelhas, deixar o porto. Ela escreveu no diário: “21h46, mais ou menos. Em cinco segundos, a ordem será dada para o mundo.”⁴²

Quando sentiu o balanço das ondas no momento em que a embarcação saía do canal, Martha subiu com as enfermeiras. “Ao sairmos do porto naquela noite”, escreveu a jornalista, “passamos por um navio indo para a mesma direção. Ele era cinza contra a água cinza e o céu cinza, e em seus conveses, bem espremidas, de cáqui, silenciosas e imóveis, estavam tropas americanas. Ninguém acenou e ninguém chamou. O navio cinza abarrotado e o navio branco vazio saíram lentamente do porto em direção à França.”⁴³ Havia mais de cinco mil embarcações aliadas atravessando o canal naquela noite. Algumas dezenas de milhares de rapazes e moças a bordo não viveriam para retornar à Grã-Bretanha.

Todas as enfermeiras estavam “terrivelmente assustadas”, recordou-se Martha.⁴⁴ “Bebemos muito uísque (...) Eu estava com muito medo, bebi e perdi o medo.” De manhã, na primeira leva do desembarque, ela viu, sem poder fazer nada, os corpos de alguns daqueles rapazes, agora “sacos inchados e acinzentados”, passarem flutuando pelo navio. Eram aqueles que nunca conseguiram chegar às praias da França, tendo sido mortos na água.

Quando as enfermeiras desembarcaram no litoral, Martha Gellhorn estava entre elas. A correspondente juntou-se à equipe de padioleiros e trabalhou freneticamente lado a lado com outros médicos nas praias e nos promontórios. Só depois ela voltaria a Londres e escreveria as reportagens como freelancer da *Collier's*. A revista teve o bom senso de não deixar de publicá-las, e Hemingway nunca perdoou a esposa por chegar à França antes dele.

Por ter ido de navio à França ilegalmente e ter feito reportagem sem credencial, Martha foi presa pela polícia do Exército e confinada em um campo de treinamento de enfermeiras nas proximidades de Londres. No entanto, ninguém poderia deter a esperta Martha Gellhorn. Ela fez uma fuga dramática do campo como uma legítima prisioneira, um passo à frente da polícia do Exército. A jornalista estava de volta ao cenário europeu. No fim das contas, Martha se reencontraria com Robert Capa, Ernest Hemingway e Mary Welsh — juntamente com alguns daqueles soldados — no Hôtel Ritz. As tropas aliadas já estavam em combate avançando para leste, em direção a Paris.

Alguns dos que haviam passado a Segunda Guerra Mundial vivendo no luxo do Ritz apenas começavam a entender que, com a chegada dos Aliados, viria um terrível acerto de contas.

A ATRIZ FRANCESA E SEU AMANTE NAZISTA



Fotograma de Arletty em *Os visitantes da noite*, 1942.

O colaboracionismo é difícil.¹

— René, conde de Chambrun

Em 27 de maio de 1944, enquanto Ernest Hemingway enchia a cara no leito do hospital em Londres, o pequenino filósofo e autor francês Jean-Paul Sartre estava com sua boina preta em Paris, comemorando a estreia de sua nova peça, *Entre quatro paredes*, no Théâtre du Vieux-Colombier, onde, antes da guerra, multidões haviam se reunido para ver Béatrice Bretty em papéis consagrados.² Embora a atriz vivesse no exílio, os teatros continuaram cheios durante a ocupação. Na verdade, raramente a cena teatral estivera tão agitada. Com uma famosa mensagem do teatro do absurdo, *Entre quatro paredes* era a história de três pecadores permissivos trancados em uma sala “sem saída”. Em francês, o título é bem enfático: *Huis Clos* é a tradução literal do termo jurídico em latim *in camera*, usado para um julgamento a portas fechadas.

A peça de Sartre era incomodamente atual. Com a ocupação chegando ao momento crítico naquele verão, muitos pecadores logo se dariam conta de que eles também poderiam acabar sendo julgados a portas fechadas em Paris e encarar consequências angustiantes.

Uma das mulheres na plateia do Vieux-Colombier naquela noite era Léonie Marie Julie Bathiat, dona, aos 46 anos, de uma beleza madura. Nascida em um subúrbio de classe trabalhadora de Paris apenas algumas semanas antes de o Hôtel Ritz abrir as portas para o público, ela progrediu daquela origem humilde e de um início de carreira como dançarina de cabaré para a fama internacional com um papel no filme *Hotel do norte*, de Marcel Carné, lançado em 1938. Ambientado não na glamorosa Place Vendôme, e sim no canal Saint-Martin, um lugar bem mais decadente de Paris, o filme tem Léonie Marie Julie Bathiat como uma prostituta impenitente em uma comédia de humor negro passada no Dia da Bastilha. Agora uma das estrelas de cinema mais famosas de sua geração, ela era

conhecida por todos na França apenas como Arletty. Mais tarde, ao falar da peça de Jean-Paul Sartre, afirmou que o espetáculo daquela noite foi “um enorme sucesso”, apesar de a atriz principal ter sido presa pela Gestapo.³

Talvez Arletty tivesse até mesmo ido à estreia com seu jovem amante nazista. Ela estava apaixonada naquele verão. Seu amado era um tenente alemão louro chamado Hans-Jürgen Soehring, que começara a carreira estudando advocacia em Grenoble e agora estava agregado ao gabinete do comandante da Luftwaffe de Paris.

O caso de amor entre Arletty e Soehring fora um romance marcadamente público. Filho de um diplomata, Hans-Jürgen apresentou a atriz à literatura alemã em noites aconchegantes em frente à lareira com o dramaturgo e roteirista de cinema Sacha Guitry, velho amigo de Arletty. Os amantes gostavam de demorados *lunches à deux* logo na esquina do Hôtel Ritz, no sofisticado Café Voisin, da rue Cambon, ponto de encontro preferido dos oficiais alemães.⁴ Ela apresentou Hans-Jürgen aos prazeres da Paris metropolitana — especialmente os teatros e as óperas. Os dois costumavam ser vistos pela capital comparecendo a espetáculos.⁵

Quando a notícia dos desembarques dos Aliados na Normandia varreu Paris em 6 de junho, Arletty passou a se ver diante de uma decisão difícil. Era a mesma decisão que outros haviam encarado antes dela. Como muitos cidadãos comuns da Paris ocupada, Arletty considerava-se neutra. Afinal de contas, a queda da França não fora ideia dela. Quando indagada, ela admitia que não apoiava Charles de Gaulle e seu partido “gaullista”. Mas também não era nazista. Era, como afirmou de maneira impertinente, nada mais do que uma “gauloise”⁶ — uma fã dos cigarros Gauloises, marca tipicamente francesa e preferida de colegas artistas e amigos como Pablo Picasso e Jean-Paul Sartre.

Mais cedo ou mais tarde, no entanto, ela teria que apoiar um lado ou o outro. Os amigos alemães já alertavam que o momento de decisão estava chegando. Em breve, Arletty precisaria escolher entre Hans-Jürgen e Paris.

A atriz não era a única francesa a ter passado a ocupação vivendo no luxo do Ritz com um amante alemão. Na verdade, havia muitas nessa situação no verão de 1944. Afinal, o hotel era um local singular onde oficiais do alto escalão do Terceiro Reich e diplomatas das potências do Eixo podiam conviver tranquilamente com civis franceses.

Algumas das mulheres que fizeram do Ritz um lar durante a guerra eram apenas moças francesas bonitas e charmosas que estavam dispostas — ou eram forçadas — a ignorar as nuances do patriotismo. Em suas memórias da ocupação, Drue Tartière,⁷ atriz americana de filmes B e corajosa integrante da Resistência, registrou que, mesmo na rua em que morava, em um pequeno subúrbio de Paris, havia uma mulher cuja filha residia no Ritz e enviava da Place Vendôme comida suficiente para sustentar a família. O escritor alemão Ernst Jünger, outro frequentador do Ritz durante a guerra e amigo de Arletty, descreveu sucintamente a questão em uma noite dos anos 1940, durante um jantar suntuoso no famoso Tour d’Argent, o restaurante mais antigo de Paris: “Comida é poder.”⁸ Enquanto havia champanhe e ostras no Ritz durante a ocupação, grande parte da cidade sofria com uma escassez de alimentos arrasadora e com a desnutrição, que possivelmente chegou a afetar 20% dos habitantes.

Até mesmo Coco Chanel teve um amante alemão, o divorciado Hans von Dincklage, um homem aristocrático e delicado. Ele era outro espião que espreitava os bares do hotel e operava os telégrafos secretos — embora ninguém nunca soubesse ao certo a serviço de quem Von Dincklage espionava. Alguns diziam que ele era íntimo do almirante Wilhelm Canaris, um agente duplo da Resistência alemã em Paris. Outros diziam que espionava para o Terceiro Reich.

Muitas pessoas no Ritz durante a ocupação tinham contatos com a indústria cinematográfica. Era a inevitável ressaca dos anos 1910 e 1920, quando o hotel fora o epicentro do mundo do cinema — do qual Paris, e não Los Angeles, foi pioneira. Foi por isso que Blanche Auzello foi primeiro para a capital. Agora, o general alemão Otto von Stülpnagel — um homem “que adorava fazer reféns e matá-los”,⁹ como disse uma pessoa que o conheceu — era regularmente visto almoçando no salão do hotel com uma famosa agitadora do cinema e espiã. José de Chambrun, filha aristocrática de Pierre Laval, alto funcionário de Vichy, era uma defensora decidida de astros de cinema e, com seu talento para conseguir autorizações de viagem, praticamente agente deles durante a guerra.¹⁰

Desde a primavera de 1943, Arletty volta e meia se deslocava para o sul da França por causa de mais um filme que ela estrelava sob a direção de Marcel Carné, que acabou sendo lançado em 1945 como *O boulevard do crime*. José de Chambrun acionou todo tipo de contato para conseguir os vistos alemães necessários para os atores e a equipe de filmagem, e Arletty beneficiou-se financeiramente com a ajuda da amiga. Seu salário de estrela de cinema naquela primavera foi de 100 mil francos por semana — 160 vezes o salário semanal de uma família parisiense comum.¹¹

Do lado de fora das portas do Hôtel Ritz, a França naufragava em um caos brutal em meados de junho. Os desembarques dos Aliados na Normandia ainda aconteciam, e, encorajada, a jovem Resistência entrava em ascensão. Também havia alertas constantes de bombardeio aéreo na cidade,

em geral até três ou quatro vezes ao dia.¹² Toda noite, pilotos e artilheiros dos Aliados eram abatidos na França. No solo, a Gestapo caçava freneticamente com cães e balas os aviadores que sobreviviam ao combate aéreo. O pai de Josée de Chambrun, um dos arquitetos do colaboracionismo de Vichy, estava envolvido nessas operações de terror.

No Hôtel Ritz, contudo, até mesmo os abrigos de bombardeio eram prazeres de primeira classe. Os porões eram equipados com sacos de dormir de seda feitos pela Hermès e tapetes de pele, e Noël Coward,¹³ um inglês espirituoso — postado durante um tempo no gabinete britânico de propaganda de guerra em Paris, no decorrer da guerra falsa* —, não conseguiu controlar o riso ao se lembrar das criadas de Coco Chanel indo atrás dela, carregando a máscara de gás em uma almofada de cetim. Era um grande alvoroço. Todo mundo sabia que os alvos militares estavam longe da Place Vendôme, localizados em algum lugar nas proximidades dos pátios ferroviários nos subúrbios. Nas noites daquela primavera, as baixas em regiões de Paris rivalizaram com as piores perdas durante a Blitz em Londres, em 1940 e 1941. A resposta de Arletty para qualquer coisa desagradável era fazer piada. Ela escreveu para Hans-Jürgen: “Paris decreta, a França obedece (...) É explosão para todos os lados.”¹⁴

Ná metade de junho de 1944, os ânimos se acirraram pela Europa rapidamente, em parte porque os Aliados estavam brigando entre si. Charles de Gaulle discutia com os ingleses e os americanos, que se recusavam a colocá-lo como o governante natural da França do pós-guerra e insistiam em um governo militar interino composto por Aliados. Winston Churchill estava irritado, e a situação terminou com De Gaulle chamando o primeiro-ministro britânico de “gângster”¹⁵ e partindo para Bayeux, na França, em 14 de junho.

A parte a acusação feita por De Gaulle, àquela altura um grupo inteiro de gângsteres de verdade *estava* agindo sem controle em Paris. Em 14 de junho, Joseph Darnand — que recebera o triste apelido de “o Himmler francês” — era o ministro do Interior de Vichy. Ele coordenava as operações terroristas do dia a dia para a polícia francesa, cujo comandante era o pai de Josée, Pierre Naval.

Entretanto, Darnand comandava uma operação clandestina. Com sua promoção a secretário, a cidade descambou para o que era efetivamente uma guerra civil entre os esquadrões de trogloditas paramilitares de sua Milícia e a implacável guerrilha da rede de resistência. Ainda no fim de junho, um número surpreendentemente pequeno de cidadãos franceses resistia de fato à ocupação alemã. Antes do fim do verão, a Resistência organizada chegaria a talvez umas duzentas mil pessoas em toda a França — menos de 3% da população, a despeito das bravatas que tenham contado depois.¹⁶

No fim do mês, conforme os desembarques na Normandia diminuía e as notícias de que os Aliados ganhavam terreno se espalhavam, os administradores alemães de alto escalão demonstravam sinais de apreensão. O embaixador Otto Abetz e sua esposa, a francesa Suzanne, faziam planos de evacuação. Hans-Jürgen Soehring encorajou Arletty a fazer o mesmo.

Mais uma vez, a atriz riu das preocupações do amante. Ela não conseguia acreditar que Otto e Suzanne planejavam uma rota de fuga. Otto foi “a primeira autoridade alemã que conheci”, reclamou Arletty para Hans-Jürgen.¹⁷ O primeiro encontro acontecera na casa de Sacha Guitry em 1940. Se ele estivesse para ir embora, seria o fim de uma era.

Hans-Jürgen conversou com Otto e Suzanne sobre a situação. Ele sabia que, quando os Aliados chegassem, ninguém imaginaria que os ocupantes tivessem sido neutros. Arletty podia ir com eles quando fossem embora para a Alemanha. A papelada poderia levar um tempo, mas Josée prometeu que ajudaria. Ou Hans-Jürgen poderia levá-la com ele para Berlim, se ela quisesse. Ele até se ofereceu para dar um jeito de Arletty ir para a Suíça, caso a fuga para a Alemanha ofendesse seus sentimentos patrióticos.¹⁸ Fosse o que fosse, Hans-Jürgen insistiu para que ela fizesse algo — e saísse de Paris imediatamente.

Arletty não dava ouvidos. A crise não a atingiu até o fim da primeira semana de julho, quando duas coisas aconteceram.

Primeiro, Hans-Jürgen Soehring disse que estava indo embora de qualquer maneira. O tenente da Luftwaffe ainda queria que Arletty partisse com ele. Mas os alemães evacuariam Paris.

A segunda coisa foi um assassinato brutal. A vítima foi Georges Mandel, velho amigo de Arletty que residia no Hôtel Ritz. No dia 7 de julho, os gângsteres da Milícia de Pierre Laval o levaram para a floresta de Fontainebleau, não longe da cidade, e o mataram a tiros, como aviso para a Resistência. Arletty não pôde mais evitar a dura realidade: para algumas pessoas, Paris estava ficando perigosa. O problema era que ela ainda não se via como um dos indivíduos vulneráveis.

A história de guerra de Georges Mandel começara e terminara em Paris. O que aconteceu foi horrível. Jornalista que se tornara político, ele foi prisioneiro por quase quatro anos e passou a primeira parte do confinamento em uma solitária nas proximidades de Berlim. Na primavera de 1943, os captores o transferiram para Buchenwald, onde, por um tempo, ele teve permissão de escrever algumas cartas de amor para Béatrice Bretty — até a Gestapo se ofender com o tom das mensagens. Mandel não confessou naquelas cartas que já estava muitíssimo doente. “Com o remédio para dormir do campo”, anotou ele no último registro no diário, “dormi apenas cinco horas

(...) Acordei passando mal, com dor e náusea. Foi muito difícil me levantar e me vestir. Tomei apenas uma xícara de chá fraco de manhã (...) Eu me sinto absolutamente sozinho. Não posso contar com ninguém. Tudo o que faço é observado.”¹⁹ Ele estava sob constante vigilância.

Então se espalhou pelo Ritz a notícia de que um residente querido de longa data — o homem cujo apoio fora o principal fator que convencera Marie-Louise Ritz de que ela estava certa ao manter o hotel aberto — havia sido levado de volta a Paris e assassinado. As ordens tinham partido do gabinete do Ministério da Justiça, situado em frente ao Hôtel Ritz, na Place Vendôme.²⁰

Nos bastidores, ocorrera um violento confronto de uma semana entre Pierre Laval e Otto Abetz. No primeiro dia do mês, um presunçoso Abetz — que havia meses incitava a morte de Georges Mandel — disse para Laval, como líder dos ministros de Vichy, que o prisioneiro judeu estava sendo levado de avião a Paris. Laval deveria garantir que ele fosse executado. “Isso não é lá um grande presente que você está me dando”, reclamou Laval, sem muito empenho.

Uma semana depois, a Gestapo francesa meteu nove balas em Mandel, enfiou o corpo crivado por tiros no porta-malas de um carro e metralhou o veículo. O objetivo era ridicularizar a Resistência ao fazer a morte de Georges Mandel parecer o ato de um movimento francês enlouquecido.

Ao saber da notícia em Londres, Winston Churchill, velho amigo de Mandel, só pôde se sentir oprimido. Charles de Gaulle ainda provocava atrito com os anglo-americanos. Mandel era, como Churchill sempre proclamara, “o primeiro resistente”. Naquele último verão da ocupação, era possível ouvir o primeiro-ministro britânico desejar em voz alta que as coisas tivessem ocorrido de outra forma para a França e seus aliados.²¹ Aquelas tensões entre De Gaulle e a aliança anglo-americana seriam um legado duradouro da guerra e moldariam o futuro de uma Europa moderna pós-guerra.

A cobertura dos jornais era um sinal de como o clima estava sombrio em Paris naquele verão. Para quem se importava em recordar o julgamento de Alfred Dreyfus, a retórica era tristemente familiar. *Je Suis Partout*, um jornal de direita, antes editado pelo escritor francês Robert Brasillach e agora por um certo Pierre-Antoine Cousteau, deu a notícia do assassinato em um linguajar totalmente antissemita: “Lamentamos que o judeu Mandel, que merecia mil vezes a morte, (...) não tenha sido julgado publicamente e fuzilado. Mas o mais importante é que o judeu Mandel não existe mais.”²²

Laval insistiu que a morte do antigo arquirrival político não foi culpa dele. Na verdade, embora fosse tarde demais para que Laval — o homem que assinou as ordens de deportação dos judeus — começasse a ter consciência, ele jurou que tinha tentado deter a execução. Soubera do assassinato — e “não posso usar qualquer outra palavra” para aquilo, vociferou furioso — apenas na manhã de 8 de julho. As ordens haviam partido, ele tinha certeza, dos mais altos escalões do governo alemão. Não foi preciso muito para suspeitar que Otto Abetz soubesse algo a respeito. “Você deve ir agora à embaixada alemã”, falou Laval para um subordinado, “e dizer muito claramente para Abetz” que aquilo era o fim. “Um cadáver é o bastante!”²³

Mas em breve haveria outros cadáveres.

O assassinato marcou uma nova escalada na guerra ao estilo gângster que varria Paris, e o que de repente ficou claro para muitos que colaboraram com os alemães foi que a neutralidade não seria lá grande defesa quando — não *se*, mas *quando* — Paris fosse libertada. Laval reiterava que não fizera nada para trair o país. “Eu fui”, disse ele até o fim, nada mais do que “o curador de massa falida”.²⁴ Algumas pessoas no governo colaboracionista de Pierre Laval estavam se voltando contra ele, criticando sua “política de ‘neutralidade’” e exigindo maior apoio francês para o Terceiro Reich — e maiores poderes para a burocracia que o havia traído.²⁵

Fora daqueles círculos internos de colaboracionismo e acomodação, onde era desdenhado pela fraqueza, Laval sabia que era detestado por muitos compatriotas. Poucos em Paris acreditariam que a execução não fora culpa dele. Conforme as tropas aliadas chegavam cada vez mais perto da capital, a hora do julgamento ia se aproximando.

Com o assassinato de Georges Mandel, Pierre Laval perdera, como afirmou depois um colega de ministério, o único homem “capaz de interceder efetivamente por ele no dia do ajuste de contas”.²⁶ Para Laval — que começara a própria carreira na lei e conhecia julgamentos —, a peça *Entre quatre paredes* de Sartre já se provara profética: não havia mais estratégia de fuga possível. Ele sabia disso quando colocou o fone no gancho naquela manhã.

Arletty tinha visto Georges Mandel pela última vez no cais em Bordeaux, em 1940. Ela observara o barco que levava Béatrice Bretty sair lentamente do porto a caminho do exílio e de um lugar seguro. Arletty havia decidido não ir embora em um daqueles últimos barcos, mas, em vez disso, voltar para casa, em Paris.

Mandel também se recusara a ir embora, apesar da insistência de Churchill. Ele fora lutar com a França Livre, no norte da África. Tinha sido capturado quase imediatamente, traído e entregue às mãos de captadores alemães.

Alguns dias depois do assassinato, Arletty avistaria Pierre Laval pela última vez, em uma rua de Paris. Ele andava próximo ao rio, retornando do funeral de Mandel. Ela observou Laval ir em direção

à catedral de Notre Dame, curvado e cansado.

Durante semanas, Arletty rejeitou prontamente todos os planos e todas as sugestões apreensivas de Hans-Jürgen Soehring. Então, a atriz os considerou seriamente pela primeira vez. Em repetidas ocasiões, ela recusara o apelo do amante. “Eu, ir embora?”, brincava Arletty.²⁷ “Jamais. Prefiro que cortem minha cabeça na França. No meu país.” Mais tarde ela contou: “Quando eu disse para ele que não iria, ele me disse: ‘Vou salvar Paris.’”

Soehring então não fez mais promessas sobre os alemães salvarem a capital francesa.

Arletty ligou para Sacha Guitry, seu velho confidente. Ele sabia que a atriz lutava para tomar uma decisão. “Ela já estava inquieta”, comentou Guitry depois.²⁸ “Até mesmo Arletty falou a respeito de problemas vindouros. Conversou um pouco — mas apenas *pro forma*.” Sem querer admitir, a destemida Arletty estava ficando nervosa.

A atriz era incapaz de encarar a realidade. Tinha vivido em um casulo de luxo durante a ocupação, como uma famosa estrela de cinema. Às vezes, a linha entre a vida real e aquelas imagens de fantasia se tornava um tanto indistinta.

Aquele senso de ilusão seria a ruína da atriz. Os administradores alemães, hospedados no Hôtel Ritz e nas grandes mansões particulares que foram confiscadas por toda a cidade, viram o futuro claramente. Nas grandes suítes da Place Vendôme, os oficiais nazistas estavam fazendo as malas.

Diante da escolha entre a bravata e o reconhecimento da própria vulnerabilidade, Arletty fez aquilo que a tornara famosa como personagem de cinema: apelou para a reação jocosa e irônica. Ela refletiu sobre as questões de neutralidade e culpa e decidiu que nada daquilo — aquela guerra e todas as suas coisas horríveis — era da conta dela. Seu único crime, até onde via, era ter se apaixonado por um oficial charmoso que por acaso era alemão, e com certeza isso era um assunto particular. Para qualquer um que contestasse sua ligação com os ocupantes, Arletty tinha uma resposta afiada na ponta da língua: “Se vocês não os tivessem deixado entrar, eu não teria dormido com ele.” Depois, ela foi mais grosseira: “Meu coração é francês, mas minha bunda é internacional.”²⁹

Arletty amava Hans-Jürgen Soehring. Amava não apenas com paixão, mas também de maneira dramática, até mesmo insana. Mas ela foi teimosa ao dizer para ele outra vez que não iria embora de Paris. A decisão agora teria que ser irrevogável. As coisas entre os dois jamais seriam as mesmas novamente, não com o que aconteceu em seguida.

Foi apenas quando Soehring partiu que Arletty começou a suspeitar que sua recusa e sua atitude defensiva teriam consequências. Paris parecia mais solitária e brutal do que ela imaginara ser possível. Quando a atriz ligou para Guitry, não foi apenas para conversar.

“O que você acha que vai acontecer?”, perguntou ela.³⁰

“Não se preocupe”, respondeu Sacha.

Mas aquelas palavras não tinham mais significado para nenhum dos dois.

Às lágrimas, Arletty enfim falou com Guitry que desejava ter ido com Hans. Talvez ela fosse embora de Paris em algumas semanas. Mas partir não era mais tão fácil assim. No verão de 1944, dentro do Ritz, todos estavam *huis clos* — trancados entre quatro paredes em uma cidade às vésperas de uma explosão desenfreada de justiça pelas próprias mãos, que deixaria até mesmo um mundo calejado pela guerra surpreso com sua crueldade.

Em breve, Arletty se veria como um dos alvos principais.

* Fase inicial da Segunda Guerra Mundial marcada pela ausência de grandes operações militares por parte da Inglaterra e da França contra o Terceiro Reich, entre setembro de 1939 e maio de 1940. (N. do T.)

O BARMAN JUDEU E A RESISTÊNCIA ALEMÃ



O bar do Hôtel Ritz, em Paris, logo antes da ocupação.

Um bom barman realmente precisa ter tudo o que um diplomata deveria ter e algo mais.

— Introdução ao livro *The Artistry of Mixing Drinks*, de Frank Meier, 1936

No bar do Hôtel Ritz na rue Cambon, tudo parecia esplendidamente tranquilo. O balcão de mogno reluzia, e Frank mandou que alguém lustrasse da noite para o dia os metais e espelhos até que brilhassem, como sempre.

Entretanto, o dia 21 de julho de 1944, uma sexta-feira, foi tudo menos um dia normal no Ritz, e Frank estava atordoado.

Tanto o general Carl-Heinrich von Stülpnagel, comandante militar de Paris, quanto seu oficial de ligação, o coronel Caesar von Hofacker, andavam nervosos desde a sexta-feira anterior.¹ O general morava em aposentos no hotel e comandava de lá as operações cotidianas na cidade desde sua nomeação.

Havia se espalhado rapidamente por Paris a notícia de que, no dia anterior, uma tentativa de assassinar Adolf Hitler por parte de alemães nacionalistas tinha falhado por completo. Foi uma derrota espetacular para a Resistência alemã.

Frank sabia que boa parte da conspiração tomara forma enquanto ele bebia seus coquetéis. Sabia porque fizera parte do plano, pelo menos superficialmente.

O saguão do Ritz já estava apinhado de soldados da tropa de choque da SS — a notória milícia Schutzstaffel de Heinrich Himmler —, e até mesmo os alemães que não sabiam nada sobre a trama estavam assustados. O general Von Stülpnagel, que recebera ordens para retornar a Berlim imediatamente, tentara cometer suicídio naquela manhã, na estrada que saía de Paris, e estava então sob custódia da Gestapo. Von Hofacker e Hans Speidel, outro coronel alemão e frequentador da Place Vendôme, estavam desaparecidos.

Frank tinha trabalhado como uma espécie de agente para todos eles.

Com tantos nazistas do alto escalão envolvidos naquele fracasso, era improvável que a Gestapo fosse lhe fazer perguntas prontamente. Não, era Blanche Auzello que personificava o verdadeiro risco. Ela tinha sido presa pela Gestapo havia seis semanas, em 6 de junho, quando saíra comemorando, num ato de imprudência, os desembarques dos Aliados na Normandia. Blanche Auzello era judia. Frank sabia porque ajudara a forjar um passaporte para ela, que também

trabalhava para a Resistência.²

Na verdade, Frank conhecia pelo menos dois outros funcionários do Ritz que também conduziam operações de oposição. De uma forma ou de outra, boa parte da equipe sabia do segredo. O hotel era um lugar pequeno demais para se esconder tudo. Então todos os funcionários encararam o teste definitivo de lealdade e coragem: será que alguém cederia sob a atmosfera de terror e trairia todo mundo para a Gestapo? Havia alguma forma de alertar os elos mais fracos do grupo?

Enquanto vestia o jaleco branco do bar e ajustava o pincenê, Frank refletiu sobre a semana anterior. A sexta-feira anterior fora o Dia da Bastilha — 14 de julho —, o feriado nacional patriótico da França. Como um sinal de que as coisas estavam mudando rápido, cem mil parisienses apareceram para encarar os blindados alemães do governo militar e fecharam ruas com tiros e fogueiras. A intimidação das forças militares alemãs suprimiu a manifestação, mas pela primeira vez houve um perceptível odor de fumaça e de obstinada resistência no ar.

Naquela noite, o coronel Speidel inesperadamente retornou a Paris. Ele havia morado no Hôtel Ritz em tempo integral por vários anos no início da guerra, quando assumira o cargo de chefe de Estado-maior da cidade, em 1940.³ Durante os dois primeiros anos após a queda da França, Speidel estivera mais ou menos encarregado de supervisionar as operações do hotel, o que na maioria das vezes significava colocar panos quentes em situações diplomáticas e tentar explicar por que faltava caviar durante a guerra. O Ritz era o lugar perfeito para a segunda missão: fomentar um seleto grupo de artistas e cientistas que continuasse a manter viva a cultura parisiense. Era parte da grande visão do Führer. Na verdade, quando Adolf Hitler visitara Paris no primeiro verão da ocupação, Hans Speidel havia sido o guia turístico.

Em 1944, Speidel tinha avançado para questões políticas e militares mais importantes e passava a maior parte dos dias no castelo fortaleza de La Roche-Guyon, a quarenta quilômetros da capital. Era um quartel-general militar regional, e ele não voltara a Paris desde abril, quando começara no novo cargo como chefe de gabinete do comandante do Grupo B do Exército, o marechal de campo Erwin Rommel, conhecido como a “Raposa do Deserto”.⁴ Quando Hans enfim chegou a Paris, foi no Hôtel Ritz que se sentiu em casa, e todos ainda se lembravam dele.

Conforme Frank refletia sobre os riscos, a vulnerabilidade e todas as ocasiões em que os funcionários do Ritz evitaram a atenção dos alemães, tornava-se difícil não pensar em Hans Speidel. Em primeiro lugar, ele era um dos alemães que sem dúvida suspeitavam da verdadeira identidade de Blanche. Havia boatos de que lá atrás, nos anos 1920, ela desembarcara em Paris como *mademoiselle* Blanche Rubenstein, uma estrela de filmes B germano-americana de origem judaica, amante de um príncipe egípcio e de playboys.⁵

Coco Chanel também sabia do segredo de Blanche daquela época. Certo dia, ao passar por ela em uma escada dos fundos no Ritz, a já idosa estilista a detivera. “Uma de minhas vendedoras me disse que você é judia, Blanche”, afirmou Chanel.⁶ “Você não pode provar que é judia, não é?”, continuou. Nada mais foi dito sobre esse comentário enigmático, mas Blanche considerou de mau agouro aquela insinuação. Todo mundo sabia que a estilista estava disposta a jogar sujo em relação à questão dos judeus. O advogado de Chanel, René de Chambrun,⁷ marido da badalada filha de Pierre Laval, Josée, já estava ajudando a estilista a tirar sua empresa de perfumes das mãos dos sócios judeus para quem ela vendera o controle societário no início dos anos 1920. E Blanche não era uma das favoritas de Chanel.

Quando os alemães olharam os documentos de Blanche, tudo estava tecnicamente em ordem. Fazia anos que seu passaporte indicava que ela era Blanche Ross, católica, de Ohio. No entanto, Blanche não parecia fazer ideia de onde Cleveland ficava no mapa. Ninguém ficou convencido. De alguma forma, a questão nunca foi levada adiante, e, como era casada com um cidadão francês, Blanche teve permissão para permanecer em Paris.

Frank ficou contente por Blanche não ter cedido naquela ocasião e torcia para que não fosse ceder agora também. No entanto, com o envolvimento de residentes do hotel em uma conspiração para assassinar Hitler e Göring, era fácil imaginar um agente perspicaz da Gestapo voltando a pressioná-la.

O passaporte era coisa do passado, claro. Tinha sido Frank quem ajudara Blanche a falsificá-lo, mais de uma década antes. Ele ainda ajudava pessoas que precisassem sair da França ocupada a forjar passaportes.⁸ E apresentara Blanche a um contato judeu chamado Greep, que por 100 dólares emitiu documentos falsos e lhe tirou alguns anos da idade oficial no processo. Blanche renovou o passaporte no consulado americano, e o novo documento era perfeitamente legítimo.

O problema era que ela tinha trabalhado com Greep mais recentemente. Greep também era integrante da Resistência, e sua ajuda fora necessária como parte de uma operação para tirar da capital um artilheiro da força aérea britânica que havia sido abatido.⁹ Blanche falava alemão como uma nativa e, durante a guerra, ajudou aviadores abatidos a saírem do território inimigo por meio de várias redes clandestinas. Aviadores estavam voltando a cair do céu com uma frequência espantosa.

Blanche, porém, estava na prisão, e o problema era que, mesmo quando dava o melhor de si, ela não era exatamente discreta ou confiável. Gostava de uma demonstração inoportuna de resistência.¹⁰ Na verdade, foi uma resistência inoportuna a culpada por sua enrascada de então — pois já não era a primeira vez que ela era presa pela Gestapo. De acordo com uma fonte, Blanche e uma amiga do Leste Europeu chamada Lily Kharmayeff estavam jantando no Maxim's no dia 6 de junho quando a notícia dos desembarques na Normandia deixou alguns alemães especialmente violentos. Circulavam versões diferentes da história. Algumas diziam que uma Blanche um tanto embriagada exigira repetidas vezes, em alemão, uma versão de "God Save the King" para a orquestra e reclamara a respeito das ostras frescas serem reservadas aos alemães.¹¹ Outras versões diziam que ela se voltara para duas francesas em um almoço romântico com seus amantes nazistas e falara que elas eram putas e traidoras. Mais tarde, o sobrinho de Blanche disse que ela alegou ter jogado uma taça de champanhe no colo de um oficial alemão quando ele lhe saudou com um "Heil Hitler!".¹² Aqueles que a conheciam bem suspeitavam que, infelizmente, todas essas histórias eram prováveis, embora os relatos sobre as várias prisões de Blanche sejam frequentemente confusos. Muitas pessoas em Paris compartilhavam daquelas opiniões, mas expressá-las em voz alta era imprudente.

Lily e Blanche foram imediatamente levadas para o famoso campo de prisioneiros em Fresnes, por desacato aos alemães. Foi uma tolice, e não apenas por causa das consequências imediatas. Tanto Lily quanto Blanche passaram a ser investigadas. Se a Gestapo descobrisse o que as duas de fato andavam aprontando, o resultado seria a execução sumária. E elas não seriam as únicas. Lily e Blanche poderiam facilmente arrastar boa parte dos funcionários do Ritz com elas.

Lily Kharmayeff lutara na Espanha durante a guerra civil e depois se envolveu na Resistência franco-espanhola em Paris. Provavelmente também fazia parte do círculo de atores e cineastas exilados da Rússia que trabalhara em Paris durante os anos 1920 e 1930 com o diretor Yakov Protazanov. Talvez ela e Blanche tenham se conhecido no set do filme *Pour une nuit d'amour*, que o cineasta lançou em 1923.¹³ Uma das atrizes coadjuvantes do longa-metragem era Blanche Ross — o nome artístico de Blanche Rubenstein nos anos 1920 e também o que ela acabou usando no passaporte falso.

Seja lá como as duas tenham se conhecido, Lily agora recrutava a velha amiga para a rede. Blanche contrabandeou fotografias militares para fora de Paris ao se passar pela esposa de um ferroviário e — o mais perigoso para todos — certa vez escondeu Lily e um soldado comunista ferido chamado Vincenzo no quarto 414 do Hôtel Ritz, enquanto ele se recuperava dos ferimentos.¹⁴ Novamente, alguns funcionários sabiam daquilo. O concierge lhes dera as chaves, e Claude — que não desconfiava das atividades de espionagem da esposa — a acobertara quando os nazistas suspeitaram que algo estava acontecendo. Todos moveram mundos e fundos para que Marie-Louise Ritz não descobrisse.¹⁵ Como afirmou o filho dela, Charley, Marie-Louise "via tudinho".¹⁶ Mais cedo ou mais tarde, alguém teria que avisá-la do perigo de ser tão amigável com os alemães.

Os alemães já suspeitavam que Blanche abrigava fugitivos e fazia terrorismo político, e, se ela cedesse agora e a Gestapo decidisse interrogar Claude, haveria muita coisa a ser descoberta.¹⁷ Ele também já tinha sido preso uma vez, sob a suspeita de ser simpatizante do comunismo. Claude Auzello não estava envolvido com nenhum dos movimentos organizados separadamente pela cidade, mas coordenava a própria rede de resistência com parte de seus funcionários, informando aos Aliados quando o Ritz recebia "hóspedes do Führer" que tivessem alto valor. Os alemães já haviam percebido que ele era um agente do serviço britânico de inteligência. E tanto Frank quanto o porteiro do hotel, o "chasseur" Jacques, trabalhavam para o diretor.¹⁸

A rede de Claude era um sistema engenhoso que utilizava os contatos suíços do Ritz. Trabalhando com um parceiro comercial na zona ocupada, Claude ligava do escritório dele e passava casualmente a mensagem codificada. O contato de Claude repassava a informação para um ferroviário perto da fronteira suíça, que a levava pela linha férrea até agentes aliados em território neutro. Havia números atribuídos a cada personalidade política ou militar alemã — ou às vezes o código era baseado em frutas e legumes. Eles ironicamente apelidaram o Reichsmarschall Hermann Göring de "batata".¹⁹ Claude tentara chamar outros gerentes de hotéis em Paris para se juntar à rede. Quando seu equivalente no Hotel Georges V se recusou, ele jurou que aquele era o fim da amizade entre os dois.²⁰

Na tarde de 21 de julho, horas após a tentativa fracassada de assassinar Adolf Hitler e Hermann Göring, Frank Meier pode não ter sido o primeiro suspeito, mas estaria em sérios apuros se seus segredos fossem descobertos. A sobrevivência de Meier à semana de represálias seguinte não dependia apenas de Blanche. Naquele dia, os soldados da tropa de choque não procuravam por atiradores feridos ou integrantes da Resistência francesa dentro do Ritz. Trabalhavam para desvendar a conspiração alemã. O bar do hotel — o domínio de Frank — tinha sido o centro da Resistência alemã em Paris praticamente desde o início da guerra.

E o austríaco Frank fora o correio secreto da Resistência.²¹ Ele não sabia o que continham todas

aquelas mensagens. O barman era inteligente demais para ser tão perigosamente curioso. No entanto, durante a guerra, ele passara mensagens tanto para Carl von Stülpnagel quanto para Hans Speidel e era um patrimônio valioso.

O bar do Ritz foi o centro de muitos atos de espionagem. Havia agências de espões por toda a Place Vendôme. No número 7 ficava a sede da Compagnie Intercommerciale, um *front* de inteligência coordenado pelo economista alemão dr. Franz Grüger, que acobertava as seções internacionais da Abwehr. Outro mestre da espionagem, Hauptmann Wiegand, mantinha sua sede no número 22 da Place Vendôme, juntamente com um agente corso “de temperamento muito ruim” chamado Pierre Costantini.²² O bar da rue Cambon também tinha sido um ponto de encontro favorito da “boneca pintada”, a curvilínea socialite alemã Inga Haag,²³ que era a sobrinha do diretor da Abwehr, o almirante Wilhelm Canaris — ele mesmo um agente duplo do MI-6, a organização britânica de espionagem.

Durante os primeiros anos da guerra, Inga Haag trabalhou como secretária do alto comando alemão no Hôtel Lutétia, que tinha sido confiscado, porém várias vezes na semana ela e os amigos iam encher a cara com os coquetéis especiais de Frank na rue Cambon.²⁴ O barman nunca teve certeza, mas Haag — como a maioria dos amigos dela naquele círculo — era outra espiã da agência do tio, a Abwehr, e integrante da Resistência alemã. Sua missão era arrumar os passaportes falsos necessários para os judeus residentes. Eles estavam no mesmo ramo.

Um dos frequentadores do Hôtel Ritz que iam ao bar com Inga era Pierre André Chavannes. Ele esteve lá tantas vezes que Frank inventara um coquetel especial só para o sujeito, o Happy Honey Annie — dois terços de conhaque, um terço de suco de toranja e um pouco de mel. Pierre André também fazia parte da rede antinazista de Paris, mas fora preso em 1941 e sentenciado à morte. Por ironia, foi o livro de Frank, *The Artistry of Mixing Drinks* [A arte de fazer coquetéis] (1936), que inexplicavelmente salvou a vida de Pierre André no último momento, em Paris. Dentro do apartamento de Pierre André, na avenida Forch, junto com os captores alemães, o tradutor trazido por eles viu por acaso um exemplar da famosa bíblia dos coquetéis de Frank. Alguns drinques fortes depois, Pierre André conseguiu realizar uma fuga dramática de seus carcereiros atordoados e fugiu para um lugar seguro fora de Paris.²⁵

Frank havia passado mensagens para Inga e seus amigos.²⁶ Mas ela notou que ele parecia estar passando também mensagens para Carl von Stülpnagel e para Hans Speidel — e eles protegiam o barman. Curiosamente, era um círculo da Resistência alemã espionando o outro círculo, cada um suspeitando que o outro fosse leal a Berlim. Inga e o tio nunca pareceram ter descoberto — assim como Claude só descobriu mais tarde o que Blanche aprontava — que Carl von Stülpnagel e Hans Speidel tramavam uma ação ousada e inimaginável. Era perigoso demais confiar a alguém aqueles segredos de vida ou morte.

O tio de Inga, o almirante Wilhelm Canaris, desaparecera de repente em fevereiro de 1944, e seu substituto era o escorregadio Walter Schellenberg. Ninguém sabia exatamente o que Walter Schellenberg e Coco Chanel tramavam, mas a *couturière* fez duas viagens a Berlim com a ajuda de Schellenberg nos invernos de 1943 e 1944, e ninguém suspeitava que ele, um general da SS, fazia parte da Resistência alemã.²⁷

Frank não pôde deixar de notar que outro grupo de frequentadores do Ritz desaparecera na esteira do atentado contra Hitler e Göring. A notícia estava sendo transmitida pelas rádios britânicas, e aqueles com transmissores escondidos enfim souberam da história em irresistíveis fragmentos vagos. Mais tarde, o mundo inteiro conheceria os detalhes.

O que acontecera foi uma surpreendente história de coragem e traição. Pouco tempo antes, os três principais conspiradores em Paris — Hans Speidel, Caesar von Hofacker e Carl von Stülpnagel — tinham convencido o chefe de Speidel, o marechal de campo Erwin Rommel, a se encontrar com eles em Paris para um conselho secreto de guerra.

Em fevereiro, o marechal de campo prometera apoiar o velho amigo Von Stülpnagel no plano de engendrar um golpe militar para derrubar o Führer, mas fora irredutível ao se recusar a participar de um assassinato político.

Tudo aquilo mudara durante a última reunião em Paris, na ocasião dos tumultos do Dia da Bastilha. O marechal de campo concordou, enfim, que de fato Hitler descambara para a fantasia e a loucura. Como comandante do Grupo B do Exército, Rommel sabia melhor do que ninguém que o controle alemão sobre a França se tornava cada vez mais precário, dia após dia, conforme os Aliados seguiam para o leste e o norte, em direção à capital.

Rommel permanecia moralmente contra o assassinato e queria dar ao Führer uma última chance de agir com sensatez. Então a Raposa do Deserto jurou que, se isso não acontecesse, daria total apoio aos conspiradores, “aberta e incondicionalmente”, até o fim. E jurou que faria tudo a seu alcance para que seu subcomandante, o marechal de campo Günther von Kluge, não hesitasse no último minuto. Von Kluge concordara em apoiar a conspiração, mas todos duvidavam que ele fosse confiável.

Então os conspiradores perderam Erwin Rommel de qualquer forma, em um acidente de carro no dia 17 de julho. Naquele dia, em uma estrada francesa interiorana, a Força Aérea Real Canadense atingiu o carro do marechal de campo com uma saraivada de tiros de metralhadora. O motorista foi morto na mesma hora. O carro voou a toda a velocidade em uma vala à beira da estrada e ficou terrivelmente destruído. A Raposa do Deserto teve ferimentos graves na cabeça e ficou fora de ação. Ele passaria os dias seguintes em um hospital, antes de ser transferido de volta para a Alemanha a fim de se recuperar — e, após o que acontecera, para a inevitável execução.

Os conspiradores agora teriam que contar com Von Kluge como apoio enquanto tomavam o controle de Paris. Era ele que estava no comando das forças armadas alemãs no norte da França.

Talvez Günther von Kluge até tivesse pretendido apoiar o plano, dependendo do resultado. Enfim, no dia 20 de julho, a Operação Valquíria entrou em movimento, após meses — até mesmo anos — de planejamento e temor secretos. No distante quartel-general de Hitler, a Toca do Lobo, o primo de Caesar von Hofacker, o príncipe Claus von Stauffenberg, plantou uma pasta com explosivos sob a mesa do Führer. Ele acendeu o pavio e pediu licença para sair calmamente. Quando a explosão da bomba destroçou o barracão de madeira, Claus tomou um avião que o aguardava de volta para Berlim, onde colocaria em ação a segunda fase do golpe militar.

Em Paris, Hans, Caesar e Carl esperaram ansiosamente durante a tarde inteira daquela quinta-feira. Às 16h45, o telegrama que os três tanto desejavam chegou, com a simples expressão “agitação interna”. Era o código que indicava que Adolf Hitler estava morto.

Às seis da tarde, chegou outro telegrama. No caso da morte do Führer, havia um plano definido em vigor, no qual os generais no comando local receberiam o controle dos distritos ocupados. Aqueles eram homens que haviam sido cuidadosamente recrutados para o projeto de tomar o comando da Alemanha. Von Stülpnagel — o governador militar da França — aceitou as ordens. E na mesma hora ordenou a prisão e a detenção da estrutura inteira de comando da temida SS e de seu ramo de inteligência, a Sicherheitsdienst, ou SD.

No início da noite de 20 de julho de 1944, Paris estava inteiramente nas mãos da Resistência alemã.

Em breve viria a gota d’água. Em questão de horas, a notícia se espalharia pelas ruas de Paris. Após a manifestação do Dia da Bastilha, os conspiradores tiveram certeza de que os franceses logo tornariam impossível qualquer ocupação permanente.

Tudo dependia apenas de Günther von Kluge ordenar que os militares apoiassem o governador.

Naquela noite, Carl e Caesar correram para o quartel-general do Exército em La Roche-Guyon para planejar com o marechal de campo as etapas finais da libertação interna da França. Com o apoio das forças armadas, a ocupação desmoronaria. A capital ficaria aberta para os Aliados, que já estavam a apenas algumas centenas de quilômetros da cidade, e eles fariam um acordo que salvaria a Alemanha. Havia meses, os conspiradores contra o Führer e seu Reichsmarschall vinham tentando reunir informações sobre o que seria necessário para convencer os Aliados a encerrarem a guerra com uma Alemanha pós-Hitler.

No castelo de La Roche-Guyon, Von Stülpnagel irrompeu no gabinete de Von Kluge com a notícia. Eles tinham imobilizado as tropas de segurança nazistas de elite. Paris estava sob controle. Von Kluge agora só precisava entrar em contato com os Aliados e negociar um acordo de paz na França.

Em um instante, Von Kluge lhes deu a notícia de que não haveria armistício algum. Às sete da noite, Hitler fora ao rádio para assegurar aos comandantes que não estava morto. Claus von Stauffenberg não permanecera na Toca do Lobo tempo suficiente para descobrir que a pasta com a bomba fora levada para longe de Hitler apenas momentos antes da explosão. Eles tinham agido antes de confirmar se o elemento mais crucial do plano dera certo. Foi um erro de tática catastrófico.

À luz daquele fracasso, Günther von Kluge se recusou a apoiá-los. “Seria diferente”, disse ele para Von Stülpnagel, “se o desgraçado estivesse morto.”²⁸ Contudo, se as forças armadas os apoiassem, argumentou a dupla, o plano para arrancar de Adolf Hitler o controle da França ainda poderia dar certo. Von Kluge, no entanto, não estava preparado para fazer aquela aposta. Para Von Hofacker e Von Stülpnagel, foi uma longa e desesperada viagem de volta a Paris. Quando o carro dos dois foi embora, Von Kluge decidiu se proteger das represálias brutais que viriam. Von Stülpnagel teria que ser preso e entregue à Gestapo. Ele deu a ordem imediatamente.

Hans, Caesar e Carl não retornaram às suítes palacianas do Ritz ou ao bar da rue Cambon naquela noite. Como o hotel ainda era o lar dos líderes da elite alemã que permaneceram, teria sido perigoso demais. Em vez disso, os conspiradores se reuniram na suíte 703 do Hôtel Raphaël, a um passo do quartel-general da SD e da Gestapo, na avenue Foch. O Hôtel Raphaël tinha sido o mais importante quartel-general operacional deles para determinadas reuniões de organização.

A notícia já chegara aos outros conspiradores de Paris. Enquanto um pequeno grupo de resistentes alemães esperava Carl e Caesar voltarem de La Roche-Guyon naquela noite, o chefe de gabinete de Carl, o coronel Hans von Linstow, ouviu perplexo e em silêncio a mensagem desesperada transmitida por telefone, direto da Alemanha. Ele entrou cambaleando no quarto para

contar aos demais, e alguém se ergueu para ampará-lo, achando que o coronel estivesse tendo um ataque cardíaco. “Berlim inteira sabe”, berrou Hans von Linstow.²⁹ “Stauffenberg acabou de ligar. Ele me deu a notícia em pessoa e disse que seus assassinos estavam à porta.”

Em Berlim, Claus von Stauffenberg não sobreviveu à noite. Ele foi sumariamente julgado pela corte marcial. Dez minutos após a meia-noite, em 21 de julho, ele e outros três alemães líderes da trama para assassinar Hitler e Göring foram executados sob a luz de faróis baixos do Exército por um pelotão de fuzilamento, no pátio do quartel-general militar. Em Paris, ninguém duvidava que eles também seriam os próximos.

Ao finalmente retornar, Carl von Stülpnagel decidira fazer uma jogada final desesperada para sobreviver. Os oficiais da SS e da SD que haviam sido presos estavam sendo mantidos no grande salão de baile do Hotel Continental. Confusos e estressados, os líderes passaram a noite se embriagando com conhaque caro. No fundo, agora Carl sabia que eles teriam que soltar os prisioneiros. Sabia também que a facilidade com que as forças de segurança de elite tinham sido desmanteladas era mais do que uma vergonha. Cabeças rolariam quando Hitler soubesse daquilo. Isso foi parte do motivo por que até mesmo a SS estava assustada na manhã seguinte no Hôtel Ritz.

Von Stülpnagel convocou o líder da SS, Carl Oberg, e o embaixador alemão, Otto Abetz, ao Hôtel Raphäel para uma conferência de emergência. Todos combinaram de inventar uma história que salvasse a SS e a SD da vergonha — em troca de acobertar a trama dos conspiradores. Concordaram que diriam a Hitler e Himmler que aquilo fora um exercício em conjunto para demonstrar que a cidade poderia lidar com qualquer ameaça ao Reich.³⁰

O plano inteiro poderia ter funcionado se não fosse por Von Kluge. Ele ligou para Hitler e explicou exatamente o que Carl e os conspiradores haviam feito. Já naquela noite, Carl sabia que era um homem morto. Ele e Caesar ficaram acordados até o amanhecer, destruindo o máximo possível de documentos para proteger os outros conspiradores.

De manhã, entre oito e oito e meia, Carl foi ao gabinete do quartel-general militar do Hôtel Majestic. Trinta minutos depois, veio a ordem: o Führer queria que o comandante militar de Paris fosse a Berlim de avião imediatamente. Carl deu uma última olhada no escritório e soube que não havia mais nada a fazer.

Ele ligou para Berlim para dizer que estava a caminho e decidiu ali que não haveria mal em desobedecer a uma última ordem. Em vez de tomar um avião, Carl iria de carro. Ao sair de Paris pelo leste, em uma estrada francesa interiorana, mandou que o motorista e o ajudante de ordens parassem em um campo de batalha da Primeira Guerra Mundial. Ele havia lutado ali uma vez e vira amigos morrerem na campina. A humilhação da Alemanha no Tratado de Versailles era parte do motivo que levava todos eles àquela conjuntura. Carl queria apenas alguns momentos particulares de reflexão, foi o que disse para os ajudantes de ordens. Caminhou até se afastar. Em pouco tempo, no silêncio, ecoaram dois tiros. O motorista o encontrou boiando em um canal ensanguentado, com um olho estourado e um ferimento de bala na cabeça. Eles o levaram correndo para o hospital em Verdun, onde foi remendado e depois torturado — no fim, no delírio da agonia, acabou traindo Erwin Rommel.

Furioso, Adolf Hitler ordenaria uma caçada implacável aos conspiradores e a todos os seus parentes e secretaria que os traidores fossem mortos como gado — pendurados por ganchos de açougue e estrangulados com cordas de piano. Foi uma morte agonizante e lenta por estrangulamento, após dias e às vezes semanas de uma tortura horrível. À noite, Hitler e seu círculo pessoal assistiam a filmagens das execuções com um prazer macabro. Antes de o verão terminar, Carl estaria pendurado por aquelas cordas em Berlim.

Em Paris, os outros fugiram. A Gestapo já estava à caça deles. Hans von Linstow sobreviveria fugindo por apenas uma questão de dias. Caesar von Hofacker durou seis dias em Paris. Sob tortura, também traiu Erwin Rommel. Eles também morreram nas cordas, em Berlim.

Nas semanas seguintes, cerca de cinco mil pessoas foram presas por todo o Terceiro Reich e quase duzentas foram executadas como resultado daquela conspiração fracassada — na maioria, inocentes.

Nos dias seguintes em Paris, apenas Hans Speidel sobreviveu ao massacre imediato. Depois de 20 de julho, os resistentes alemães se tornaram fugitivos em território inimigo, e, se fosse capturado, Hans pagaria com a vida. Ele estava foragido, caçado pela Gestapo na capital.

Se aqueles que ajudaram os conspiradores fossem descobertos, também sofreriam as consequências. Enquanto cuidava do bar da rue Cambon naquela noite, conforme alemães nervosos entravam e saíam pela porta, Frank Meier sabia que a situação era essa. Todos tiveram um papel na conspiração, de uma maneira ou de outra. Com Blanche nas mãos de uma Gestapo ensandecida, Claude parecia especialmente oprimido e extenuado. As partidas regulares de gamão no bar estavam desanimadas, e até mesmo o fluxo constante de pequenas apostas, que Frank aceitava quase todos os dias, estava surpreendentemente moderado. Em um dia como aquele, ninguém estava com vontade de apostar.

Sem dúvida, havia mais do que o grupo usual de espões e agentes duplos nas mesas dos cantos esfumados. Todos esperavam para ver qual seria o resultado e quem seria implicado.

Frank também esperava e pensava nisso. Os insurgentes alemães que eles conheciam melhor — aqueles que viviam no Ritz entre eles — haviam apostado e perdido terrivelmente. O plano fracassara. Mas, por algumas horas passageiras na noite anterior, Paris fora libertada, mesmo que eles fossem os únicos a saber. Frank torcia para que Blanche conseguisse ficar calada até que a próxima libertação viesse. Torcia para que todos eles mantivessem os segredos uns dos outros. Naquela noite, o bar fecharia pontualmente às 21 horas, como sempre, e aquilo era o suficiente para manter a concentração, ao menos momentaneamente.

Mas, seja lá quais pensamentos tenham passado pela mente do barman, para aqueles que o observavam, Frank do Ritz parecia o mesmo de sempre, elegante e impassível.



Blanche Auzello.

A intimidação eficiente e duradoura só pode ser atingida por pena de morte ou por medidas em que os parentes dos criminosos não saibam o destino do criminoso (...) A. Os prisioneiros sumirão sem deixar rastros. B. Nenhuma informação pode ser dada quanto ao paradeiro ou destino deles.

— Marechal de campo Wilhelm Keitel, decreto “Nacht und Nebel”, 1941

Logo após a tentativa fracassada de assassinato, chegou um novo decreto de Berlim estabelecendo que todas as saudações militares, em todos os territórios do Terceiro Reich, fossem substituídas por um braço esticado e um robusto “Heil Hitler”. Até mesmo as sentinelas na entrada do Hôtel Ritz obedeceram; ninguém sonharia em desconsiderar uma determinação de Berlim naquela semana sangrenta em Paris.

No entanto, a demonstração de novo fervor pelo Führer não alterou a realidade que se aproximava. Ao longo de julho, o avanço terrestre dos Aliados fora impedido, mas em 1^o de agosto o curso dos acontecimentos finalmente mudou a favor deles. A queda de Paris era inevitável. Espalhados pela capital, os oficiais nazistas entraram em atividade frenética. Os alemães que permaneceram estavam ocupados em saquear a cidade ao máximo antes que alguém aparecesse para detê-los.

Quando agosto chegou, um piloto americano abatido também aguardava ansiosamente os Aliados e observava os alemães se aproveitarem de Paris pela última vez. O tenente-coronel da Força Aérea dos Estados Unidos Henry Woodrum, de Redding, na Califórnia, estivera atrás das linhas inimigas por semanas. O B-26 Martin Marauder do jovem tenente-coronel fora abatido durante um ataque aéreo diurno sobre a capital.¹

No começo de agosto, Henry ainda estava livre na capital francesa. Graças à bravura de uma família local, o tenente-coronel observava as forças de ocupação recolherem as últimas lembranças de Paris. Muitos dos “turistas eram soldados alemães (...) homens de quarenta e cinquenta anos (...) tirando fotos”.² Havia um acrônimo atrevido usado pelos oficiais no Exército alemão: “JEIP.”

Significava *Jeder einmal in Paris*, ou seja, “todo mundo deveria ver Paris uma vez”. “Eu pensava cá comigo”, brincou Henry, “que Paris não seria o tesouro alemão por muito mais tempo.” As estradas que saíam da cidade rumo ao leste já estavam engarrafadas.

Os funcionários do Hôtel Ritz estavam bem cientes de que os alemães partiam levando com eles muitos tesouros. Era função do silencioso e autoritário Hans Elminger garantir que o êxodo prosseguisse sem percalços. O Ritz era famoso pelo serviço impecável sob quaisquer circunstâncias e pela implacável neutralidade suíça.

Como os outros hotéis de luxo da capital, o Ritz fervilhava com o movimento do início do mês. Os últimos oficiais da Luftwaffe, “seguindo a deixa de Göring, encheram caminhões com mulheres elegantes, *chaises longues* e outros espólios e rumaram para a fronteira alemã”.³ O que irritava Hans Elminger era o fato de que ele passava os dias tentando — na maioria das vezes sem sucesso — impedir que os alemães levassem a mobília cara dos quartos do Ritz junto com o resto do butim.⁴

Hermann Göring não era visto no Ritz desde antes do Natal. Com a guerra degradingolando e Adolf Hitler furioso, Göring fugiu para um isolado retiro no interior da Alemanha e dava como desculpa uma recaída de sua doença debilitante. O Führer estava disposto a responsabilizar o comandante da Luftwaffe pelo fracasso do progresso da guerra, e Göring tinha visto em primeira mão o que acontecia com as pessoas que desagradavam Hitler. Quando ele alertou o Führer, naquele inverno, de que a guerra não poderia ser vencida, Hitler rosnou: “Dê mais um passo nessa direção e mando fuzilá-lo.”⁵ O Reichsmarschall não duvidou que Hitler falara a sério. Mais tarde, Göring confessou que, naqueles últimos meses, “as coisas ficaram tão loucas que eu disse para mim mesmo: ‘Vamos torcer para que tudo acabe rápido e que assim eu consiga escapar deste manicômio’”.⁶

Em agosto de 1944, Hermann Göring ainda tinha agentes de confiança em Paris. Como Hitler, ele era um colecionador de arte voraz e inescrupuloso. Assim como outros oficiais alemães, Göring ainda não tinha acabado de pilhar a capital francesa.

Do ponto de vista de Hans Elminger, essa pilhagem era absolutamente normal, a não ser pelo novo sentimento de urgência. Durante anos, o Ritz estivera no centro de algumas das maiores negociações de arte clandestinas da guerra. O agente pessoal de Hitler, o rico corretor de arte alemão Karl Haberstock, fizera do famoso hotel seu lar em Paris e ostentava uma vida suntuosa entre as obras de sua coleção.

O mesmo ocorria com seu arquirrival, o corretor de arte suíço Hans Wendland. De acordo com os espiões do Gabinete Americano de Serviços Estratégicos (OSS) — precursor da atual Agência Central de Inteligência (CIA) —, Wendland era “o ‘rei’ não oficial do mundo das artes de Paris”,⁷ e circulavam boatos de que era mais um agente nazista infiltrado vivendo entre eles na Place Vendôme. Wendland e Haberstock já haviam sido aliados no arriscado mundo dos negócios de arte. Uma desavença envolvendo a esposa de Karl terminara a amizade no fim dos anos 1920, e eles se tornaram concorrentes implacáveis. Durante o último verão da ocupação, os dois estavam entre os que lutavam para lucrar com os roubos de Paris.

No verão de 1944, restavam sobretudo obras de arte “menores” e algumas belas peças de mobiliário na capital. O que contava como menor para os alemães agora parece tremendamente irônico. Pablo Picasso costumava almoçar no Hôtel Ritz durante a guerra, mas no decorrer da ocupação os nazistas criticaram publicamente a obra do pintor como “degenerada” e perigosa.

Consta que Adolf Hitler, que se considerava um artista promissor, disse: “Qualquer um que veja e pinte um céu verde e campos azuis deveria ser esterilizado.”⁸ Nos anos 1940, Picasso estava fazendo mais do que imaginar campos azuis; ele pintava retratos em que mulheres tinham múltiplas faces e perspectiva contorcida.

Quase sempre, os alemães deixavam o famoso pintor espanhol em paz, mas o proibiram de exibir suas obras durante a ocupação. Pessoalmente, no entanto, muita gente no mundo alemão das artes reconhecia o valor do trabalho de Picasso no mercado internacional. Naquela semana, a operação oficial dos nazistas para pilhagem de arte, a ERR — Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg —, empacotara mais de sessenta quadros de Picasso como parte do último carregamento para fora da capital. Eles renderiam um bom valor para os oficiais. Em questão de dias, o quartel-general da ERR seria abandonado, após “os funcionários terem evacuado as dependências de maneira um tanto quanto desordenada e histérica”.⁹

Muitos dos objetos confiscados chegariam, no fim das contas, ao mercado de arte na Suíça, e especialistas suspeitam de que muitos deles ainda permaneçam lá. Era um negócio imensamente lucrativo, e Hans Elminger sem dúvida sabia que um alto funcionário do Ritz andara ajudando Karl Haberstock e Hans Wendland.

Esse homem era chamado de Süss, o que sugeria a possibilidade de ascendência germano-judaica.¹⁰ Esse nome não é listado em nenhum lugar nos registros que sobreviveram àquele momento. Ele nascera havia quarenta anos, em 1905. Era um cidadão suíço, da cidade de Brunnen, e trabalhava no Ritz como diretor-assistente de Hans Elminger.¹¹ É possível que os dois fossem parentes.

Nos arquivos da OSS, um documento de 1944 sobre pilhagem de arte diz: “Suess. Paris, Hôtel Ritz. Diretor do Hôtel Ritz durante a ocupação. Agiu em nome de Haberstock como intermediário e informante. Armou contatos para Haberstock com outros alemães que visitavam Paris.”¹²

Atuar como intermediário e informante era um negócio arriscado durante a ocupação. Parte do desafio era permanecer relevante. Em 1943, com a ERR funcionando a todo vapor e a maioria das coleções particulares já confiscada, Süß sabia o bastante para se tornar um risco, a não ser que pudesse provar aos alemães que continuava a ter utilidade.

Não eram apenas os agentes americanos da OSS que mantinham o Ritz sob vigilância. Os alemães vinham acompanhando atentamente todos os empregados desde o início da guerra, e havia em Berlim arquivos secretos com detalhes sobre todos os principais funcionários. No começo de agosto de 1944, tanto a Milícia Francesa quanto as Forças Francesas do Interior (Forces Françaises de l’Intérieur, ou FFI) também vigiavam o hotel rigorosamente. Às vezes era difícil dizer quem estava de qual lado em determinado momento. Naquele mês, um espião e agente do mercado negro chamado Rebattet, que tinha trabalhado durante a guerra para a empresa de obras públicas e engenharia civil conhecida como Organização Todt, virou a casaca e se uniu aos comunistas. Operando sob o pseudônimo de “coronel Renard”, ele montou um posto de observação no Ritz e, ali perto, de um escritório no boulevard des Capucines, coordenou uma rede de inteligência.¹³

Lá embaixo, no bar da rue Cambon, Frank Meier tinha mais motivos para se preocupar do que imaginava. O Terceiro Reich já sabia que ele era um ativo agente britânico durante a guerra e o classificara como um “inimigo fanático da Alemanha”.¹⁴ Meier era vigiado constantemente. O diretor-geral do Ritz, Claude Auzello, era “altamente suspeito de trabalhar para a inteligência inimiga”.¹⁵

No diretor-adjunto do hotel, Hans Elminger, os alemães confiavam razoavelmente. Uma ironia, considerando que ele e a esposa, Lucienne, estavam naquele exato momento escondendo vários refugiados em aposentos de camareiras escondidos, acessíveis apenas por uma porta secreta em um corredor do segundo andar. O casal ajudou um amigo, providenciando a propina necessária para que se escondesse e assim escapasse de um trem que tinha como destino o temido campo de concentração temporário em Drancy. Espalhados pelo hotel, havia quartos como aqueles, “enfiados entre tetos e corredores falsos”.¹⁶ Era outra vantagem inesperada da paixão de César Ritz pelos “modernos” closets embutidos.

Se Hans Elminger não estava exatamente na Resistência, também não lhe faltava um aguçado senso de humanidade. A neutralidade era sua arma para não ser notado, e ele tomava todo o cuidado a fim de manter aquela postura. Com os alemães, aquela fora uma estratégia inteligente e bem-sucedida: “Até onde observamos”, dizia o arquivo em Berlim, *monsieur* Elminger “agiu corretamente com oficiais e civis alemães” e manteve uma atitude apropriadamente neutra.¹⁷ Ajudou o fato de seu tio ser o presidente do conselho de administração do Hôtel Ritz e seu avô, o aristocrático barão Maximilien Pfyffer d’Altshofen, ter sido um dos primeiros mentores e apoiadores de César Ritz.

A família Pfyffer d’Altshofen esteve no centro da fundação do Hôtel Ritz nos anos 1890. Documentos da inteligência alemã simplesmente descreviam o tio Hans von Pfyffer como “uma das pessoas mais influentes da Suíça”.¹⁸ Havia boatos de que Marie-Louise Ritz tivera um caso com o tio Hans por décadas. Hans von Pfyffer e Marie-Louise Ritz compartilhavam outra coisa: ambos desprezavam Blanche Auzello.¹⁹

As atividades de Blanche no período da guerra foram mais complexas e corajosas do que quase todo mundo imaginava. Ela mantivera essas ações em profundo segredo até mesmo do marido, para a proteção de todos. Infelizmente, Süß era uma das poucas pessoas que tinham condições de saber daquelas atividades. É provável que ele a tivesse pegado em flagrante.

Blanche não apenas tinha sido presa, ao lado de Lily Kharmayett, em junho de 1944, por desrespeitar oficiais alemães enquanto estava levemente embriagada, como contava uma versão da história. Nem apenas andara ajudando um aviador abatido qualquer a sair da cidade ocupada. Os alemães estavam vigiando Blanche desde o verão de 1940. Ela tinha sido presa pelo menos uma vez antes, e na primavera de 1943 acontecera um incidente no hotel. Os alemães descobriram que, durante os bombardeios aéreos, alguém no Ritz havia ligado as luzes de uma cozinha no porão, na parte que dava para a Place Vendôme. As luzes iluminaram a frente do hotel, que era voltada para o Ministério da Justiça — e deram aos Aliados uma maneira perfeita de se orientar nos céus sobre uma Paris às escuras e de localizar alvos.

Berlim ficou furiosa. Alguém precisava ser responsabilizado por aquela transgressão brutal. “No interesse da reputação da Wehrmacht alemã”, o Ministério das Relações Exteriores do Terceiro Reich recomendava uma punição severa e “exemplar” do culpado.²⁰ Era o código para *tortura e execução*. O relatório ia além e sugeria um “expurgo da equipe de funcionários (...) o quanto antes”.

Os responsáveis por vigiar Paris suspeitavam fortemente que a culpada fosse Blanche Auzello.²¹

No entanto, os alemães não agiram de imediato contra ela. Blanche foi deixada livre para

conduzir suas operações de guerra por mais um período. Com o tempo, imagina-se, deve ter havido a expectativa de derrubar não somente Blanche Auzello, mas também a rede inteira de conspiradores.

Por fim, em junho de 1944, os alemães perderam a paciência com o atrevimento da americana. Ela desapareceu nas engrenagens da Gestapo, e agosto chegara sem que uma palavra sequer fosse dita sobre o destino de Blanche Auzello. Não era surpreendente. Desde 1941, civis encrenqueiros por toda a Europa simplesmente desapareciam na “noite e neblina”, dentro de uma política declarada de terrorismo conhecida como *Nacht und Nebel*.

Então, em um dia da terceira semana de agosto, alguém na mesa telefônica do hotel recebeu uma ligação perturbadora. Um homem havia encontrado uma mulher descalça e cadavérica cambaleando pelas ruas da vizinhança, mal conseguindo se manter em pé. Será que alguém do Hôtel Ritz podia ir pegá-la? Ela dizia se chamar madame Auzello.

Claude saiu pela porta imediatamente. Seria possível que Blanche tivesse escapado da Gestapo de alguma forma? O que ainda seria necessário para salvá-la?

E — como Frank Meier temera — ela *havia cedido* durante o interrogatório.

Para aqueles que tinham passado a ocupação na capital, o que acontecia nas delegacias e prisões de Paris não era um grande segredo. Mais tarde, Jean Cocteau se lembraria do que Jean-Paul Sartre disse sobre como a sensação de medo na capital era contagiante: “Quando as mulheres iam aos quartéis-generais da Gestapo na avenue Foch ou na rue des Saussaies para descobrir o que tinha acontecido com seus homens, eram recebidas com cortesia (...) No entanto, as pessoas que moravam (...) perto dos quartéis-generais ouviam gritos de dor e terror o dia inteiro e no meio da madrugada (...) Nenhuma pessoa em Paris [passou a guerra] sem que um amigo ou parente tivesse sido preso, deportado ou fuzilado.”²² E às vezes as pessoas interrogadas eram mulheres. As que tinham sorte suficiente de sobreviver costumavam voltar para casa desfiguradas por queimaduras de cigarro nos seios e mutilações sádicas.²³ Era parte do motivo pelo qual estar envolvido com a Resistência, fazer muitas perguntas, abrigar um piloto abatido ou esconder uma judia em um guarda-louças embaixo de uma escada de hotel eram atos tão perigosos.

Aqueles centros de tortura estavam espalhados por toda a cidade, de aposentos na rue des Rosiers, no bairro judeu de Marais, às famosas câmaras no número 84 da avenue Foch, no décimo sexto *arrondissement*. No número 11 da rue de Saussaies, no oitavo *arrondissement*, a Gestapo realizava interrogatórios aplicando espancamentos brutais, estupro coletivo e a típica tortura da “banheira”, uma variação especialmente cruel de afogamento simulado.

Nos porões de algumas prisões havia enormes fornos onde as pessoas eram queimadas lentamente, começando pelos pés, por castigo e para o prazer dos guardas. Em celas subterrâneas, infestadas por ratos imensos e famintos, prisioneiros com corpos arruinados eram jogados em solitárias e esquecidos. Nos muros de Paris, os soldados da Libertação encontrariam depois inscrições angustiantes nas pedras: “tenho medo”, “acreditar em si mesmo lhe dá o poder de resistir, apesar de todo o resto”, “Guillaume ama Marianne” ou simplesmente “vingue-me”.²⁴

Blanche passara meses presa. Os interrogadores a forçaram a confessar que Lily Kharmayeff era judia e integrante da Resistência. “Nos momentos de lucidez”, disse Blanche, “eu tinha certeza de que jamais sairia de lá com vida e estaria morta em um ou dois dias.”²⁵ Ela foi arrastada inerte para alguns dos repetidos interrogatórios.

Levada ao ponto do desespero, Blanche acabou contando a verdade para um agente alemão. “Eu sou judia, e não a Lily”, deixou escapar. “Nasci na zona leste de Nova York, no bairro judeu. Meu sobrenome é Rubenstein. Meus pais vieram da Alemanha.”

“Madame Auzello! Eu já avisei!”, ralhou com severidade o alemão.

Blanche contou ao interrogador a respeito do nome e do passaporte falsos. O homem outra vez avisou que, se ela continuasse falando daquela maneira, teria que levá-la lá para fora e fuzilá-la. Blanche insistia loucamente ser judia. Talvez tenha contado também sobre as luzes da cozinha no Hôtel Ritz e a sabotagem do bombardeio aéreo. Sobre os aviadores abatidos que ela ajudou a escapar da cidade. Blanche esperava ser executada.

Após uma longa pausa, o alemão, irritado, finalmente ordenou que o subordinado levasse Blanche para o pátio.

Então mandou que o oficial a libertasse. “Deixe que os malditos franceses cuidem dela”, disse o interrogador, cansado.²⁶

Quando Blanche cedeu sob o interrogatório, por algum milagre o oficial não quis executá-la ou simplesmente não acreditou nela. É lógico que só pode ter sido a primeira opção. Os documentos alemães sobre Blanche Auzello já continham todas as informações arrancadas dela.

No fim, a Gestapo apenas abriu as portas da prisão. De alguma forma, Blanche encontrou forças e saiu para as ruas de Paris. A fuga foi de uma sorte espantosa, sob qualquer parâmetro. Tudo que Blanche precisava fazer naquele momento era ficar quieta, e em breve os últimos dias da ocupação chegariam ao fim.

Porém ela havia feito mais do que ceder sob interrogatório. O tempo como prisioneira da Gestapo quebrara algo essencial dentro de Blanche. Ela estava dezoito quilos mais magra e com a saúde mental abalada.

Nos dias seguintes, Blanche perdeu o controle. Parecia que estava tentando ser executada. Insultou oficiais alemães na rua; foi atrevida até o ponto de parecer louca.

De uma janela superior do Hôtel Ritz, ela berrava insanidades para quem passava lá embaixo. “*Le Boche est fini!*” — “os alemães estão acabados” —, gritou para as sentinelas.²⁷ O fim da guerra podia estar chegando, mas a Libertação ainda não acontecera. A conduta de Blanche poderia ser fatal. Claude tirou a esposa da janela, gritando e chorando. Ele não conseguiu impedir que ela bebesse horrores ou buscasse alguma espécie de torpor.

“Eu tinha ódio dos alemães”, disse Blanche para o sobrinho depois do fim da guerra, “sim, eu era dura naquela questão — mas, quando os alemães estiveram prestes a me matar, achei que mereciam todo o ódio que eu tinha deles. Os alemães odiavam a minha família, minha mãe e meu pai, irmãs e irmãos, apenas por serem judeus, e achei que aquilo era motivo suficiente para odiá-los.”²⁸ Em agosto de 1944, ela perdeu o controle de qualquer capacidade para conter aquela emoção.

Se os alemães fossem atrás de Blanche novamente — se houvesse uma repressão severa no Hôtel Ritz como resposta ao que os arquivos do Ministério de Relações Exteriores já haviam documentado sobre as redes de resistência e os espiões e agentes entre os funcionários —, seria um terrível acerto de contas. Significaria a morte quase certa para muitos deles.

Lily Kharmayeff realmente morreu em algum lugar em Paris. Ou pelo menos desapareceu para sempre, e ninguém jamais conseguiu descobrir qualquer sinal dela.

Nos documentos sobre o Ritz, guardados em um arquivo do governo perto da Alexanderplatz, no distrito de Mitte, em Berlim, também não há sinal do destino de outra pessoa: o *monsieur* Süss também desapareceu.

Ele ajudou os ocupantes alemães a roubarem as riquezas de Paris. Conspirou com o confisco de propriedade e inevitavelmente ganhou dinheiro com negócios escusos. Agradou líderes e assassinos nazistas. Foi um informante.

Mas o que os documentos em Berlim — pelo menos os que deixaram de ser secretos — parecem sugerir é que o *monsieur* Süss acobertou Blanche Auzello na primavera de 1943. Na noite de 10 de abril daquele ano, enquanto os aviões aliados voavam sobre o centro de Paris, quando as luzes das cozinhas do Hôtel Ritz iluminaram um pequeno jardim e, do outro lado, os muros do Ministério da Justiça, os alemães se voltaram para o *monsieur* Süss, esperando a cooperação de sempre. Em vez disso, ele respondeu que não era vigilante de defesa aérea. Que não era problema dele. Recusou-se a dizer se sabia de alguma coisa. Os alemães ficaram furiosos.

Mensagens voaram de Berlim para Paris. Era um comportamento indecente. Teria que haver consequências — da mais alta ordem. É impossível dizer quais foram e quando vieram. Süss desapareceu sem deixar rastros, uma entre milhares de histórias silenciosas da guerra.

O GENERAL ALEMÃO E O DESTINO DE PARIS



A chegada do general Leclerc em Paris durante a Libertação, em agosto de 1944.

A partir do momento em que nossos inimigos se recusaram a dar ouvidos e obedecer ao nosso Führer, a guerra inteira desandou.¹
— General Dietrich von Choltitz, Paris, agosto de 1944

A guerra na França começara com aquele primeiro grande êxodo humano de Paris, em junho de 1940. Quatro anos depois, um segundo êxodo de verão deu fim às últimas semanas de ocupação nazista na capital. Dessa vez, eram os alemães que estavam fugindo — os alemães e aqueles que haviam passado a ocupação no luxo com eles.

Em 15 de agosto de 1944, isso não era mais normal nem mesmo no Hôtel Ritz.

No auge da ocupação, o hotel oferecia jantares dançantes sofisticados nas noites de domingo, nos quais socialites parisienses flertavam com belos oficiais da Luftwaffe, enquanto artistas e empresários se enchiam de coquetéis de champanhe servidos por garçons silenciosos. Havia também demorados almoços regados a bebida sob o florido castanheiro, no pequeno jardim do pátio, e vozes baixas que falavam em francês e alemão.

Aqueles dias acabaram. Os últimos alemães remanescentes estavam abandonando Paris antes da chegada dos Aliados, e muitos dos membros mais prudentes do *gratin* parisiense estavam agindo com discrição. Um bom número ia desaparecendo de mansinho em casas de campo ou trancando seus grandes apartamentos na cidade para se esconder.

O general Dietrich von Choltitz, no entanto, acabara de chegar a Paris. Como todos os oficiais alemães do alto escalão, foi instalado no Ritz. O general era o mais novo governador militar da cidade ocupada, substituindo o barão Hans von Boineburg Lengsfeld. O barão era outro conspirador da Operação Valquíria que fora salvo da força pela frenética corrida de Carl von Stülpnagel para destruir documentos comprometedores naquelas poucas e preciosas horas em que a capital da

França ficou nas mãos da Resistência alemã.

Em 15 de agosto, na capital havia apenas uma semana, o general Von Choltitz estava ocupadíssimo tentando evitar que Paris explodisse em uma revolução. A lei e a ordem estavam desandando rápido. A maior parte do contingente alemão havia abandonado o Ritz, e os oficiais de inteligência queimavam documentos sistematicamente como uma “medida de destruição”.² Os soldados comunistas da Resistência francesa intensificaram os ataques de guerrilha contra colaboracionistas conhecidos, e agentes das FFI — ou *fifi*, na gíria parisiense dos anos 1940 — estavam organizando ações coordenadas de resistência por toda a capital. A polícia francesa decretou greve naquele dia. De tarde, o metrô parou de circular. A Gestapo recolhia indivíduos suspeitos de serem dissidentes políticos e agitadores, e o general não pediu mais que os agentes se preocupassem em fingir que seguiam algum processo legal adequado. Dois mil e seiscentos parisienses rebeldes foram enfiados em um trem destinado ao campo de concentração de Buchenwald naquela tarde.

Na manhã seguinte, aconteceram mais expurgos e execuções. Um informante traiu 35 membros das FFI entregando-os para a Gestapo. Von Choltitz ordenou que eles fossem eliminados com disparos de metralhadora e granadas no parque de Bois de Boulogne.

Foi um pesadelo logístico. O corpo administrativo alemão quase todo tinha abandonado Paris, e o instável governo de Vichy estava implodindo. No entanto, terror sistemático era algo que os franceses ainda compreendiam e respeitavam. E Dietrich von Choltitz estava lá para executá-lo.

Ele começaria mandando tropas para queimar os moinhos de grãos no subúrbio de Pantin, no nordeste da capital, de modo que os parisienses comessem a passar fome lentamente. Depois, de acordo com o plano, as tropas passariam a plantar bombas sob pontes e cartões-postais espalhados pela cidade. Quando os pavios fossem acesos, Paris se tornaria um inferno. Adolf Hitler queria que a capital da França fosse arrasada antes de os alemães recuarem. Destruir uma das maiores cidades do mundo seria uma poderosa “arma moral” contra o inimigo, declarou o Führer. Ele ordenou que Von Choltitz transformasse a cidade em “um campo de ruínas”.

Para o espanto até mesmo de alguns de seus companheiros, o general deu sinal de que acataria as ordens à risca. Ele tinha a reputação de ser implacável. Na Rússia, Von Choltitz havia conduzido o extermínio de grande parte da população judaica. O embaixador Otto Abetz enviou vários telegramas a Berlim, reclamando da “brutalidade e inclemência de Choltitz” e censurando o aumento da violência na capital.³ Foi um protesto inútil. O Führer estava com vontade de castigar e queria Paris destruída.

No entanto, mesmo com os Aliados bem ali, perto da cidade — em teoria capazes de entrar na capital quase a qualquer momento —, o começo da destruição planejada foi inexplicavelmente lento. Em 17 de agosto de 1944, as tropas americanas chegaram ao rio Sena e aos arredores da cidade, pelo norte e pelo sul.

Por dias, nada aconteceu.

Acender os pavios não deveria estar levando tanto tempo assim. Furioso com os atrasos, Hitler berrava para sua equipe em Berlim: “*Brennt Paris?*” — “Paris está em chamas?”

Já fazia muito tempo que Dietrich von Choltitz chegara à conclusão de que o líder alemão era insano. Ele também sabia que entregar Paris era inevitável. Von Choltitz era um general, não um humanitário, e tinha as mãos sujas de sangue naquela guerra, sem sombra de dúvida. Porém já havia tomado uma decisão tática. Não queria destruir a capital da França. Não era assim que queria ser lembrado na história.

Na terceira semana de agosto, Von Choltitz calculou que poderia protelar o ataque a Paris por no máximo mais 48 horas. Se os Aliados conseguissem libertar a cidade antes disso, ele permitiria.

Passado esse prazo, o general precisaria mostrar serviço para Berlim. Os pavios teriam que ser acesos. Seria o fim da “Cidade Luz” como o mundo moderno a conhecia — o fim daquela versão específica de Paris que se tornara uma das mais duradouras lendas do século XX.

Auxiliado por representantes dos insurgentes da Resistência de Paris, a quem ele não podia se render com dignidade ou segurança, o general conseguiu fazer com que um enviado diplomático cruzasse as linhas de frente e entregasse uma mensagem às forças francesas exiladas e ao general americano Dwight D. Eisenhower. Seu conteúdo era categórico. Entrem na cidade rápido, antes que eu seja obrigado a destruí-la. Dietrich von Choltitz alertou que restavam “não mais do que 24 a 48 horas”⁴ até que ele precisasse mostrar a Hitler que iria em frente com as explosões. Os Aliados tinham até o meio-dia de 24 de agosto de 1944 para realizar a libertação.

Depois disso, se não mostrasse resultados ao Führer, o general tinha certeza de que outra pessoa qualquer seria autorizada a dar as ordens.

Von Choltitz começou a retirar da cidade a artilharia pesada e os tanques alemães. Na manhã de 23 de agosto, na expectativa do iminente avanço dos Aliados, ele saiu da suíte do Ritz e transformou em sua nova residência militar o gabinete do governo alemão no Hotel Meurice, na rue de Rivoli, que fora confiscado.⁵

Deveria ter sido tudo perfeitamente simples. O problema era que, naquele momento, os franceses e os outros Aliados — sobretudo os americanos e os ingleses, que estavam no comando das operações militares nas proximidades de Paris — estavam envolvidos em outra discussão acirrada que ameaçava desperdiçar a oportunidade passageira de salvar a cidade.

Era apenas a crise mais recente de uma disputa entre franceses e anglo-americanos que, em última instância, de uma maneira ou de outra, moldaria as políticas europeias do pós-guerra por mais de cinquenta anos a partir de então.

A postos nos limites da cidade, os Aliados estavam evitando entrar na capital. Havia várias razões para isso, e, assim como Dietrich von Choltitz, eles também vinham protelando. O motivo mais importante era decidida e realisticamente logístico. Quando Paris fosse libertada, os Aliados precisariam provê-la com enormes quantidades de comida e combustível, suprimentos que ainda eram desesperadamente necessários nas linhas de frente da batalha. Tomar Paris iria distraí-los de um rápido avanço para o leste, em direção a Berlim e à vitória. Agora a oferta do general alemão e a insistência dos franceses em libertar a capital haviam forçado os Aliados a agir. Eles teriam que ir em frente com uma libertação prematura.

A operação dos Aliados para tomar Paris em conjunto entrou em ação. Foi aí que o problema de verdade começou.

Como uma questão de honra nacional, os franceses queriam que suas forças fossem as primeiras a entrar na cidade. Houve um interminável alvoroço sobre o assunto. Os Aliados prometeram honrar essa vontade, mas os franceses insistiam em se manter receosos, apesar de o líder da divisão nacional, o general Philippe Leclerc, ter chegado aos arredores de Paris na manhã de 24 de agosto. Ter se adiantado tanto na operação já fora um sério ato de insubordinação militar.

Os moradores dos subúrbios haviam recebido os homens de Leclerc como heróis conquistadores. As comemorações pareciam um pouco prematuras para alguns dos comandantes aliados.

De repente, os franceses começaram a agir com morosidade e tentaram frear toda a operação. O tempo estava passando. Eles tinham até o meio-dia para tomar a capital.

No entanto, Leclerc não se mexia. Os franceses não avançavam. Os Aliados estavam perdendo a paciência com ele — e, acima de tudo, com Charles de Gaulle, que no fim das contas estava por trás daquilo tudo. Era um aumento de tensões que estavam latentes de maneira mais ou menos aberta desde 1940.

“Se Von Choltitz fosse entregar a cidade”, como disse o general americano Omar Bradley, então “nós tínhamos um acordo a cumprir”.⁶ Isso significava avançar com as tropas até Paris e não ficar festejando nas cercanias. Bradley teve a impressão de que, naquele dia, os homens de Leclerc “passaram relutantes por uma muralha de cidadãos tipicamente franceses [e] diminuíram o avanço na França com vinho e comemoração.”⁷

Quando os comandantes dos Aliados ordenaram que ele “tomasse uma atitude mais agressiva e acelerasse o avanço”, o general Leclerc desconsiderou completamente a instrução — embora a ordem viesse de seus superiores militares.

O meio-dia de 24 de agosto passou sem a libertação.

Nos arredores de Paris, as tropas aliadas encontraram, surpreendentemente, uma resistência violenta. A ponte em Sevres, que ligava a capital às rotas ao sudoeste da cidade, explodiu.

Parte do que o general Leclerc não podia revelar era que, na verdade, ele *estava* tentando atrasar a libertação, mesmo que isso significasse perder o prazo final de Von Choltitz e arruinar uma operação unificada dos Aliados. O general De Gaulle já deixara claro para Leclerc que não queria que tropas francesas conquistassem Paris até que ele pudesse tomar providências políticas para expulsar a Resistência pró-comunista e instalar seu próprio governo pós-ocupação. O que estava em jogo era a liderança da Paris do pós-guerra.⁸

Completamente irritados com De Gaulle no verão de 1944, os Aliados continuariam contrariados mesmo que soubessem o motivo. Já ocorrera uma briga por causa dos planos do general De Gaulle de liderar sozinho a França do pós-guerra. Havia um motivo para Winston Churchill ter andado de um lado para o outro em 1944, lamentando em voz alta não ter sido possível salvar Georges Mandel quando o governo francês escapou no início. De Gaulle chamava os Aliados de gângsteres e valentões. Os Aliados viam De Gaulle como um sujeito ingrato, sedento por poder. Com as baixas dos Aliados na casa das dezenas de milhares desde os desembarques na Normandia, do ponto de vista anglo-americano estava na hora de acabar com essa guerra sangrenta na Europa.

Exclamando que ninguém podia se dar ao luxo de esperar que os franceses “chegassem dançando a Paris”, o general Omar Bradley tomou ele mesmo as rédeas da situação. “Ao diabo com o prestígio, digam para a 4ª [infanteria americana] ir em frente e realizar a libertação”, ordenou ele.⁹

Quando ouviu que os americanos estavam se preparando para avançar em direção a Paris no amanhecer do dia seguinte, o general Leclerc despachou um pequeno destacamento de tropas francesas, sob o comando do capitão Raymond Dronne, e mandou que fizessem uma entrada simbólica na capital na mesma hora. Os primeiros soldados franceses — uma divisão incrivelmente

pequena — passaram pelos portões da cidade e cruzaram a ponte d'Austerlitz, sobre o Sena. O destino era o edifício medieval Hôtel de Ville, a antiga prefeitura no quarto *arrondissement*.

Não havia como saber então se o armistício duraria ou se pela manhã os Aliados conseguiriam tomar a cidade.

Perto da rue de Rivoli, Dietrich von Choltitz passou aquela noite esperando. Não havia como saber quais seriam as consequências de sua decisão para ele e a família na Alemanha. O prazo final passou sem notícias. Ele estava desolado e preocupado. Se os Aliados não chegassem de manhã — se Von Choltitz não pudesse se render de forma honrada —, haveria morte por traição em Berlim, nas cordas de piano. Naqueles últimos dias, durante um jantar, o general alemão comentou, em um tom sarcástico, com um dos integrantes de sua equipe que, “a partir do momento em que nossos inimigos se recusaram a dar ouvidos e obedecer ao nosso Führer, a guerra inteira desandou”. Na encruzilhada, ele tomara a mesma decisão de não dar ouvidos.

Diante de Dietrich von Choltitz estavam os jardins silenciosos de Tuileries. Depois dos jardins, o Sena seguia até aquelas pontes distantes ao sul, onde os Aliados esperavam em algum ponto das cercanias de Paris. Percorrendo a cidade inteira, a água lavava as margens de quebra-mares íngremes. O rio dava em algum lugar mais a leste no coração da França, a Île de la Cité, onde a Notre Dame, uma das lendas de Paris, permanecia às escuras como fazia havia séculos.

Embaixo da antiga catedral, bombas aguardavam. Com elas, começaria o fim de Paris.

Então, um pouco antes da meia-noite, Dietrich von Choltitz ouviu ao longe o som de sinos de igreja. Em pouco tempo, badalavam insistentemente.

Aquilo só podia significar uma coisa. A libertação enfim começara.

OS CORRESPONDENTES DE GUERRA E A CORRIDA PARA PARIS



Robert Capa, Olin L. Tompkins e Ernest Hemingway em Mont Bocard, França, 30 de julho de 1944.

Senti um engasgo curioso na garganta e tive que limpar os óculos, porque ali, aquele momento, embaixo de nós, cinza e sempre linda, estava espalhada a cidade que eu mais amo em todo o mundo.¹

— Ernest Hemingway

Ernest Hemingway ainda estava furioso com Martha Gellhorn por ela tê-lo derrotado na corrida à Normandia. Porém em agosto Papa era um homem com um novo objetivo em mente. Ele estava decidido a ser o primeiro jornalista a voltar ao Hôtel Ritz após a ocupação.

Hemingway não era o único. Como disse Robert Capa, “o caminho para Paris estava chamando (...) e todo jornalista internacional (...) e todo correspondente de guerra credenciado [estava] brigando e conspirando para ser o primeiro a entrar em Paris e registrar a história dentro da grande cidade de antigas luzes”.²

Hemingway tinha certeza de que Capa e Gellhorn seguiriam para a Place Vendôme assim que conseguissem retornar à capital. Naquele momento, ele estava furioso com os dois. O escritor certamente não perderia o prêmio pela segunda vez.

Todo mundo sabia que o Ritz era onde Papa ficava em Paris. E todo mundo podia imaginar que Mary Welsh estaria lá com o amante assim que fosse possível. Toda a imprensa de Londres observava com um deleite cínico e entediado a relação entre os dois ganhar forma. Martha Gellhorn era provavelmente a única pessoa naquele círculo que não fazia ideia da situação.

Ernest Hemingway era muito competitivo em todos os aspectos, mas, naquelas últimas semanas, chegar ao Hôtel Ritz antes de Robert Capa ganharia uma importância especial para o famoso mestre da literatura. Não era só porque “Capa” — era apenas assim que todo mundo sempre o chamava — tinha chegado à França antes de Hemingway ou porque as imagens realistas do avanço dos Aliados pelo país haviam virado manchetes da revista *Life* desde então. Era uma questão pessoal.

Um dos motivos era toda a problemática com Martha Gellhorn. Martha e Capa nunca esconderam o fato de que compartilhavam uma conexão íntima e profunda. Dentro do pequeno círculo de amigos íntimos de Martha, Capa era “o melhor, o mais próximo em todos os sentidos (...) meu irmão, meu verdadeiro irmão”,³ como dizia ela abertamente. Com seu casamento em frangalhos e Martha

lutando contra a depressão naquela primavera,⁴ Ernest talvez estivesse um pouco na defensiva e até mesmo com ciúmes. Afinal de contas, a amizade de Capa com Hemingway “datava dos bons e velhos tempos” — quando eles cobriram juntos a guerra na Espanha, em 1937. “Eu era um jovem fotógrafo freelancer” na ocasião, recordou-se Capa, e Hemingway “era um escritor muito famoso”.⁵ “De qualquer forma, o apelido dele era ‘Papa’, e em pouco tempo o adotei como um pai.” Isso transformou toda aquela situação em um pequeno e complicado romance familiar, e o casamento em erosão das duas celebridades afetava os nervos de todos.

Conforme a libertação de Paris se aproximava, Martha, longe da França e agregada a uma unidade militar canadense, cobria o avanço dos Aliados na Itália. Em terra firme na Normandia, porém, as tensões latentes entre Capa e Hemingway haviam ganhado uma ameaçadora tendência competitiva já desde o dia 5 de agosto.

Papa tinha um anseio em ser o primeiro a libertar quase qualquer coisa e, naquela manhã, enviou uma mensagem para Capa, que estava cobrindo a guerra em Granville, no litoral da Normandia, perto de Mont Saint-Michel. A 4ª Infantaria “estava fazendo uma boa guerra para um fotógrafo”, provocou o bilhete, e Capa “deveria parar de perder tempo atrás de um monte de tanques”.⁶ Hemingway havia acabado de capturar uma elegante Mercedes de alguns alemães e mandou um motorista buscar o fotógrafo. Capa, sabendo como Papa ficava quando estava determinado a viver uma aventura, entrou no carro relutantemente.

No momento em que a Mercedes e o motorista chegaram ao campo trazendo Capa, Ernest estava cheio de cordialidade e entusiasmo. Era a primeira vez que os dois se viam desde antes do Dia D, em Londres. Naquela ocasião, era Capa quem tinha conseguido a grande reportagem. Neste novo encontro, o fotógrafo percebeu que Hemingway raspava a barba grisalha e que os 48 pontos necessários para remendar o crânio depois daquele passeio de carro bêbado por Mayfair haviam cicatrizado bem.

Capa também notou que Papa dera um jeito de se instalar com estilo no posto militar dos Aliados. Adulando o comandante, o general Raymond “Tubby” Barton, com suas histórias de guerra, o escritor havia montado sua própria brigada basicamente com puro carisma pessoal. Ernest Hemingway tinha um certo tenente “Stevie” Stevenson como oficial de relações públicas, um cozinheiro particular, um fotógrafo de campanha e o próprio estoque de uísque escocês.⁷ Seu braço direito era um impetuoso motorista de jipe de 29 anos, um soldado raso americano de cabelos ruivos chamado Archie “Red” Pelkey.⁸ “Proibido de portar armas, como todos os correspondentes de guerra”, escreveu Capa, “Hemingway fez questão de que seu pelotão pessoal portasse ‘todas as armas possíveis’⁹ — tanto alemãs quanto americanas.”

Tomado por intensa alegria, Hemingway anunciou que ele e sua “guerrilha” tinham um plano de libertar o vilarejo de Saint-Pois. E generosamente convidou Capa a ir junto para tirar algumas fotos da missão. Quando o escritor puxou o mapa e começou a explicar a estratégia, Capa teve um mau pressentimento. O regimento aliado, como Papa lhe mostrou, planejava tomar o vilarejo por uma rota à esquerda. A ideia era pegar um atalho no mapa e entrar em Saint-Pois pela direita, chegando antes dos militares cabeças-duras e alcançando a glória com aquela pequena trapaça. Nascido em Budapeste, o fotógrafo considerava o plano inequivocadamente duvidoso. Sua “estratégia húngara”, disse ele para Ernest Hemingway, sempre sabiamente “consistia em ir atrás de um bom número de soldados e jamais tomar atalhos solitários por alguma terra de ninguém”.¹⁰

As coisas ficaram tensas bem rápido. Hemingway insinuou que Capa era um covarde. Indignado, o veterano fotógrafo de guerra mordeu a isca e decidiu, mesmo contrariado, que ir junto era a única opção. Afinal de contas, poderia haver uma boa história, ainda que o plano fosse imprudente. Ele já havia passado por situações mais estranhas do que aquela. E Capa não seria acusado de falta de virilidade — não por Papa.

Junto com a Mercedes, Hemingway confiscara uma motocicleta com um *sidecar*. Papa, Red Pelkey e o fotógrafo de campanha encheram o *sidecar* com uísque e metralhadoras e foram à frente do comboio com uma tranquilidade surpreendente. Atrás, no sedã de luxo, Capa e o tenente “Stevie” seguiam, arrependidos.

Como fotógrafo, Robert Capa passara toda a vida adulta trabalhando de guerra em guerra. Seu instinto era o de um homem acostumado a seguir a razão. A todo momento o grupo parava para verificar o mapa e o terreno. Quando eles chegaram a uma curva fechada na estrada, Capa teve um mau pressentimento: as coisas estavam quietas demais. Ernest Hemingway ignorou o amigo e fez a curva com confiança.

Nesse exato momento, o bombardeio começou.

Um projétil explodiu a dez metros da motocicleta, na frente do comboio. Os freios rangeram enquanto a moto derrapava até parar, e Ernest Hemingway foi arremessado longe, para fora do *sidecar*. Papa caiu com um estrondo e levantou poeira em uma vala estreita ao lado da estrada. Os dois outros homens abandonaram a motocicleta e correram para a segurança do outro lado da curva na estrada, fora do alcance da artilharia. Enquanto os compatriotas assistiam, as balas traçantes

começaram a bater na terra em volta da cabeça de Hemingway. Capa sabia que, se todos eles enxergavam um centímetro de sua cabeça para fora da vala, os alemães também conseguiriam vê-lo.

Então Capa ergueu o olhar e viu um blindado alemão indo em um ritmo lento e constante na direção deles.

Ficar por ali não era uma boa ideia, e, mesmo que desde o início não estivesse muito no clima para aquele tipo de heroísmo fajuto, Capa não podia abandonar um amigo em uma vala para ser alvejado pelos alemães — embora tivesse considerado essa possibilidade. Quando o carro começou a avançar lentamente, tentando oferecer um novo alvo aos alemães, Hemingway soltou um furioso “recuem, porra”.

Mas ninguém seguiu as ordens de Papa.

Finalmente, os alemães voltaram as miras para uma recompensa maior — a chegada de um regimento aliado pelo outro flanco —, e Hemingway correu para se salvar, chegando à curva na estrada, branco de raiva. Mais tarde, Capa divertiu as pessoas com a história. “Ele me acusou de não fazer nada durante o ataque, pois aí eu poderia tirar a primeira foto do cadáver do famoso escritor”, contou Capa às gargalhadas¹¹. “À noite”, brincou o fotógrafo, “as relações ficaram um pouco abaladas entre o estrategista e o especialista militar húngaro.”¹²

Embora Capa debochasse do caso publicamente, aquilo, no fim das contas, não foi um assunto para piadas entre os dois amigos. Hemingway esbravejou e ficou furioso, e o rompante terminou com um silêncio frio e intencional. Durante dias, os dois não se falaram. Depois daquilo, Papa passou a não ter mais vaga para um fotógrafo húngaro em seu bando. Robert Capa saiu da base e voltou para Mont Saint-Michel; depois, no dia 18 de agosto, foi embora novamente, dessa vez para se encontrar com o jornalista e editor da *Time* Charles Wertenbaker, como um dos primeiros correspondentes a cobrirem a Libertação em Chartres, onde civis franceses já estavam fazendo justiça com as próprias mãos contra os traidores locais.¹³

Já Ernest Hemingway só conseguia pensar na corrida ao Hôtel Ritz. A humilhação sofrida por aquela hora passada em uma vala à beira da estrada nas proximidades de Saint-Pois deixara o escritor, agora com 45 anos, ainda mais determinado a evitar que Capa, em especial, lhe roubasse o furo. “Meu objetivo pessoal de guerra neste momento”, escreveu Hemingway em uma reportagem para a revista *Collier's*, “é chegar a Paris sem levar um tiro.”¹⁴ Ele estava firmemente decidido a competir e não muito preocupado em obedecer às regras de combate e à hierarquia militar — não se isso significasse deixar de participar dos acontecimentos e perder um lugar na primeira fila da Libertação em Paris.

Em 19 de agosto, com Capa em Chartres, Hemingway afastou-se do corpo da 4ª Divisão de Infantaria e do grupo de jornalistas internacionais que acompanhavam o avanço principal dos Aliados. Àquela altura, “mais de trezentos correspondentes internacionais (...) disputavam a *pole position* na corrida até Paris: a libertação da cidade era a próxima grande reportagem”.¹⁵ Na esperança de passar a perna em todos eles, Hemingway foi para o pequeno vilarejo de Rambouillet, a cerca de cem quilômetros da capital francesa, onde sua equipe de quatro homens se encontrou com mais ou menos uma dúzia de guerrilheiros franceses maquis que estavam a caminho de Paris.

Naquela manhã — “o dia estava lindo”, enalteceu o escritor —, Papa, Red e seu grupo heterogêneo decidiram montar uma base de operações em um vilarejo e avançar em combate até a capital como uma milícia particular. Eles tinham até mesmo uniformes. “Mary”, escreveu Hemingway em uma de suas típicas mensagens concisas de amor, “nós tivemos uma vida bem estranha desde a última carta. No dia 19, fizemos contato com um grupo de maquis que se colocou sob meu comando. Talvez por eu parecer tão feio e velho, creio. Vestimos os maquis com roupas do destacamento de batedores da cavalaria que tinha sido eliminado na entrada de Rambouillet.”¹⁶ Foi uma completa contravenção de todas as regras dos correspondentes de guerra e não combatentes credenciados.

Em 22 de agosto, Hemingway e seus homens supostamente explodiram com uma granada alguns alemães que estavam escondidos em um porão e, cansados da vida no acampamento, se hospedaram todos juntos na estalagem local de Rambouillet, bancados pelos fundos para reportagem do escritor.¹⁷ Àquela altura, já estavam com ele o coronel David Bruce, da OSS, o serviço americano de espionagem; dois historiadores do exército, o tenente-coronel S. L. A. Marshall e o tenente John Westover;¹⁸ um guerrilheiro da Resistência chamado Marcel; outro patriota local, chamado Jean-Marie L'Allinec; e um pequeno grupo de franceses determinados a usar codinomes, para o caso se serem capturados.

O grupo havia passado as noites anteriores formando laços à base de copiosas quantidades do vinho local e uma garrafa de Grand Marnier. Hemingway tinha opiniões rígidas sobre bebida alcoólica e socialização masculina. “Ei, Jean-Marie, a não ser que você beba”, ralhou ele com L'Allinec, que era afeito à sobriedade, “haverá uma distância entre nós. Vamos beber algumas doses para diminuir essa distância.”¹⁹

A verdadeira distância que Hemingway queria diminuir era entre Rambouillet e a Place Vendôme.

Como Jean-Marie contou a um repórter do *San Francisco Chronicle* anos depois: “Era mais do que apenas ser o primeiro americano em Paris. [Hemingway] disse: ‘Serei o primeiro americano no Ritz. E libertarei o Ritz.’”²⁰

Não demorou muito para a divisão francesa também alcançar o vilarejo. Com as tropas francesas, chegaram, é claro, os correspondentes que Papa vinha arduamente passando para trás. Em 22 de agosto, o lugar estava entupido de jornalistas.

Naquela noite, o coronel George Stevens, um diretor de cinema de Hollywood e sua equipe estavam bebendo vinho no mesmo café. Não muito tempo depois, Irwin Shaw apareceu e juntou-se a eles. Irwin estava bastante acostumado a encarar com simpatia as excentricidades movidas a álcool de Ernest Hemingway. A “milícia” havia adotado os maneirismos escandalosos de Papa, e, como Robert Capa brincou, os soldados do escritor andavam por aí “cuspidando frases curtas pelo canto da boca em suas línguas diferentes [e carregavam] mais granadas e conhaque do que uma divisão inteira”.²¹

O fato do bando de Hemingway ter se apoderado do hotel, impedindo qualquer outra pessoa de conseguir uma cama decente, deixou o jornalista americano Bruce Grant particularmente irritado. Ele expressou a insatisfação indignada em voz alta. Decorreram, então, uma vigorosa troca de insultos e uma briga de bar. Hemingway meteu um soco de boxeador no queixo do jornalista, e não demorou muito para os dois correspondentes de guerra estarem no chão do restaurante em uma confusão de punhos e coturnos. Um jovem correspondente de guerra chamado Andy Rooney observou tudo de uma mesa do café e mais tarde falou: “Jamais consegui levar Hemingway a sério depois daquilo. Sempre gostei dele como escritor, mas aquilo era coisa de garoto de colégio.”

A chegada de Capa a Rambouillet foi a gota d’água para Hemingway. Havia jornalistas e fotógrafos demais perambulando por ali. Ele conduziria sua própria operação enquanto todos permaneciam sentados esperando que alguém lhes mandasse marchar. Capa comentou que “toda noite”, Hemingway e seu bando “saíam para perseguir os alemães remanescentes entre Rambouillet e Paris”.²² O escritor fez questão de não convidar o velho amigo para acompanhá-los.

Em 23 de agosto, quando os planos do comando militar para a libertação enfim ganharam corpo, rumores agitaram os correspondentes.

Começava a parecer que o general Leclerc não deixaria que nenhum dos jornalistas estrangeiros dos Aliados estivesse lá para testemunhar a retomada de Paris — ou para compartilhar da glória. Naquela manhã, a imprensa em Rambouillet soube que Leclerc havia retirado do vilarejo a 2ª Divisão Francesa de Blindados e despachado os tanques na direção da capital francesa, intencionalmente sem dizer nada para eles.

Um grupo de correspondentes de guerra e jornalistas experientes recebeu aquilo como um desafio, e a competição para ser o primeiro repórter em Paris só fez acelerar depois que ficara bem claro que muitos ali provavelmente perderiam toda a Libertação.

Começou então uma corrida a todo vapor entre os anglo-americanos e os franceses para ver quem seria o primeiro a libertar Paris.

Exatamente como esperado, tanto Capa quanto Hemingway adotaram estratégias diferentes. Capa e Charlie Wertenbaker saíram de Rambouillet para tentar alcançar o flanco principal do exército de Leclerc. Na tarde de 24 de agosto, eles encontraram as formações de tanques em Étampes, cinquenta quilômetros a sudoeste do centro de Paris. Capa ainda estava determinado a manter o máximo de soldados à frente dele. Os dois dormiram naquela noite à beira da Rota Nacional 20. “Debaixo do Big Dipper [famoso asterismo da constelação de Ursa Maior], vinham clarões de luz ocasionais e depois o som da artilharia ao longe. Os tanques franceses eram silhuetas escuras e difusas sob as árvores”, recordou-se o fotógrafo.²³ Aqueles clarões de luz no horizonte distante e os tanques franceses silenciosos à beira da estrada estavam no centro da tempestade diplomática e militar que ainda se formava.

No acampamento da imprensa, Hemingway, o coronel Bruce e seu bando formaram sua própria coluna clandestina. Ralph Morse, outro correspondente da *Time*, que trabalhara com Mary Welsh em algumas reportagens, era amigo íntimo de Ernest. Como Morse contou: “Pois então, estamos esperando naquela base, e Hemingway diz: ‘Sabe, é impossível que os alemães tenham minado todas as estradas que vão para Paris. Por que não encontramos um atalho? Podemos chegar à Champs-Élysées antes das tropas.’”²⁴

“Passei de bicicleta por aqui durante muitos anos”, explicou Hemingway.²⁵ “É andando de bicicleta que se conhece melhor os contornos de uma região, uma vez que você sua subindo e descendo os morros.” Ele tinha certeza de que conseguiria levá-los para Paris na frente das principais colunas se usasse apenas atalhos como aquele que deixara Robert Capa hesitante.

Fosse para o bem ou para o mal, a competitividade jornalística arruinou aquela aventura. O plano de Hemingway de “entrar em Paris antes das tropas americanas que iam para lá foi abandonado”, disse Ralph Morse mais tarde, “porque alguém — talvez um repórter que não tivesse sido convidado, quem sabe? — vazou o plano para o [general] Patton, e, antes que nós percebêssemos, o

acampamento da imprensa foi cercado por policiais militares. Patton entrou e disse ‘se algum de vocês se dirigir a Paris antes das tropas eu mando para a corte marcial!’”.²⁶ Então até mesmo Ernest Hemingway precisou esperar a alvorada, como todo mundo. Ele já havia violado tantas regras de um correspondente de guerra que, mais cedo ou mais tarde, o general Patton teria que dar uma olhada no caso.

O famoso escritor estava de castigo. Contudo, por sorte ele e Red encontraram os historiadores do exército, os tenentes Marshall e Westover, em um café local. Os tenentes tinham muito mais liberdade de ação do que um jornalista, e Papa voltou à ativa. “Marshall, pelo amor de Deus, você tem alguma bebida?”, rugiu Hemingway, muito feliz.²⁷ Com uma risada, Marshall tirou uma garrafa de uísque do jipe. A milícia do escritor também havia acampado naquela noite, sob a luz das estrelas e ao som do bombardeio distante, às margens de um pequeno rio.

Na Rota Nacional 20, Robert Capa, Charlie Wertenbaker e o motorista Hubert Strickland acordaram na alvorada de 25 de agosto e viram o avanço coordenado para Paris começando. No meio da manhã, eles estavam a apenas três quilômetros da cidade. Parecia que os três veriam a Libertação, afinal.

Então aconteceu uma catástrofe. A 2ª Divisão Francesa de Blindados deteve os repórteres em um posto de controle. O general Leclerc ainda fiscalizava o cumprimento de suas ordens: ninguém a não ser a divisão francesa teria permissão de entrar em Paris naquela manhã. “O velhote”, resmungou Capa, “sem dúvida estava perdendo o charme.”²⁸

Ele percebeu algo interessante: os soldados que impediam sua entrada na capital falavam francês com sotaque espanhol. Examinando melhor, Robert Capa também viu que na lateral de um dos tanques alguém havia pintado o nome de uma das mais terríveis batalhas da Guerra Civil Espanhola — uma batalha a que o fotógrafo sobrevivera junto com aqueles homens. Era uma vergonha, esbravejou Capa em espanhol. Ele sabia que os soldados eram republicanos espanhóis que tinham ido para a França como refugiados durante a guerra civil e que agora lutavam pela libertação de Paris com o exército de Leclerc. Mas Capa era um deles. Será que os espanhóis realmente o impediriam de participar da maior batalha da guerra? Que tipo de irmãos eles eram?

Quando os soldados ouviram Capa discutindo e notaram que ele era um velho companheiro de armas, tudo mudou. Os espanhóis não apenas lhe deram uma calorosa recepção e deixaram que passasse com pompa pelas barreiras, como também insistiram que Capa fosse com eles no tanque até a capital. Strickland e Charlie os seguiram de perto no jipe, até chegarem a Paris.

Precisamente às 9h40, os três homens passaram pela Porte d’Orléans, uma das históricas entradas que datavam de séculos antes, quando Paris era uma cidade pequena e murada. Havia multidões esperando nas estradas segurando flores, e as mulheres gritavam “*merci, merci!*” e beijavam os soldados. Em suas memórias, Capa descreveu os sentimentos naquele início de manhã em agosto:²⁹ “A estrada para Paris estava aberta, e todos os parisienses tinham ido às ruas para tocar o primeiro tanque, beijar o primeiro homem, cantar e chorar. Nunca houve tanta gente tão feliz de manhã tão cedo (...) Senti que aquela recepção em Paris fora feita especialmente para mim. Em um tanque fabricado pelos americanos que me aceitaram, de carona com os republicanos espanhóis com quem lutara contra o fascismo havia muitos anos, eu estava retornando a Paris — a linda cidade onde aprendi pela primeira vez a comer, beber e amar.”³⁰

Naquela manhã, o tanque passou por cenas de outra vida: a que ele vivera antes de sua namorada Gerda Taro ter morrido na linha de frente enquanto tirava fotos na Espanha, antes do funeral dela em Paris, antes do Dia D e da Normandia. Em frente à sua antiga casa, Robert Capa vislumbrou a ex-senhoria balançando um lenço, eufórica. “*C’est moi, c’est moi!*”, berrou ele para a mulher, torcendo para que ela o visse e reconhecesse. Mas, àquela altura, “os milhars de rostos no visor da câmera se tornaram mais e mais difusos; aquele visor estava muito, muito molhado.”³¹ Charlie Wertenbaker se recordaria assim desse dia: “Capa e eu entramos em Paris com olhos que não secavam. Nós não tínhamos vergonha daquilo, assim como as pessoas que choravam ao nos abraçar.”³²

Eles deixaram o jipe no boulevard des Invalides e entraram no tanque em direção ao rio e o Quai d’Orsay. No meio da rua, um oficial alemão de joelhos implorava por clemência diante de uma multidão de patriotas franceses que se preparavam para executá-lo. Quando o grupo de Capa fez a curva, três fuzileiros franceses chegaram para prender o oficial e salvaram sua vida. Mais tarde, os homens pararam para beber no Café du Dôme, em Montparnasse, onde belas garotas em vestidos leves de verão subiram no tanque e cobriram os rostos deles com batom. “Perto da Câmara dos Deputados, tivemos que lutar, e um pouco daquele batom foi lavado com sangue”, diria Capa mais tarde.³³

A 2ª Divisão Francesa de Blindados agora varria Paris pelo oeste, passando pelo Arco do Triunfo e pela Champs-Élysées. Os Aliados vinham pelo leste. Às 10h30, o general Dietrich von Choltitz recebeu, enfim, o ultimato que aguardava havia tanto tempo. Ele ainda estava preparado para entregar Paris. Parecia que, miraculosamente, a Cidade Luz tinha sido salva do ato final de

destruição.

Robert Capa já sabia: “Queria passar minha primeira noite no melhor dos melhores hotéis — o Ritz.”³⁴ Não havia nada que pudesse detê-lo. Ele ganhara de Ernest Hemingway na chegada a Paris por mais de duas horas.

Hemingway, como era esperado, estava convicto de que sua entrada em Paris renderia uma boa reportagem. Já naquele dia, começou a compor na mente a carta que escreveria para Mary Welsh. Contaria para ela como ele e sua milícia, naquela manhã, “patrulharam e arrumaram suprimentos ‘gen’ para entregar os franceses quando eles avançassem”.³⁵ “Gen” era a típica gíria de Hemingway para algo que era “genuíno” ou uma boa informação.

Hemingway e seu bando, junto com o coronel Bruce, cruzaram a Pont de Sèvres e entraram em Paris pelo sudoeste, pouco antes do meio-dia, em um jipe. Ao contornarem a extremidade sul do parque arborizado em Bois de Boulogne, eles levaram os primeiros tiros de alemães obstinados. Papa e sua milícia escapariam de disparos de atiradores de elite até entrarem na cidade, por uma rota dentro da capital que os levou ao centro histórico de Paris. No imenso eixo de Place de l’Étoile, o jipe passou pelo Arco do Triunfo, com seu esplendor gigantesco, e então o motorista virou para leste, em direção à larga avenida Champs-Élysées. À direita, a Torre Eiffel reluzia, silenciosa, do outro lado do rio. À esquerda, surgindo acima dos telhados de Paris, estava o domo branco da Sacré Coeur no alto de Montmartre — a montanha dos mártires.

O que o rascunho da carta de Hemingway para Mary não mencionou quando ele finalmente se sentou para começar a escrevê-la, depois de um ou dois dias — e aquilo de que Jean-Marie mais tarde se recordou — foi que sua “marcha para Paris pareceu ser pontuada por longas paradas regadas a vinho em cafés e hotéis”. O francês afirmou, admirado: “É surpreendente que um dia ele tenha chegado ao Ritz.”³⁶ Quando o jipe chegou ao rio Sena, o tenente Marshall já contava 67 garrafas de champanhe dentro do veículo.

Logo a leste da Place de l’Étoile, Ernest Hemingway encontrou um velho conhecido: Émile Vieubois, da 2ª Divisão de Blindados do general Leclerc.³⁷ A extremidade oeste da Champs-Élysées estava calma, mas Émile os alertou que havia um combate intenso mais abaixo, onde o boulevard dava na Place de la Concorde e, a nordeste, na rue de Rivoli. Era o caminho óbvio para a Place Vendôme. Hemingway só queria saber qual seria o caminho mais rápido para chegar, dentro das circunstâncias, ao Ritz. Ele convidou Émile para se juntar a ele e beber no bar do hotel naquela noite. Era lá que aconteceria a festa da vitória.

Evitar o combate na Champs-Élysées significava contornar ao norte da Place Vendôme, na direção da Opéra. Hemingway e sua milícia já tinham feito várias paradas regadas a bebida, e aquele pareceu um bom momento para outra pausa. Por acaso, um de seus bistrôs favoritos ficava no eixo do boulevard des Capucines e da rue de la Paix, bem perto do destino final. Os libertadores pararam para mais uma libação comemorativa, no local adequadamente chamado Café de la Paix — o café da paz —, e reuniram mais alguns recrutas locais. Quando seguiu ruidosamente ao sul até o Hôtel Ritz, depois da esquina, o grupo contava com algo entre 55 e 75 pessoas. Foi uma maneira gloriosa de retornar a Paris.

Hemingway ficou contente por estar ao lado de historiadores do Exército naquela tarde. “Ou todo mundo pensaria que foi uma tremenda mentira”, concluiu ele.³⁸ Mais tarde, ao escrever para Mary sobre os perigos, ele contou vantagem, dizendo que tivera “uma forte sensação de que minha sorte estava prestes a acabar, mas tentaria jogar os dados mais algumas vezes”. Porém, tirando os disparos esporádicos de atiradores de elite ao longo da Champs-Élysées, aquela fora uma entrada relativamente tranquila em Paris. Hemingway já estava compondo um novo elemento da duradoura lenda de Papa.

A pausa para beber no Café de la Paix teve que ser rápida, pois ele ainda não havia cumprido seu objetivo mais urgente. Queria parar na velha entrada da rue Cambon e libertar o Ritz dos alemães. O escritor e seus seguidores estavam prontos para um pouco de ação. A única questão era se ele chegaria a tempo de ser o primeiro americano no hotel.



Multidões comemoram no Arco do Triunfo, Paris, 1944.

Charley [Ritz] percorreu comigo o belo corredor com carpete vermelho e se divertia como se todos nós fôssemos crianças perdidas que, não tendo o bom senso de terem nascido suíças, tinham se envolvido no negócio sujo da guerra.¹

— Ernest Hemingway, “A Room on the Garden Side”

Após mais alguns drinques no Café de la Paix, o coronel David Bruce e Ernest Hemingway voltaram ao jipe. Archie “Red” Pelkey, ainda ao volante, virou para o sul, em direção à Place Vendôme. Instantes depois, o bando de Hemingway, acompanhado por alguns guerrilheiros franceses recolhidos ao longo do caminho e por uma jovem americana chamada Jacqueline Tavernier, irrompeu na amplidão da praça e de seu tradicional círculo de palácios renascentistas. Eram duas da tarde.

O general Dietrich von Choltitz havia partido em 23 de agosto, junto dos últimos alemães e da riqueza saqueada. No momento em que eles foram embora, Hans Elminger e Claude Auzello içaram a bandeira francesa sobre o Ritz. Houve um momento de incerteza quando chegou a notícia de que os alemães tinham tomado a estrada errada para sair de Paris e retornavam pelas avenidas. O diretor manteve-se firme e recusou-se a retirar a bandeira francesa, sem se importar com as consequências. Desde então, cerca de 24 horas haviam se passado, a bandeira continuava a tremular na brisa, e os quartos opulentos estavam vazios, à espera de novos hóspedes.

Entretanto, os americanos não foram os primeiros a alcançar o hotel, e Ernest Hemingway não era o único que sonhava com uma acomodação de luxo. Algumas tropas britânicas precavidias haviam chegado uma hora antes e planejavam fixar residência.

Mas elas não permaneceriam naquelas suítes palacianas por muito tempo. Não se Papa pudesse fazer algo a respeito. Ele estava preparado para lutar contra qualquer um.

Quando Hemingway e sua comitiva pararam em frente ao Hôtel Ritz, uma grande comemoração irrompeu em volta deles. Aquele era o momento pelo qual Papa estava esperando. Claude Auzello recebeu o escritor na entrada, feliz por dar boas-vindas ao sr. Hemingway com uma demonstração da formalidade rigorosa do Ritz. Afinal de contas, colocar panos quentes de forma elegante sob

quaisquer circunstâncias era a marca registrada do hotel. Ernest anunciou ruidosamente a missão: estava ali para libertar ele mesmo o Ritz dos alemães. “É claro, sr. Hemingway”, respondeu Claude com calma, mas os olhos cansados brilharam. “Mas poderia fazer a gentileza de deixar a arma na porta?”²

A esposa de Hans Elminger, Lucienne, estava de pé perto da entrada. Nos corredores, os soldados britânicos instalavam seu quartel-general. Foi um momento tenso e cômico. Ernest viu os britânicos tomando seu Ritz com toda eficiência e na mesma hora se lançou em uma ofensiva arrogante. “Quem vai ocupar o Ritz sou eu”, vangloriou-se para eles.³ “Somos os americanos. Vamos viver aqui como nos bons e velhos tempos”, disparou Hemingway. Então o escritor começou a dar ordens para colocar os britânicos na rua, vociferando instruções em alemão para eles, por incrível que pareça. Impressionados — impressionantemente —, os soldados britânicos obedeceram às ordens.

Lucienne se lembraria com clareza daquela cena, mesmo décadas depois:

*Ele entrou como um rei e escorraçou todos os britânicos que haviam chegado uma hora antes. Vestia cáqui, mas a camisa estava aberta sobre o peito nu. Usava um cinto de couro embaixo da grande barriga, com a arma batendo na coxa (...) Ele tinha presença, daquela maneira que as pessoas conheciam Hemingway, mas sem elegância. Meu marido não ficou muito contente de ver aquilo acontecendo em seu Ritz.*⁴

O barman substituto de Frank Meier, Georges Scheuer, se lembraria de outro fato que incomodou alguns funcionários. Ernest irrompeu aos gritos pela porta — naquele costumeiro uniforme de não combatente oficial usado pelos correspondentes de guerra — brandindo uma submetralhadora britânica calibre .9mm, algo que todos sabiam que não era apenas “muito errado”, como também bastante perigoso. Seria apenas uma questão de semanas até Papa encarar uma investigação militar exatamente por aquele tipo de quebra da conduta de neutralidade.

Por sua vez, Hemingway se lembrava de Scheuer de antes da guerra e ficou feliz ao ver rostos conhecidos por toda parte. “Conheci Scheuer quando ele tinha 17 anos; era o rapaz de 17 anos mais esperto que eu já vira, o mais rápido e mais hábil”, escreveu Hemingway.⁵ Georges conhecera Papa “quando [o escritor] havia entrado com dinheiro apenas para dois drinques, na época em que ele vinha não mais do que uma vez por mês, feliz ao ver o cantil para uísque de aço inoxidável antes que existisse tal coisa como aço inoxidável.” A nostalgia de Hemingway pelos dias de juventude em Paris era palpável.

Assim que o Ritz foi libertado dos aliados britânicos, Hemingway e seus homens varreram o prédio, correndo até o telhado em busca de algum alemão que tivesse ficado para trás escondido nos sótãos. Com uma série de disparos bem precisos, conseguiram derrubar no telhado um varal de lençóis recém-lavados que haviam farfalhado na hora errada.

Ninguém acreditou mesmo que a varredura das adegas que veio em seguida foi de fato uma operação militar. Os irredutivelmente corretos Hans e Lucienne Elminger podem ter desaprovado em silêncio as travessuras de Hemingway, mas o miliciano Jean-Marie L’Allinec observou espantado Claude Auzello correr de um lado para o outro, delirante de felicidade. É claro, Claude sempre disse, em conversas privadas, que a verdadeira libertação do Ritz ocorreu no dia anterior, quando os diretores hastearam a bandeira francesa e viram os alemães irem embora com todo o espólio roubado.⁶ Mas ficou contente em deixar o antigo hóspede ilustre e grande escritor americano ter seu momento de glória. “Resistimos aos alemães — escondemos deles os melhores *premiers crus*. Salvamos o Cheval Blanc!”, disse Claude para Hemingway, alegremente. “Bem, então vá pegá-los!”, ordenou o escritor, com um grande sorriso.⁷ “Eles trouxeram algumas garrafas e Papa começou a entorná-las”, contou Jean-Marie ao se recordar da cena, anos depois. “Imagine! Aquele velho e maravilhoso Bordeaux, e ele entornando como se fosse água.”

Então Hemingway marchou até o bar de Frank, pediu uma rodada de 73 martínis para seus homens e começou a trabalhar para se estabelecer como comandante do campo Ritz.⁸ Ele postou guardas, designou para si mesmo o quarto 31 e subiu com algumas garrafas de champanhe e conhaque. “Foi inacreditável, inacreditável”, contou Lucienne Elminger. “Era impressionante vê-lo se comportar como se o hotel fosse sua casa.”⁹

Hemingway e sua comitiva foram tecnicamente os primeiros jornalistas americanos no local. Portanto, tiveram um verdadeiro prazer em caçar dos dois azarados compatriotas que chegaram apenas alguns momentos depois dele, Alan Moorehead e Ted Gilling.¹⁰ Eles entraram na Place Vendôme como se estivessem vindo da década errada, em um Volkswagen empoeirado cheio de equipamento de campanha, ambos com a barba por fazer e uma aparência desmazelada. Com prazer, Ernest sugeriu que os dois, após um banho mais do que necessário, passassem na sua suíte para tomar um pouco de champanhe. Papa então subiu para começar a comemorar a conquista da reportagem especial antes da dupla.

Robert Capa ainda não havia chegado. Ele entrara na cidade antes de Hemingway, mas não no Ritz. E por uma boa razão. Naquele momento, do outro lado da cidade, continuava acontecendo o combate esporádico perto do rio, e, como sempre, o fotógrafo queria ficar no centro dos

acontecimentos. Capa estava ocupado tirando mais rolos de fotos, que ainda se tornariam algumas das mais famosas imagens daqueles dias.

Às quatro da tarde, Charles de Gaulle enfim entrou na capital. Os alemães capitularam formalmente, e a maioria dos soldados alemães que foram deixados na cidade se rendeu em massa, com as mãos no ar e bandeiras brancas penduradas nos ombros.¹¹ Quando o general De Gaulle chegou à Préfecture de Police — o quartel-general central da polícia — para aceitar o apoio das divisões da polícia metropolitana, irrompeu mais um combate acirrado de alemães e insurgentes pró-Vichy. A noite já começava a cair quando De Gaulle finalmente subiu ao palanque em frente ao Hôtel de Ville para fazer o discurso de libertação a dezenas de milhares de pessoas que lotavam as praças públicas para lhe dar as boas-vindas.

As sete da noite, as primeiras palavras do general De Gaulle em uma Paris livre foram transmitidas ao vivo para o mundo todo. Ao ouvi-las na rádio BBC em Londres, Winston Churchill deve ter desejado outra vez ter sido capaz de salvar Georges Mandel em 1940, quando tudo aquilo começou. Após as crescentes tensões entre os generais Bradley e Leclerc, alguns americanos deviam compartilhar da mesma opinião. O cada vez mais intenso conflito entre franceses e aliados anglo-americanos ainda duraria anos e moldaria o destino do Hôtel Ritz após a ocupação.

“Por que deveríamos esconder a emoção que toma conta de todos nós, homens e mulheres, que estamos aqui, em casa, na Paris que se ergueu para se libertar e que fez isso com as próprias mãos?”, entoou Charles de Gaulle no discurso de vitória para um mundo em expectativa.¹² Empolgado, prosseguiu: “Paris! Uma Paris revoltada! Uma Paris destruída! Uma Paris martirizada! Mas (...) uma Paris libertada! Libertada sozinha, libertada pelo povo com a ajuda dos exércitos da França, com o apoio e a ajuda de toda a França, da França lutadora, da única França, a França de verdade, a França eterna!” Aquilo não ficaria registrado na história como um dos momentos mais nobres de Charles de Gaulle para com os americanos.

Nas praças públicas de Paris, as *épurations* — expurgos — começaram. Em meio à multidão que ouviu o discurso de Charles de Gaulle naquela noite, estava um velho frequentador do Ritz durante a guerra: Jean Cocteau. O escritor estava em uma pequena enrascada pós-libertação.¹³ Seus poemas — em alemão — haviam acabado de ser lançados naquele verão. Durante a ocupação, ele tinha sido amistoso com os fascistas e fora um dos alegres espectadores do que acontecera no Ritz. Não era um mau momento para começar a ficar um pouco nervoso.

Cocteau acabaria voltando ao bar do Ritz antes que a noite terminasse. E não demoraria muito para Ernest Hemingway sair da cama e descer as escadas com uma empolgação ruidosa. Mas, por enquanto, Papa estava acampado onde imaginou ser o centro da melhor ação — “ação [que] sempre acontece no Ritz de Paris”. Em seu sonho,

É uma bela noite de verão. Tomo dois martinis no bar — no lado da rue Cambon. Então ocorre um jantar maravilhoso (...) Após alguns conhaques, subo para meu quarto e me enfo em uma daquelas enormes camas do Ritz. Todas elas são feitas de bronze. Há um travesseiro comprido do tamanho de um zepelim Graf para a minha cabeça e quatro travesseiros quadrados cheios de penas de ganso legítimas — dois para mim e dois para a minha companhia inteiramente divina.¹⁴

Ernest Hemingway não jantou e, na noite da Libertação, não teve nenhuma companhia divina, mas era uma boa maneira de passar uma noite em Paris. Sendo uma celebridade, Hemingway podia contar com um fluxo constante de visitas, o que com certeza era lisonjeiro.

Entre os primeiros a chegarem naquela noite estavam os filósofos e escritores Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O casal sabiamente fora embora de Paris no meio de julho para “tirar férias”, preocupado com eventuais problemas que os textos de Sartre para a nova publicação clandestina *Combat* pudessem causar. Os dois já estavam de volta à cidade desde 22 de agosto, quando Jean-Paul se unira ao grupo de dramaturgos que ocupava o Théâtre-Français. Nem todo mundo em Paris ficou impressionado com a postura política do filósofo durante a guerra. “Alguns mais espirituosos”, como disse um historiador, “mais tarde comentaram que Sartre se juntou à Resistência no mesmo dia que a polícia de Paris.”¹⁵ Em outras palavras: dez dias antes da Libertação.

Depois, Hemingway conseguiu seu jantar dos sonhos. A festa no salão do Ritz foi exuberante. Em pouco tempo, os correspondentes de guerra voltavam ao velho reduto na Place Vendôme para um banquete de comemoração e rodadas de champanhe. A maior parte da imprensa instalou-se nos quartos do Hôtel Scribe, a alguns quarteirões dali, onde Charlie Wertenbaker, editor da *Time*, montara escritórios para os correspondentes em busca de pautas.

À noite, Paris estava livre, e a maioria dos alemães ainda na capital havia se rendido. A cidade estava toda acesa pela primeira vez em anos. Apesar das rusgas militares por honra nacional e primazia que tinham estragado o dia para os generais, naquele momento as bandeiras francesa e americana tremulavam lado a lado na Torre Eiffel e no Arco do Triunfo para marcar a ocasião simbólica.¹⁶

Logo alguns militares começaram a entrar, pouco a pouco, no Hôtel Ritz. O bar da rue Cambon foi o local escolhido por todos os oficiais aliados do alto escalão.¹⁷ “Naquela noite”, contou o tenente

John Westover, um dos dois historiadores do Exército que haviam entrado em Paris com Papa, “Marshall e eu fomos ao Ritz e nos juntamos a Hemingway e ao coronel Bruce para jantar. Passamos um papel e todos ali assinaram. Dissemos que éramos as primeiras pessoas (de fora) em Paris.”¹⁸

“Nenhum de nós jamais escreverá uma linha sequer sobre as últimas 24 horas em delírio”, proclamou Hemingway. “Quem quer que tente fazê-lo é um estúpido.”¹⁹

Foi um decreto esperançoso. Naquele momento, Hemingway não estava muito inspirado para escrever coisa alguma. A ideia de que os outros estivessem ocupados fazendo reportagens o irritava.

Depois do jantar, um garçom distraído “meteu um imposto de Vichy na conta”. O homem não compreendia bem que a libertação de Paris significava que ninguém tinha que seguir aquelas velhas ordens repressoras da época da guerra. O resultado foi uma eufórica insurreição geral na mesa de jantar. “Na mesma hora nos levantamos todos juntos e dissemos para ele: ‘Milhões para defender a França, milhares para honrar a conta, mas nenhum centavo em tributo a Vichy.’”²⁰

Ao oferecerem “milhares para honrar a conta”, os convivas estavam sendo gentis. O jantar dado na noite da libertação foi, pelos padrões do Ritz, atipicamente escasso. Por toda parte na cidade, havia pouca comida, e quem não passava fome já era considerado sortudo. Mesmo que outros suprimentos estivessem escassos, as adegas de vinho do Ritz — graças à esperteza de Hans Elming — ainda estavam lotadas de tesouros. Após a queda da França, Elming escondia 120 mil garrafas de vinho em adegas do outro lado do Sena, no número 250 da rue Lecourbe — uma das maiores coleções na França e sem dúvida a melhor em toda a capital francesa. Como resultado, nunca faltou Bordeaux durante a ocupação. Naquele momento pós-libertação, centenas de garrafas de fino vinho francês foram entornadas com alegria.

Na cola dos militares, agora que a ação na capital havia terminado, Robert Capa finalmente chegou ao hotel.

Ele também queria passar a primeira noite no Ritz, naquela que era a noite mais sensacional de todas em Paris. Ele queria — mas, quando chegou ao hotel, descobriu que Hemingway tomara o Ritz como seu território pessoal. “O exército de Hemingway”, refletiu Capa, “entrou em Paris por uma estrada diferente e, depois de um combate curto e divertido, cumpriu o objetivo principal de libertar o Ritz dos caipiras alemães.”²¹ Devido ao estado das coisas e ao fato de que os dois continuavam brigados, Capa não sabia muito bem como seria recebido.

O fotógrafo parou o carro no Hôtel Ritz. Red Pelkey estava de sentinela nas portas do palácio, com um sorriso largo sem nenhum dente da frente. Imitando seu herói, Ernest Hemingway, falou apenas em frases curtas. Red disse a Capa: “Papa tomou o hotel para valer. Muita coisa na adega. Suba rápido.” Os dois homens se entreolharam por um momento. Capa cruzou o grande saguão.

“Era tudo verdade”, escreveu Robert Capa a respeito das adegas. E a noite terminou feliz. Ernest Hemingway realizara o que ele já sabia ter sido um objetivo lendário. Cercado de amigos e de admiração, o escritor estava generoso.

“Papa fez as pazes comigo”, registrou Robert Capa em suas memórias. “Fez uma festa para mim e me deu a chave para o melhor quarto do hotel.”

Depois os jornalistas foram a vários lugares e pararam para beber no bar do Hôtel Scribe, onde Capa e Hemingway viram várias das mesmas pessoas que tinham comparecido à festa em Belgrave Square nas vésperas dos desembarques na Normandia. Entre eles estavam Charlie Wertenbaker, amigo de Capa, e a fotógrafa americana Lee Miller, cuja beleza a tornara uma lenda na Paris dos anos 1930.²²

Porém nem Mary Welsh nem Martha Gellhorn apareceram. Hemingway teria que voltar para a cama de bronze sem a companhia de nenhuma delas.

Nas ruas naquela noite, havia “uma visão fantástica, uma sensação fantástica”, como um dos jornalistas na festa registrou:

*Tanta gente nas ruas, de mãos dadas, todo mundo indo à Champs-Élysées e ao Arco do Triunfo, da mesma maneira que todo mundo em Nova York vai à Times Square, por exemplo, quando algo grandioso acontece. Realmente foi (...) digamos, libertador (...) [havia] uma sensação de certeza no ar. Todo mundo sabia que tinha acabado. E não me refiro à batalha por Paris. Refiro-me à guerra. Todos sabíamos que ainda havia muitos combates. Alguns meses depois, a Batalha do Bulge provou isso, e quem sabia o que estava acontecendo no Pacífico? Mas, quando os alemães entregaram Paris, todos nós sentimos que era apenas uma questão de tempo, e não muito tempo, até que tomássemos Berlim.*²³

Parecia que, em breve, a guerra realmente poderia acabar.

Embora não estivesse no bar do Hôtel Scribe, Mary Welsh já chegara a Paris. Ela havia recebido a documentação de viagem no fim do dia 24 de agosto. Na manhã seguinte, conseguiu uma vaga em um jipe de suprimentos do Exército americano que levava um major entediado para a capital. Mary estivera apenas algumas horas atrás de Ernest Hemingway e Robert Capa a caminho da cidade.

“Paris, Paris, eu era como uma gata no cio”, admitiu ela, com a costureira franqueza sexual. Mary também queria fazer a grande reportagem. Talvez tivesse conseguido chegar antes dos dois se não fosse pelo major entediado e seu motorista. O major não falava francês e não parava de indicar o caminho errado para o motorista, que ficou bêbado de *calvados* durante um almoço

desesperadamente longo. Quando o jipe passou por Versailles e enfim entrou na cidade pelos portões de Saint-Cloud, de onde ela finalmente pôde ver Place de l'Étoile ao longe, o sol já estava se pondo sobre uma Paris libertada. Caso Mary Welsh tivesse roubado o furo de Ernest Hemingway, poderia muito bem ter sido o fim de certa história de amor.

A primeira parada de Mary no fim da tarde foi o Hôtel Scribe, onde ela não conseguiu encontrar seu editor, Charlie. “Eu sabia que deveria ter andado até a Notre Dame para ver o que havia lá, se é que tinha algo acontecendo”, escreveu mais tarde.²⁴ Mas ela não foi. Também não foi para o Hôtel Ritz depois. Em vez disso, exausta, escovou os dentes na pia do quarto do hotel e caiu na cama para dormir, enquanto a cidade festejava. Lá embaixo, no bar, Ernest Hemingway não sabia que Mary estava apenas alguns andares acima dele na noite da libertação.

O escritor saiu do Hôtel Scribe para retornar à Place Vendôme. Com Mary dormindo um sono sem sonhos — e sua esposa, Martha, ainda a muitas horas de distância da cidade —, Papa fez a única coisa que pareceu sensata. Acompanhado por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, levou a festa para sua suíte, com todos acampando na cama de bronze e ele próprio de pijama. Não demorou muito para que Simone e Papa chegassem a um acordo silencioso. “Veja bem”, sugeriu Simone para um abismado Sartre, “por que você não vai indo? Nós ficaremos aqui, beberemos um pouco e teremos uma conversa séria.”²⁵

O filósofo finalmente aceitou o inevitável por volta das três da madrugada. Simone de Beauvoir deixou Ernest Hemingway, cercado por garrafas meio vazias de uísque e roupas de cama amarfanhadas, na manhã seguinte. O Hôtel Ritz não foi a única coisa liberada naquela noite em Paris.

AQUELAS REPÓRTERES DE SAIAS
26 DE AGOSTO DE 1944



Sob disparos de atiradores de elite no Hôtel de Ville, uma multidão se joga no chão durante a Libertação de Paris.

Notei que as bombas nunca acertam as pessoas que moram no Claridges ou no Ritz.¹

— Clare Boothe Luce, 1940

Na manhã seguinte, para aqueles que tinham sobrevivido a quatro anos de ocupação, começou o primeiro dia de liberdade em Paris. A guerra não estava encerrada — longe disso. Na verdade, a batalha continuava a menos de oitenta quilômetros da cidade, e ainda levaria mais de um ano até que houvesse paz na Europa. Mas era um novo dia na capital da França.

Naquela manhã, quando se levantou, Ernest Hemingway fez o que faria em todas as manhãs dos sete meses em que moraria no Ritz: abriu uma garrafa de champanhe Perrier Jouët Grand Brut e se arriscou a escrever um pouco.

Mary Welsh estava na mente dele. Hemingway começou a esboçar uma carta para ela, contando sobre as aventuras em Rambouillet, o bando de guerreiros leais e, claro, sua libertação da capital. “Fui a todos os antigos lugares em que um dia vivi em Paris e está tudo bem”, começou a escrever para Mary.² “Mas tudo é tão improvável que você tem a impressão de que morreu e que é tudo um sonho. Queria muito que você estivesse aqui comigo, estou cansado do combate e gostaria de ter alguma coisa que fosse adorável e tocável ou tangível, é a mesma coisa, de qualquer maneira, mas

não qualquer coisa, você, por favor. Muito obrigado.” Ernest também escreveria sobre ter estado em combate armado e matado alguns alemães.

Então ele deixou a carta de lado. Terminaria no dia seguinte, talvez. Afinal de contas, ainda nem sabia ao certo para onde deveria enviá-la.

Era hora de descer, e ele não estava nem um pouco arrependido da farra madrugada adentro. Quando o coeso grupo de jornalistas americanos se reuniu para um coquetel antes do almoço, Hemingway assumiu a liderança. Era a nata dos correspondentes de guerra, com rostos conhecidos como Irwin Shaw, Charlie Wertenbaker e agora Helen Kirkpatrick, uma brilhante repórter do *Chicago Daily News* e um nome consagrado nos Estados Unidos e na Europa.

No mundo do jornalismo de guerra dos anos 1940, Helen Kirkpatrick era uma figura de extrema importância. Alta, imponente e com olhos azuis, a jornalista americana de 35 anos possuía um humor ácido e o talento para desencavar reportagens difíceis. Helen tinha sido uma das mais influentes vozes baseadas na Inglaterra a fazer matérias sobre os perigos da ascensão de Adolf Hitler e a falta de bom senso tanto da política de apaziguamento quanto do duque de Windsor. Em 1940, tornou-se a primeira repórter mulher do *Chicago Daily News* e cobriu bravamente a Blitz sobre Londres. E estava lá durante os desembarques na Normandia, bem ao lado de Robert Capa e Martha Gellhorn. As Forças da França Livre podiam escolher qualquer correspondente para seu quartel-general.³ Helen foi a escolhida.

Em 25 de agosto, ela entrara na cidade em um tanque que integrava a 2ª Divisão de Blindados do general Leclerc, algo que tanto Ernest Hemingway quanto Robert Capa devem ter invejado. Foi a primeira onda da ação. Naquele primeiro dia de liberdade em Paris, Helen registrou que Ernest Hemingway “era um inconsequente (...) Ele havia reunido todas aquelas forças à sua volta. E estava totalmente ilegal, mas aquilo não o incomodava.”⁴

No Ritz, o coquetel acabou virando um almoço, e a certa altura Helen anunciou que era hora de ir embora. Naquela tarde, o general Charles de Gaulle conduzia uma marcha patriótica do Arco do Triunfo à Place de la Concorde, e dezenas de milhares de pessoas já ocupavam as largas avenidas de Paris para a celebração oficial da Libertação. A parada terminaria com uma missa de ação de graças na catedral de Notre Dame, e Helen não queria deixar de fazer a reportagem do dia.

Quando ela se levantou, houve um momento embaraçoso. Helen se preparava para ir ao desfile quando Ernest Hemingway, outra vez agindo como Papa, a aconselhou: “Filha, sente-se quietinha e beba esse bom conhaque. Você sempre poderá ver uma parada, mas jamais almoçará novamente no Ritz no dia 26 de agosto, no dia seguinte à libertação de Paris.”⁵

Helen saiu mesmo assim, junto com o tenente John Reinhart. Naquela tarde, os dois, além de Robert Capa, se viram inesperadamente de volta ao meio do combate.

Sempre procurando novos pontos de vista, Hemingway havia ouvido falar de um aviador americano que fora abatido e estava foragido em Paris desde o fim de maio — e isso significava que aquele jovem tinha sido, com certeza, um dos primeiríssimos aliados na cidade. Sem dúvida seria uma perspectiva interessante. Ernest Hemingway mandou então um recado para Henry Woodrum, convidando-o para beber algo no bar do Ritz. Ele queria apertar a mão do homem e ouvir sua história. Tinha que haver algo verdadeiramente “gen” que ele pudesse usar ao preparar o próximo artigo para a *Collier's*.

Papa entrou no jipe com alguns de seus camaradas e foi até a Rive Gauche para verificar como a cena literária tinha se saído sob a ocupação nazista e visitar a velha amiga Sylvia Beach, proprietária da livraria Shakespeare and Company.

Quando o jipe parou na rue de l’Odéon, Ernest saltou e começou a berrar o nome da amiga. Em pouco tempo, “todo mundo na rua passou a gritar ‘Sylvia!’”. A sócia dela, Adrienne, finalmente matou a charada. “É Hemingway! É Hemingway!”, berrou ela.⁶ “Desci a escada voando”, disse Sylvia:

Nós nos esbarramos; ele me levantou, girou e beijou enquanto as pessoas na rua e nas janelas vibravam. Subimos ao apartamento de Adrienne e fizemos Hemingway se sentar. Ele estava em uniforme de combate, sujo e ensanguentado. Uma metralhadora caiu no chão (...) Ele queria saber se havia algo que pudesse fazer por nós. Perguntamos se poderia fazer alguma coisa a respeito dos atiradores nazistas nos telhados da nossa rua, especialmente no de Adrienne. Hemingway tirou sua companhia do jipe e subiu com eles no telhado. Ouvimos disparos pela última vez na rue de l’Odéon. Ele e seus homens desceram e foram embora nos jipes — “para libertar”, de acordo com Hemingway, “a adega do Ritz”.

Não importava, é claro, que ele já tivesse libertado boa parte da adega na noite anterior. Contar e recontar aquela história já estava a caminho de se tornar um dos elementos que definiam a épica lenda que era Ernest Hemingway.

Sylvia tinha suas próprias histórias de guerra angustiantes. Ao lado de outras mulheres aliadas em Paris — como Drue Tartière, a estrela de cinema que virou guerrilheira da Resistência, Laura Mae Corrigan, conhecida como o “Anjo Americano”, e outras —, ela cumprira pena no campo de internação de Vittel após os americanos terem encerrado a neutralidade formal e entrado na guerra, em 1941. Uma das mulheres com elas em Vittel era outra americana, que por acaso também se

chamava Sylvia e morava no Hôtel Ritz com o marido, um coronel francês.⁷ Ela havia sido libertada imediatamente.

Em seguida, Hemingway e sua comitiva foram encontrar Pablo Picasso, cujo ateliê ficava a apenas alguns quarteirões de Sylvia, na rue des Grands Augustins, número 7. Os dois homens tinham sido apresentados havia mais de vinte anos, quando Ernest chegara pela primeira vez a Paris, então um escritor desconhecido de 23 anos. Picasso, obviamente, já era famoso.⁸

Mas Hemingway não foi o primeiro jornalista americano a visitar o pintor. A fotógrafa Lee Miller fora ao ateliê durante a tarde da libertação.

Como correspondente de guerra da *Vogue*, Lee fez reportagens dentro de hospitais do Exército nos dias seguintes aos desembarques da Normandia, e sabia-se dentro dos escalões dos oficiais que ela jogava pôquer muitíssimo bem. Agora, Lee Miller ria de como estivera “em apuros” por ter trabalhado tão perto da zona de combate na batalha de Saint-Malo em meados de agosto, na qual, como disse um jornalista com franca admiração, ela era “a única repórter e a única fotógrafa, que dirá mulher, durante o cerco” e encarou o perigo com os soldados.⁹

Ali, nas proximidades de Saint-Malo, no vilarejo de Cézembre, sem perceber, Lee Miller tirou fotos dramáticas de um bombardeio aéreo, ignorando na ocasião que aquelas eram provas documentais do primeiro uso norte-americano de bombas de napalm na guerra moderna.¹⁰ A revista *Life* quis publicar as imagens, mas os censores confiscaram o filme, e como castigo Lee Miller foi transferida para a relativamente sossegada Nemours, cerca de oitenta quilômetros a sudoeste de Paris.

Esse foi o motivo para, na manhã de 25 de agosto, ela ainda estar esperando pela papelada de viagem que permitiria sua entrada na capital francesa. Lee Miller queria fazer parte da corrida para a capital, porém o comando militar estava furioso com ela, e os documentos demoraram a chegar. “Não serei a primeira mulher jornalista em Paris, mas serei a primeira mulher fotógrafa, creio eu, a não ser que alguém caia de paraquedas”, foi como Lee ao menos se consolou naquele dia.¹¹ A impressão que todos tiveram é que provavelmente ela foi, sim.

Queridinha dos círculos surrealistas parisienses antes da guerra, Lee Miller ainda era belíssima aos 35 anos. Ela conhecia todas as figuras de destaque no meio artístico. Fotógrafa talentosa, tinha sido tanto modelo quanto amante de Man Ray. Era confidente de Jean Cocteau e modelo favorita da estilista de vanguarda Elsa Schiaparelli. Picasso uma vez pintou seu retrato, e Lee ainda considerava todos eles seus amigos. Portanto, após parar no Palais Royal para visitar Cocteau no apartamento dele na rue de Montpensier, 36, ela foi imediatamente para o ateliê de Pablo Picasso, na Rive Gauche.¹²

Quando Lee chegou naquela tarde, Picasso a recebeu como uma grande amiga. “Esta é a primeira vez que vejo um soldado aliado, e é você!”, exclamou o pintor, com alegria.¹³ Jornalista perspicaz, Lee immortalizou o encontro com algumas fotos de divulgação. À noite, a fotógrafa foi jantar em um de seus cafés favoritos, logo na esquina, com Picasso e a fotógrafa surrealista Dora Maar — uma amiga em comum com quem, em março, o pintor terminara sumariamente uma relação tumultuada de dez anos, trocando-a por uma bela moça bem mais jovem.

Lá, em uma Paris onde faltava comida mas sobrava paixão, os três comemoraram com um frango assado magro, um pouco de vinho e uma garrafa de conhaque a libertação da cidade que todos eles amavam.¹⁴ Picasso disse para Miller voltar em breve. A guerra transformara a jornalista: seu rosto havia adquirido dimensões novas e fascinantes. Ele queria pintar um novo retrato. Durante o conflito, Picasso tinha pintado dezenas de retratos de Dora Maar. A experiência nem sempre fora agradável para ela. Cada um daqueles retratos mostrava Dora em seu tormento. “Dora, para mim, sempre foi uma mulher chorona”, disse Picasso.¹⁵ “Mulheres são máquinas de sofrimento”, explicou o pintor filosoficamente. Por algum estranho motivo, mais de uma amante de Picasso acabou tendo uma crise de nervos.

Enquanto isso, na manhã de 26 de agosto, no Hôtel Scribe, Mary Welsh finalmente havia conseguido encontrar Charlie Wertenbaker e receber uma pauta. Sua tarefa era fazer uma reportagem para a *Time-Life* sobre como a ocupação transformara o mundo da moda de Paris. A *Vogue* logo passou a mesma pauta para sua correspondente Lee Miller.¹⁶ Entre as correspondentes de guerra, aquilo era como uma corrida pela melhor cobertura de alta-costura. Várias jornalistas estavam tendo dificuldade para se empolgar com tal pauta após terem vivenciado combates.

Para Mary, começar o dia de trabalho na Place Vendôme era normal. As famosas butikues de Paris nos anos 1940 eram “quase todas localizadas entre a Champs-Élysées, a Place Vendôme e a Faubourg Saint-Honoré, no que costumavam chamar de templo da elegância”.¹⁷ Em 1942, a lista telefônica de Paris registrava mais de meia dúzia de ateliês de alta-costura aglomerados em volta do Hôtel Ritz, seja na Place Vendôme, seja, graças à fama de Coco Chanel, logo ali na rue Cambon, ao norte da praça octogonal.

Isso não significava que Mary não tinha uma motivação oculta. Enquanto estivesse lá, procuraria por Ernest Hemingway. “Fui à entrada do Ritz na Place Vendôme e perguntei ao concierge, conhecido meu desde 1940, se [*monsieur*] Hemingway por acaso estava no hotel”, contou ela mais

tarde:

“Bien sûr”, respondeu o concierge, indicando-me o quarto 31. Subi naquele elevadorzinho coquete, com o ascensorista de uniforme elegante e luvas brancas, apertei o número 31 e perguntei ao soldado sardento que abriu a porta se o sr. Hemingway se encontrava. “Papa, tem uma moça aqui”, berrou o recruta Archie Pelkey para o interior do quarto. Ernest irrompeu no corredor, um turbilhão de alegria, e me recebeu com um rodopiante abraço de urso (...) Lá dentro, alguns de seus amigos da Resistência francesa, que o acompanhavam desde Rambouillet, estavam sentados direto no chão, ora limpando rifles, ora tomando champanhe.¹⁸

Ernest Hemingway serviu para Mary uma taça do Perrier Jouët sobre uma bandeja apoiada em uma mesa estilo imperial de aparência frágil, e, por um longo momento, os dois ficaram admirando a vista das portas francesas. Um dos homens de Papa dormia de coturnos sujos em cima da impecável colcha cor-de-rosa do Hôtel Ritz. “Fique”, disse Hemingway para ela. Havia muito champanhe no gelo, e Ernest não tinha explicitado suas intenções desde o encontro em Londres. Porém Mary precisava trabalhar na pauta para Charlie Wertenbaker. Em vez de ficar no quarto, ele poderia levá-la para jantar, sugeriu ela.

Ao sair do saguão do Hôtel Ritz, Mary teve uma ideia ainda melhor. Perguntou a Hans Elminger se ele poderia lhe conseguir alguma acomodação. Em questão de instantes Elminger deu a ela as chaves do quarto 86, uma suíte aconchegante com duas camas de bronze e uma *chaise longue* decorada com estampa de rosas em brocados dourados. Havia uma grande penteadeira com uma alfineteira cor-de-rosa, e sobre o console de mármore da lareira estava pendurado o perfil em bronze de uma dama antiga. Seu quarto “no lado do jardim”, como no título do conto não publicado de Hemingway, tinha vista para o espaço verde atrás do Ministério da Justiça. Aquele acabou sendo o lar de Mary até março — um lar “com complicações”.¹⁹

Ela disse para Elminger que voltaria naquela noite com a bagagem e, feliz da vida, cruzou aos pulinhos o saguão no lado da Place Vendôme até a saída da rue Cambon — através daquele corredor peculiar que Marie-Louise Ritz havia construído em 1909 para expandir seu majestoso hotel. Decorado com armários de vidro que exibiam os artigos mais luxuosos de Paris, o corredor era chamado por todos de “alameda do encantamento”.²⁰ Após anos de racionamento e escassez durante a guerra, aqueles artigos de luxo eram uma experiência inebriante.

Mary passeou pela rue du Faubourg Saint-Honoré em direção à avenida Matignon e à Champs-Élysées para visitar mais ateliês de alta-costura naquela tarde. Em todos os lugares, nas ruas, as pessoas dirigiam-se para o boulevard, e a Champs-Élysées era uma “massa de gente em movimento”, como ela descreveria.²¹ Charles de Gaulle chegaria a qualquer momento, e ela também queria testemunhar a parada que começaria em breve.

Enquanto o general De Gaulle conduzia a procissão militar pela avenida central da capital, as multidões formavam fileiras de quilômetros de extensão nas ruas, e todos os historiadores só têm uma coisa a dizer sobre aquele momento: em 26 de agosto de 1944, houve a maior festa do mundo em Paris. A mesma cena se desenrolava sem parar: multidões vibrando, jogando beijos e flores nos tanques enquanto eles passavam.

Henry Woodrum, saudado como um dos poucos aviadores aliados abatidos que conseguiram “fugir” da Paris ocupada, estava lá para aproveitar tudo aquilo com a família francesa que o escondera da Gestapo. Ele havia recebido o convite de Hemingway para ir ao Ritz e tomar um coquetel com o famoso autor, mas não comparecera. Estava se divertindo demais sendo celebrado — e curtindo muito a liberdade com os amigos — para se importar com um drink na rue Cambon, mesmo que fosse com um dos mais famosos escritores do século.

O trajeto do desfile finalmente chegou à Île de la Cité, no meio do Sena. Ali, no coração geográfico da França, a catedral de Notre Dame dobrou os sinos em comemoração, e, enquanto os militares iam embora, milhares de pessoas se reuniram para participar da cerimônia “Te Deum” de ação de graças. Os VIPs e a imprensa tiveram assentos dentro da frieza cinzenta do prédio, mas a missa espalhou-se pelo pátio externo para a população civil de Paris.

Helen Kirkpatrick já havia se posicionado e relatou na reportagem para o *Chicago Daily News* o que aconteceria em seguida. No exato momento em que o general chegou, ouviu-se um disparo de revólver. “O tiro pareceu vir de trás de uma das gárgulas da Notre Dame. Em uma fração de segundo, uma metralhadora abriu fogo em uma sala próxima. Os disparos varreram o chão sob os meus pés”, contou ela para os leitores.²² “Por um breve momento, pareceu que um grande massacre estava prestes a acontecer quando a catedral reverberou com o som de armas.” Então um grupo de viúvas de guerra irrompeu de repente cantando o “Te Deum”.

O som dos disparos ecoou de um lado a outro do rio naquele instante. Helen descobriu depois que aquele fora um ataque coordenado à catedral de Notre Dame, ao Hôtel de Ville, ao Jardin des Tuileries, ao Arco do Triunfo e à Champs-Élysées, simultaneamente.

Quando a parada passou pelo Hôtel de Crillon, no fim do trajeto pela Champs-Élysées, de novo Jean Cocteau observava a uma distância que considerou segura, dessa vez de uma janela em um andar alto. Mesmo com as precauções, porém, o artista quase não viveu para contar a história.

Começou um tiroteio entre alguém na multidão e insurgentes nos telhados, e um fuzileiro achou que Cocteau era um atirador de elite inimigo. Ele escapou por pouco de ser abatido. A bala passou assobiando ao seu lado, arrancou-lhe o cigarro da boca e o convenceu de que seria melhor assistir de um local menos elevado.

Mais tarde, Helen teve certeza de que “foi uma tentativa claramente planejada, talvez com a intenção de matar o maior número possível de autoridades francesas, para criar pânico e provocar tumultos, depois dos quais os líderes loucos da milícia, instigados por alemães, imaginavam que retomariam Paris”.²³

Enquanto no interior da catedral de Notre Dame os generais e fiéis se mantinham surpreendentemente calmos diante dos disparos de atiradores, a cena lá fora, na praça pública, era de pânico.

Robert Capa estava no meio da multidão, cobrindo a parada como fotógrafo, e seguiu Charles de Gaulle quando o general andou do Arco do Triunfo à catedral de Notre Dame. No momento em que o som dos tiros ecoou pelo límpido céu azul naquela tarde, milhares de civis franceses se abaixaram na praça para fugir dos disparos. No meio da massa de pessoas, “uma mulher bela e solitária, de óculos escuros, completamente sem medo, ficou de pé, orgulhosa demais para ainda se acovardar”, e Capa registrou a cena com a câmera.²⁴ Aquela se tornaria mais uma das imagens marcantes do que significava ser um parisiense depois da ocupação.

Mary Welsh também estava na catedral de Notre Dame. A credencial de imprensa lhe garantiu um lugar na missa. Ela ouviu alguns tiros ecoarem. Com a mente em outro lugar, a jornalista ignorou os disparos, achando que fossem acidentais.²⁵ Em seguida, voltou despreocupada para o Ritz, onde tinha um jantar romântico com Papa. O problema era que, àquela altura, ela estava exausta de novo.

Paris já escurecia quando Mary Welsh subiu cambaleando os degraus da grande entrada e viu Hemingway esperando sozinho, à meia-luz. O escritor planejara levá-la para um lugar agradável na Rive Gauche, parte de uma festinha que ele organizara.

Mary Welsh reclamou que queria ir para a cama. “Beba um pouco deste revigorante champanhe”, insistiu Papa, dizendo que tinha uma surpresa para ela. “Pelkey pegou suas coisas naquele hotel. Estão aqui.”²⁶ Convencida de que não havia como driblar as vontades de um decidido Ernest Hemingway, ela o acompanhou, resignada.

Na volta para casa, logo antes da meia-noite, as sirenes de bombardeio aéreo ressonaram, indicando que a Luftwaffe alemã voava para um último e vingativo ataque contra Paris. Outra vez, a cidade foi mergulhada na escuridão. Um grande subúrbio de classe trabalhadora no extremo nordeste da cidade foi seriamente afetado naquela noite. Mas, quando Mary Welsh e Ernest Hemingway subiram os degraus do Ritz, a Place Vendôme tinha escapado ilesa, como sempre. Havia apenas o sonolento vigia noturno de prontidão para recepcioná-los. No quarto de Papa, Mary rapidamente se despiu e ficou só com a roupa de baixo.

Para a decepção de Hemingway, ela se deitou de maneira sedutora — e adormeceu em um instante.

De manhã, Mary abriu os olhos e viu a luz do sol que entrava pelas amplas portas francesas. Papa estava abrindo uma garrafa de champanhe. Só então ela notou que a cama em frente estava coberta por rifles Garand M-1 do exército, granadas de mão e outras munições.

“Você ronca”, disse Hemingway, alegre e sem meias palavras. “Você ronca lindamente.” No canto do quarto, um dos soldados fazia café em um fogareiro de campanha.



Estúdio com pinturas de Pablo Picasso.

Ele tem duas paixões: lindos objetos e fazer guerra.

— Conde Galeazzo Ciano, sobre Hermann Göring

Paris estava livre. Entretanto, os estridentes bombardeios aéreos sobre a capital durante a noite não eram o único sinal de que a guerra estava longe de acabar. Para os integrantes das forças armadas, o combate nos arredores da capital continuava.

Em 27 de agosto, o jovem tenente francês Alexandre Rosenberg,¹ destacado para a 2ª Divisão de Blindados do general Leclerc, não estava festejando no Hôtel Ritz. Na verdade, ele não tinha nada para festejar.

Em vez disso, o tenente Rosenberg estava no comando de uma operação urgente e perigosa que ganhava forma ao longo das ferrovias que saíam da cidade. Durante o mês inteiro, os alemães carregaram os trens. Quando finalmente ficou claro que o avanço dos Aliados não poderia ser contido, eles começaram a destruir os trilhos atrás deles enquanto os últimos comboios alemães seguiam em direção ao horizonte. A missão de Rosenberg era levar seus homens na frente daqueles comboios desaparecidos e detê-los de alguma forma.

Ao mesmo tempo que nascia a primeira manhã em Paris após a Libertação, os últimos trens seguiam lentamente para leste, em direção a Berlim e ao perigo.

Os franceses e os Aliados estavam de olho em um comboio em especial. Alexandre fora designado para a missão de interceptá-lo. Membros da Resistência francesa na SNCF — a companhia ferroviária nacional da França — haviam alertado as recém-chegadas Forças Francesas do Interior de que os alemães guardavam com segurança reforçada diversos vagões em um grande trem que saíra de Paris na direção nordeste. Os ferroviários de toda a capital estavam diminuindo a

velocidade nas linhas e fazendo o possível para causar um enorme engarrafamento nos trilhos, mas aquele trem já estava a quinze quilômetros da cidade, na pequena estação de Aulnay. Durante a guerra, trabalhar na SNCF era perigoso. Mais de 1.500 *cheminots* morreram por cometerem pequenos e sistemáticos atos antialemães de obstrução, sabotagem e compartilhamento de informações — embora um número bem menor tenha feito alguma coisa para evitar a deportação de judeus.

Agora, com o atraso do comboio em Aulnay, dizia-se que os alemães e a Gestapo estavam furiosos. Atrasar o trem por mais do que algumas horas seria impossível. Já havia ferroviários arriscando a vida para contê-lo.

Alguns dos trens que saíram de Paris nos últimos dias da ocupação estavam carregados com a pilhagem nazista, as *chaise longues* antigas e os últimos objetos opulentos reunidos pelos oficiais alemães em retirada.

Temia-se que outros trens pudessem conter carga humana — os últimos parisienses desafortunados que tinham sido recolhidos antes da libertação. Alguns dos indivíduos presos no último verão da ocupação eram sobreviventes da população de judeus da cidade. Sete mil judeus franceses foram deportados de Paris entre abril e agosto de 1944. Muitos dos deportados, no entanto, eram pessoas suspeitas de apoiar um movimento francês de Resistência que agora crescia e ganhava coragem. Ainda havia deportações que, em alguns dias, chegavam à casa das centenas. Alguns dos últimos trens levavam crianças.

Desde o inverno de 1944, as capturas tinham voltado a se intensificar. Para o círculo de socialites e artistas franceses reunidos no Hôtel Ritz durante a ocupação, o fato finalmente deixou claro que havia rachaduras até no mundo dourado em que viviam. Jean Cocteau, Sacha Guitry, Pablo Picasso, Serge Lifar, Arletty e Coco Chanel conheciam intimamente o escritor e artista judeu Max Jacob. Preso pela Gestapo, Jacob morrera naquela primavera no campo de concentração temporário de Drancy. Em uma última carta desesperada, ele havia implorado a Cocteau que arrumasse algum jeito de ajudá-lo. “Estou escrevendo de um trem”, dizia Max, “me aproveitando da leniência dos guardas. Em breve chegaremos a Drancy. É tudo que tenho a dizer. Quando Sacha foi informado a respeito da minha irmã, falou, ‘se fosse o próprio Max, eu poderia fazer alguma coisa’. Bem, desta vez sou eu mesmo. *Je t’embrasse*.”² Cocteau acabou sendo impelido a tomar alguma atitude, porém a petição que fez circular entre os amigos a fim de recolher assinaturas e mandar para Otto Abetz não foi suficiente para salvar Max Jacob.

Alexandre Rosenberg e seus homens foram mandados para a capital para impedir que os últimos trens de deportados saíssem da cidade, e, na manhã de 27 de agosto, ele estaria longe do Hôtel Ritz. Mas a história que se desenrolava naquele dia teve origem no grupo de amigos e conhecidos que se reunia na Place Vendôme durante a guerra.

Desde os primeiros dias do século XX, quando tanto os Dreyfusards quanto os expatriados americanos declararam o Ritz seu centro social, o círculo internacional de astros de cinema, artistas, escritores e vanguardistas baseados em Paris que frequentavam o hotel formara um grupo unido e fechado. A família Rosenberg era uma parte essencial desse círculo. E era uma história antiga.

Datava dos primeiros dias da guerra. A primavera de 1942 foi o apogeu da vida glamorosa na Paris ocupada. Também foi um dos ápices do colaboracionismo francês. Naquela temporada, o Ritz voltou a ser o assunto do momento na capital. E alguns dos presentes na noite em que Marcel Proust fizera amor de maneira atabalhoada com a princesa Soutzo em uma sacada enquanto bombas alemães explodiam, décadas antes, ainda eram frequentadores do hotel.

Naquela primavera, houve novamente desfiles de moda nos salões de baile do Ritz e jantares a pleno vapor nas noites de domingo, com orquestras e dança. Desde o inverno, os principais industriais, estilistas e políticos franceses vinham se reunindo aos seus equivalentes alemães no salão do Ritz para aqueles almoços sociais onde eram decididas as políticas econômicas de integração de longo prazo. Em janeiro, o “homem com o coração de ferro” de Hitler, o chefe da polícia alemã Reinhard Heydrich, revelou sua “Solução Final” para a “questão” judaica em uma conferência nazista na Alemanha. As deportações para Auschwitz começariam em junho.

Porém, em maio de 1942 o evento que atraiu toda a atenção de Paris novamente para o Ritz foi artístico. As artes em Paris floresceram durante a ocupação. Havia dois motivos para isso. Fazia muito tempo que os alemães — e também muitos integrantes da extrema direita da França — consideravam a cultura francesa moderna decadente e afeminada. Permitir que os parisienses se entregassem à corrupção moral e à frivolidade das artes foi uma maneira simples, a princípio, de manter a capital tolerante. No entanto, durante o segundo ano da ocupação, aqueles que governavam Paris estavam interessados em alardear a visão de uma cultura francesa “arianizada”. Afinal de contas, os recém-chegados tinham intenção de ocupar a cidade permanentemente como parte de um Terceiro Reich unificado e atemporal.

Em 1942, a capital francesa estava agitada com a notícia de uma exposição monumental de uma arte nova. Celebidades de Paris e Berlim chegavam aos borbotões para o evento. A festa da noite de

inauguração seria — é claro — na Place Vendôme.

O motivo de toda a agitação e empolgação era um professor de arte e escultor de Berlim chamado Arno Breker, de 42 anos, que já era conhecido por muitos na cidade. Ele havia morado em Paris durante boa parte dos anos 1920 e no começo da década de 1930. Jean Cocteau era um velho amigo dele. Sua esposa, Demetra, nascida na Grécia, posara uma vez para Picasso e gostava muito dele. Os dois eram ávidos colecionadores de arte moderna e tinham feito parte daquele deslumbrante círculo entreguerras em Paris. Era impossível que também não tivessem conhecido o pai de Alexandre Rosenberg.³

No dia em que Alexandre nasceu, em 1921, Pablo Picasso foi uma das testemunhas. O pai, Paul Rosenberg, era um dos mais famosos e bem-sucedidos negociantes de arte moderna — bem naquele momento, nos anos 1920 e 1930, quando o modernismo alcançava seu primeiro grande reconhecimento. Ele era o *marchand* exclusivo de Picasso, além de amigo íntimo e vizinho do pintor.

Na verdade, havia pouca gente no mundo das artes que Paul Rosenberg não conhecesse pessoalmente em 1942. Entre os amigos e conhecidos dos pais de Alexandre não estavam apenas Picasso e sua amante da época da guerra, Dora Maar, mas também Ernest Hemingway e Gertrude Stein, Coco Chanel e seu amante pré-guerra Pierre Reverdy, Jean Cocteau, Lee Miller e Man Ray, os maliciosos e melodramáticos conde e condessa de Beaumont, Serge Diaghilev, Sacha Guitry e, é claro, o falecido Max Jacob. Apenas uns poucos desse grupo *não* haviam frequentado o Ritz em alguma época. A maioria passou a Segunda Guerra Mundial entrando e saindo dos salões e das suítes do hotel — ou passou a guerra tentando voltar para Paris, como os correspondentes americanos.

Porém, na véspera daquele grande evento do mundo artístico parisiense, durante a primavera de 1942, o pai de Alexandre Rosenberg não estava na lista de convidados. Isso aconteceu pelo simples fato de que a família — que era judia e prevenida — fugira da França para os Estados Unidos nas semanas antes de o país ser conquistado, em junho de 1940. Com dezenove anos, Alexandre fora para a Inglaterra lutar com Charles de Gaulle e as Forças da França Livre. Uma parte considerável da imensa coleção de arte do pai — declarada como propriedade de judeus abandonada — foi confiscada pelos alemães. Entre as obras modernistas perdidas estavam centenas de peças de artistas como Cézanne, Renoir, Braque, Toulouse-Lautrec e Gauguin. Somente de autoria de Picasso havia dezenas de pinturas.

Nos anos 1920, Arno Breker fora um jovem escultor alemão promissor, interessado na vanguarda e no modernismo. Agora tudo isso havia sido abandonado em favor do retorno público a um neoclassicismo mais “masculino” e teutônico. Em 1942, Hitler declarou que Breker era “o melhor escultor de nossa época”, e o artista já era um integrante de carteirinha do NSDAP, ou Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei — o partido político nazista — havia mais de meia década.

Ironicamente, poucos alemães se interessavam pela arte que o pai de Alexandre ficara famoso por colecionar. Não eram os trabalhos experimentais e ousados feitos pelos cubistas, impressionistas e fauvistas que agradavam Hermann Göring e Adolf Hitler. Por uma questão de filosofia política, as preferências nazistas estavam voltadas para o tradicional, e não para esses exemplos degenerados.

Romper com o “velho” mundo da arte parisiense decadente era o objetivo claro daquele evento de gala em 1942. Arno Breker estava lá para mostrar ao mundo, com suas estátuas musculosas e gigantescas, o tipo de arte nacionalista e cívica que seria recompensado.

A exposição teve o apoio dos mais altos estratos do governo alemão. Em 5 de maio de 1942, Reinhard Heydrich hospedou-se no Hôtel Ritz para uma estadia de uma semana, durante os estágios finais, e mais importantes, dos preparativos. Em 6 de maio, recém-chegados de Berlim, Arno Breker e Demetra juntaram-se a ele. O casal de celebridades instalou-se em suítes no Ritz para ficar bem mais do que uma semana. Breker estava lá para se preparar para o acontecimento social da primavera, às vezes descrito como “o evento mais magnífico dos anos de ocupação”: uma enorme exposição de seu trabalho no fim do mês, no espaço público do Musée de l’Orangerie, no Jardin des Tuileries.

Preocupados com status, os Breker logo declararam que os aposentos no hotel não eram luxuosos nem iluminados o suficiente e exigiram que vários abajures Luís XV e alguns candelabros de mármore fossem instalados na suíte. Depois o casal se lançou em uma série de coquetéis e eventos sociais — entre eles jantares com a herdeira americana Florence Gould e muitas noites agradáveis com o escritor agora pró-fascista Paul Morand⁴ e a mulher que se tornaria sua esposa, a princesa Soutzo de Marcel Proust. Jean Cocteau muitas vezes se juntou a eles.

Quando abriu as portas, em 15 de maio de 1942, a exposição de Arno Breker foi o assunto do momento em Paris. Naquela primeira semana, houve um evento atrás do outro para inaugurar a mostra. Um dos principais escritores e jornalistas pró-fascismo da capital, Robert Brasillach, fez uma palestra laudatória no Théâtre Hébertot diante do espocar dos flashes das câmeras e de aplausos empolgados.

O ministro da educação de Vichy, o poeta Abel Bonnard, preparou uma suntuosa recepção no Ritz para a noite de inauguração. Os frequentadores de sempre do hotel estavam lá para saborear o champanhe e brindar ao escultor e à recriação da arte francesa sob o domínio alemão. O bailarino Serge Lifar e Arletty conversavam animadamente com Sacha Guitry. Cocteau escreveu um poema bajulador “saudando” o gênio e o espírito nacionalista de Breker. (Em troca, teve atendido o pedido para que vários amigos na indústria cinematográfica fossem dispensados dos trabalhos forçados na Alemanha.) Os líderes colaboracionistas Pierre Laval e Fernand de Brinon, é claro, estavam presentes.

Muitos dos mais importantes artistas modernos que ainda viviam na cidade, entre eles alguns famosos pintores abstratos e fauvistas, foram à inauguração. Maurice de Vlaminck, Kees van Dongen e André Derain aceitaram os convites. As coleções da galeria de Paul Rosenberg incluíam pinturas de todos eles.⁵

Os integrantes dos círculos mais ilustres do mundo das artes não foram os únicos a abraçar a exposição. A presença dos parisienses foi extraordinária. Nas dez semanas em cartaz — de 15 de maio até 31 de julho —, mais de 120 mil cidadãos franceses compareceram à mostra. Picasso estava entre eles. Milhares de cópias a mais do catálogo foram impressas.⁶ Com grande parte da ostentação e com a presença de celebridades culturais de Paris registrada nos noticiários para circular nos cinemas do Terceiro Reich, o evento foi um triunfo da propaganda alemã.

Quando a exposição se encerrou, no fim de julho, o clima em Paris havia se tornado instável. Como Arno Breker recordaria mais tarde, a inauguração da mostra coincidiu com os assassinatos de vários oficiais alemães que estavam nas ruas da cidade disfarçado de turistas. As represálias foram terríveis. Em meados de julho, o governo de Vichy começou a recolher sistematicamente os estrangeiros judeus na capital e usar estádios como campos de internação improvisados.

Ainda assim, Arno e Demetra Breker permaneceram em Paris. O casal não sairia da capital até completar, nos aposentos do Ritz no inverno de 1942-1943, um retrato de bronze do astro do balé e diretor Serge Lifar. Os Breker eram beneficiários de uma enorme renda na Alemanha e, naquele verão — às vezes na companhia de Hermann Göring e geralmente auxiliados no hotel, é possível imaginar, por Hans Wendland, Karl Haberstock e pelo misterioso Süss —, começaram a amearhar a própria coleção particular de arte moderna. Nela, os trabalhos de Picasso, Derain e Vlaminck estavam especialmente bem representados.

Essas obras estavam desaparecendo de Paris quando o verão de 1942 chegou ao fim. Desdenhadas pelos grandes colecionadores da capital — o Reichsmarschall e seu Führer —, as obras de arte moderna cada vez mais seguiam para os mercados internacionais abertos da Suíça.⁷ Porém, em 27 de julho de 1942, em uma enorme fogueira erigida do lado de fora da galeria nacional Jeu de Paume, muitas das obras dos artistas modernos franceses “degenerados” e “bolcheviques” que restavam foram destruídos em um auto de fé para uma limpeza cultural simbólica. Era a conclusão lógica e terrível da recriação da arte francesa segundo a visão alemã que a exposição de Arno Breker havia inaugurado.

O auto de fé era um presságio sombrio. Em breve não seriam apenas as obras de arte moderna a serem incineradas em uma ampla política de limpeza cultural. Em agosto de 1944, ninguém podia continuar ignorando o fato ou se manter moralmente neutro diante dele. Com certeza, naquela manhã em Paris no primeiro dia após a Libertação, Alexandre Rosenberg se preparava para o que ele e seus homens poderiam descobrir.

O trem que eles deveriam interceptar fora carregado por um soldado da Wehrmacht que recebera ordens expressas para garantir que o comboio chegasse com segurança aos territórios alemães. O trem havia sido localizado pela primeira vez quando se atrasou, semanas antes, na estação de Le Bourget, a cerca de dois quilômetros do enorme complexo de Drancy. Do verão de 1942 até a partida dos últimos trens em 1944, setenta mil pessoas passaram pelo campo a caminho da morte no leste. Como um dos principais centros da Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR), havia também amplos gabinetes montados no complexo para gerenciar as posses confiscadas. Quando libertaram o complexo naquele mês de agosto, os Aliados descobriram 1.500 sobreviventes e quilômetros quadrados de objetos domésticos.

O comboio daquela manhã foi um dos últimos trens a deixarem os subúrbios na zona nordeste de Paris, e, embora uma mulher chamada Rose Valland — que era diretora de museu — tivesse adivinhado o que estava a bordo, Alexandre Rosenberg e seus homens não faziam ideia do que os aguardava. Se fosse verdade que aqueles vagões tinham sido atrasados em algumas semanas depois de saírem de Drancy no calor do verão, a imagem podia ser insuportável.

Em uma operação perigosa, Rosenberg e sua equipe finalmente conseguiram explodir os trilhos e transformá-los em uma pilha de metal retorcido pela qual o trem teria que passar no trajeto de Aulnay à Alemanha. O interior daqueles cinco vagões principais não continha cadáveres, mas caixotes de madeira, os últimos frutos da Möbel-Aktion alemã — “Operação Móvel”.

O que Alexandre Rosenberg jamais poderia ter previsto era a quem pertenciam os bens saqueados

que foram interceptados. Dentro dos caixotes havia centenas de quadros. Obras dos grandes artistas modernos de Paris — telas de Cézanne, Gauguin, Toulouse-Lautrec e Renoir. Vinte e nove Braques. Sessenta e quatro Picassos. Em toda parte, retratos de rostos que o tenente francês reconhecia de sua infância o encaravam de volta. Por todos os lados, havia obras que um dia estiveram penduradas nas paredes da galeria de seu pai e no apartamento deles nos anos 1920 e 1930. Eram rostos que, em mais de uma ocasião, haviam passado a época da ocupação no luxo da Place Vendôme com os hóspedes.

De alguma forma, os quadros sobreviveram à queima de 1942; de alguma forma, escaparam dos marchands suíços que atacaram a Paris em guerra. Ali estava a última remessa perdida que os oficiais alemães da ERR tinham despachado antes de evacuar a capital. E Alexandre Rosenberg, em um tremendo golpe de sorte, havia descoberto a intrincada trama da história de sua própria família durante a guerra.



Coco Chanel.

A comida acabara, o champanhe acabara e as moças tiveram de voltar para casa e explicar os acontecimentos da Libertação. As lojas estavam fechadas, as ruas, vazias e de repente me dei conta de que a guerra não havia acabado. Na verdade, ela continuava a quarenta quilômetros.¹

— Robert Capa

Se, para Robert Capa, a Libertação de Paris foi o dia mais inesquecível de sua vida, sete dias depois ele viveria o “mais triste”.²

No fim daquela manhã de setembro, Capa estava com uma ressaca do tipo que costumava vir depois de muita farra. Ele se viu “sentado no bar do Hôtel Scribe, o nobre gesto do Exército para com os jornalistas, tentando ensinar [ao barman] Gaston como preparar o mais forte dos curressacas, o ‘Suffering Bastard’”.

A liberação sexual que ocorrera em Paris na primeira semana após a Libertação foi nada menos do que impressionante. “A cidade enlouqueceu de alegria”, descreveu Mary Welsh.³ “Todo mundo tinha 18 anos e estava livre de amarras, explodindo de felicidade.” Poucos comemoraram tanto quanto os milhares de soldados aliados na capital. A situação já causava indignação.

No Petit Palais, as forças armadas americanas distribuía camisinhas grátis para as tropas. Na zona de prostituição barra-pesada de Pigalle, as prostitutas atendiam a mais dez mil homens por dia. Havia soldados aliados desmaiados de embriaguez na Place Vendôme, e, a uma curta distância do Hôtel Ritz, um espantado Jean Cocteau viu “oficiais americanos almoçando com putas tiradas da rua”.⁴

Tudo aquilo era uma coisa que os militares tinham esperado, e até mesmo encorajado. Antes dos desembarques na Normandia em maio de 1944, o serviço de inteligência dos Aliados preparara um panfleto intitulado *Manual da Zona Francesa, Nº 16, Parte III*, chamado, ironicamente, de um guia para “Informações Locais e Personalidades Administrativas”. Na verdade, era uma lista dos bordéis de Paris, com seus endereços. O panfleto alertava às tropas que doenças venéreas eram comuns na capital francesa.⁵

Para os franceses, que já haviam sofrido quatro anos de humilhação, o comportamento era

escandaloso, ofensivo e de uma familiaridade perturbadora. Os bordéis também tinham prosperado na ocupação nazista, chegando a um número seis vezes maior do que antes na capital. Até mesmo as prostitutas falariam mais tarde sobre como eram loucas e fantásticas as orgias que varavam a noite durante o domínio alemão.⁶

Agora era mais do mesmo sob o domínio dos Aliados — especialmente dos americanos —, que não entendiam por que alguns parisienses começaram a se ofender com a presença dos libertadores. Jean Cocteau não era o único a achar que aquelas diferenças culturais ficariam ainda mais difíceis conforme a guerra continuasse. “A grande alegria que deveria ser sentida”, escreveu ele,

foi negada por um sentimento de mal-estar e tristeza (...) A desordem organizada dos americanos contrasta em estilo com a disciplina alemã; é perturbadora, é desorientadora (...) [O] inverno será terrível, pois a França sob a ocupação alemã tinha o direito e o dever de ser abertamente insolente, de comer, de brilhar, de desafiar o opressor, de dizer “vocês estão tirando tudo de mim e me deixando com tudo”. Os americanos não entenderão esse processo.⁷

Os americanos se tornaram, aos olhos de alguns franceses, os novos ocupantes.

No Hôtel Ritz, a “ocupação” americana duraria quase dois anos, e já havia se iniciado, embora, em 2 de setembro de 1944, muitos correspondentes de guerra estivessem começando a sair de Paris. Naquela semana, novas pautas levaram os jornalistas à linha de frente na Bélgica ou, mais tarde, na Holanda.

Entre os correspondentes americanos que tinham vindo para a Libertação, Robert Capa e Lee Miller foram alguns dos últimos a saírem da capital. Capa tinha uma pauta que o manteve em Paris por boa parte de setembro. Lee Miller ainda cobriria a guerra do ponto de vista da moda como repórter da revista *Vogue* até o meio do mês. Suas fotografias de Marlene Dietrich em um elegante vestido de cetim estavam programadas para sair na edição de outono, numa matéria sobre a retomada da alta-costura pós-Libertação.⁸

Na verdade, a moda havia prosperado durante a ocupação, e boa parte da indústria do luxo tinha, de uma forma ou de outra, feito as pazes com a vida sob o domínio alemão. Embora alguns estilistas tivessem um prazer secreto em criar roupas malfeitas para as esposas dos ocupantes alemães, poucos ousavam recusar as encomendas, e desfiles de moda eram frequentes no Ritz durante a guerra. O estilista Lucien Lelong, integrante dos infames almoços “de negócios” franco-alemães que aconteciam no hotel, havia enriquecido mais do que todos. Aqueles almoços mensais no Ritz durante a guerra, nos quais industriais, políticos e estilistas franceses e alemães se reuniam para modelar a política econômica do colaboracionismo, deram início a uma conversa que culminaria, em apenas uma década, na criação da Comunidade Econômica Europeia. O conflito que ainda se desenvolvia gradativamente entre Charles de Gaulle e os libertadores anglo-americanos de Paris seria o combustível de sua retomada.

Não foi apenas devido aos almoços de negócios que o Ritz fora o centro da indústria da moda durante a guerra. O hotel era localizado no coração do luxuoso bairro que ajudou a definir a Paris moderna. Além disso, nos primeiros anos da ocupação, alguns dos artistas e jornalistas que se hospedavam no Ritz estiveram entre os maiores consumidores de moda. “A esposa de Steve Passeur, um dramaturgo e jornalista [francês] popular na época, não perdia oportunidade de ser vista quando as coleções eram exibidas. E, como seu status permitia que ela vivesse com conforto (o casal ocupava uma suíte no Ritz), os gastos não a preocupavam.”⁹ Mulheres como “a filha de Pierre Laval, José de Chambrun, que tinham que manter o status perante a sociedade e que frequentavam recepções franco-alemãs, (...) formavam um círculo distinto e fechado. A esposa de George Dubonnet, conhecida pela lendária elegância, é um caso que serve de exemplo. Assim como Steve Passeur e a esposa, o casal Dubonnet vivia permanentemente no Ritz” durante a ocupação.¹⁰

Por toda a Paris após a Libertação, as butikues se preparavam para a nova estação. A de Chanel, no entanto, continuava trancada. Coco Chanel fechara o ateliê em 1940, quando a ocupação começou, alegando com orgulho, e, segundo alguns, um pouco de hipocrisia, que aquele “não era momento para moda”.¹¹ Afinal de contas, ela mantivera aberta a loja de perfumes em frente ao Hôtel Ritz, fazendo fortuna durante a guerra vendendo Chanel Nº 5 para ávidos oficiais alemães. Agora, soldados americanos faziam fila na calçada à procura de uma lembrança que mostrasse que eles também tinham estado em Paris, sem saber ou sem se importar com o fato de que Coco Chanel passara boa parte da guerra tentando tirar parte do controle da perfumaria dos sócios judeus, sob as leis antissemitas da ocupação.¹²

A butikue de Chanel na rue Cambon permanecia fechada, e, no momento, ela não tinha pressa alguma de reabrir o departamento de alta-costura. Já com mais de sessenta anos e estupidamente rica com os lucros do Chanel Nº 5 e as décadas em que vivera no topo do mundo da moda, Coco Chanel havia de fato se aposentado.

Mesmo que pensasse em voltar à moda naquelas primeiras semanas após a Libertação, Chanel tinha problemas maiores do que a criação de uma nova coleção de alta-costura. E o mesmo ocorria com alguns de seus velhos amigos das altas-rodas do Hôtel Ritz: Arletty, Sacha Guitry e Jean

Cocteau.

Havia dois tipos de justiça para os acusados de colaboracionismo em Paris, e nenhum deles seria agradável. Primeiro havia os expurgos extrajudiciais imediatos. Aqueles que haviam ajudado e apoiado os ocupantes — ou que eram suspeitos de terem feito isso — muitas vezes sofriam um castigo rápido e brutal pelas mãos de turbas de vizinhos.

Eles tiveram as roupas arrancadas e as cabeças raspadas; foram surrados, tatuados, estuprados ou, em algumas ocasiões, sumariamente executados. As maiores humilhações foram reservadas para as mulheres conhecidas como “colaboracionistas horizontais” — mulheres que, em outras palavras, tinham dormido com um alemão. Os franceses chamariam os atos de *épuration sauvage*, ou “expurgo selvagem”.

Em cada cidade, os Aliados e os correspondentes de guerra testemunharam o mesmo ritual após a Libertação. O secretário particular de Winston Churchill, Jock Colville, “observou um caminho aberto passando, acompanhado por vaias e assobios da população francesa, com uma dúzia de pobres mulheres na traseira, todas com o cabelo completamente raspado. Elas choravam de cabeça baixa, com vergonha”.¹³

Em Chartres, Robert Capa e o jornalista da *Time* Charles Wertenbaker entraram na cidade poucos passos atrás das tropas. A primeira coisa que os dois ouviram foi a voz de uma multidão furiosa berrando “*Salope! Salope!*” — “puta”, em francês. Do centro da praça da cidade veio o fedor de cabelo queimado, uma imensa pilha de cinzas e mechas louras, ainda sendo raspadas das cabeças de mulheres assustadas, enfileiradas contra as paredes de prédios públicos e usando vestidos e roupas de baixo rasgadas. Uma moça e um menino vendiam taças de vinho para os espectadores ansiosos. Pelo menos vinte mil mulheres tiveram a cabeça raspada em público na França após os desembarques na Normandia, talvez mais. Algumas estimativas sugerem que homens alemães geraram até oitenta mil crianças francesas durante aqueles anos.¹⁴

Por toda a França, sobretudo em Paris, Robert Capa também tiraria algumas das icônicas fotografias das *épurations*.

Para os jornalistas, era um trabalho complexo. Em Chartres, uma jovem da Resistência francesa, revoltada com a hipocrisia da guerra, implorou que alguém parasse o espetáculo. Contrariada, disse para Capa: “É cruel e desnecessário. Elas são mulheres de soldados e amanhã dormirão com os americanos.”¹⁵ Mas os correspondentes eram mais um grupo neutro da guerra. O direito de um jornalista de testemunhar os acontecimentos dependia da condição de não combatente imparcial.

O segundo tipo de justiça pós-guerra veio depois e durou mais tempo. Os franceses chamaram de *épuration légale*, um processo de verdade e reconciliação que era em grande parte legal. No fim das contas, quase cinquenta mil franceses seriam condenados pelo crime de *indignité nationale*, ou de desonrar a nação por meio de atos colaboracionistas durante a guerra. Entre eles, havia muitos frequentadores do Hôtel Ritz. Afinal, ir ao Ritz durante a guerra era, por definição, socializar com os alemães.

Arletty viu claramente o desastre surgir no horizonte. Qualquer mulher que tivesse saracoteado por Paris de braço dado a um alemão esperaria receber uma visita dos vizinhos agora.

Sacha Guitry não era visto desde a manhã de 23 de agosto de 1944. Ele fora levado por homens armados, vestindo apenas o pijama de seda amarelo-canário Lanvin e um chapéu fedora.¹⁶ A prisão interromperia sua conversa diária por telefone com Arletty.

Ela acabou descobrindo que os homens haviam escoltado Sacha Guitry para o abominável Vélodrome d’Hiver. Durante a guerra, o velódromo de inverno tinha abrigado o primeiro recolhimento de judeus residentes de Paris feito pela polícia francesa no verão de 1942, após a implementação da “Solução Final” de Heydrich. Os prisioneiros foram enfiados ali e mantidos embaixo do telhado de vidro do velódromo sob um calor crescente e sem água por “cinco dias terríveis”.¹⁷ As pessoas que passavam pelas ruas ouviam os gritos de quem enlouqueceu ou tentou cometer suicídio.

Pierre Laval assinara alguns dos principais documentos que haviam autorizado as deportações, um massacre praticamente todo feito pelos franceses. “A verdade”, lembram os historiadores, “é que nenhum soldado alemão — nenhum — foi mobilizado em toda a operação.”¹⁸

Agora, em setembro de 1944, o velódromo fora transformado em um centro de detenção para os parisienses que ajudaram os alemães durante a ocupação. Sacha Guitry foi denunciado como colaboracionista, e seu nome apareceu em todos os jornais importantes. Afinal de contas, havia quem se lembrasse em Paris que Hermann Göring tinha visitado Sacha em casa e que o ator fora visto socializando alegremente com o general Von Stülpnagel. Em seu julgamento naquele outono, surgiram acusações aqui e ali sobre pagamentos secretos em dinheiro vivo e “troca de informações confidenciais com o inimigo”. Decidido e sem demonstrar arrependimento, Sacha negou tudo veementemente.

Após a prisão de Guitry, Arletty fugiu do próprio apartamento e foi direto para um endereço na rue François 1er, onde se encontrou com a namorada de Sacha, a atriz romena Lana Marconi. Elas

recorreram a alguns amigos na Resistência para ver se havia alguém que poderia proteger Arletty.

Mais tarde, Arletty jamais diria tudo o que aconteceu. O que a atriz contou mais tarde, em suas memórias, foi apenas que uma “condessa X”, bem relacionada na Resistência, colocou-a em contato com um “lorde H”. Com a ajuda dos dois, ela foi levada em um Cadillac reluzente para a casa de outro conhecido. Quando chegou à porta, Arletty declarou sem rodeios: “Recuso a encomenda.”¹⁹ Havia poucos motivos para uma francesa estar correndo a fim de se esconder nos dias após a Libertação, e nenhum deles era admirável.

Amigos bem relacionados despacharam Arletty para outro apartamento. Por três dias, ela ficou escondida em um quarto. Então, certa tarde, os anfitriões disseram que era melhor que a atriz fosse embora e esperasse perto da Champs-Élysées, no Hôtel Lancaster. Ninguém podia ajudá-la a se esconder para sempre. Alguém das Forças Francesas do Interior viria na manhã seguinte para prendê-la. Era melhor se submeter ao inevitável. As pessoas já estavam à sua caça.

Dois homens discretos foram atrás da atriz, e Arletty foi levada, sem protestar, até a Préfecture de Police, usando o antigo nome, Léonie Bathiat. Ali não haveria tratamento de estrela ou nome artístico para Arletty. Sua imagem pública durante a guerra era agora seu maior perigo. Ela era um símbolo da autotraição francesa.

A grande sala reverberante da Préfecture ficou rapidamente lotada naquela manhã. Todos os presentes eram pessoas que tiveram a sorte de escapar dos expurgos mais selvagens que ainda aconteciam diariamente nas ruas de Paris — a maioria mulheres.

Nas salas onde elas foram separadas para a internação, Arletty encontrou uma velha amiga atrás da outra: mais atrizes e estrelas de cinema, algumas socialites, a famosa dama da ópera wagneriana Germaine Lubin²⁰ e pelo menos uma princesa e uma duquesa. Todas tinham socializado com os nazistas.

— Como vai você, Bathiat? — perguntou uma conhecida.

— Não muito resistente — respondeu ela, ironicamente.

Os julgamentos ainda não haviam começado, mas os castigos, sim. Enfiada junto com oitenta mulheres em uma sala apertada, Arletty viu jovens garotas de cabeça raspada chorando. Uma frágil senhora de idade tentava esconder com uma echarpe a suástica que tinha sido tatuada de forma grosseira em sua testa. Uma freira disse para Arletty na missa de domingo: “Sua vagabunda, você nunca mais olhará para um homem”, e quem sabia dizer o que aquilo significava? Mesmo na autobiografia dolorosamente franca escrita anos depois, Arletty jamais revelou muita coisa sobre o que aconteceu.

Refugiando-se no humor ácido, ela só diria, mais tarde: “Não se preocupem, senhoras! Sou um cavalheiro.” Aquelas foram humilhações que Arletty estava decidida a manter em segredo. No entanto, depois a atriz escreveu sobre a experiência: “Raramente alguém fala: condenada a viver. Em geral isso é mais cruel do que uma sentença de morte.”

Comparado às mortes em Fresnes e Drancy durante a guerra, o castigo de Arletty, que passou a guerra no Hôtel Ritz desfilando com um amante alemão, saiu barato. Mesmo assim, ela encarou o tratamento que recebeu como uma tremenda injustiça e continuou com um comportamento rebelde e amargo. “Após ter sido a mulher mais convidada em Paris”, Arletty agora “se tornou a mais evitada”.

Eles também foram atrás de Jean Cocteau para interrogá-lo naquele outono.²¹ O escritor recebeu uma ordem para se apresentar diante de um comitê que cuidava das *épurations* para membros da indústria cinematográfica e em breve seria chamado diante de um segundo comitê, que investigava autores colaboracionistas. Sua decidida neutralidade não fora suficiente para poupá-lo do interrogatório e da exposição pública.

Marcel Proust havia morrido muito antes de a guerra começar, mas outros velhos frequentadores do Ritz, Paul Morand e a princesa Soutzo, também foram acusados *in absentia* de colaboracionismo. Embora estivesse lotado na embaixada francesa em Londres quando a guerra começou e pudesse ter se juntado às Forças da França Livre com um esforço mínimo. Morand surpreendera Charles de Gaulle ao retornar para casa diante dos pedidos da princesa e declarar lealdade a Vichy. Até 1943, eles tiveram uma vida luxuosa na Paris ocupada. Transferido para a embaixada na Suíça antes da Libertação, o casal só retornou à França anos mais tarde.

Contudo, a primeira pessoa entre todos os frequentadores do Ritz que os homens das FFI interrogaram foi Coco Chanel. A trajetória da estilista era a mais surpreendente de todas e continua, talvez mais do que qualquer outra, a atormentar os parisienses de hoje e a história da ocupação.

Coco Chanel alcançou a fama como estilista na primeira e na segunda décadas do século XX, após abandonar uma carreira — como as primeiras incursões de Arletty na vida pública — de dançarina de cabaré medíocre e um tanto despudorada. Quando jovem, Chanel não via nada de errado em subir na vida como amante de um homem rico. Algumas pessoas brincavam que ela tinha sido, naquela época, uma das *grandes horizontales* de sua geração. Seja como for, em determinado momento da juventude, Coco fora vigiada pela polícia francesa, sob suspeita de prostituição.

No início dos anos 1930, tudo aquilo ficara no passado. Ela era uma mulher rica e famosa, reconhecida no cenário mundial como uma empresária brilhante e inovadora. Dirigia um elegante Rolls-Royce e, como o finado vizinho Georges Mandel, hospedou-se em caráter permanente na Place Vendôme. John Updike notoriamente resumiu nos anos 1970 a atitude de Coco durante a guerra: “Todas as provas disponíveis apontam para a total indiferença de Chanel diante do destino de seus vizinhos judeus — ou, na verdade, diante das humilhações e privações menores sofridas pela grande maioria dos parisienses (...) [Ela esteve entre aqueles que foram] felizes, em um mundo onde as montanhas da desgraça cresciam a seu redor (...) no bairro judeu, a quinze minutos de caminhada do Ritz.”²²

No fim de agosto de 1944, antes da Libertação de Paris, a *couturière* ainda vivia luxuosamente no lado do Ritz voltado para a rue Cambon. Seus antigos aposentos no último andar do prédio da Place Vendôme não estavam disponíveis durante a guerra. Ninguém, a não ser os oficiais alemães, tinha permissão de entrar naquele lado do hotel. Como disse uma residente de muitos anos, “ela pagou ao hotel para que fosse construído um pequeno lance de escadas da suíte de dois quartos para um apartamento logo debaixo do telhado”²³ e, embora o local fosse estreito e um pouco apertado, a estilista ficou perfeitamente contente com a solução. Chanel zombou dizendo que daquela forma era mais barato.

Mais importante, aqueles aposentos sossegados foram um local conveniente e eminente para ela ter privacidade ao ficar com Hans von Dincklage.

Na época da ocupação alemã em 1940, Coco e Hans já se conheciam havia tempos. Em 1936, Von Dincklage estava lotado na embaixada alemã em Paris e era um rosto conhecido na capital havia vários anos. Recém-divorciado da esposa judia-alemã, a aristocrática Maximiliane von Schoenebeck, Hans se tornara um playboy. Aquela foi uma boa vocação, dada a sua extraordinária boa pinta. Ele e Chanel provavelmente se conheceram em uma festa de amigos em comum em algum momento de 1937, ou talvez no ano seguinte.²⁴

No começo da ocupação, ambos moravam no Hôtel Ritz, e era inevitável que se esbarrassem com frequência. Alto, bonito e com uma aparência teutônica clássica, Hans era mais de dez anos mais novo do que a estilista, mas ela permanecia impressionantemente atraente por volta dos sessenta anos. O relacionamento durou a guerra inteira e deixou Coco — como tantas outras francesas com amantes alemães na época do conflito — em uma posição arriscada após a Libertação.

Contudo, os problemas de Chanel naqueles últimos dias de agosto não se resumiam à vida amorosa. Para começo de conversa, ela tinha sido bem mais cuidadosa do que Arletty quanto a manter em absoluto segredo o relacionamento com um oficial alemão. Blanche Auzello se lembrava com clareza. Ela passou a não gostar de Coco Chanel durante aqueles anos em que viveram muito próximas e gostava de dar a ficha corrida da estilista para qualquer um que estivesse interessado. Não era uma ficha muito lisonjeira. As duas se conheciam havia quase uma década quando a guerra começou, e entre elas existia uma hostilidade intensa, ainda que não declarada. Como se recordou Blanche, parte do problema era que, quando a ocupação começou, em 1940, Coco Chanel não estava apenas tendo um caso com Hans von Dincklage — ela discretamente mantinha um outro cavalheiro na jogada ao mesmo tempo.

“Ela nunca aparecia em lugar algum do hotel com qualquer um deles”, contou Blanche.²⁵ “Ninguém se importava, mas ela realmente se esforçava para mantê-los em segredo. Eu sabia porque tinha uma fonte direta: a camareira do andar, que me atualizava o tempo todo. A mulher tinha inveja, não porque madame fosse uma grande *couturière* — aquilo não significava nada para ela. Porém viver com dois homens impressionantes era o conceito de paraíso para a camareira. Que luxo!” Blanche se esforçou para cultivar uma relação amigável com todos os funcionários do hotel, mas mesmo assim a identidade do segundo caso de Chanel permanece um mistério. Não havia dúvida, porém, de que Von Dincklage era amante da estilista.

No entanto, ao contrário de Arletty, Coco Chanel tinha feito mais do que simplesmente dormir com um fascista ou trabalhar com as autoridades alemães para que seus sócios judeus perdessem os bens. Chanel se envolvera nas engrenagens das manobras políticas dos alemães. Alguns ainda afirmam que ela atuava como espiã para os poderosos do nazismo.²⁶

É uma história nebulosa, e qualquer afirmação contrária infelizmente é reducionista. O que é certo: os serviços de inteligência nos Estados Unidos e na Inglaterra tinham arquivos sobre Coco Chanel e investigaram suas possíveis atividades como agente alemã. Ela visitou Berlim em duas ocasiões durante a guerra, uma vez no fim de 1943 e outra no início de 1944. As viagens foram planejadas com a ajuda de um agente alemão da Abwehr chamado Walter Schellenberg — o homem que havia sido enviado em fevereiro de 1944 para substituir o líder secreto da Resistência alemã em Paris, o almirante Wilhelm Canaris, outro frequentador do Ritz.

Havia também pastas cheias de documentos sobre Hans von Dincklage e suas atividades durante a guerra. Ele era um agente alemão conhecido e possivelmente — como Chanel sempre insistiu — um agente duplo britânico.²⁷

O barão Hans Günther von Dincklage era proveniente de uma aristocrática família prussiana e, desde 1933, era adido especial na embaixada alemã em Paris.²⁸ Hans era alto e louro, carismático e culto, e as mulheres o amavam. Alguns diziam que ele recebera o apelido “Spatz” — pardal — pela inegável habilidade de interagir com os outros. É provável que a alcunha tivesse origens mais mundanas e, no fim das contas, sinistras: o codinome Staatsanwalt Spatz — um representante legal itinerante do Estado alemão.

Blanche Auzello chamava Hans de “Spatzy”. Ela não suportava Coco Chanel, mas, apesar do ceticismo de Claude, achava Hans fabuloso. O alemão chegara a Paris pela primeira vez com outro adido, um tal de Joachim von Ribbentrop. A missão dos dois era negociar um acordo entre a França e a Alemanha durante os anos de apaziguamento. Em Paris, eles ficaram íntimos de abastados jornalistas e políticos pró-fascistas como Fernand de Brinon e Pierre Laval — vários anos depois, ambos seriam líderes do governo colaboracionista de Vichy.

Ao longo da ocupação, Von Dincklage esteve entre os residentes permanentes do Ritz. Não havia dúvidas de que fora enviado à França em uma missão de propaganda e obtenção de informações, pois ele era um adido do governo alemão.

Porém, a partir daí, os nós da história ficam difíceis de desatar. A mãe de Hans era inglesa. Coco insistia que ele era um agente duplo britânico infiltrado, o que não é impossível.

Afinal de contas, a Abwehr, especialmente sob a liderança em Paris de Wilhelm Canaris, tinha a tendência de ser um foco da Resistência alemã. E prussianos aristocráticos de famílias militares como Hans estavam entre os opositores mais prováveis da megalomania de Adolf Hitler na Alemanha.

Por outro lado, se há arquivos britânicos sobre a atuação de Hans von Dincklage como agente duplo, eles ainda não foram revelados ou descobertos. E todos os envolvidos tinham motivos para inventar histórias que os eximissem da culpa no pós-guerra.

A própria Coco Chanel era, inegavelmente, antissemita e anglófila — e o antissemitismo era tão comum nos altos escalões da sociedade britânica quanto nas aristocracias francesa e alemã. Nos anos 1920, ela foi amante de Hugh Richard Arthur Grosvenor, duque de Westminster, um aristocrata inglês que manteve uma obstinada política pró-alemã na década de 1940. Em eventos sociais, a estilista conheceu o duque e a duquesa de Windsor, simpatizantes fascistas que se hospedaram no Ritz no verão antes da ocupação. Na verdade, Coco supostamente conhecia alguns dos vergonhosos segredos políticos do casal.²⁹

Ela com certeza sabia que o amigo Winston Churchill considerara muito infeliz a renúncia do rei e seu casamento com a antiga sra. Wallis Simpson. No outono de 1936, Winston Churchill, o irmão Randolph Churchill e Jean Cocteau foram jantar na suíte de Chanel no Ritz. Após muitas taças de vinho francês, Winston chorou no ombro dela, lamentando o escândalo. Posteriormente, o duque e a duquesa foram despachados para as Bermudas enquanto a guerra durou, para que não pudessem conspirar com os alemães. Mesmo do refúgio nas ilhas, o casal colaborou ativamente.³⁰

Nos dias após a Libertação, o destino de Coco Chanel dependia, quer ela soubesse ou não, de quem poderia escrever a carta mais persuasiva para Winston Churchill — se ela mesma ou uma velha amiga e ex-funcionária chamada Vera Bate Lombardi. Inglesa, Vera era parente do primeiro-ministro britânico e esposa de um aristocrático coronel italiano fascista. Em 1923, em Monte Carlo, ela apresentara Coco Chanel a outro parente, o duque de Westminster. De acordo com Hans von Dincklage, Vera também tinha sido amante lésbica da estilista.³¹

Na primavera de 1944, as duas mulheres participaram de um arriscado jogo de espionagem e traição que só poderia ter terminado com pelo menos uma delas suspeita de ser agente fascista. Vera Lombardi estava decidida a se livrar dessa acusação.

Coco Chanel sabia que, com a Libertação se aproximando, haveria alguns fatos suspeitos em seu histórico. No último inverno da ocupação, ela havia se envolvido em uma tentativa de abrir canais de comunicação entre Churchill e alguns alemães que queriam negociar um acordo de paz separado entre os dois países. Os contatos da estilista com a liderança e a aristocracia britânicas mostravam que ela estava no lugar certo para aconselhar os alemães sobre quem procurar e como abordar a situação.

Na verdade, antes da tentativa de assassinato de Adolf Hitler, no dia 20 de julho, alguns dos aristocráticos agentes da Abwehr haviam passado o inverno de 1944 tentando, por meio de canais clandestinos e agentes duplos, estabelecer os termos da negociação com a Grã-Bretanha caso um golpe de Estado alemão fosse bem-sucedido. Eles perguntaram a Churchill quais seriam os termos para encerrar a guerra se a Resistência alemã assassinasse o Führer e Hermann Göring. O primeiro-ministro respondeu sem rodeios: “Rendição incondicional.” Um dos agentes rebeldes da Abwehr era Wilhelm Canaris, que naquele inverno coordenava em Paris um grupo de aristocratas alemães que atuavam como agentes duplos britânicos. Será que Coco Chanel e Hans von Dincklage fizeram parte daquele círculo no Hôtel Ritz que incluía Carl von Stülpnagel, Caesar von Hofacker e Hans Speidel? Von Dincklage tinha sido espião do almirante Canaris nos anos 1930 e ainda o era até 1943, o que

torna a hipótese perfeitamente possível.³²

Agora Coco Chanel estava sozinha em Paris. Nos dias anteriores à chegada dos Aliados, Von Dincklage fora embora junto com o restante do corpo diplomático alemão, e a estilista não fazia ideia de onde encontrá-lo. Com a guerra a menos de 150 quilômetros da cidade e o caos por toda parte, ela estava preocupada com a própria segurança e queria saber o que acontecera com o amante. Naquela semana, Coco deu a um soldado americano que falava alemão e estava a caminho do leste uma valise cheia de preciosos frascos do perfume Chanel Nº 5 — que valia seu peso em ouro e uma fortuna no agitado mercado negro.³³ A estilista perguntou ao soldado americano se ele poderia mandar um cartão-postal para ela caso interrogasse prisioneiros de guerra alemães e conseguisse encontrar Hans. Bastaria endereçá-lo para *Mademoiselle Chanel, Hôtel Ritz, Paris*. Todo mundo sabia onde encontrá-la.

Chanel também jogou as cartas cuidadosamente com os americanos. Ela sabia que o vento soprava em uma nova direção e era antes de tudo uma sobrevivente. Um agente da inteligência britânica da divisão MI-6 mais tarde falou com clara admiração sobre o senso de oportunidade da estilista. “Com um daqueles gestos majestosamente simples que tornaram Napoleão tão bem-sucedido como general”, relatou o agente, “ela colocou um aviso na vitrine de seu empório anunciando que o perfume era de graça para soldados americanos, que fizeram fila para pegar frascos de Chanel Nº 5 e teriam ficado revoltados caso a polícia francesa tocasse em um fio de cabelo da estilista.”³⁴

Depois, Coco fugiu temporariamente da suíte do Hôtel Ritz — onde Serge Lifar,³⁵ outro frequentador procurado pelas FFI para ser preso por colaboracionismo, estava escondido em um closet — e escapou na surdina para os aposentos acima do ateliê, por precaução.

No fim das contas, nada daquilo adiantou. No final da primeira semana de setembro, homens armados apareceram e pediram que *mademoiselle* os acompanhasse para um interrogatório. Eles eram das FFI. Coco Chanel passara a guerra morando no hotel com o amante alemão, e só aquilo já era motivo para ter que responder por colaboracionismo. Coisas muito piores já haviam acontecido com outras mulheres na condição dela. Atrevida até o fim, a estilista debochou dos captores ao dizer que, quando uma mulher na idade dela tinha a chance de ter um amante, dificilmente pediria para ver o passaporte do cavalheiro.³⁶

Após algumas horas — para a surpresa de todos no Ritz —, Coco Chanel estava de volta à suíte. E fazendo as malas. O boato se espalhou: a ordem para soltá-la viera dos mais altos escalões do governo britânico. Lucienne Elminger ouviu a história. Anos depois, a estilista ainda se lembraria que o fator decisivo tinham sido as cartas de Winston Churchill “garantindo a ela seu apoio e sua amizade”.³⁷

Livre da detenção e aconselhada por Churchill a fugir rapidamente para o exílio na Suíça, Coco Chanel permaneceu sob a investigação ativa dos Aliados durante todo o outono. Ela receberia repetidos “convites” para ser interrogada na capital. No fim, fossem quais fossem a verdade sobre suas atividades de espionagem durante a ocupação e a verdade sobre o status de Hans von Dincklage como agente, os Aliados decidiram que a história tinha pontos obscuros demais para conseguirem compreendê-la plenamente.

Hoje, nos arquivos de Churchill na Universidade de Cambridge, há uma série de documentos ultrassecretos que vieram a público e nos quais os governos francês, britânico e americano se basearam para decidir onde se aplicaria a justiça na questão: será que Coco Chanel era uma espiã nazista e uma criminosa de guerra ou era inocente de tudo, a não ser de colaboracionismo horizontal? Será que Hans von Dincklage era, como seu chefe Wilhelm Canaris, um agente secreto do MI-6 ou algo mais prosaico e sinistro? Ou será que a verdade se perdeu em algum lugar nas sombras? Os documentos sobre Coco Chanel no departamento de justiça francês desapareceram.³⁸

Entretanto, em 1944 e 1945, quando tudo ainda estava recente na memória nas semanas pós-Libertação, tanto os americanos quanto os britânicos compartilhavam a mesma conclusão: não havia como responder àquelas perguntas.³⁹ Entre as histórias da ocupação que se perderam antes mesmo de a guerra acabar — entre os mitos e lendas, fugas e contrafugas, e às vezes até mesmo segredos corajosos —, esses registros intrincados eram quase sempre os mais difíceis de esclarecer.

Ironicamente, é provável que aqueles longos interrogatórios com o alto escalão do governo — e sua discrição sexual como uma experiente mulher de sessenta anos — tenham salvado Chanel de expurgos mais bárbaros. As acusações contra ela eram tão mais sérias do que um simples “colaboracionismo horizontal” ou uma “troca de informações secretas com o inimigo” que um arrastado processo de investigação precisou ser instaurado. As conexões políticas com a liderança britânica eram tão íntimas que ninguém queria cometer um erro. Mas, quando os Aliados chegaram à conclusão de que não havia como saber ao certo o que Chanel fizera ou deixara de fazer e que, de qualquer maneira, não havia provas suficientes para condená-la como criminosa de guerra, o período selvagem de justiça pelas próprias mãos em Paris já tinha acabado.

Logo em seguida, ela desapareceu em Lausanne, na Suíça, e se reencontrou com Hans von

Dincklage. O casal passou quase uma década em exílio autoimposto. A despeito de quais tenham sido suas atividades secretas, as que vieram a público foram suficientes para merecer o desdém dos concidadãos parisienses.

Foi por isso que, no outono após a Libertação de Paris, seu ateliê na rue Cambon permaneceu trancado. Seus quartos no Hôtel Ritz ficaram vazios.

Coco Chanel finalmente voltaria à cidade em meados da década de 1950, quando a ocupação nazista já começava a se tornar algo de que ninguém em Paris queria se lembrar. Na ocasião, a integração europeia parecia mais promissora do que a aliança anglo-americana.

Para aqueles que tinham vivido como hóspedes no Ritz durante a ocupação alemã, a Libertação foi o fim de uma história sobre luxo, modernidade e Paris. Era a morte de uma geração que havia transformado o futuro desde os anos 1910 até os 1930.

Já em setembro de 1944, outros astros de cinema, socialites e celebridades estavam a caminho de se tornar novas lendas. Entre aqueles que trabalhavam silenciosamente nas sombras do bar da rue Cambon, havia uma segunda geração de espiões de guerra, os homens envolvidos no Projeto Manhattan. Eles estavam em uma corrida desesperada para evitar que Adolf Hitler obtivesse uma arma nuclear no momento em que a Alemanha entrava em colapso sob o avanço dos Aliados.



Coronel Fred Wardenburg, 1944.

Será que uma bomba não maior do que uma laranja pode possuir o poder secreto de destruir um quarteirão inteiro de edifícios — e, mais ainda, concentrar a força de mil toneladas de cordite e explodir uma cidadezinha com um só golpe?¹

— Winston Churchill, “Shall We All Commit Suicide?”, 1924

Nas semanas após a Libertação, novos visitantes chegariam à cena em Paris, provocando uma troca de elenco de personagens.

Sacha Guitry e Arletty ainda mofavam na prisão junto com milhares de outros colaboracionistas franceses. Em 30 de agosto de 1944, os nazistas executaram um derrotado e maltratado Carl von Stülpnagel na Alemanha. Em 7 de setembro, os interrogadores da Gestapo enfim pegaram seu colega conspirador, Hans Speidel, o último integrante solto do círculo de resistência baseado no Ritz que tramara em julho o plano para assassinar Adolf Hitler. Surpreendentemente, Hans Speidel sobreviveu ao outono.

No meio de setembro, Lee Miller viajou por causa de um trabalho de duas semanas no vale do Loire, mas voltaria a Paris no fim do mês e se mudaria para uma habitação mais modesta com a colega jornalista Helen Kirkpatrick. As duas garotas ainda estavam curiosas sobre o que aconteceria quando Martha Gellhorn descobrisse a respeito de Ernest e Mary.

Em outubro no Hôtel Ritz, houve sinais claros de que a guerra na Europa estava longe de acabar.

O barão Hans von Pfyffer chegou da Suíça para inspecionar o hotel naquele mês. Ele levava semanas para conseguir o visto de salvo-conduto exigido para cruzar as linhas de frente, que ainda estavam a poucas centenas de quilômetros de Paris. A chegada provocou agitação nos funcionários do hotel. Marie-Louise Ritz, que passara boa parte do tempo após a Libertação em seus aposentos, uma atitude talvez prudente, de súbito se tornou mais presente.²

E o mais importante: naquele mês, um engenheiro — e espião — americano chamado Frederic Wardenburg chegou ao Ritz com uma missão de guerra secreta e crucial. Ele fazia parte da missão “Alsos”, que investigava o progresso alemão no desenvolvimento de bombas atômicas. Wardenburg

estava lá como agente secreto do Projeto Manhattan na Paris libertada, um plano que terminaria com o episódio de Hiroshima.

Fred Wardenburg tinha 39 anos. Era pai de duas crianças em idade escolar, fizera carreira como representante científico e executivo de escritório da companhia química DuPont, baseada em Delaware, e tinha uma jovem e bela esposa chamada Martha. Embora tivesse a boa aparência e os traços bem delineados necessários, Wardenburg era um candidato improvável para a aventura ao estilo James Bond que o levou a Paris de forma inesperada.

Ele nunca se planejara para uma vida de espionagem e missões secretas do governo, mas era excepcionalmente adequado para a ocasião.³ Era um excelente engenheiro e investigador, e por acaso falava tanto francês quanto alemão.

Fred Wardenburg havia sido rigorosamente avaliado para a missão. Afinal de contas, estavam confiando nele para executar uma tarefa que poderia decidir o resultado de toda a guerra.

As forças armadas americanas o abordaram nas primeiras semanas depois da Libertação. A Segunda Guerra Mundial não tinha acabado após a liberdade da França. Ainda havia uma maneira de Adolf Hitler arrematar a tão sonhada conquista do mundo: descobrir como dividir o átomo. Era difícil prever o resultado da corrida para desenvolver a bomba nuclear, e o país que descobrisse o segredo primeiro teria uma vantagem descomunal. Segundo um documento oficial sobre o Projeto Manhattan, “em nenhum outro tipo de guerra a vantagem reside tão fortemente do lado do agressor”.⁴

Eles queriam que Fred Wardenburg se juntasse à equipe de espionagem baseada em Paris. A missão do grupo era caçar, capturar e interrogar físicos nucleares alemães e impedir que os nazistas completassem a montagem de uma arma atômica. Wardenburg era um dos dois únicos civis americanos a quem foram confiadas informações ultrassecretas sobre o andamento da pesquisa nuclear.

Por semanas, Fred e Martha — que não deveria saber nenhum detalhe da missão — ficaram confinados em um quarto de hotel em Washington, enquanto o alto escalão americano calculava os riscos da operação. Certa noite, bem tarde, ele recebeu um telefonema dizendo que deveria se encontrar com agentes no saguão imediatamente. “Mandarei notícias” foi tudo o que pôde dizer à Martha, pois nem mesmo Fred sabia ainda que, na manhã seguinte, acabaria enfiado em um outro quarto de hotel: uma luxuosa suíte no Ritz em Paris.

Na capital francesa, Fred se juntou a uma rede bem pequena de agentes aliados de elite. No comando da equipe científica estava Samuel Goudsmit, físico holandês naturalizado americano e de ascendência judaica, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Dois espiões britânicos, Eric Walsh e Rupert Cecil, os auxiliavam com informações secretas, junto com o civil James Lane, engenheiro que era o perito do grupo em construção de instalações. No comando de todos eles — e responsável pela missão delicada e perigosa — estava o tenente-general Leslie Groves, das Forças Armadas dos Estados Unidos. O codinome da missão — Alsos — fora dado em homenagem a ele, por ser o termo grego para “grove” [arvoredo, em inglês].

Antes de ir embora de Washington, Fred fora promovido à patente de coronel dos Estados Unidos. Todos os civis haviam recebido patentes militares para a própria proteção. Aquilo lhe daria, caso acontecesse o pior, status de prisioneiro de guerra de alto nível sob tratado internacional. Em algumas ocasiões, esses cientistas que viraram espiões operaram — como todos os agentes do período da guerra — sentados nos bancos do bar de Frank Meier, no lado do Ritz voltado para a rue Cambon.

Frank ainda estava lá no outono de 1944, fazendo seus coquetéis inovadores e enganosamente fortes. Naqueles dias após a Libertação, o bar do Hôtel Ritz se mantinha firme como o centro da ação. Quase cinquenta anos depois do Caso Dreyfus, o local permanecia o reduto preferido de astros de cinema, artistas, escritores e intelectuais — fossem judeus ou não.

No bar da rue Cambon, Ernest Hemingway e Mary Welsh conservavam o ritual de tomar dois martinis antes do jantar, como sempre. Fred Wardenburg mais tarde brincaria que bebeu com uma princesa persa moradora da cidade e com a estrela do cinema francês Danielle Darrieux, outra frequentadora do bar. Sam Goudsmit era a alma da festa e um fã de vinhos finos, e, com aquelas adegas repletas do Ritz, as coisas costumavam ficar escandalosamente animadas.

No entanto, a principal celebridade do Ritz e rainha do bar era Marlene Dietrich. O posto pertencia a ela desde sua chegada, em setembro. Nos dois anos seguintes, a atriz fazia mais de quinhentas aparições para entreter as tropas aliadas como parte da turnê da ONG United States Overseas (USO). Em pouco tempo, Wardenburg e Goudsmit passaram a entornar drinques com a diva provocante, que também recebera do governo dos Estados Unidos a patente de coronel. Aparentar despreocupação era parte do disfarce dos dois e parte da atuação dela para elevar o moral durante a guerra. Mas todos os três corriam riscos.

Fred e Sam estavam em uma missão secreta. A própria Dietrich estava envolvida em algumas manobras táticas sigilosas. Porém não havia nada de altruísta na missão dela. Para início de

conversa, a atriz estava tentando acabar o quanto antes com o casamento de Hemingway e Gellhorn.

Dietrich chamava o viril escritor de “o papa da minha igreja pessoal”⁵ (embora Mary Welsh tenha ironizado comentando que ganhar dinheiro “parecia ser a religião dela”). Marlene e Mary tinham quartos no mesmo andar do Ritz, e, quando compreendeu como funcionavam as coisas em Paris, a atriz apoiou aquele relacionamento amoroso. Dietrich considerava Hemingway simplesmente maravilhoso. “Papa”, dizia ela, “você é o maior dos homens e o maior dos artistas.”⁶ Não era nenhuma surpresa que Ernest Hemingway achasse a atriz encantadora.

Marlene costumava aparecer, sentar dentro da banheira do escritor e falar que ele tinha que encerrar o casamento com Martha. Às vezes cantava para Hemingway enquanto ele se barbeava.

Papa não precisava de muito incentivo para continuar saindo com Mary. Martha Gellhorn ainda não sabia do caso, mas nos anos seguintes ela e Mary trocariam algumas cartas educadas. Gellhorn, porém, jamais chamaria Dietrich de outra coisa que não fosse uma pequena “cobra” venenosa e repulsiva.⁷

Na verdade, as hostilidades entre as duas tinham menos a ver com Hemingway do que com uma segunda operação tática que Dietrich em breve colocaria em andamento.

Naquele outono, nas proximidades da cidadezinha de Nijmegen, na Holanda, a jornalista vira pela primeira vez o charmoso major-general James Gavin, comandante da 82ª Divisão Aerotransportada. Ainda uma *persona non grata* aos olhos dos militares por causa da fuga clandestina do campo de treinamento de enfermeiras em Londres após os desembarques na Normandia, Martha tinha acabado de ser presa e levada ao gabinete do major-general por atuar como repórter na zona de conflito sem credencial de imprensa. Ela admitiu que, sim, estava cobrindo a guerra na surdina, mas o general riu e disse que achava que ela daria uma bela guerrilheira. James Gavin prometeu esquecer que aquilo um dia acontecera, com a condição de que Martha desaparecesse.

Houve uma química imediata entre os dois.

Em breve outra mulher teria o belo comandante americano na mira. Essa mulher seria Marlene Dietrich. Quando descobriu que Gellhorn e Gavin eram amantes, a atriz ficou “louca de raiva”⁸ e frustração. Durante o fim do outono, as duas mulheres agiam como “déspotas adversários” no bar do Ritz, e, conforme o coronel Barney Oldfield, assessor de imprensa militar, comentou sobre aqueles confrontos, “havia sempre a impressão de que elas guardavam rancor uma da outra e se ofendiam mutuamente”.⁹ O caso de Martha com o general era um chamado para o combate, e a lendária e bela Marlene contava com um considerável arsenal sexual à disposição.

Gellhorn não venceria a guerra. Infelizmente para ela, no amor, assim como em relação à bomba atômica, o agressor tem a vantagem.

No bar do Ritz, todas essas tramas eram coisas do dia a dia. Novos atos de traição e dupla traição, novas operações de espionagem e contraespionagem tomaram o lugar dos antigos. Era apenas um novo conjunto de personagens do pós-guerra.

Mas, para Fred Wardenburg e a equipe da Alsos, os riscos da missão eram incrivelmente altos, e o prazo, de uma urgência assustadora. Os alemães haviam descoberto os princípios da fissão nuclear em 1938. Em 1939, eles tinham começado um programa militar de pesquisa nuclear, formalmente liderado pelo Reichsmarschall Hermann Göring. No início da guerra, os alemães haviam reunido a quantidade mais valiosa do material bruto necessário do mundo.¹⁰ Os Aliados — que estavam às vésperas de decifrar o mistério da bomba atômica — temiam que os alemães estivessem um passo fatal à frente deles. Se isso fosse verdade, a Libertação de Paris e as perdas na Normandia seriam irrelevantes.

A missão Alsos foi criada para descobrir exatamente em que estágio estava o programa nuclear alemão no outono de 1944 e para, após o desmoronamento do Terceiro Reich, localizar os físicos encarregados das pesquisas antes que os nazistas pudessem escondê-los em alguma instalação secreta. Nada menos do que o destino do mundo após a Segunda Guerra Mundial estava em jogo.

Paris tinha sido um dos centros de pesquisa atômica durante a guerra. Um dos maiores físicos do mundo trabalhara na capital durante todo o conflito. Jean Frédéric Joliot-Curie, genro da famosa Marie Curie, coordenou laboratórios de pesquisa naquele período, e as forças de ocupação garantiram que suas equipes contassem com cientistas alemães leais e de ponta.

Como era de se esperar, após a Libertação, Joliot-Curie teve que responder a algumas perguntas difíceis sobre o colaboracionismo. Na verdade, como os Aliados logo descobriram, ele havia agido com extrema coragem e esperteza. Frédéric passara a guerra lutando em segredo pela Resistência francesa. Ele usara o conhecimento científico para montar coquetéis molotov para os *résistants* nos dias anteriores à Libertação.¹¹

A equipe da Alsos também sabia que o principal cientista alemão em Paris, Wolfgang Gentner,¹² tivera conhecimento de tudo a respeito das atividades secretas de Joliot-Curie para a Resistência e o protegera da Gestapo. Nas áreas nebulosas da ocupação francesa, sempre havia essa complicação: os vilões nem sempre eram alemães. Às vezes eram franceses. Ou britânicos. Ou americanos.

A primeira coisa que a equipe da Alsos fez em Paris foi procurar os arquivos nos laboratórios de guerra de Frédéric. Eles tinham sido inventariados em agosto, nos primeiros dias após a Libertação, e os Aliados haviam desencavado apenas algumas cartas, escritas em alemão. Todos ficaram desapontados quando descobriram que as cartas eram de uma mulher insistente que pedia ao amante que mandasse urgentemente alguns frascos de Chanel Nº 5 da Paris ocupada.¹³

A busca levou a equipe a uma segunda instalação de pesquisa alemã, bem perto da Champs-Élysées, onde em outubro os aliados enfim tiveram um golpe de sorte. Todos os documentos científicos tinham sido destruídos, mas alguém se esquecera de levar o registro de visitantes do balcão da recepção. Ele listava os nomes de todos os cientistas e técnicos alemães que haviam visitado o laboratório.

A equipe da Alsos, então, soube exatamente quem participara do programa de pesquisa nuclear baseado em Paris — e exatamente quem estava caçando.

Eles encontraram um desses cientistas na cidade. Foi o segundo grande golpe de sorte. Fred Wardenburg e Sam Goudsmit arrastaram o físico até o Ritz para um interrogatório ao estilo militar. “Transformamos a suíte do hotel em um tribunal para o interrogatório de nossa presa valiosa”, disse Sam mais tarde.¹⁴ “Nós o colocamos voltado para a janela, de maneira que pudéssemos observar todas as reações, [depois] passamos a berrar dezenas de perguntas para ele.”

Foi um fiasco. “As respostas”, lamentou Goudsmit, “foram todas decepcionantes. Ou ele estava escondendo alguma coisa ou realmente não sabia do que tudo aquilo se tratava”.

Porém na valise do cientista havia alguns documentos que assustaram todos os envolvidos na operação. Eram registros de gigantescas reservas industriais alemãs de tório, um elemento químico radioativo. Físicos nucleares na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos já suspeitavam que o tório pudesse substituir o urânio altamente refinado em uma reação atômica. Teriam os nazistas descoberto a última peça que faltava na corrida para construir uma arma nuclear capaz de destruição urbana em massa?

No outono de 1944, os físicos do mundo todo trabalhavam apenas nos estágios finais do processo atômico. Como refinar urânio ou como substituí-lo por outro elemento qualquer eram as duas perguntas que continham a solução para o quebra-cabeça da construção de uma arma nuclear. Provas de que os alemães vinham processando urânio eram exatamente o que Wardenburg e os colegas agentes estavam desesperados para obter nos últimos estágios do Projeto Manhattan.¹⁵ Conforme Fred sabia, a DuPont fizera parte de uma missão secreta do governo durante a guerra para fabricar urânio 235, a parte mais difícil do projeto atômico, e ele estava convencido de que a empresa ainda não descobrira uma forma de isolar o isótopo de maneira confiável.

A nova informação levou a equipe da Alsos a uma busca frenética por toda a Paris. Novas pistas acabaram conduzindo o grupo para a fronteira alemã no fim de outubro e no início de novembro. Em meio ao intenso combate nas linhas de frente, a experiência foi perigosa e aterrorizante. Os riscos atingiram o ápice naquele outono.

O sucesso veio enfim quando a cidade de Strasburgo foi libertada, no meio de novembro. Assim que os Aliados entraram na cidade, os agentes da Alsos seguiram de perto o exército do general Patton e descobriram outro esconderijo de documentos científicos em uma instalação. De volta a Paris, eles esmiuçaram a papelada, tentando refazer o trabalho a partir das anotações e compreender o que os cientistas alemães buscavam.

No Hôtel Ritz, finalmente houve motivo para uma grande comemoração. Os documentos “provaram de vez que a Alemanha não tinha nenhuma bomba atômica e era improvável que conseguisse fabricar uma dentro de qualquer prazo razoável”, como escreveu oficialmente Sam Goudsmit.¹⁶ Os alemães haviam trabalhado no enriquecimento de uma pilha de urânio ainda em agosto — mas deixaram passar algo enorme. Eles não descobriram como usar plutônio.

Os alemães também não descobriram como usar tório na construção de uma arma atômica. Fred Wardenburg riu quando a equipe da Alsos entendeu por que a empresa alemã estava estocando tório.

A companhia de fato estava preparando uma estratégia para a dominação pós-guerra. Porém, a dominação era apenas cosmética. Os industriais alemães planejavam lançar uma nova marca de creme dental para competir com os americanos: “Óxido de tório (...) deveria ter o mesmo efeito, provavelmente, de peróxido, e eles já sonhavam com a propaganda (...) ‘Use creme dental com tório! Tenha dentes brilhantes e reluzentes — o brilho radioativo!’ Afinal de contas, os Estados Unidos tinham Bob Hope e Irium”¹⁷ — o antigo nome comercial do creme dental Pepsodent.

Isso levou o muito modesto Fred Wardenburg a mais tarde brincar que as medalhas de guerra que recebeu pelos serviços prestados “foram pela flagrante bravura em andar nos frágeis elevadores de Paris durante a guerra”.¹⁸

Em pouco tempo, os americanos descobririam os segredos das armas nucleares, e o mundo veria a bomba que Winston Churchill um dia teve medo de imaginar. Hiroshima e Nagasaki, e não a Libertação de Paris, enfim encerrariam o conflito mais atroz do século XX. Aquela seria uma

conclusão decididamente moderna para uma história horrível que levou décadas para se formar na França e na Alemanha, e por toda a Europa e a América do Norte.

O colaboracionismo da França no projeto fascista teve algumas de suas raízes na divisão cultural exposta pelo julgamento de Alfred Dreyfus. A Segunda Guerra Mundial teve algumas de suas raízes na humilhação de 1919 sofrida pelo derrotado povo alemão. Agora o início da era atômica conduziria a uma Guerra Fria cujos parâmetros já haviam começado a tomar forma nos anos 1940.

De Berlim com amor, e as últimas batalhas em Paris 1945



Marlene Dietrich no Hôtel Ritz após a Libertação.

General, o senhor não deve odiar mais os amigos do que os inimigos.

— Clementine Churchill para Charles de Gaulle

Antes de a Segunda Guerra acabar, as coisas estavam destinadas a ficar piores do que qualquer um imaginava.

O inverno de 1944-1945 foi doloroso para todos. Fora de Paris, a guerra continuava. A corrida para dominar e controlar o poder do átomo apenas se intensificou. Por toda a Europa, o clima foi implacável, e houve grande escassez de comida e combustível. A vida na capital francesa foi mais difícil do que em quase qualquer outro momento desde o início da ocupação. E, na Alemanha, o número de pessoas morrendo nos campos de concentração disparou.

O inverno de 1945 também marcou o início de uma nova baixa nas relações dos franceses com os britânicos e americanos.

Na Libertação, o orgulhoso e irritadiço Charles de Gaulle conseguiu o que queria. Ele assumiu o papel de primeiro-ministro do governo autocrático provisório da França e praticamente extinguiu as facções comunistas que lideravam a Resistência local. Cada vez mais, o general também deixava de tentar manter em segredo o antagonismo para com *les anglo-saxons*. Clementine Churchill, que gostava de Charles de Gaulle, deu-lhe um sábio conselho: “General, o senhor não deve odiar mais os amigos do que os inimigos.”

De Gaulle, porém, não estava no clima para conselhos. Americanos, britânicos e soviéticos o consideravam tão intratável que se recusaram a convidá-lo para a reunião de cúpula em Yalta, em fevereiro, na qual o destino de uma nova Europa moderna foi decidido. Ofereceram-lhe um assento de membro-fundador nas Nações Unidas e uma zona de ocupação na Alemanha do pós-guerra, mas o general ainda estava furioso. A derrota para as potências do Eixo não era uma opção que qualquer um considerasse por um momento sequer, mas o custo da vitória na Segunda Guerra Mundial

parecia cada vez mais delicado.

No inverno de 1944-1945, tanto Marlene Dietrich quanto Martha Gellhorn estavam de volta à capital francesa. Ali, o custo da vitória também foi difícil e cruel.

No início daquele ano, quando o major-general James Gavin a arrastou para seu gabinete na linha de frente oriental, Martha mencionou que ficaria instalada no Hôtel Lincoln em Paris. Ele tentou encontrá-la na capital várias vezes. De alguma forma, os dois sempre pareciam se desencontrar. Então James Gavin finalmente decidiu agir como um major-general: despachou alguém para Paris com um avião militar e ordens para levar Gellhorn até sua presença na Alemanha.

Martha não gostava de receber ordens e estava prestes a dizer não ao coronel que fora enviado para pegá-la, até que o homem explicou que, na verdade, James Gavin não estava brincando. A escolha era ir para a Alemanha — e ele daria a Martha Gellhorn a credencial de imprensa de que precisava como parte do acordo — ou retornar para os Estados Unidos por ordem militar, o que poria fim a suas reportagens de guerra.

Cara a cara com o futuro amante algumas horas depois, Martha deixaria passar a fúria causada pelo método autoritário de sedução quando James Gavin lhe oferecesse um dry martini e um jantar especial sem precedentes na guerra, em troca de algumas horas de sua companhia. Enquanto tomavam conhaque e ouviam música lenta em frente ao fogão a lenha, os dois descobriram que Robert Capa era um amigo em comum. Naquela noite, Martha e Gavin viraram amantes.

Gellhorn — mais uma vez correspondente de guerra credenciada graças à curiosa estratégia de conquista do major-general — voltou à linha de frente quase de imediato. Ela tinha ficado abalada com as reportagens que fizera sobre os centros de tortura de Paris. No começo de abril, Martha acompanhou as tropas aliadas quando elas libertaram os primeiros campos de concentração na Alemanha. Alguns desses campos tinham sido o destino para onde a França mandara 75.721 refugiados judeus e outros cidadãos, a maior parte oriunda da região metropolitana de Paris. Trinta e três mil pessoas permaneciam nos campos alemães naquela primavera. Menos de dois mil desses sobreviventes eram judeus franceses deportados.¹

Martha chegou a Dachau, na Alemanha, nos primeiros dias de maio de 1945, no encalço das tropas americanas. O campo fora varrido por uma epidemia de tifo, e as condições tinham se deteriorado horrivelmente.² Em uma floresta perto dali, havia câmaras de tortura e centenas de corpos por todos os lados. Ela apurou que quase metade dos que morreram em Dachau pereceu nos últimos meses antes da Libertação.

O que aqueles primeiros observadores confrontaram escapa a qualquer compreensão possível. “Atrás do arame farpado e da cerca elétrica”, escreveu Martha na reportagem para a *Collier's*, “os esqueletos se sentavam ao sol e se coçavam por causa dos piolhos. Eles não tinham idade nem rostos; todos eram parecidos e não se pareciam com nada que você jamais verá na vida, se tiver sorte.”³

Quando Gellhorn estava na enfermaria, entrou “o que tinha sido um homem”, um dos únicos detentos poloneses que sobreviveram à última leva saída de Buchenwald. Todos os outros que estavam nos cinquenta vagões do comboio pereceram. Ele tinha 1,83 metro, mas pesava menos de 45 quilos, e usava apenas uma camisa da prisão e um lençol sujo em volta da cintura. “Aquele homem sobreviveu”, contou Martha para os leitores, mas “foi encontrado embaixo de uma pilha de mortos. Agora estava de pé, sustentado pelos ossos que eram as pernas, falando, e de repente chorou. ‘Todo mundo está morto’, disse o homem, e o rosto que não era um rosto se contorceu de dor, tristeza ou horror. ‘Não sobrou ninguém. Todo mundo está morto. Não consigo evitar. Aqui estou eu, estou acabado e não consigo evitar. Todo mundo está morto.’”⁴

Para Martha, nada mais seria o mesmo depois daquilo. Ela própria tinha ascendência judaica. “Uma escuridão se apossou da minha alma, lá naquele lugar, nos primeiros dias ensolarados de maio de 1945”, escreveu ela. “Foi como se eu tivesse entrado em Dachau e ali tivesse caído de um penhasco e sofrido uma concussão que duraria a vida inteira, sem que eu percebesse.”⁵

O homem voltou pouco tempo depois — e sussurrou insistentemente algo em polonês. O médico traduziu. O sobrevivente viera lhes dar a notícia que havia chegado tarde demais para todos ali. A guerra na Europa tinha acabado.

Na noite de 4 de maio de 1945, a Alemanha formalmente abriu negociações para se render.

Ninguém comemorou nada em Dachau.

Se os Aliados tivessem passado por Paris, deixando de lado a Libertação em agosto, será que teriam chegado mais cedo, a tempo de deter aquelas últimas semanas de horror? Era uma pergunta angustiante demais para se fazer.

Alguns dias depois, Martha estava de volta à capital francesa para cobrir as comemorações do Dia da Vitória na Europa. Ela tentou achar James Gavin na capital. Em vez disso, acabou na cama de um quarto no Hôtel Scribe, chorando por horas ao falar de Dachau para um amigo francês que a consolou. Logo depois, ela voltou à Alemanha, onde, em Bergen-Belsen, testemunhou soldados aliados enterrarem milhares de corpos. James Gavin parecia ser a última coisa em sua mente.

No entanto, um conflito com Marlene Dietrich surgia no horizonte, mesmo que Martha ainda não soubesse.

Nas apresentações para a USO, Dietrich costumava dizer que torcia para que, quando os americanos tomassem Berlim, um soldado bondoso procurasse sua mãe, já idosa. Nascida na Alemanha, Dietrich era intensamente antifascista e havia conseguido a nacionalidade americana para desafiar Adolf Hitler. A possibilidade de sua mãe ter sobrevivido àquela insubordinação era incerta.

Na busca pela mãe, a atriz teve a ajuda de um poderoso general americano. Em uma noite naquela primavera, Ernest Hemingway convidou James Gavin e Marlene Dietrich para a mesma festa madrugada adentro no Hôtel Ritz.⁶ Para os novos conhecidos, a festa terminou em uma farra cheia de paixão no quarto do general. Em algum momento entre as confidências na cama e o café da manhã, Gavin descobriu que fora convocado para liderar a busca por Frau Dietrich.

O casamento de Martha Gellhorn e Ernest Hemingway havia acabado — e acabado de maneira amarga — fazia meses, e é difícil dizer se Ernest sabia que estava causando um estrago ao apresentar Marlene ao major-general. Porém, a despeito de o escritor estar se deleitando ou não com a nova mágoa e humilhação que atingiriam Martha, o sofrimento estava a caminho para ela. Era apenas uma questão de quando e como a jornalista descobriria a traição do amante.

Ela não descobriu rápido pelo simples motivo de que passava cada vez menos tempo em Paris naquele verão. No bar do Ritz, porém, Dietrich em pouco tempo descobriu outra “déspota” com quem brigar na ausência de Martha. Em 6 de julho de 1945, outra famosa estrela de cinema se mudou para o Ritz. Provavelmente foi bom que Marlene tivesse perdido a entrada triunfal de Ingrid Bergman. A alemã não era uma boa perdedora.

A chegada de Bergman ao Ritz naquela manhã de julho foi um espetáculo em si. Jornalistas se acotovelaram na entrada imponente da Place Vendôme para conseguir as melhores fotos da estonteante atriz sueca. O papel de Ilsa Lund no filme *Casablanca*, de 1942, fazendo par com Humphrey Bogart, tornara Ingrid Bergman imensamente famosa. Todo mundo se lembrava daquela fala: “Sempre teremos Paris.”

Dietrich se aborreceu ao saber que havia uma concorrente famosa na nata do Ritz. “Ah, agora você vem — quando a guerra acabou!”, foi o que ela disse com sarcasmo para a rival sueca como palavras de boas-vindas.

Irwin Shaw e Robert Capa, debruçados sobre as fichas de pôquer, ficaram muito empolgados quando Bergman passou. Àquela altura, Capa estava sendo mantido prisioneiro no Ritz, onde os funcionários se recusavam a permitir que o fotojornalista fizesse o *check-out* até que acertasse a conta no bar com Frank e a do hotel com Claude Auzello. Como era de se esperar, havia também algumas dívidas de jogo relativamente grandes que precisavam ser pagas.

Capa e Shaw abandonaram as cartas e começaram imediatamente a escrever um bilhete de boas-vindas mais cordial para Bergman. Uma hora depois, empurraram o papel por debaixo da porta do quarto da atriz e não conseguiram acreditar na sorte que tiveram. Ingrid, na época com 31 anos, achou a mensagem gentil e engraçada.

Os dois escreveram:

Parte 1. Esta é uma realização comunitária. A comunidade consiste em Bob Capa e Irwin Shaw. 2. Estávamos planejando mandar flores com este bilhete a fim de convidá-la para jantar hoje à noite — mas, após consulta, descobrimos que seria possível pagar ou pelas flores ou pelo jantar, um ou outro, mas não ambos. Fizemos uma votação e o jantar venceu por uma margem apertada. 3. Foi sugerido que, se você não tivesse vontade de jantar, poderíamos mandar flores. Até agora não chegamos a nenhuma decisão quanto a isso. 4. Além de flores, nós temos um monte de qualidades duvidosas. 5. Se escrevermos muito mais, não teremos mais assunto para conversar, pois nosso estoque de charme é limitado. 6. Ligaremos às 18h15. 7. Nós não dormimos.⁷

Em seguida os dois foram para o bar da rue Cambon, onde beberam mais alguns dos coquetéis de Frank.

Surpreendentemente, quando Robert Capa e Irwin Shaw ligaram para o quarto de Ingrid Bergman, ela concordou em se juntar a eles. Como os dois haviam prometido levá-la para jantar, Bergman disse, em tom de brincadeira: “Espero que vocês tenham dinheiro suficiente, porque estou com muita fome.”⁸ E lá foram os três para um dos cafés mais pomposos de Paris, o Fouquet’s, na Champs-Élysées, onde prontamente pediram champanhe.

O pobre Irwin Shaw estava prestes a se tornar, outra vez, um perdedor numa competição amorosa. Ele não se sairia bem contra Capa, assim como não se saiu bem contra Hemingway naquela fatídica tarde com Mary Welsh em Londres. Capa tinha talento com as mulheres. Não demorou muito para que ele e Bergman passassem a viver juntos no Hôtel Ritz como amantes. Aquele romance também duraria todo o verão.

Em 6 de agosto de 1945, os americanos lançaram a primeira bomba atômica, em Hiroshima, no Japão. A segunda foi lançada em 9 de agosto, em Nagasaki. Em 14 de agosto, o imperador Hirohito anunciou para o mundo via rádio que o Japão também se renderia. A Segunda Guerra Mundial

finalmente acabava, quase um ano após a Libertação de Paris.

Enquanto percorria a Champs-Élysées com Robert Capa em um jipe comemorando o Dia da Vitória no Japão, Ingrid Bergman — agora uma moradora do Hôtel Ritz havia meses — decidiu beijar alguns soldados, que ficaram contentes com a surpresa.

Ainda em meio a sérias discussões com os Aliados, Charles de Gaulle proibiu que as tropas britânicas participassem das comemorações.⁹ Expulsar os americanos da festa foi mais difícil. No verão de 1945, eles ainda eram uma presença dominante em Paris. Até que a guerra acabasse e todos os tratados fossem assinados e entregues, as tropas dos Aliados eram responsáveis pela segurança na capital. E, desde a primavera, visitantes de outra espécie não paravam de chegar. Eles estavam ali para cobrir e liderar os tribunais europeus de crimes de guerra.

Esses homens e mulheres se dirigiram para o Hôtel Ritz, da mesma forma que as gerações anteriores a eles tinham feito. Entre os mais novos residentes da Place Vendôme estavam o juiz Robert H. Jackson, Thomas S. Dodd, o coronel John H. Amen e o general Edward C. Betts.¹⁰ O presidente Harry S. Truman designou Robert Jackson para ser o promotor-chefe no tribunal militar internacional programado para começar no outono em Nuremberg, na Alemanha.

Thomas Dodd, um dos promotores públicos americanos que auxiliavam o juiz Jackson, descreveu a vida na capital francesa naquele verão. Ainda havia escassez de tudo. “Paris”, escreveu ele em 4 de agosto de 1945, “está cheia de gente. Não há táxis — algumas carruagens a preços inacreditáveis. Há alguns automóveis nas ruas — não muitos — e pouquíssimos depois do anoitecer.”¹¹ A inflação e a desvalorização do franco francês estavam tolhendo a recuperação econômica. A manteiga custava 20 dólares o quilo no mercado negro, muito além do alcance da maioria das pessoas na cidade.

Os julgamentos em Nuremberg durariam até 1946 e revelariam a extensão dos horrores dos quais Martha Gellhorn havia testemunhado apenas uma pequena amostra. Por fim, dois dos velhos frequentadores do Hôtel Ritz, Joachim von Ribbentrop e Hermann Göring, receberiam sentenças de morte na Alemanha.

Em Paris, a justiça — ou uma espécie de justiça — veio mais rápido. Enquanto a França comemorava o Dia da Vitória no Japão nas ruas da capital, nos bastidores Philippe Pétain, líder do governo colaboracionista de Vichy, e seu braço direito, Pierre Laval, estavam no meio de uma luta de vida ou morte para culpar um ao outro. Em 15 de agosto de 1945, chegou ao fim o julgamento de três semanas de Pétain, que também foi condenado à morte. Em um gesto controverso, De Gaulle converteu a pena para prisão perpétua.

Preso e se preparando para o julgamento naquele outono, Laval achava que não receberia a mesma misericórdia. Ele não tinha muita fé no devido processo legal naquela temporada de punições. “Você quer que eu lhe diga qual é o plano?”, perguntou Pierre Laval para o advogado em 4 de agosto.¹² “Não haverá audiências pré-processuais e nenhum julgamento. Serei condenado — e vão se livrar de mim — antes das eleições.”

Laval acabou encarando o pelotão de fuzilamento, executado por colaboracionismo durante a guerra. Como previu, a morte veio antes do fim de outubro e das primeiras eleições pós-guerra do novo governo francês. Há muito tempo os historiadores reconhecem que, apesar dos vários pecados de Pierre Laval durante a ocupação, seu julgamento não seguiu nenhum processo judicial defensável. Foi a última das *épurations* selvagens.

* * *

Quando chegou o outono, os julgamentos em Nuremberg já haviam começado, e a trama do pós-guerra não mais acontecia na capital francesa. Em 1945, a lenda de Paris era algo de que o mundo se recordava como o lindo símbolo de um momento singular de modernidade que moldara o destino da Europa. Aquele momento agora estava ficando para trás.

A trama se desenrolava em Londres, Los Angeles e, naquele ano, sobretudo Berlim. Em setembro, Martha Gellhorn foi embora de vez da capital francesa para escrever sobre a Alemanha do pós-guerra e para ficar com James Gavin. Ela teve que abandonar Robert Capa, ainda preso e infeliz em Paris. Ele também estava ansioso para voltar a fazer reportagens e agora procurava uma forma de escapar do caso de amor com a cada vez mais séria Ingrid Bergman.

No fim, Gellhorn conseguiu pagar pela liberdade de Capa. Ela prometeu levar um dos antigos ternos dele para vender no próspero mercado negro alemão. Se desse certo, Martha lhe mandaria o dinheiro. Certa manhã, na Alexanderplatz, Freddy Keller, um velho amigo dos dois da época da Guerra Civil Espanhola, encontrou Martha vendendo a peça de roupa e lhe deu dinheiro suficiente para garantir outra Libertação de Paris para Capa. O fotógrafo acompanhou Bergman brevemente até Los Angeles — mas logo a deixou e foi para Berlim.

Naqueles últimos meses de outono, Marlene Dietrich também estava em Berlim, e não em Paris. Em setembro, dois tenentes-coronéis da 82ª Divisão Aerotransportada na Alemanha enfim localizaram a mãe da atriz, idosa e frágil — porém ainda viva. A notícia foi parar nas manchetes dos

jornais. Enviaram um avião para buscar Marlene na capital francesa e levá-la a Berlim para a dramática reunião diante dos flashes das câmeras. O anfitrião foi ninguém menos do que o charmoso major-general Gavin. Lá, a atriz finalmente avançou com tudo na ofensiva romântica. Ela sussurrou para um inocente Gavin que Martha Gellhorn fora infiel. Magoado e furioso, ele foi de novo para a cama com a estrela de cinema, por orgulho e vingança.

Dessa vez, Gellhorn acabou descobrindo a traição — como sempre esteve destinada a descobrir.¹³ Arrasada pela notícia, terminou de vez com o major-general. Em Berlim, Marlene Dietrich havia vencido a disputa.

Em pouco tempo, até mesmo Charles de Gaulle olharia para a Alemanha em sua concepção de uma Europa pós-guerra. Era isso ou olhar para o oeste. E o velho general estava determinado a dar as costas para os anglo-americanos e para o relacionamento especial que — ele tinha certeza — havia excluído a França do poder mundial. Quando foi, enfim, eleito para a presidência da França nos anos 1950, com a Guerra Fria já em andamento, De Gaulle começou a construir um novo relacionamento, não com os velhos Aliados, mas com os alemães. Novamente, os alemães e os franceses se sentaram às mesas em Berlim, na Champs-Élysées, e até mesmo no Hôtel Ritz, para compor uma visão política e de economia compartilhada que unificaria uma comunidade pan-europeia.

POTÊNCIAS EM DECLÍNIO EM PARIS
JUNHO DE 1951



Festa para o duque e a duquesa de Windsor nos anos 1950, com os Woolworth.

As duas pessoas que mais me causaram problemas na vida foram Wallis Simpson e Hitler.¹

— Rainha Elizabeth (mais tarde, a Rainha Mãe)

Na primavera de 1951, Paris foi mais uma vez, brevemente, o centro da atenção mundial. Em abril, seis países europeus ratificaram um acordo conhecido como Tratado de Paris e estabeleceram a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço — um pacto supranacional que unia a França e a Alemanha em uma nova colaboração econômica e diplomática. Era a segunda vez que tal colaboração era firmada em pouco mais de uma década, dessa vez sob circunstâncias bem mais auspiciosas.

Na primavera de 1951, o duque e a duquesa de Windsor também estavam na capital francesa. Em junho, o casal real também negociava, mais uma vez, um novo espaço no cenário mundial. Era um plano que envolvia um bocado de dissimulação e punhaladas nas costas, e o que o duque e a duquesa ainda não tinham como saber era que essa história acabaria mal para ambos. A trama estava se desenrolando — como se desenrolaram muitas das tramas da geração deles — na Place Vendôme, em Paris.

O Hôtel Ritz fora um dos refúgios favoritos do casal desde os anos 1930. Naquela época, quando ainda era chamado de Edward, príncipe de Gales, o jovem duque festejava ruidosamente por lá, levando uma vez o exigente *maitre d'hôtel*, Olivier Dabescat, a comentar que, em sua experiência, conhecera apenas três pessoas que sabiam oferecer um jantar adequado: o príncipe Esterházy, Elsa Maxwell e o príncipe de Gales. Depois, em 1937, o duque e a duquesa iniciaram a lua de mel no Ritz,

na companhia dos amigos norte-americanos pró-fascistas Charles e Fern Bedaux, cujo castelo em Candé sediara as comemorações de casamento.

Eles haviam continuado como visitantes regulares até a véspera da ocupação. Em junho de 1940, nos dias anteriores à queda da França, os Windsor fugiram de Paris junto com o restante da alta sociedade francesa. Naquela primavera, boa parte do *gratin* de Paris escapou sorrateiramente para Biarritz, onde, à espera de vistos que em sua maioria nunca chegariam, os famosos permaneciam despreocupados, em uma rodada vertiginosa de mais coquetéis e jantares, dessa vez em mansões e suítes alugadas. O duque e a duquesa de Windsor, no entanto, tinham uma distinta vantagem para cruzar a fronteira e sair da França na primavera de 1940: o governo britânico estava determinado a evitar que o casal real caísse nas mãos dos alemães como prisioneiros de guerra. As autoridades inglesas estavam igualmente determinadas a evitar que os Windsor passassem por vontade própria para o lado dos inimigos. Havia relatórios periódicos perturbadores sobre o casal ter recebido a promessa secreta de Hermann Göring e do próprio Führer de que, se os alemães ocupassem a Inglaterra, eles retornariam ao poder. A duquesa de Windsor era uma velha amiga de Pierre Laval, e os arquivos dos serviços de espionagem americanos apontavam com preocupação que “o duque de Windsor foi marcado como não inimigo da Alemanha [e era] considerado o único inglês com quem Hitler negociaria quaisquer termos de paz e o condutor lógico do destino da Inglaterra após a guerra”.² O simples fato de existirem boatos dessa espécie representava um potencial desastre político e de relações públicas para os Aliados. Então, até o fim da guerra os britânicos esconderam o casal real nas Bermudas, onde o duque e a duquesa ainda causaram mais dores de cabeça para Winston Churchill do que o primeiro-ministro precisava.

Após a guerra, no auge da antipatia pelos fascistas na Londres pós-Blitz, e com o rei George VI cansado de testar os limites das ambições políticas do irmão, os Windsor voltaram à França. E George VI foi inteligente ao agir com cautela, pois o duque e a duquesa com certeza não haviam desistido do sonho de governar formalmente a Grã-Bretanha e seus territórios. Longe disso: agarrar as rédeas do poder na Inglaterra era algo que eles planejavam.

No discurso de renúncia perante a nação britânica, em 11 de dezembro de 1936, Edward anunciou decididamente: “Agora abandono por completo a vida pública e me isento do meu fardo.”³ Ele declarou que não podia imaginar a vida sem ter ao lado a mulher que amava. Menos de uma década depois, não estava mais convencido de que ter os dois era impossível. Já em 1946, o duque e Wallis estavam tramando um plano secreto para evitar que a princesa Elizabeth herdasse o trono como rainha Elizabeth II. Aos 57 anos, o duque havia descoberto que o charme da vida de playboy indolente não era infinito. E que fazer jus ao maior caso de amor do século às vezes era difícil.

A trama pós-guerra para devolver ao duque de Windsor o trono da Grã-Bretanha só foi descoberta há pouco tempo por um arquivista especialmente corajoso que pesquisou em correspondências reais particulares.⁴ O que os documentos revelam pela primeira vez é que, para a surpresa de todos, entre 1946 e 1952 o duque e a duquesa, em conversas em Paris e através de uma série de cartas, trabalharam por canais clandestinos e criaram estratégias para substituir a jovem princesa.

Enquanto George VI permanecesse bem-disposto, não havia possibilidade de ocorrer um golpe de Estado na Grã-Bretanha. Porém a saúde do rei era incerta. Tratava-se de uma oportunidade tentadora. Em 1946, o rei ficou gravemente doente, e a princesa Elizabeth mal tinha completado 20 anos. Com um colega da aristocracia britânica, Kenneth de Courcy, o duque e a duquesa começaram a tomar medidas que lhes permitiriam preencher o vácuo no poder que sem dúvida aconteceria caso o rei morresse antes de o papel da filha estar firmemente estabelecido.

O inconveniente era que o rei continuava superando uma crise de saúde atrás da outra antes que planos concretos pudessem ser implementados. E o duque de Windsor talvez estivesse bastante equivocado em sua estratégia de traição política. Quando George VI foi hospitalizado pela segunda vez, na primavera de 1949, a jovem princesa Elizabeth ainda era vulnerável, e alguns integrantes da aristocracia e do governo britânicos estavam nervosos a respeito de seu casamento recente com um jovem nobre grego chamado Philip, de uma dinastia ducal alemã. Foi um momento perigoso, e, se o duque tivesse agido na ocasião, não é impossível que tivesse alcançado seu objetivo.

A estratégia planejada por seus conselheiros era uma reabilitação política aberta. Trabalhando ativamente em Londres, Kenneth de Courcy recomendou que o duque e a duquesa retornassem à capital inglesa e se estabelecessem em uma vida pacata e respeitável de retiro rural — mas não muito longe da cidade. Ele os aconselhou a comprar uma grande propriedade e a abraçar a modernização da agricultura e a indústria doméstica. Além disso, eles foram instruídos a se certificar de que a nova propriedade estivesse perto o suficiente de Londres para que os mais influentes e poderosos pudessem ir de carro até lá para jantares e fins de semana no campo. A princesa era vulnerável por causa da idade e pelo que alguns encaravam como ambições desmedidas dos parentes do príncipe. Quando o rei falecesse, o duque de Windsor seria, como mandava a lógica, a óbvia alternativa pós-guerra, que passaria confiança por ser um rosto “inglês” conhecido, se ao menos ele jogasse suas cartas com juízo.

Só havia uma única condição crucial. O duque fora um notório libertino quando jovem. Suas variadas e espalhafatosas conquistas amorosas nos anos 1920 e 1930 tinham sido uma fonte constante de censura pública — e privada — e de certa repulsa entre a elite. O casamento com Wallis, uma mulher que se divorciara duas vezes, em geral ainda não era muito bem-visto, mas talvez a nação se acostumasse com aquilo, desde que não houvesse nenhum indício de um novo escândalo. Portanto, De Courcy aconselhou: “Deve haver uma recusa inflexível de ser visto em qualquer lugar que possa dar uma chance, por menor que seja, de os inimigos o retratarem publicamente como um playboy.”⁵ Também não deveria haver insinuações à boca pequena sobre as preferências da duquesa. Muitas pessoas ainda se lembravam do caso que ela tivera com o finado genro de Benito Mussolini, o conde italiano Galeazzo Ciano, ou do fato de que Joachim von Ribbentrop lhe enviava cravos.

Mais uma vez, em 1949, o duque hesitara. Na verdade, aquela era uma tarefa arriscada e delicada que exigia passos cautelosos. Na primavera de 1951, uma nova oportunidade pareceu surgir no horizonte. A saúde do rei vinha se deteriorando muito. Agora, ele estava “andando com a morte”, como Winston Churchill notoriamente dissera.⁶ A mãe do duque, a rainha Mary, estava adoentada. Voltar para casa a fim de se sentar à cabeceira da mãe parecia uma justificativa tão boa quanto qualquer outra para retornar à Inglaterra, e, no dia 3 de junho de 1951, o duque partiu de Paris para Londres.

Quem sabe o que ele estava pensando naquela agradável manhã de junho? Talvez ainda cogitasse a fantasia de voltar a governar o país cujo trono era seu por incontestável direito de nascença. Com certeza muitos historiadores consideravam o mesmo. Naquela primavera, foram publicadas suas memórias repletas de autopromoção, escritas em grande parte no ano anterior, nos aposentos na Place Vendôme. O livro tinha o tom perfeito de seriedade e reflexão ajuizada que o plano exigia. A trama — e o duque podia ser perdoado por pensar assim — estava em andamento.

Infelizmente para Edward, seus sonhos já estavam descarrilhando quando um escândalo se formou a seu redor. Naquela semana em Paris, esse escândalo ganharia proporções dramáticas na ausência dele. Na planejada reabilitação política de sua reputação, o duque já havia cometido o primeiro erro tático fatal: fora imprudente ao deixar a duquesa sozinha na capital francesa. Nos seis dias em que o marido esteve ausente, ela conseguiu causar um dano imenso à reputação dos Windsor — e destruir qualquer chance que restasse de reabilitar a respeitabilidade do duque.

Tudo, é claro, se resumiu a uma questão de sexo e discrição. Edward já deveria ter suspeitado que a duquesa estava aprontando, de uma forma ou de outra, com o belo e ultrarrico farrista americano Jimmy Donahue, amigo em comum e companhia constante do casal. A prima e fiel aliada de Jimmy, a princesa Troubetzkoy, tinha sido famosa até então como a sra. Cary Grant. Grande parte do mundo a conhecia simplesmente como a garota mais rica do planeta, a herdeira Barbara Hutton. A família de Barbara e Jimmy dividiu entre os dois a maior parte da imensa fortuna das lojas Woolworth — uma das maiores do mundo nos anos 1950. E Barbara Hutton morava, como era de se esperar, em uma grande suíte no Hôtel Ritz de Paris.

O duque poderia ter desconfiado do relacionamento — afinal de contas, era difícil não perceber que estava sobrando no próprio casamento. Mas, como Jimmy Donahue era abertamente homossexual, no início boa parte do caso foi considerado um mero flerte pelas línguas ferinas. Era uma desculpa conveniente. A verdade era que, apesar da preferência sexual de Jimmy, ele e Wallis eram amantes desde que cruzaram juntos o Atlântico no RMS *Queen Mary*, um ano antes.

A princípio, a duquesa tentou ser discreta. Durante aquele primeiro ano, nas noites agitadas em casas noturnas com Jimmy, ela fez questão de que houvesse acompanhantes aristocráticos para atestar seu bom comportamento. Ao abrirem as portas de uma limusine repentinamente, os amigos de Jimmy descobriam Wallis agachada no chão para que ninguém a visse quando o carro passasse. Mas, naquele fim de semana, quando o duque estava em Londres, as coisas nas casas noturnas de Montmartre acabaram evoluindo para danças tórridas e bem escancaradas — e para uma farra que duraria a semana inteira, com Wallis e Jimmy indo de um clube badalado para outro e divertindo-se *in flagrante delicto* no Ritz todas as tardes, na extravagante suíte que a prima milionária de Jimmy emprestara com o intuito de que ele tivesse um pouco de privacidade.

“Eu sabia que o caso era físico”, admitiria depois Mona Eldridge, a secretária pessoal de Barbara Hutton.⁷ Era apenas uma confirmação do que todo mundo via. “Ouvi a camareira dizer que houve atividade sexual”, reconheceu Mona. “Ela estava apaixonada por ele, estava caída por ele, corria atrás dele. Ela se apaixonou de verdade.”⁸ E, uma vez que o caso se tornou público de qualquer forma, a duquesa passou a alardeá-lo. “Ninguém”, comentou uma testemunha da aristocracia, “poderia ter se comportado pior do que a duquesa quando se apaixonou por Jimmy Donahue. Ela de fato ostentava o caso amoroso de maneira completamente desnecessária.”⁹ Em breve, Wallis e Jimmy atormentariam publicamente o duque com o relacionamento.

Mesmo que a duquesa não tivesse aberto o jogo, a enxurrada de fofocas prestes a cair sobre o duque de Windsor foi inevitável. Jimmy Donahue tinha a reputação de ser um fofoqueiro incorrigível

com um senso de humor ferino. Aquela mesma testemunha aristocrática o descreveu da seguinte forma: “Ele era alcóolatra e usava drogas. Era sádico, depravado e muito perverso.”¹⁰ Certa vez, Jimmy imitou de forma cruel — porém cômica — a notoriamente atarracada Elsa Maxwell, anfitriã de festas do Ritz, em uma brincadeira que lhe rendeu suspiros de espanto e risadinhas maliciosas. Ele “apareceu [em um restaurante famoso] usando um vestido recheado de travesseiros, calçando sapatos trocados e com a barba por fazer, alegando ser a srta. Maxwell e exigindo em voz alta a sua mesa”. Em outra ocasião, Aileen Plunket,¹¹ herdeira da fortuna da cervejaria Guinness, comentou que, em um jantar, Jimmy Donahue abriu o zíper da calça, colocou as partes íntimas em um prato diante de si, entre as batatas e o molho, e fez uma piada grosseira sobre as tentações daquele belo espécime de salsicha rosa, com a faca de prontidão, para qualquer um que ouvisse. Agora ele comprava meio milhão de dólares em joias como presente para a duquesa de Windsor, colocando tudo na conta da mãe, e se considerava à vontade para contar alegremente os detalhes das relações sexuais dos dois para toda a capital francesa.

Quando o duque voltou à cidade, em 9 de junho de 1951, as estrepolias da duquesa eram o assunto do momento em Paris. Da maneira cruel como são as fofocas, é óbvio, não há como saber precisamente quando Edward descobriu a natureza pública do escândalo. Porém, em uma noite não muito depois, os gracejos descarados da duquesa com Donahue levaram o duque às lágrimas sentado a uma mesa em um salão lotado. E o pior: a duquesa continuou caída por seu perverso playboy durante todo o verão e o outono. Wallis pensou em abandonar o duque e terminar o casamento que custara tanto a ele.

No fim, é claro, ela ficou, e a paixão por Jimmy Donahue passou. Entretanto, o espetáculo destruiu quaisquer possíveis esperanças que Edward ainda tivesse de retornar à Grã-Bretanha como a alternativa doméstica e confiável à sobrinha. Quando seu irmão, o rei George VI, enfim faleceu, no dia 6 de fevereiro de 1952, a jovem princesa tornou-se a rainha Elizabeth II. No fim, tudo não passou de uma ironia triste e um tanto medíocre: entre os lençóis amarfanhados de uma suíte do Hôtel Ritz, o duque de Windsor talvez tivesse perdido pela segunda vez a chance de ocupar o trono da Grã-Bretanha, novamente por causa de Wallis Simpson.

E o duque e a duquesa de fato compraram uma casa no campo e enfim se isolaram em um retiro. Mas essa nova propriedade não era a uma curta distância de Londres. Em vez disso, nos anos seguintes eles se dividiram entre uma mansão no subúrbio chique de Neuilly-sur-Seine, a noroeste de Paris, e um enorme refúgio a cerca de 25 quilômetros a sudoeste, na vila de Gif-sur-Yvette.

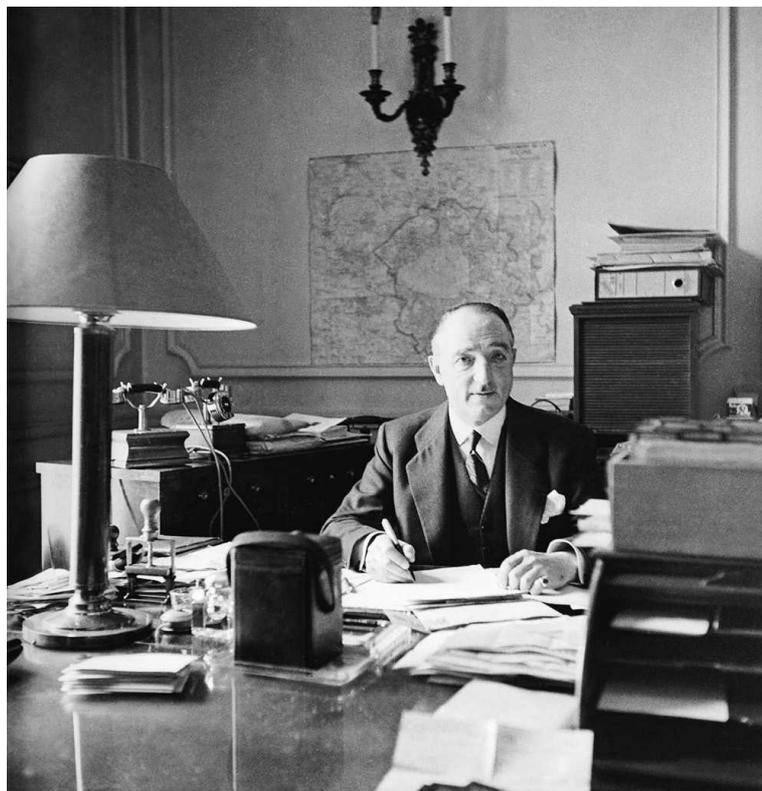
E, quanto a determinada alta-roda na capital — formada por aqueles que viam no passado seu momento mais glorioso —, a vida nas décadas que viriam refletia os velhos padrões e preconceitos pré-guerra. Na casa de campo, os Windsor receberam os vizinhos e amigos *sir* Oswald Mosley, que ficou conhecido na história como o famoso fundador da União Britânica de Fascistas, e Diana Mitford, sua esposa assumidamente pró-nazista. Sem jamais entender ao certo como o novo mundo tinha suas confusas raízes nos velhos conflitos, o duque comentaria, com indiferença, na década seguinte: “Nunca pensei que Hitler fosse um sujeito tão mau.”¹² Em vez dos poderosos de Londres, uma já idosa Marlene Dietrich iria visitar o casal Windsor nos fins de semana.¹³ Na suíte de Coco Chanel no Ritz, o duque e a duquesa voltaram a participar de jantares particulares na companhia de muitos dos velhos amigos que haviam passado a guerra no conforto.¹⁴ No intervalo de apenas alguns poucos anos, até mesmo a princesa Soutzo de Paul Morand e de Marcel Proust estaria outra vez entre os convidados dos jantares. Era um velho mundo de glamour privilegiado, agora só ligeiramente enrugado nas bordas.

O Ritz também começava a dar sinais da idade nos anos 1950. A única pergunta era se o hotel conseguiria achar uma maneira de atrair uma nova geração para suas portas ao reviver o espírito de ousadia vanguardista e inovação que o tornara famoso, pela primeira vez, nos últimos anos do século XIX. Naquela época, as repercussões do Caso Dreyfus haviam colocado o hotel em um caminho de décadas de esplendor. Nos anos 1960, entretanto, o decidido antiamericanismo de Charles de Gaulle desestimulou o turismo na capital. Logo, antigas reservas para a temporada passaram a ser canceladas. Não surgiram novos hóspedes na mesma quantidade para substituir os velhos frequentadores.

E o cenário social mundial se transferiu, como vinha acontecendo aos poucos desde os anos 1930, para Nova York e, cada vez mais, para Hollywood. Os astros e estrelas que antes exigiam mesas no bar do Ritz haviam, em sua maioria, se refugiado em enormes mansões sob as palmeiras de Los Angeles. Aquele momento em que Paris fora o coração de tudo que era novo e glamoroso ficara para trás. Para o Ritz da Place Vendôme, aquilo significava um problema. Seu esplendor estava desaparecendo aos poucos, e não demoraria muito para o hotel estar à beira da falência, a não ser que algo fosse feito para mudar o curso da história.

Houve quem duvidasse que isso fosse possível. Os funcionários antigos do hotel já estavam céticos. Logo os ânimos acirrados e as brigas se intensificariam e resultariam em tragédia.

A GRANDE SOMBRA DA GUERRA
29 DE MAIO DE 1969



Claude Auzello, em seu gabinete no Hôtel Ritz.

Ainda há cicatrizes em Paris. Pedacos de alguns prédios demonstram isso fisicamente. Mas uma cicatriz mais profunda e espiritual está visível em todos os lugares.¹

— Thomas S. Dodd, consultor jurídico geral dos Estados Unidos para o processo de atos criminosos do Eixo

O saguão do Hôtel Ritz estava calmo. Em geral, as coisas ali tinham passado a ser mais tranquilas nos anos anteriores, agora que os americanos faziam visitas menos frequentes ao local e a estrela do hotel estava se apagando. Na verdade, o Ritz já começava a caminhar para a falência.

Seria fácil culpar Charles de Gaulle por aquilo. Ele enfim renunciara à presidência havia apenas algumas semanas, após uma década tumultuada no poder. Porém, naquele período, a França tinha dado as costas para os Aliados anglo-americanos e procurado novas alianças com a Alemanha. Por duas vezes, De Gaulle usara o direito de veto da França para excluir a Grã-Bretanha da Comunidade Econômica Europeia, uma coalizão em desenvolvimento que tinha raízes formais no tratado assinado na primavera de 1951 por França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo, Itália e Holanda. Nas décadas seguintes, essas alianças seriam as responsáveis por estabelecer as bases do que viria a ser a União Europeia em 1993 — e pelas crises que essa união enfrentaria no milênio que viria a seguir.

Naquela ocasião, as possessões coloniais da França haviam saído ainda mais do controle, tanto na Indochina quanto na África. Os funcionários mais antigos do hotel deviam se lembrar de um ajudante de garçom imigrante chamado Ho Chi Minh que trabalhara nas cozinhas do Ritz nos anos 1920. Na década de 1960, Ho Chi Minh já era uma lenda havia anos em seu país — a República Democrática do Vietnã, governada por comunistas e ainda muito disputada.

O medo de novos conflitos e, naquela época pós-atômica, do poder de novos armamentos também era grande. Em algum ponto sobre um deserto na Argélia, a França explodiu sua primeira bomba

atômica em 1960. De Gaulle, convencido de que “nenhum país sem uma bomba atômica pode se considerar de fato independente”, retirou a França da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Ironicamente, o comandante-chefe das forças terrestres da Otan na Europa Central pós-guerra era o próprio Hans Speidel do Ritz. Entre todos os líderes presentes no hotel, só ele sobrevivera àquele plano fracassado da Resistência alemã para assassinar Adolf Hitler.

Era tudo um sinal de como muitas coisas no mundo que Claude Auzello conheceu estavam mudando rápido. Era impossível não considerar a situação alarmante. Apenas um ano antes — em maio de 1968 —, Paris explodira em duas semanas de greves e um tipo de guerra urbana diferente daquela que Claude conhecia dos dias vertiginosos da Libertação.

Na primavera de 1968, onze milhões de trabalhadores e estudantes foram às ruas por toda a França. Em pânico, Charles de Gaulle fugiu do país e refugiou-se nas bases militares francesas de Baden-Baden, na Alemanha. Meio milhão de pessoas em Paris tomou as ruas e desejou que bons ventos o levassem. Jornais no mundo todo deram manchetes abismadas e informaram sobre a mais nova “insurreição francesa, pois não havia outra palavra para aquilo, que varreu uma Paris estupefata”.²

Slogans grafitados e cartazes caseiros feitos às pressas apareceram por toda a capital incitando a revolução: “Corram, camaradas, o velho mundo está atrás de vocês!”

Mesmo que Claude não tivesse visto o cartaz, ele conhecia a sensação. O levante dos trabalhadores em 1968 não deixou o Hôtel Ritz incólume. “Estudantes que passaram pelo Ministério da Justiça desguarnecido na Place Vendôme”, disseram os jornais, “atiraram pedras nas janelas.” Porém aqueles que estavam no Ritz não precisaram de jornalistas para saber do tumulto que ocorria diante deles.

Setenta anos antes, na noite de primavera em que o Hôtel Ritz abriu as portas, no auge da Belle Époque, a praça estava tão quieta que as vozes estridentes e o som retumbante das rodas perturbaram a paz de um frágil escritor. Agora, a Place Vendôme — que, em alguns dias, era pouco mais do que um estacionamento — pulsava com o som de buzinas e motores.

Em 1898, mulheres nem sonhavam em jantar em público na capital francesa, até que Auguste Escoffier tornou isso possível. Jantares dançantes aconteciam aos domingos com luvas brancas e orquestras. Homens em smokings sob medida fumavam serenamente nas sombras.

Em 1969, Paris estava sendo sacudida por Twiggy, minissaias e o visual “mod” de Londres, que dominava as tendências. Dos Estados Unidos vinham notícias a respeito dos hippies e dos protestos contra o alistamento, além das pílulas anticoncepcionais e do “Verão do Amor”.

O velho mundo — o mundo onde Paris era o coração da modernidade — tinha, de fato, ficado para trás. O Hôtel Ritz corria perigo de se tornar nada mais do que uma lenda do passado. A frequência andava baixa. O hotel vacilava à beira de um colapso financeiro. Era fácil afirmar que a ausência dos velhos visitantes se devia ao antiamericanismo determinado de Charles de Gaulle e ao avanço rápido de um novo mundo sobre todos eles.

No entanto, Claude Auzello sabia a verdade.

Charley Ritz era a causa daquele fracasso.

Não ajudou, é claro, o fato de os lendários residentes do hotel — os bons e os maus — terem em sua maioria partido. Mesmo Claude não poderia responsabilizar Charley Ritz pela morte de uma geração — uma morte, verdade seja dita, muitas vezes prematura e violenta. Hermann Göring, o excêntrico e incomodamente carismático Reichsmarschall, engolira cianureto contrabandeado horas antes da execução de sua sentença de morte, em Nuremberg. Os julgamentos foram concluídos com dez execuções e dois suicídios. Claude não teve pena deles. O diretor-geral apenas brincou: “Perdemos doze clientes regulares.”³

Ele foi menos frio ao ter notícias de Robert Capa. O fotógrafo fora morto em 1954, na explosão de uma mina terrestre na zona de guerra da Indochina. Capa estava trabalhando para a revista *Life* e ainda não chegava a completar quarenta anos.

Ao ouvir a notícia, Irwin Shaw imediatamente reuniu alguns amigos e fez um velório madrugado adentro no bar predileto de Capa em Paris, regado a garrafas de champanhe. Sobre o velho amigo e inimigo ocasional, Ernest Hemingway apenas disse: “É uma má sorte para todo mundo que ele tenha entrado para as estatísticas (...) Capa tinha tanta vida que é difícil pensar que ele está morto.”

Agora o próprio “Papa” estava entre as mortes mais recentes. Com problemas mentais e irremediavelmente alcólatra, o escritor suicidou-se com um tiro em Key West em 1961, após anos de indecisão. Em 1964, Mary Welsh — enfim a sra. Ernest Hemingway — publicou um volume póstumo de sua obra *Paris é uma festa*.

Em uma carta a um amigo em 1950, Hemingway relatara o que significaram aqueles anos mágicos quando o mundo fora jovem na capital francesa. “Se você tiver a sorte de ter vivido em Paris quando jovem”, escrevera ele, “então, aonde quer que vá para o resto de sua vida, ela permanece com você, porque Paris é uma festa móvel.”⁴ O diário era uma elegia à cidade e àquele momento e fora compilado a partir de um caderno que o escritor encontrou em um baú com seus

documentos, que ficara guardado no porão do Hôtel Ritz desde pelo menos os anos 1940.⁵

Os únicos entre as antigas lendas que agora sobravam no Ritz eram Coco Chanel, com oitenta anos e, em ocasiões ainda mais raras, os velhos duque e duquesa de Windsor ou sua amiga nos anos pós-guerra, uma Marlene Dietrich cada vez mais atormentada por dores e deteriorada pelas drogas. Na maior parte do tempo, os Windsors ficavam na mansão perto de Bois de Boulogne, e a estrela de cinema permanecia no apartamento do outro lado da cidade, na avenue Montaigne. Claude Auzello sabia onde Marlene Dietrich morava porque ele e Blanche tinham um apartamento próximo, e eles mesmos pensavam em sair do Ritz em breve. Ele nunca conseguiria perdoar Charley Ritz, sobretudo pela maior das mudanças. E o motivo era simples: Claude Auzello estava sendo retirado de seu cargo como diretor-geral do hotel, um emprego que fora sua vida e sua paixão desde 1925. Ele protegera a reputação do Ritz e, em vários momentos, tinha ido às últimas e heroicas consequências para manter o padrão de serviço que era marca registrada do estabelecimento, sob as circunstâncias mais incomuns e difíceis. Mas seu tempo no lendário hotel de luxo estava acabando.

Em 1961, Marie-Louise Ritz também morreria, aos 93 anos, no mesmo quarto sob o telhado de mansarda com vista para o jardim do hotel onde ela e César Ritz tinha dado início a sua ousada aventura. Charley Ritz retornara a Paris e, após anos de ausência e equívocos, enfim assumira o negócio da família.

Na opinião de Claude, Charley estivera desde então ocupado em arruinar o negócio, e as velhas brigas entre os dois haviam começado quase imediatamente. Eles nunca estiveram em pleno acordo sobre os princípios básicos. Claude não passara a Segunda Guerra Mundial mantendo as velhas tradições diante de bombardeios aéreos e escassez de comida para agora permitir que cavalheiros entrassem no salão de jantar com calças de veludo informais e paletós extravagantes.

Charley insistia que o mundo estava mudando. Eles precisavam acompanhar o ritmo. A vida ficara mais casual. A formalidade conservadora estava ultrapassada. O hotel era um negócio: a mudança era apenas questão de bom senso prático. Ambos sabiam que o Ritz estava perdendo prestígio, mas não conseguiam concordar em relação ao motivo.

O ponto crucial, claro, era que Charley Ritz e sua família eram os proprietários. E ele provavelmente não estava errado ao afirmar que o mundo estava mudando. Claude criticara e brigara com Charley por quase oito anos, sabendo muitíssimo bem que o sujeito queria demiti-lo. Para Claude, pouco importava. O diretor-geral não aguentava mais servir os outros e estava pronto para se aposentar em uma pacata mansão no sul da França. Era Blanche que não conseguia suportar a situação. Enquanto chorava e fazia ameaças, ela disse que não podia ir embora de Paris. Não podia deixar o Hôtel Ritz — o lugar que fora seu lar desde aqueles dias agora tão distantes nos Années Folles, os loucos anos da década de 1920. Claude sabia que a saída da capital francesa acabaria com a esposa.

Para Blanche, as coisas estavam precárias havia muito tempo. Depois da guerra, veio um novo tipo de loucura. Ela nunca se recuperou daqueles meses na prisão da Gestapo durante a ocupação ou dos anos de terror, vivendo como a esposa judia do diretor-geral do hotel. Assim como Dietrich e Hemingway, Blanche recorreu ao álcool para amenizar a dor. Passou a sofrer de desmaios até mesmo no saguão do hotel.⁶ Enquanto Claude conseguisse mantê-los no Ritz, a situação toda permaneceria sob controle. Então, em abril, veio a notícia de que era a hora de Claude Auzello se aposentar. O contrato como diretor-geral não seria renovado.

Tinha sido um mês de agonia. O casal havia atravessado a guerra ali, mesmo que ninguém jamais tivesse ouvido os sons dos canhões. Mas Claude estava cansado de lutar. Finalmente tomara sua decisão.

Escondido com cuidado em alguma gaveta de escrivaninha ou talvez em um dos closets inovadores de César Ritz, Claude Auzello mantinha uma lembrança sinistra: uma arma alemã tirada de um soldado anônimo durante a ocupação.

Na noite de 28 de maio de 1969, o diretor-geral não conseguia dormir. Os sons do trânsito tinham sumido ao longe, e apenas uma lasca de luz da lua mudando de nova para crescente quebrava a escuridão.⁷ Talvez, naquelas horas de silêncio, ele tivesse pensado em Hermann Göring e Arletty. Sacha Guitry e Jean Cocteau, Scott Fitzgerald e Papa. Pierre Laval e Georges Mandel. Nas esmeraldas de Laura Mae Corrigan e nas festas de Elsa Maxwell. Nas histórias de Marcel Proust e Escoffier e sua divina Sarah. Ou talvez os pensamentos apenas tivessem se voltado para aquela tarde distante nos anos 1920 quando ele levava Blanche Rubenstein para tomar chá no Ritz, no primeiro encontro dos dois, e contara para ela, sentado no jardim, o sonho de ser o gerente do local.

Assim que a luz começou a aparecer no horizonte de uma perfeita manhã de primavera em Paris, Claude com certeza se voltou para observar Blanche. Depois colocou a arma na linha do cabelo da esposa e puxou o gatilho.

Enquanto ele esperava e refletia, o sol nasceu sobre a capital. Ao norte, ficava a reluzente torre da Sacré Coeur, bem no alto de Montmartre. Ao sul estava a Torre Eiffel. Entre as duas, a água do Sena fluía lenta e inexoravelmente como sempre, passando pelo coração da França, como fizera por

milênios. A Place Vendôme começava a se agitar. Claude ergueu a arma lentamente e os vizinhos sonolentos ouviram um segundo estampido, como o som de um pneu explodindo em algum lugar não muito distante.



Charley Ritz na sacada do Hôtel Ritz.

O tempo passa, e pouco a pouco tudo que falamos como mentira se torna verdade.

— Marcel Proust

Na década de 1970, já não era mais possível ignorar o fato de que o Hôtel Ritz estava em crise. A lenda estava em declínio, e os lucros desapareciam com ela. Charley Ritz lutou até a morte, em 1976, para que o luxuoso hotel não afundasse. No fim das contas, a falência iminente tornou a venda inevitável. Em 1979, a concessão do Ritz foi a leilão. A salvação veio de uma pessoa improvável.

Mohamed Al-Fayed, um egípcio de 59 anos e magnata das finanças, havia visitado o hotel uma vez quando menino e jurado que um dia seria seu proprietário. Ele então comprou o Ritz pela inimaginável e modesta quantia de 20 milhões de dólares. Um ano depois, acompanhado por uma equipe de novos e inovadores talentos, embarcou em uma surpreendente renovação de todo o hotel que durou nove anos. Eles não economizaram em nada. O custo médio pelas melhorias foi de mais de 1 milhão de dólares por aposento.¹

Concluídas em 1987, essas reformas transformaram o Ritz em um novo hotel moderno e restauraram sua prosperidade. Como o mundo sabe, um novo fluxo de celebridades rumou para os corredores do palácio. E esse, é claro, foi o motivo para, em uma noite no fim do verão de 1997, uma mulher divorciada da realeza britânica e o filho de Mohamed Al-Fayed terem saído de mansinho por uma porta dos fundos na rue Cambon, com a intenção de fugir da perseguição dos paparazzi.

Embora o Ritz estivesse novamente entre os estabelecimentos mais luxuosos e resplandecentes da capital durante os anos 1990, Charles de Gaulle nunca concretizou seu sonho de devolver Paris ao palco principal da atenção mundial. Porém, desde então, muitos políticos, empresários e com certeza alguns agentes duplos fizeram negócios tomando coquetéis no bar da rue Cambon e nos quartos onde Laura Mae Corrigan e Hermann Göring um dia relaxaram de pijama.

Em 1991, foi a cidade de Maastricht, na Holanda, que dominou as conversas em todo o mundo. Lá, França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Itália, Luxemburgo e Holanda, assim como Dinamarca, Grécia, Espanha, Portugal, Irlanda e, finalmente, Reino Unido, se encontraram e ampliaram os princípios de integração estabelecidos nos tratados pós-guerra dos anos 1950 e, por fim, criaram uma moeda comum e a União Europeia.

Foi uma conclusão bastante adiada daquelas discussões que começaram nos almoços de negócios no Hôtel Ritz durante a ocupação. Ainda mais diretamente, foi a conclusão do desejo de Charles de

Gaulle por uma Europa unida que rivalizasse com as alianças anglo-americanas durante uma era de superpotências da Guerra Fria. E isso levou algumas pessoas a pensar se, no cerne da questão, as desavenças amargas que datavam dos anos 1930 e 1940 não estavam sendo inconscientemente ratificadas. Após décadas de enfática exclusão da Comunidade Econômica Europeia, e desconfiada da preferência da França pela Alemanha como sua principal parceira econômica, a Grã-Bretanha enfim negociou um tipo especial de paz separada com os vizinhos continentais e recusou sua integração completa ao rejeitar a moeda comum. Uma Alemanha unificada pós-comunismo investiu no renascimento industrial, e a França, no mercado de luxo. A Suíça permaneceu, como sempre, tranquila e cautelosamente neutra.

Durante algum tempo, uma nova ordem mundial pareceu surgir no horizonte. Antigas rupturas estão novamente aparentes. A Grã-Bretanha espera outro referendo sobre o futuro de uma comunidade europeia em algum momento antes de 2020. A França e a Alemanha mais uma vez brigam publicamente pela superioridade econômica e cultural. O mundo que sobreviveu àquela segunda grande guerra do século XX se encontra de novo em transformação. Outra *époque* provavelmente está emergindo.

E, na Place Vendôme, pela terceira vez em 115 anos de história, o Hôtel Ritz está reabrindo, agora após outra renovação de ponta no valor de 164 milhões de dólares. Talvez por uma segunda vez o hotel traga de volta à bela cidade de Paris uma nova geração de expatriados globais. Talvez, por uma segunda vez, o Hôtel Ritz seja novamente o palco de tudo aquilo que é moderno na França e no mundo.*

* Em 6 de junho de 2016, dois anos após a publicação original deste livro, o Hôtel Ritz de Paris finalmente reabriu suas portas, após quatro anos de reformas. No dia 24 do mesmo mês, a maioria da população britânica decidiu, em referendo, que o Reino Unido deveria deixar a União Europeia. (N. do E.)

AGRADECIMENTOS

Descobri que pesquisar e escrever sobre a ocupação de Paris exige uma grande investigação histórica, e, durante o caminho, várias pessoas com muito mais experiência e conhecimento do que eu se ofereceram para compartilhar informações, pistas, memórias e material de arquivo. Meu primeiro e eterno agradecimento tem que ir para aqueles que me pediram anonimato, sobretudo em Berlim e Paris, mas que falaram com toda franqueza e emoção sobre o que sabiam e recordavam.

Também gostaria de agradecer, pela correspondência e assistência (grande e pequena), pelos materiais, e comentários editoriais e pelas conversas ao longo do caminho, a Raffael Scheck, Alan Marty, Xavier Demange, Robert Paxton, Kenneth Marx, Richard Marx, Rosanna Warren, Sylvia Crouter, Alan Riding, Andy Tolan, Don e Selma Wilson, Anne Dubonnet Shaio, Jacqueline de Chollet, Angela Cotterell, Richard Wendorf, Henry Woodrum Jr., Connie Lowenthal, John Beichman, Francis de Marneffe, Gerry Mannion, aos arquivistas e bibliotecários do Centro de História Judaica em Paris, da biblioteca da Chefatura de Polícia Francesa em Paris, da biblioteca da História da Cidade de Paris, dos arquivos nacionais de Paris, Londres, Berlim e Washington, da Comissão de Recuperação de Arte em Nova York, dos arquivos do Ministério das Relações Exteriores em Berlim, da Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, em Boston, dos Arquivos Paul Rosenberg no Museu de Arte Moderna em Nova York, da Biblioteca Huntington em San Marino, na Califórnia, e, especialmente, da Biblioteca Pública de Nova York, onde partes substanciais deste livro foram escritas. Todos os erros são de minha completa responsabilidade.

Várias instituições me apoiaram com tempo e espaço, e eu gostaria de agradecer sobretudo à Fundação Brown, do Museu de Belas-Artes de Houston, pelo apoio generoso como pesquisadora no programa Dora Maar House, em Ménerbes, na França; ao fundo de pesquisa da cátedra Clara C. Piper, na Colby College; e à Fundação Jenny McKean Moore pelo apoio como escritora residente na Universidade George Washington.

Barbara Klingenspor fez um trabalho preliminar, não publicado aqui, sobre algumas traduções do alemão; meus agradecimentos a Rob Madole pelo apoio na pesquisa em Berlim e por todas as traduções do alemão incluídas no livro que não tenham sido creditadas. Bradley Hart foi um esplêndido assistente de pesquisa na Grã-Bretanha, e agradeço a ele mais uma vez pelo trabalho nos Arquivos Nacionais e nos Arquivos Churchill, na Universidade de Cambridge.

No decorrer do livro, tive o prazer de trabalhar na HarperCollins com nada menos do que quatro editores — e cada um chegou exatamente no momento certo de colocar o projeto no melhor rumo possível; meus agradecimentos a Matt Inman, Jason Sack, Julia Cheiffetz e Gail Winston. O fator constante, é claro, tem sido minha agente literária, Stacey Glick, que não podia ser mais fabulosa; agradeço também ao meu agente cinematográfico, Lou Pitt, pela sabedoria previdente.

Entre os agradecimentos pessoais, Eric Bryant e Charlene Mazzeo fizeram observações criteriosas nos primeiros capítulos do livro. Mark Lee foi, como sempre, o colega escritor mais generoso. Noelle Baker, Bill Hare e Nish Gera foram, como sempre, os amigos mais generosos. Em Berlim, obrigada a Ursula Vogel e especialmente a Axel Witte, em cuja mesa este livro começou a ganhar forma; em Nova York, meu agradecimento a Mark Anderson, e meu amor e minha imensa gratidão por Emmanuel Gradoux-Matt, a quem este livro é dedicado, pelos comentários sobre os rascunhos do manuscrito, pelas inúmeras conversas e por proteger uma visão compartilhada de arte e verdadeira afinidade no meio de toda a confusão. Finalmente — em primeiro lugar, por último e sempre —, obrigada ao meu marido que amo muito, Robert Miles, por acreditar em arcos narrativos e por confiar em um final feliz para longas histórias em todas as diferentes mídias.

1: UMA SUÍÇA EM PARIS

1. Centro e Museu Winston Churchill, Salas de Guerra de Churchill, Londres, arquivo on-line, <www.winstonchurchill.org/learn/speeches/speeches-of-winston-churchill/91-be-ye-men-of-valour>.
2. Roy Jenkins, *Churchill* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.)
3. A. E. Hotchner, "The Ritz, Then and Now", *New York Times*, 31 de janeiro de 1982, <www.nytimes.com/1982/01/31/travel/the-ritz-then-and-now.html?pagewanted=all>; também Carlos Baker, *Ernest Hemingway: o romance de uma vida* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971).
4. J. M. Sherwood, *Georges Mandel and the Third Republic* (Stanford: Stanford University Press, 1970); F. Varenne, *Georges Mandel, mon patron* (Paris: Éditions Défense de la France, 1947); e P. Coblenz, *Georges Mandel* (Paris: Éditions du Bélier, 1946).
5. C. Roulet, *Ritz: une histoire plus belle que la légende* (Paris: Quai Voltaire, 1998), p. 81.
6. H. Diamond, *Fleeing Hitler: France 1940* (Oxford: Oxford University Press, 2008), p. 5.
7. *Ibid.*, xiv. Para relatos em primeira mão do êxodo, ver, por exemplo: F. Marneffe, *Last Boat from Bordeaux* (Cambridge, Massachusetts: Coolidge Hill Press, 2001); meu agradecimento ao dr. De Marneffe pelas conversas pessoais em 2011 e 2012, que contribuíram para a concretização deste livro.
8. Há algumas histórias antigas sobre o Hôtel Ritz em Paris, e sou grata a todas elas por alguns materiais neste livro, aqui e espalhados pela narrativa. Esses livros incluem: C. Roulet, *The Ritz: A Story That Outshines the Legend*, tradução de Ann Frater (Paris: Quai Voltaire, 1998); M. L. Ritz, *César Ritz* (Paris: Éditions Jules Tallandier, 1948); S. Watts, *The Ritz* (Londres: Bodley Head, 1963); M. Boxer, *Le Ritz de Paris* (Londres: Thames & Hudson, 1991).
9. C. Roulet, *The Ritz*, 106.
10. *Ibid.*
11. Arquivos Nacionais de Paris, F7 14886, "Affaires Allemands", item 533; o Ministério das Relações Exteriores em Berlim confirma a nacionalidade suíça de Hans Elminger (Paris 2463 [42]: "Ritz-Hotel, deutschfeindliches Verhalten des leitenden Personals", 1943).
12. J. Picardie, *Coco Chanel: a vida e a lenda* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012); uma pesquisa pioneira de arquivos apareceu em A. Madsen, *Chanel* (São Paulo: Martins Fontes, 1992). Para informações sobre as outras figuras mencionadas aqui, ver N. Giret, *Sacha Guitry* (Paris: Éditions Gallimard, 2007); S. Guitry, *If Memory Serves: Memoirs of Sacha Guitry*, tradução de Lewis Galantière (Whitefish, Montana: Kessinger, 2009); F. Steegmuller, *Cocteau: A Biography* (Nova York: David R. Godine, 1992); C. Arnaud, *Jean Cocteau* (Paris: Éditions Gallimard, 2003); *The Journals of Jean Cocteau*, organização e tradução de Wallace Fowlie (Bloomington: Indiana University Press, 1964).
13. D. Demonpion, *Arletty* (Paris: Flammarion, 1996), p. 196.
14. Ver A. Baldassari, *Picasso: Life with Dora Maar, Love and War, 1935-1945* (Paris: Flammarion, 2006); M. A. Caws, *Picasso's Weeping Woman: The Life and Art of Dora Maar* (Nova York: Bulfinch Press, 2000); F. Gilot, *Life with Picasso* (Nova York: Virago Press, 1990); M. Picasso, *Picasso* (Nova York: Vintage, 2002); A. S. Huffington, *Picasso* (Nova York: Harper Collins, 1996); C. Burke, *Lee Miller: A Life* (Chicago: University of Chicago Press, 2007).
15. C. Higham, *The Duchess of Windsor: The Secret Life* (Nova York: Wiley, 2004); e M. Bloch, *The Duke of Windsor's War: From Europe to the Bahamas, 1939-1945* (Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1982).
16. C. Roulet, *The Ritz*, p. 109.
17. Anne Dubonnet Shiao, entrevista pessoal em abril de 2013, em Nova York.
18. J. M. Sherwood, *Georges Mandel and the Third Republic*, p. 255.
19. Ernest Hemingway, "The Hotels in Switzerland: Queer Mixture of Aristocrats, Profiteers, Sheep, and Wolves at the Hotels in Switzerland", *Toronto Star Weekly*, 4 de março de 1922. Os artigos de Ernest Hemingway para o *Toronto Star* estão reunidos em *Dateline, Toronto*, organização de William White (Nova York: Scribner's, 1985).
20. S. Marx, *Queen of the Ritz* (Nova York: Bobbs-Merrill, 1978), p. 134; vários detalhes sobre a vida do casal foram retirados dessa biografia escrita pelo sobrinho de Blanche Auzello.
21. C. Roulet, *The Ritz*, p. 107.
22. *Times*, 12 de junho, 1940, citado em H. Diamond, *Fleeing Hitler*, material da sobrecapa.
23. G. Brook-Shepherd, *Uncrowned Emperor: The Life and Times of Otto von Hapsburg* (Nova York: Continuum, 2007).
24. "Remembrance: It Was Incredibly Macabre", *Time*, 4 de setembro de 1989.
25. L. P. Lochner, "Germans Marched Into a Dead Paris: Muddy Uniforms at the Ritz", *Life*, 8 de julho de 1940, pp. 22, 74.
26. L. P. Lochner, "Germans Marched Into a Dead Paris", p. 22.
27. Jean-Pierre Levert, Thomas Gomart e Alexis Merville, *Paris: Carrefour des résistances* (Paris: Paris Musées, 1994), p. 19.
28. L. P. Lochner, "Germans Marched Into a Dead Paris", p. 74.
29. *Ibid.*
30. Por vários detalhes sobre a localização e a história dos prédios de Paris durante o período nazista, agradeço ao doutor Alan T. Marty, que compartilhou comigo os manuscritos de seu "Index of Names and Locations in Occupied Paris" e seu "A Walking Guide to Occupied Paris: The Germans and Their Collaborators".
31. S. Watts, *The Ritz*, p. 21.
32. C. Roulet, *The Ritz*, p. 107; J. P. Levert, T. Gomart e A. Merville, *Paris: Carrefour des résistances*, p. 17.
33. *Ibid.*
34. *Ibid.*
35. Sobre o que os alemães pagavam no Hôtel Ritz, ver S. Watts, *The Ritz*, p. 119; J. P. Levert, T. Gomart e A. Merville, *Paris: Carrefour des résistances*, p. 17; S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 148.
36. C. Roulet, *The Ritz*, p. 110.
37. Anne Dubonnet Shiao, entrevista pessoal em abril de 2013, em Nova York.
38. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo: a guerra secreta de Coco Chanel* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).
39. C. Roulet, *The Ritz*, p. 114.
40. *Ibid.*, p. 110.
41. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 133.

2: O ASSUNTO EM VOGA EM PARIS

1. W. C. Carter, *Marcel Proust: A Life* (New Haven: Yale University Press, 2002), p. 221.
2. *Ibid.*
3. E. White, *Marcel Proust* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1999); *Letters of Marcel Proust*, tradução de Mina Curtiss (Nova York: Random

House, 1949), p. 41.

4. K. James, *Escoffier: o rei dos chefs* (São Paulo: Senac, 2008).
5. *Ibid.*, pp. 75, 144-145.
6. *Letters of Marcel Proust*, p. 54; carta datada de fevereiro de 1898.
7. S. D. Ryerson e M. O. Yaccarino, *Infinite Variety: The Life and Legend of the Marchesa Casati* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004), p. 22, registram que ela morou no número 26. No entanto, pistas mais confiáveis indicam que, naquela data, ela havia se mudado para perto, em um endereço na rue Cambon. Meu agradecimento a Xavier Demange, coautor do catálogo *La Divine Comtesse: Photographs of the Countess de Castiglione* (New Haven: Yale University Press, 2000), do Museu Metropolitano de Nova York, por essa informação de arquivo.
8. C. Clairborne, "The Ritz: Fifty Years After Proust, It's Still a Civilized Refuge", *New York Times*, 26 de dezembro de 1968, p. 45.
9. Citado em A. E. Hotchner, "As the Ritz Shuttters, Remembering its Mysteries: A Legend as Big as the Ritz", *Vanity Fair*, julho de 2012, <www.vanityfair.com/society/2012/07/paris-ritz-history-france>.
10. E. O. Williams, *Sojourning, Shopping, and Studying in Paris: A Handbook Particularly for Women* (Chicago: McClurg, 1907).
11. M. Proust, *O caminho de Guermantes, Em busca do tempo perdido, Volume 3* (São Paulo: Globo, 2007).
12. *Ibid.*

3: BATALHA AÉREA SOBRE A PLACE VENDÔME

1. W. C. Carter, *Marcel Proust*, p. 632.
2. N. Rambler, "Proust's Last Infatuation: Hélène Chrissoveloni, Princesse Soutzo, madame Morand", *Esoterica Curiosa*, <<http://theesotericcuriosa.blogspot.com/2010/01/prousts-last-infatuation-helene.html>>.
3. *Ibid.*
4. W. C. Carter, *Marcel Proust*, p. 634.
5. J. Richardson, *Life of Picasso: The Triumphant Years, 1917-1932* (Nova York: Knopf, 2010), pp. 29-46. Detalhes aqui e no material seguinte.
6. S. D. Ryerson e M. O. Yaccarino, *Infinite Variety*, pp. 84; 81-84.
7. *Ibid.*, p. 33.
8. W. C. Carter, *Marcel Proust*, p. 643.
9. E. White, *Marcel Proust* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1999).
10. M. Proust, *A sombra das raparigas em flor, Em busca do tempo perdido, volume 2* (São Paulo: Globo, 2006).

4: DIAMANTES TÃO GRANDES QUANTO O RITZ

1. D. Irving, *Göring: A Biography* (Nova York: William Morrow, 1989), p. 296.
2. A. E. Hotchner, "A Legend as Big as the Ritz", *Vanity Fair*, julho de 2012, <www.vanityfair.com/society/2012/07/paris-ritz-history-france>.
3. Todos os valores foram calculados usando "Measuring Worth", <www.measuringworth.com/uscompare/relativevalue.php>.
4. L. Beebe, *The Big Spenders: The Epic Story of the Rich Rich, the Grandees of America and the Magnificoes, and How They Spent Their Fortunes* (Mount Jackson, Virginia: Axios Press, 2009), p. 269; A. Dutka e D. Ruminski, *Cleveland in the Gilded Age: A Stroll Down Millionaires' Row* (Stroud, Reino Unido: History Press, 2012), p. 89.
5. E. Maxwell, *Art of the Hostess*, citado em T. Schwartz, *Cleveland Curiosities: Eliot Ness and His Blundering Raid, a Busker's Promise, the Richest Heiress Who Never Lived and More*, p. 118.
6. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 117.
7. L. Beebe, *The Big Spenders*, p. 271.
8. Elsa Maxwell, *Art of the Hostess*, citada em Schwarz, p. 120.
9. B. Masters, *Great Hostesses* (Londres: Constable, 1982), pp. 232-33.
10. S. Staggs, *Inventing Elsa Maxwell: How an Irrepressible Nobody Conquered High Society, Hollywood, the Press, and the World* (Nova York: St. Martin's Press, 2012), localização Kindle 3544.
11. C. Beauchamp, *Joseph P. Kennedy Presents: His Hollywood Years* (Nova York: Knopf, 2009), p. 366; ver também S. Morris, *Rage for Fame: The Ascent of Clare Boothe Luce* (Nova York: Random House, 1997).
12. Detalhes em R. Jenkins, *Churchill*, p. 589; e C. Roulet, *The Ritz*, p. 106; ver também C. Eder, *Les Comtesses de la Gestapo* (Paris: Bernard Grasset, 2006).
13. A. Marty, manuscrito não publicado que cita M. Allen, *Hidden Agenda: How the Duke of Windsor Betrayed the Allies* (Londres: Macmillan, 2000), p. 296; o jantar ocorreu em 24 de outubro de 1940.
14. C. Higham, *Trading with the Enemy: The Nazi-American Money Plot 1933-1949* (Nova York: Barnes & Noble Books, 1995), p. 313.
15. D. Pryce-Jones, *Paris in the Third Reich: A History of the German Occupation, 1940-1944* (Nova York: Holt, Rinehart, Winston, 1981), p. 8. Muitos dos detalhes aqui e mais para a frente foram em parte retirados do manuscrito não publicado "A Walking Guide to Occupied Paris", do doutor Alan Marty; meu agradecimento ao autor pela generosidade de compartilhar sua extensa pesquisa e pelas sugestões no decorrer do processo.
16. M. Bloch, *Ribbentrop: A Biography* (Nova York: Crown, 1993), p. 355. Arquivos do FBI relativos a esse assunto e que corroboravam suspeitas foram publicados em jornais britânicos em 2002; ver, por exemplo, "Royal Affair: The Duchess and the Nazi", *Scotsman*, 29 de junho de 2002, <www.scotsman.com/news/uk/royal_affair_the_duchess_and_the_nazi_1_610744>.
17. "Prince of Wales Enables Former Waitress to Laugh at Scoffers", *Boston Globe*, 2 de agosto de 1931, B5.
18. D. Irving, *Göring*, p. 302.
19. B. Masters, *Great Hostesses*, pp. 234-35.
20. A. E. Hotchner, "A Legend as Big as the Ritz".
21. Hugh Gibson, *The Ciano Diaries 1939-1943: The Complete, Unabridged Diaries of Count Galeazzo Ciano, Italian Minister of Foreign Affairs, 1936-1943* (Nova York: Doubleday, 1946), registro de 2 de fevereiro de 1942, p. 443.
22. M. Boxer, *Le Ritz de Paris*, p. 101.
23. B. Masters, *Great Hostesses*, pp. 234-35.
24. M. Van Rensselaer Thayer, "Fabulous Era Ended with Laura Corrigan", *Washington Post*, 27 de janeiro de 1948, B3; "Sells Furs to Aid French: U.S. Woman, Unable to Get Funds, Plans to Leave Vichy", *New York Times*, 26 de setembro de 1942, p. 4.
25. "Sells Furs to Aid French", p. 4.
26. B. Masters, *Great Hostesses*, pp. 234-35.
27. *Ibid.*, p. 236; Centro de História Judaica, Paris, arquivos 411 AP/5.
28. "American Relief Worker Leaves Vichy", *Los Angeles Times*, 4 de novembro de 1942, p. 15.
29. Elsa Maxwell, *Art of the Hostess*, citada em Schwarz, *Cleveland Curiosities*, p. 120.

5: OS AMERICANOS VÃO A PARIS

1. A. E. Hotchner, "A Legend as Big as the Ritz".
2. Citação em uma entrevista por Harry Salpeter, "Fitzgerald, Spenglerian", *New York World*, 3 de abril de 1927, 12M; F. Scott

- Fitzgerald, "Um diamante do tamanho do Ritz", *Seis contos da Era do Jazz e outras histórias* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2009).
3. J. Meyers, *Hemingway: A Biography* (Nova York: Da Capo Press, 1999), p. 541.
 4. Detalhes em A. Kershaw, *Sangue e champanhe: a vida de Robert Capa* (Rio de Janeiro: Record, 2013).
 5. *Ibid.*, p. 118; R. Capa, *Ligeiramente fora de foco* (São Paulo: Cosac Naify, 2011).
 6. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
 7. *Ibid.*
 8. M. Welsh, *How It Was* (Nova York: Ballantine, 1977), p. 93.
 9. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
 10. M. Welsh, *How It Was*, pp. 93-94.
 11. *Ibid.*
 12. B. Kert, *Hemingway's Women* (Nova York: Norton, 1998), p. 393.
 13. Detalhes saídos de "Battle of the Atlantic, January 1942-May 1945", Base de Dados Multimídia da Segunda Guerra Mundial, <http://worldwar2database.com/html/atlantic43_45.htm/page/0/1>.
 14. C. Moorehead, *Martha Gellhorn: A Life* (Nova York: Vintage, 2004), p. 254.
 15. B. Kert, *Hemingway's Women*, p. 392.
 16. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 253.
 17. *Ibid.*, p. 256.
 18. John Walsh, "Being Ernest: John Walsh Unravels the Mystery Behind Hemingway's Suicide", *Independent*, 9 de agosto de 2012, <www.independent.co.uk/news/people/profiles/being-ernest-john-walsh-unravels-the-mystery-behind-hemingways-suicide-2294619.html>.
 19. B. Kert, *Hemingway's Women*, p. 398.
 20. M. Welsh, *How It Was*, p. 98.
 21. *Ibid.*, p. 94.
 22. *Ibid.*
 23. N. R. Fitch, *Sylvia Beach and the Lost Generation: A History of Literary Paris in the 1930s* (Nova York: Norton, 1985), p. 384.
 24. A. E. Hotchner, "A Legend as Big as the Ritz", p. 141.
 25. Citado em A. E. Hotchner, "The Ritz, Then and Now".
 26. S. Watts, *The Ritz*, p. 128.
 27. S. Marx, *Queen of the Ritz*, pp. 94-95.
 28. *Ibid.*, pp. 197, 89.
 29. *Ibid.*, p. 97; meus agradecimentos também a Kenneth S. Marx, de Jacksonville, Flórida, e Richard Marx, de Los Angeles, descendentes de Blanche Auzello, pela comunicação pessoal.
 30. E. Hemingway, "Voyage to Victory: Collier's Correspondent Rides in the War Ferry to France", *Collier's Weekly*, 22 de julho de 1944, pp. 11-13, <www.unz.org/Pub/Colliers-1944jul22-00011?View=PDF>.
 31. S.E. Ambrose, *O Dia D — 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003).
 32. Citado em Maryann Bird, "Robert Capa: In Focus", *Time*, 30 de junho de 2002, <www.time.com/time/magazine/article/0,9171,267730,00.html>.
 33. *Ibid.*, p. 122.
 34. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
 35. *Idem.*
 36. *Idem.*
 37. *Idem.*
 38. *Idem.*
 39. *Idem.*
 40. *Idem.*
 41. *Idem.*
 42. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 257; também M. Gellhorn, *Travels with Myself and Another: A Memoir* (Nova York: Tarcher, 2001).
 43. M. Gellhorn, "The Wounded Come Home: Under the Sign of the Red Cross, the White Ship Returns to London with its Precious Freight", *Collier's Weekly*, 5 de agosto de 1944, pp. 14-15, <www.unz.org/Pub/Colliers-1944aug05-00014>.
 44. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 258.

6: A ATRIZ FRANCESA E SEU AMANTE NAZISTA

1. "O colaboracionismo é difícil": H. Vaughn, *Sleeping with the Enemy*, p. 157.
2. A. Riding, *Paris — A festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-44* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012).
3. Arletty, *La Défense* (1971; reedição, Paris: La Ramsay, 2007), p. 337.
4. *Ibid.*, p. 134.
5. *Ibid.*, p. 91.
6. D. Demonpion, *Arletty*, p. 196.
7. D. Tartière, *The House Near Paris: An American Woman's Story of Traffic in Patriots* (Nova York: Simon & Schuster, 1946), p. 255.
8. A. Beevor, "An Ugly Carnival: How Thousands of French Women Were Treated after D-Day", *The Guardian*, 4 de junho de 2009, <www.guardian.co.uk/lifeandstyle/2009/jun/05/women-victims-d-day-landings-second-world-war>.
9. D. Tartière, *The House Near Paris*, p. 81; este é Otto von Stülpnagel, e não seu primo Carl-Heinrich, que mais tarde assumiu o mesmo posto. O nome do provocador holandês não é detalhado na autobiografia.
10. *Ibid.*, p. 235.
11. Jean-Pierre Rioux, "Survivre", em *Résistants et collaborateurs*, organização de François Bédarida (Paris: Seuil, 1985), pp. 84-100.
12. D. Demonpion, *Arletty*, p. 260.
13. D. Richards, *The Wit of Noël Coward* (Londres: Sphere Books, 1970), p. 105.
14. D. Demonpion, *Arletty*, p. 264.
15. Andrew Roberts, resenha de Antony Beevor, *D-Day: The Battle for Normandy*, *Telegraph*, 24 de maio de 2009, <www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/5360866/D-Day-The-Battle-for-Normandy-by-Antony-Beevor-review.html>.
16. Como Robert Paxton escreveu, "mesmo no auge, a resistência (...) não foi maior do que magros 2% da população adulta da França" (aproximadamente quatrocentas mil pessoas). R. Paxton, *Vichy France: Old Guard and New Order, 1940-1944*, edição revisada (Nova York: Columbia University Press, 2001), p. 294. Ele continua: "Havia, sem dúvida, complexidades maiores, mas, mesmo que se some aqueles dispostos a ler jornais clandestinos, eram apenas mais ou menos dois milhões de pessoas, ou cerca de 10% da população adulta."
17. D. Demonpion, *Arletty*, p. 262. S. Guitry, *Quatre ans d'occupation* (Paris: Éditions L'Élan, 1947); G. Heller, *Un allemand à Paris, 1940-1944* (Paris: Éditions de Seuil, 1981).

18. J. Dupuis, "Le beau nazi d'Arletty", *L'Express*, 2 de outubro de 2008, <www.lexpress.fr/culture/livre/le-beau-nazi-d-arletty_823070.html>.
19. J. M. Sherwood, *Georges Mandel and the Third Republic*, p. 286.
20. Detalhes aqui e no decorrer deste capítulo foram retirados especialmente de B. Favreau, *Georges Mandel, ou, La passion de la République 1885-1944* (Paris: Édition Fayard, 1996).
21. J. M. Sherwood, *Georges Mandel and the Third Republic*, p. 261.
22. *Ibid.*, p. 290.
23. O registro histórico dessa informação é contestado; outras versões indicam que Laval foi informado por Fernand de Brinon em 8 de julho e aí convocou Joseph Darnand, que negou conhecimento e o indicou para Max Knipping. Para a perspectiva de Pierre Laval sobre a morte de Mandel e suas atividades em geral durante a guerra, muitas vezes mediadas pela filha, ver Y. Pourcher, *Pierre Laval vu par sa fille* (Paris: Cherche Midi, 2002); e P. Laval, *The Diary of Pierre Laval* (Nova York: Scribner's, 1948).
24. J. K. Brody, *The Trial of Pierre Laval: Defining Treason, Collaboration and Patriotism in World War II France* (Piscataway, Nova Jersey: Transaction, 2010), p. 74.
25. *The Diary of Pierre Laval, with a Preface by Josée Laval, Countess R. de Chambrun* (Nova York: Scribner's, 1948), p. 222.
26. J. M. Sherwood, *Georges Mandel and the Third Republic*, p. 294.
27. Arletty, *La Défense*, p. 264.
28. *Ibid.*, p. 265.
29. Modris Eksteins, "When Marianne Met Fritz", *Wall Street Journal*, 11 de dezembro de 2010, <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748703377504575650590689790202.html>>.
30. D. Demonpion, *Arletty*, p. 265.

7: O BARMAN JUDEU E A RESISTÊNCIA ALEMÃ

1. Havia dois generais Von Stülpnagel residindo no Ritz durante a guerra: Otto von Stülpnagel e depois seu substituto e primo Carl von Stülpnagel, que assumiu o cargo de principal administrador militar de Paris — o MBF, ou Militärbefehlshaber in Frankreich.
2. S. Marx, *Queen of the Ritz*, pp. 150-52, 180-84, 158-63, e *passim*.
3. S. Watts, *The Ritz*, p. 118; C. Roulet, *The Ritz*, pp. 103, 108.
4. Detalhes sobre os conspiradores e a Operação Valquíria foram retirados de várias fontes, aqui e no decorrer do livro, incluindo J. P. Duffy e V. Ricci, *Target Hitler: The Plots to Kill Hitler* (Nova York: Praeger, 1992); H. Speidel, *Invasion 1944* (Nova York: Paperback Library, 1972); H.B. Gisevius, *Valkyrie: An Insider's Account of the Plot to Kill Hitler* (Nova York: Da Capo Press, 2008); e B. H. Liddell-Hart, *The Rommel Papers* (Nova York: Da Capo, 1982).
5. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 137; S. Watts, *The Ritz*, p. 95.
6. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 142.
7. Sobre a história da relação de Coco Chanel com os sócios judeus, ver B. Abescat e Y. Stavridès, "Derrière l'Empire Chanel... la Fabuleuse Histoire des Wertheimer", *L'Express*, 7 de abril de 2005, pp. 16-30; 11 de julho de 2005, pp. 84-88; 18 de julho de 2005, pp. 82-86; 25 de julho de 2005, pp. 76-80; 1º de agosto de 2005, pp. 74-78; 8 de agosto de 2005, pp. 80-84, parte 1, 29. Resumo a história em mais detalhes em T. J. Mazzeo, *O segredo do Chanel Nº 5: a história íntima do perfume mais famoso do mundo* (Rio de Janeiro: Rocco, 2011).
8. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores, Berlim, documento Paris 2463 (42), "Ritz-Hotel, deutschfeindliches Verhalten des leitenden Personals, 1943"; ver também S. Marx, *Queen of the Ritz*, pp. 136-37.
9. S. Marx, *Queen of the Ritz*, pp. 150-52.
10. Há várias questões que envolvem o caso das prisões de Blanche Auzello durante a ocupação, e algumas fontes sugerem que a prisão no bistrô Maxim's ocorreu durante o verão de 1943. Porém é mais provável que ela tenha sido presa em mais de duas ocasiões, e essas diversas detenções explicam a confusão nos vários registros.
11. De acordo com os arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim (documento Paris 2463 [42]), no verão de 1943, os alemães investigaram relatos de que as luzes da cozinha no Hôtel Ritz não tinham sido apagadas durante o alerta de bombardeio aéreo. Parece evidente que Blanche Auzello e outros integrantes do corpo de funcionários do hotel foram interrogados como resultado dessa brecha na segurança. Como escreve Allan Mitchell: "Apesar de haver regras para um blecaute completo de Paris à noite, uma luz emanava do Hôtel Ritz na Place Vendôme e clareava o Ministério da Justiça do outro lado da praça. A investigação revelou que o diretor do Ritz era casado com uma judia, que foi presa uma noite no Maxim's por exigir várias vezes que a orquestra tocasse 'God Save the King'." A. Mitchell, *Nazi Paris: The History of an Occupation 1940-1941* (Nova York: Berghahn Books, 2008), p. 131. No entanto, o sobrinho de Blanche Auzello, Samuel Marx, que se encontrou com a tia após a guerra, conta que a prisão no Maxim's ocorreu imediatamente após os desembarques do Dia D na Normandia, e isso certamente bate com outros indícios casuais. Desse modo, é bastante provável que dois eventos isolados tenham sido confundidos. Blanche também foi presa e interrogada em pelo menos outra ocasião, após uma visita ao apartamento de Lily Kharmayeff no início da guerra. Como comentado acima, um pouco da confusão surge do fato de que Blanche foi presa durante pelo menos duas ocasiões. De acordo com os arquivos em Berlim, ela foi detida por pedir a execução de "God Save the King" em algum momento após 14 de abril de 1943 e internada naquela ocasião por três meses (documento NR 786/439, "Espionagem inimiga no Hôtel Ritz"). O bombardeio aéreo em questão aconteceu por volta de 10 de abril de 1943.
12. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 183; S. Watts, *The Ritz*, p. 95.
13. Blanche estrelou dois filmes antigos com Van Daële e dirigidos por Protazanov durante seus primeiros anos em Paris, e também conhecia tanto Jean Cocteau quando o aristocrata Vincent de Noailles (financiador de filmes) do início dos anos 1920. S. Marx, *Queen of the Ritz*, pp. 26-30.
14. *Ibid.*, p. 175.
15. *Ibid.*, p. 170.
16. S. Watts, *The Ritz*, p. 81.
17. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 185; Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
18. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
19. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 149.
20. *Ibid.*, pp. 140-149.
21. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
22. Arquivos Nacionais, Londres, HS7/139, "Agentes e suspeitos, Paris".
23. J. Fryer, "Inga Haag obituary: German Socialite and Spy Who Conspired to overthrow Hitler", *The Guardian*, 13 de janeiro de 2010, <www.guardian.co.uk/theguardian/2010/jan/13/inga-haag-obituary>.
24. *Ibid.*
25. C. Roulet, *The Ritz*, p. 118.
26. *Ibid.*; Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
27. Na recorrente questão acerca das atividades de guerra de Coco Chanel e das diferentes perspectivas no relacionamento com Walter Schellenberg, ver J. Picardie, *Coco Chanel*; H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*; W. Schellenberg, *The Labyrinth*, tradução de Louis Hagen (Nova York: Da Capo, 2000).
28. G. Knopp, *Die Wehrmacht: Eine Bilanz* (Munique: C. Bertelsmann Verlag, 2007), p. 251.
29. J. P. Duffy e V. Ricci, *Target Hitler*, p. 191.
30. *Ibid.*, p. 197.

8: A ESPOSA AMERICANA E O DIRETOR SUÍÇO

1. H. C. Woodrum, *Walkout*, p. 19.
2. *Ibid.*, p. 249.
3. D. Irving, *Göring*, p. 430.
4. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 193.
5. D. Irving, *Göring*, p. 244.
6. *Ibid.*, p. 450.
7. Relatórios da Unidade de Arte Saqueada (UAS) do Gabinete Americano de Serviços Estratégicos (OSS) 1945-1946 e Índice e Lista de Nomes Dignos de Atenção da UAS, <www.lootedart.com/MVI3RM469661_print;Y>.
8. Atribuído a Dorothy Thompson, 3 de janeiro de 1944.
9. "Relatórios do Pós-Guerra: Atividades da Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg na França: C.I.R. nº 1, 15 de agosto de 1945", Comissão de Arte Saqueada da Europa, <www.lootedart.com/MN51H4593121>.
10. Reinhard Heydrich, possivelmente o antisemita mais ferrenho e cruel entre todos os líderes da elite nazista, tinha uma história familiar ligada ao nome de Süß, e havia muitos rumores sobre ele ter uma ascendência judaica secreta, em grande parte baseados no sobrenome. Ver R. Gerwarth, *O carrasco de Hitler — A vida de Reinhard Heydrich* (São Paulo: Cultrix, 2013).
11. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
12. Índice e Lista de Nomes Dignos de Atenção da OSS.
13. A. Marty, manuscrito não publicado, citando C. Eder, *Les Comtesses de la Gestapo* (Paris: Bernard Grasset, 2006), p. 54.
14. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
15. *Ibid.*
16. C. Roulet, *The Ritz*, p. 151.
17. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
18. *Ibid.*
19. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 48.
20. Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42).
21. A. Mitchell, *Nazi Paris*, p. 131.
22. F. Steegmuller, *Cocteau*, pp. 444-45.
23. H. C. Woodrum, *Walkout*, p. 156.
24. "France Opens Doors of Gestapo's Paris Headquarters to Public For First Time", *Taipei Times*, 19 de setembro de 2005, <www.taipeitimes.com/News/world/archives/2005/09/19/2003272328/2>; ver também o filme: <www.britishpathe.com/video/gestapo-torture-chamber>.
25. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 187.
26. *Ibid.*, p. 189.
27. *Ibid.*, p. 194.
28. *Ibid.*, p. 187.

9: O GENERAL ALEMÃO E O DESTINO DE PARIS

1. "World War II: The Liberation of Paris", *World War II*, 12 de junho de 2006, <www.historynet.com/world-war-ii-the-liberation-of-paris.htm>.
2. A. Mitchell, *Nazi Paris*, p. 149.
3. "Dietrich von Choltitz", <www.choltitz.de>. O site alemão não é neutro: tem como objetivo defender o general durante a ocupação de Paris e é mantido por seu filho; no entanto, contém cópias e transcrições de materiais históricos relacionados àquelas questões. Até onde o general Von Choltitz merece crédito por ter salvado Paris da destruição é motivo de controvérsia histórica, e as perspectivas quanto a isso diferem significativamente na França e na Alemanha. Von Choltitz e sua família alegaram depois da guerra que o general desafiou Adolf Hitler em um ato de heroísmo e rebelião ética. No entanto, muitos daqueles que viveram na França ocupada durante aquelas semanas finais em agosto viram o general como um nazista cruel, que ordenou execuções em massa, tentou matar de fome a população de Paris e desobedeceu a Hitler apenas como um esforço premeditado de autoproteção quando ficou evidente que o sucesso era impossível. Esse ponto de vista é corroborado, geralmente, por registros de arquivos e pelo testemunho em primeira mão tanto de Raoul Nordling quanto de Pierre Taittinger; ver, por exemplo, P. Taittinger, *Et Paris ne fut pas détruit* (Paris: Temoignages Contemporains Élan, 1948).
4. "Dietrich von Choltitz", <www.choltitz.de>.
5. S. Watts, *The Ritz*, p. 148; C. Roulet, *The Ritz*, p. 121.
6. O. Bradley, *História de um soldado* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958): Bradley para o Gabinete do Chefe de História Militar (OCMH), 7 de janeiro de 1955, Arquivos do OCMH.
7. O. Bradley, *História de um soldado*.
8. General De Gaulle para M. Luizet, 2230, 23 de agosto de 1944; ver A. Dansette, *Histoire de la libération de Paris* (1946; reedição, Paris: Perrin, 1994), pp. 329-30.
9. O. Bradley, *História de um soldado*.

10: OS CORRESPONDENTES DE GUERRA E A CORRIDA PARA PARIS

1. S. E. Ambrose, "Citizen Soldiers: The U.S. Army From the Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany", CNN, 5 de agosto de 1998, <www.cnn.com/books/beginnings/9808/citizen.soldier>.
2. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
3. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 170.
4. *Ibid.*, p. 254.
5. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
6. *Ibid.*, pp. 176-77; A. Beevor, "An Ugly Carnival", p. 140.
7. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
8. M. Taylor, "Liberating France Hemingway's Way: Following Author's 1944 Reclaiming of the Ritz Hotel", *San Francisco Chronicle*, 22 de agosto de 2004, <<http://www.sfgate.com/travel/article/Liberating-France-Hemingway-s-way-Following-2731590.php#ixzz24qFzKEty>>.
9. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
10. *Ibid.*
11. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
12. *Ibid.*
13. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
14. M. Taylor, "Liberating France Hemingway's Way".
15. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
16. Cartas de Hemingway, 27 de agosto de 1944, Ernest Hemingway para "Small Friend", manuscrito, Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston.

17. Ver “Correspondent or Warrior? Hemingway’s Murky World War II ‘Combat’ Experience”, *Hemingway Review* 22, nº 1 (outono de 2002).
18. Ver *OSS Against the Reich: The World War Two Diaries of Colonel David K. E. Bruce*, organizado por Nelson Douglas Lankford (Kent, Ohio: Kent State University Press, 1991).
19. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
20. *Ibid.*
21. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
22. *Ibid.*, p. 172.
23. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
24. “The Liberation of Paris, August 1944: A Photographer’s Story”, *Life*, <<http://life.time.com/history/paris-liberated-rare-unpublished/#ixzz20hVX4nNz>>.
25. S. E. Ambrose, *Citizen Soldiers: The U.S. Army from the Normandy Beaches, to the Bulge, to the Surrender of Germany* (Nova York: Simon & Schuster, 2002).
26. “The Liberation of Paris, August 1944: A Photographer’s Story”, *Life*.
27. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
28. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
29. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
30. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
31. *Ibid.*
32. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
33. *Robert Capa: The Definitive Collection*, organizado por Richard Whelan (Londres: Phaidon Press, 2004).
34. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
35. Cartas de Hemingway, 27 de agosto de 1944, Ernest Hemingway para “Small Friend”, manuscrito, Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston.
36. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
37. J. Follain, “Hemingway Staged own ‘Liberation’ by Invading Ritz Bar”, *Deseret News*, 25 de agosto de 1944, <www.deseretnews.com/article/371853/HEMINGWAY-STAGED-OWN-LIBERATION-BY-INVADING-RITZ-BAR.html?pg=all>.
38. *Ibid.*

11: ERNEST HEMINGWAY E O RITZ LIBERTADO

1. Para uma história não publicada de Hemingway ambientada no Ritz, ver Susan F. Beegel, ‘A Room on the Garden Side’: Hemingway’s Unpublished Liberation of Paris’, *Studies in Short Fiction* 31, nº 4 (outono de 1994): Arquivos 356a, documentos de Hemingway, citado em J. Tavernier-Courbin, *Ernest Hemingway’s A Moveable Feast: The Making of Myth* (Boston: Northeastern University Press, 1991), p. 11.
2. J. Follain, “Hemingway Staged Own ‘Liberation’”.
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
6. C. Roulet, *The Ritz*, p. 147.
7. S. Watts, *The Ritz*, p. 158.
8. *Ibid.*, p. 148.
9. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
10. S. Watts, *The Ritz*, p. 148.
11. D. Demonpion, *Arletty*, p. 269.
12. “Charles de Gaulle’s speech at the City Hall of Paris: August 25, 1944”, <www.everything2.com/title/Charles+de+Gaulle%2527s+speech+at+the+City+Hall+of+Paris%253A+August+25%252C+1944>, <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/august/25/newsid_3520000/3520894.stm>.
13. F. Steegmuller, *Cocteau*, p. 444.
14. A. E. Hotchner, “The Ritz, Then and Now”, *The New York Times*, 31 de janeiro de 1982, <www.nytimes.com/1982/01/31/travel/the-ritz-then-and-now.html>.
15. A. Riding, *Paris — A festa continuou*.
16. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
17. C. Roulet, *The Ritz*, p. 124.
18. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
19. *Ibid.*
20. S. Watts, *The Ritz*, pp. 119-120.
21. Aqui e a seguir em R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
22. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
23. *Ibid.*
24. M. Welsh, *How It Was*, p. 107.
25. J. Follain, “Hemingway Staged Own ‘Liberation’”.

12: AQUELAS REPÓRTERES DE SAIAS

1. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.
2. Cartas de Hemingway, 27 de agosto de 1944, Ernest Hemingway para “Small Friend”, manuscrito, Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, Boston.
3. Obituário de Helen Kirkpatrick Milbank, *Independent*, 8 de janeiro de 1998, <www.independent.co.uk/news/obituaries/obituary-helen-kirkpatrick-milbank-1137424.html>.
4. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
5. N.C. Sorel, *The Women Who Wrote the War* (Nova York: Harper Collins, 2000), p. 259.
6. M. Taylor, “Liberating France Hemingway’s Way”.
7. Registros internos de Vittel oriundos dos arquivos do Mémorial de la Shoah Musée, Centre de Documentation Juive Contemporaine, especialmente 411 AP/5; outras figuras que aparecem neste livro de passagem e também estiveram internadas em Vittel incluem Laura Mae Corrigan e Drue Tartière. Ver também Charles Glass, *Americans in Paris: Life & Death Under Nazi Occupation* (Nova York: Penguin, 2010), p. 253. Não foram bem-sucedidas as tentativas de fazer uma referência cruzada da menção de Sylvia Beach sobre outra mulher chamada Sylvia, que viveu no Ritz, tinha o apelido de “girafa” e era casada com um oficial francês com passagem em Vittel.
8. James Button, “Shooting Picasso”, *Age*, 18 de fevereiro de 2006, <www.theage.com.au/news/arts/shooting-picasso/2006/02/17/1140151813201.html>.
9. C. Burke, *Lee Miller*, pp. 223-224.
10. Meu agradecimento a Alan Marty e Xavier Demange pela informação sobre essa questão.

11. C. Burke, *Lee Miller*, p. 228.
12. *Ibid.*, p. 230.
13. *Ibid.*, p. 231.
14. *Ibid.*
15. Picasso para André Malraux, em A. Malraux, *Picasso's Mask* (Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1976), p. 138.
16. C. Burke, *Lee Miller*, p. 232.
17. D. Veillon, *Fashion Under the Occupation*, tradução de Miriam Kochan (Nova York: Berg, 2002), viii. Outras informações sobre comércio nas proximidades durante a ocupação oriundas do *Annuaire almanac du commerce* (Paris: Didot Bottin, 1942); e *Bulletin de la Chambre de Commerce de Paris, Année 1941* (Paris: Hôtel de la Chambre de Commerce, 1941). Informações sobre endereços em Paris e imagens de rua dos arquivos em La Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, especialmente a série de arquivos intitulados NA IV, NA Album 4, Photo Divers, VII, 119, NA Divers XIV, NA Divers XXXI, 10, NA Divers XIV, NA Divers VI e NA Album 40.
18. M. Welsh, *How It Was*, pp. 109-110.
19. *Ibid.*, p. 110.
20. *Ibid.*
21. *Ibid.*, p. 111.
22. N. C. Sorel, *The Women Who Wrote the War*, p. 259.
23. Helen Kirkpatrick, *Chicago Daily News*, 27 de agosto de 1944.
24. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
25. M. Welsh, *How It Was*, p. 112.
26. *Ibid.*

13: OS ÚLTIMOS TRENS DE PARIS

1. L.H. Nicholas, *Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).
2. F. Steegmuller, *Cocteau*, p. 447.
3. Materiais nos Arquivos da Família Rosenberg no Museu de Arte Moderna, em Nova York, documentam de maneira convincente o grau de contatos da família no mundo da arte moderna; ver <www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/paulrosenberg>.
4. F. Steegmuller, *Cocteau*, p. 443.
5. Galeria de coleções de Paul Rosenberg. Arquivos da família Rosenberg. Museu de Arte Moderna, Nova York. Disponível em: <<http://www.moma.org/learn/resources/archives/EAD/PaulRosenbergf>>.
6. *Exposition Arno Breker: à l'Orangerie: 15 Mai-31 Juillet* (Paris: s.e., 1942).
7. Sobre o mercado suíço de arte, ver Paul Rosenberg, "French Artists and the War", *Art in Australia* 4, nº 4 (dezembro-fevereiro de 1941-1942); e Jonathan Petropoulos, "Co-opting Nazi Germany: Neutrality in Europe During World War II", *Dimensions: A Journal of Holocaust Studies* 11, nº 1 (1997), <http://archive.adl.org/Braun/dim_14_1_neutrality_europe.asp>.

14: A GUERRA DE CHANEL E OUTRAS ROUPAS SUJAS

1. R. Capa, *Ligeiramente fora de foco*.
2. *Ibid.*
3. M. Welsh, *How It Was*, p. 109.
4. A. Beevor, "An Ugly Carnival".
5. A. Beevor, *Paris*, p. 123.
6. M. Moore, "French Brothels 'Flourished During the Nazi occupation'", *Telegraph*, 1º de maio de 2009, <www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/5256504/French-brothels-flourished-during-the-Nazi-occupation.html>.
7. F. Spotts, *The Shameful Peace: How French Artists and Intellectuals Survived the Nazi Occupation* (New Haven: Yale University Press, 2009), p. 230.
8. C. Burke, *Lee Miller*, p. 235. As fontes são conflitantes em relação às datas: Lee Miller saiu de Paris no meio de setembro, e Marlene Dietrich chegou praticamente na mesma ocasião, portanto as datas da interseção devem ter sido curtas; *ibid.*, p. 228.
9. D. Veillon, *Fashion Under the Occupation*, p. 118.
10. *Ibid.*, p. 118. A identificação como George Dubonnet provavelmente é um erro. Há dois ramos da família Dubonnet em Paris e no hotel durante a ocupação. Uma família — Ruth e André Dubonnet — era composta por simpatizantes fascistas que passaram a ocupação na capital. A outra era a família de Paul e Jean Dubonnet, que estão listados, juntamente com a filha pequena (Anne) e a babá escocesa, Catherine Cameron (nascida em 1895), brevemente nos registros do Hôtel Ritz, no início da guerra em 1941. Meus agradecimentos a Anne Dubonnet Shiao pela longa entrevista e a Alan Marty por algumas informações adicionais relacionadas a esse assunto.
11. J. Picardie, *Coco Chanel*.
12. B. Abescat e Y. Stavridès, "Derrière l'Empire Chanel... la Fabuleuse Histoire des Wertheimer", *L'Express*, 7 de abril de 2005, pp. 16-30; 11 de julho de 2005, pp. 84-88; 18 de julho de 2005, pp. 82-86; 25 de julho de 2005, pp. 76-80; 1º de agosto de 2005, pp. 74-78; 8 de agosto de 2005, pp. 80-84, parte 1, 29.
13. A. Beevor, "An Ugly Carnival".
14. *Ibid.*
15. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
16. D. Demonpion, *Arletty*, p. 266.
17. P. Webster, "The Vichy Policy on Jewish Deportation", 17 de fevereiro de 2011, *BBC History*, <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/genocide/jewish_deportation_01.shtml>; Adrian Gilbert, "Vél d'Hiv, Paris 1942: 'These Black Hours Will Stain our History Forever'", *The Guardian*, 22 de julho de 2011, <www.guardian.co.uk/sarabs-key/vel-dhiv-paris-1942-world-war-two-adrian-gilbert>.
18. J. Henley, "Letters from Drancy", *The Guardian*, 18 de julho de 2002, <www.guardian.co.uk/world/2002/jul/18/worlddispatch.jonhenley>.
19. Arletty, *La Défense*, p. 159.
20. *Ibid.* Aqui e a seguir, citações de *ibid.*, pp. 158-169.
21. A prisão ocorreu em 23 de novembro de 1944. No fim, ele foi inocentado.
22. Citação em H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.
23. A. Madsen, *Chanel*.
24. *Ibid.*, p. 230.
25. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 174.
26. Por exemplo, H. Vaughn, *Sleeping with the Enemy*.
27. J. Picardie, *Coco Chanel*.
28. Ver L. Pellegrini, "La séduction comme couverture": L'agent secret Hans-Gunther von Dincklage en France", <www.dokumente-documents.info/uploads/tx_ewsdokumente/Seiten_74-76_Pellegrini_Dincklage.pdf>.
29. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.

30. M. Bloch, *The Duke of Windsor's War*, p. 355.
31. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.
32. *Ibid.*, pp. 75, 178; ver também J. Picardie, *Coco Chanel*.
33. A. Madsen, *Chanel*; citado em T. J. Mazzeo, *O segredo do Chanel Nº 5*.
34. A. Madsen, *Chanel*; citado em T. J. Mazzeo, *O segredo do Chanel Nº 5*.
35. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.
36. A. Madsen, *Chanel*; citado em T. J. Mazzeo, *O segredo do Chanel Nº 5*.
37. C. Roulet, *The Ritz*, p. 115.
38. H. Vaughn, *Dormindo com o inimigo*.
39. Arquivos Churchill, Universidade de Cambridge, CHAR 20/198A.

15: A DIVA LOURA E OS CIENTISTAS NUCLEARES

1. Winston Churchill, "Shall We All Commit Suicide?", *Pall Mall*, setembro de 1924; republicado em Winston Churchill, *Thoughts and Adventures* (Londres: Thornton Butterworth, 1932), p. 250.
2. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 195.
3. Meus agradecimentos a Sylvia Crouter por contar detalhes sobre essa história de família e por compartilhar um artigo de família sobre o tópico escrito por Andrew Tolan, em 10 de abril de 2000, "ALSOS: Defusing the Nazi Bomb Program", manuscrito não publicado. Assim como as anotações de Andrew Tolan, as outras fontes relevantes, a quem sou grata na pesquisa, incluem S. A. Goudsmit, *ALSOS*, introdução de David Cassidy (Nova York: Henry Schuman, 1947); L. R. Groves, *Now It Can Be Told* (Nova York: Harper, 1962); e R. Thomas, "Frederic Wardenburg 3d Dies, War Hero and Executive, 92", *The New York Times*, 17 de agosto de 1997, A8, <www.nytimes.com/1997/08/17/us/frederic-a-c-wardenburg-3d-92-war-hero.html?_r=1>.
4. "Report of the Committee on Political and Social Problems: Manhattan Project, 'Metallurgical Laboratory' University of Chicago, June 11, 1945" (Franck Report), Arquivos Nacionais dos EUA, Washington, Record Group 77, Manhattan Engineer District Records, arquivo Harrison-Bundy File, pasta 76, <www.dannen.com/decision/franck.html>.
5. M. Welsh, *How It Was*, p. 127.
6. *Ibid.*
7. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 296.
8. *Ibid.*, p. 290.
9. Donald Spoto, *Blue Angel: The Life of Marlene Dietrich* (Nova York: Cooper Square Press, 2000), p. 197.
10. S. A. Goudsmit, *ALSOS*, p. xiv, xvii, 5.
11. *Ibid.*, p. 10, 35.
12. De acordo com *ALSOS*, p. 35, Gentner esteve em Paris de 1940 até a metade de 1942; ele foi substituído por Wolfgang Riezler.
13. *Ibid.*, p. 36.
14. *Ibid.*, p. 59.
15. *Ibid.*, p. 246.
16. *Ibid.*, p. 69.
17. *Ibid.*, pp. 64-65; ver também E. Zorn, "Whiter Days Ahead for Pepsodent?", *Chicago Tribune*, 15 de junho de 2007, <http://blogs.chicagotribune.com/news_columnists_ezorn/2007/06/whiter_days_ahe.html>.
18. R. Thomas, "Wardenburg", A8. Ele foi sagrado Membro da Ordem do Império Britânico e premiado com a Medalha da Liberdade dos Estados Unidos, a maior honraria civil da nação.

16: DE BERLIM COM AMOR, E AS ÚLTIMAS BATALHAS EM PARIS

1. P. Webster, "Vichy Policy on Jewish Deportation".
2. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 282.
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*
6. Spoto, *Blue Angel*, pp. 202-203.
7. A. Kershaw, *Sangue e champanhe*.
8. *Ibid.*
9. M. Gilbert, *The Day the War Ended: May 8, 1945, Victory in Europe* (Londres: Henry Holt, 1996).
10. D. Irving, *Göring*, p. 86; ver também C. J. Dodd e L. Bloom, *Letters from Nuremberg: My Father's Narrative of a Quest for Justice* (Nova York: Crown, 2008).
11. C. J. Dodd e L. Blom, *Letters from Nuremberg*, p. 65.
12. J. Baraduc, *Dans la cellule de Pierre Laval* (Paris: Éditions Self, 1948), p. 31.
13. C. Moorehead, *Martha Gellhorn*, p. 290.

17: POTÊNCIAS EM DECLÍNIO EM PARIS

1. H. Vickers, "The People Who Caused Me the Most Trouble Were Wallis Simpson and Hitler", *Mail Online*, 26 de março de 2011, <www.dailymail.co.uk/femail/article-1370242/Queen-Mother-The-people-caused-trouble-Wallis-Simpson-Hitler.html#ixzz2SWSigJs>.
2. R. Gottlieb, "Duke, Duchess and Jimmy D.: Question Time for the Windsors", *New York Observer*, 3 de maio de 2001, <<http://observer.com/2001/03/duke-duchess-and-jimmy-d-question-time-for-the-windsors>>; ver também Christopher Wilson, *Dancing with the Devil: The Windsors and Jimmy Donahue* (Nova York: St. Martin's Press, 2002), pp. 2-3.
3. C. Wilson, "Revealed: The Duke and Duchess of Windsor's Secret Plot to Deny the Queen the Throne", *Telegraph*, 22 de novembro de 2009, <www.telegraph.co.uk/news/uknews/theroyalfamily/6624594/Revealed-the-Duke-and-Duchess-of-Windsors-secret-plot-to-deny-the-Queen-the-throne.html>.
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*
6. R. Gottlieb, "Question Time for the Windsors".
7. C. Wilson, *Dancing with the Devil*, p. 3.
8. *Ibid.*
9. C. Blackwood, *The Last of the Duchess: The Strange and Sinister Story of the Final Years of Wallis Simpson, Duchess of Windsor* (Nova York: Vintage, 2012), p. 259.
10. *Ibid.*
11. R. Gottlieb, "Question Time for the Windsors".
12. Lord Kinross, "Love Conquers All", *Books and Bookmen* 20 (1974): p. 5.
13. J. Lichfield, "In Wallis's Footsteps: The Holiday Home by Royal Appointment", *Independent*, 25 de março de 2010, <<http://www.independent.co.uk/travel/europe/in-wallis-footsteps-the-holiday-home-by-royal-appointment-192878.html>>.
14. L. Karpen, "Chanel, Nº 1", *The New York Times*, 15 de novembro de 1998, <www.nytimes.com/1998/11/15/books/books-in-brief>.

[nonfiction-chanel-no-1.html?src=pm](#)>.

18: A GRANDE SOMBRA DA GUERRA

1. Dodd, carta de 4 de agosto de 1945, p. 65.
2. Joseph Carroll, "Paris Gripped by Insurrection", *The Guardian*, 26 de maio de 1968, <<http://century.guardian.co.uk/1960-1969/Story/0,6051,106493,00.html>>.
3. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 195.
4. Citado em E. Hemingway, *Paris é uma festa* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013).
5. Há muito debate acadêmico sobre a história e o conteúdo do baú com a papelada que Ernest Hemingway deixou no Hôtel Ritz. Sobre as várias opiniões no debate, ver A. E. Hotchner, "Don't Touch A Moveable Feast", *The New York Times*, 19 de julho de 2009, <www.nytimes.com/2009/07/20/opinion/20hotchner.html?_r=3>, e J. Tavernier-Courbin, *Ernest Hemingway's A Moveable Feast*, pp. 3-19.
6. S. Marx, *Queen of the Ritz*, p. 197.
7. *Ibid.*, pp. 199-200.

POSFÁCIO

1. Mohamed Al-Fayed, site pessoal, <www.alfayed.com/biography.aspx>.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

- ABESCAT, Bruno, e Yves Stavridès. "Derrière l'Empire Chanel (...) la Fabuleuse Histoire des Wertheimer", *L'Express*, 7 de abril de 2005, pp. 16-30; 11 de julho de 2005, pp. 84-88; 18 de julho de 2005, pp. 82-86; 25 de julho de 2005, pp. 76-80; 1º de agosto de 2005, pp. 74-78; 8 de agosto de 2005, pp. 80-84, parte 1, 29.
- ALLEN, Martin. *Hidden Agenda: How the Duke of Windsor Betrayed the Allies*. Londres: Macmillan, 2000.
- AMBROSE, Stephen E. *Soldados cidadãos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- . "Citizen Soldiers: The U.S. Army from the Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany", CNN, 5 de agosto de 1998. Disponível em: <www.cnn.com/books/beginnings/9808/citizen.soldier>.
- . *O Dia D — 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- "American Relief Worker Leaves Vichy", *Los Angeles Times*, 4 de novembro de 1942, p. 15.
- AMORY, Cleveland. "Like a Little Girl on Christmas Morn': R.S.V.P. Elsa Maxwell's own Story", *The New York Times*, 24 de outubro de 1954, BR6.
- Annuaire almanac du commerce*. Paris: Didot Bottin, 1942.
- ARLETTY. *La Défense*. 1971; reedição, Paris: Ramsay, 2007.
- ARNAUD, Claude. *Jean Cocteau*. Paris: Éditions Gallimard, 2003.
- Arquivos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, documento Paris 2463 (42), "Ritz-Hotel, deutschfeindliches Verhalten des leitenden Personals, 1943".
- Arquivos Nacionais, Paris, 2463 [42]. "Ritz-Hotel, deutschfeindliches Verhalten des leitenden Personals", 1943.
- Arquivos Nacionais, Paris, F7 14886. "Affaires Allemands", item 533.
- Arquivos Nacionais, Washington, "Report of the Committee on Political and Social Problems: Manhattan Project, 'Metallurgical Laboratory', University of Chicago, June 11, 1945". Record Group 77, Manhattan Engineer District Records, arquivo Harrison-Bundy File, pasta 76. Disponível em: <www.dannen.com/decision/franck.html>.
- BAKER, Carlos. *Ernest Hemingway: o romance de uma vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- BALDASSARI, Anne. *Picasso: Life with Dora Maar, Love and War, 1935-1945*. Paris: Flammarion, 2006.
- BARADUC, Jacques. *Dans la cellule de Pierre Laval*. Paris: Éditions Self, 1948.
- BEAUCHAMP, Cari. *Joseph P. Kennedy Presents: His Hollywood Years*. Nova York: Knopf, 2009.
- BEEBE, Lucius. *The Big Spenders: The Epic Story of the Rich Rich, the Grandees of America and the Magnificoes, and How They Spent Their Fortunes*. Mount Jackson, VA: Axios Press, 2009.
- BEEGEL, Susan F. "'A Room on the Garden Side': Hemingway's Unpublished Liberation of Paris", *Studies in Short Fiction* 31, nº 4. Outono de 1994.
- BEEVOR, Antony. *Dia D — A batalha pela Normandia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- . "An Ugly Carnival: How Thousands of French Women Were Treated after D-Day", *The Guardian*, 4 de junho de 2009. Disponível em: <www.guardian.co.uk/lifeandstyle/2009/jun/05/women-victims-d-day-landings-second-world-war>.
- BEEVOR, Antony, e Artemis Cooper. *Paris After the Liberation: 1944-1949*. Nova York: Penguin, 2007.
- Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, arquivos NA IV, NA Album 4, Photo Divers, VII, 119, NA Divers XIV, NA Divers XXXI, 10, NA Divers XIV, NA Divers VI e NA Album 40.
- BLACKWOOD, Caroline. *The Last of the Duchess: The Strange and Sinister Story of the Final Years of Wallis Simpson, Duchess of Windsor*. Nova York: Vintage, 2012.
- BLOCH, Michael. *The Duke of Windsor's War: From Europe to the Bahamas, 1939-1945*. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1982.
- . *Ribbentrop: A Biography*. Nova York: Crown, 1993.
- BOXER, Mark. *Le Ritz de Paris*. London: Thames & Hudson, 1991.
- BRADLEY, Omar. *História de um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.
- BRODY, J. Kenneth. *The Trial of Pierre Laval: Defining Treason, Collaboration and Patriotism in World War II France*. Piscataway, NJ: Transaction, 2010.
- BROOK-SHEPHERD, Gordon. *Uncrowned Emperor: The Life and Times of Otto von Hapsburg*. Nova York: Continuum, 2007.
- BRUCE, David K.E. *OSS Against the Reich: The World War Two Diaries of Colonel David K. E. Bruce*. Organizado por Nelson Douglas Lankford. Kent, Ohio, Kent State University Press, 1991.
- BÜCHNER, Alex. *German Infantry Handbook, 1939-1945: Organization, Uniforms, Weapons, Equipment, Operations*. S.l.: Schipper, 1991.
- BUCHWALD, Art. "Art Buchwald from Paris: Elsa and the Duchess Bury the Hatchet", *Boston Daily Globe*, 2 de junho de 1957, C1.

Bulletin de la Chambre de Commerce de Paris, Année 1941. Paris: Hôtel de la Chambre de Commerce, 1941.

BURKE, Carolyn. *Lee Miller: A Life*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

BUTTON, James. "Shooting Picasso", *Age*, 18 de fevereiro de 2006. Disponível em: <<http://www.theage.com.au/news/arts/shooting-picasso/2006/02/17/1140151813201.html>>.

CAPA, Robert. *Ligeiramente fora de foco*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CARROLL, Joseph. "Paris Gripped by Insurrection", *The Guardian*, 26 de maio de 1968. Disponível em: <<http://century.guardian.co.uk/1960-1969/Story/0,6051,106493,00.html>>.

CARTER, William C. *Marcel Proust: A Life*. New Haven: Yale University Press, 2002.

CAWS, Mary Ann. *Picasso's Weeping Woman: The Life and Art of Dora Maar*. Nova York: Bulfinch Press, 2000.

Centro de História Judaica, Paris, arquivos 411 AP/5.

CLAIBORNE, Craig. "The Ritz: Fifty Years After Proust, It's Still a Civilized Refuge", *The New York Times*, 26 de dezembro, 1968, p. 45.

COBLENTZ, Paul. *Georges Mandel*. Paris: Éditions du Béliet, 1946.

COCTEAU, Jean. *The Journals of Jean Cocteau*. Bloomington: Indiana University Press, 1964.

COLE, Hubert. *Laval: A Biography*. Nova York: Putnam Books, s.d. Disponível em: <www.archive.org/stream/lavalabiography007674mbp/lavalabiography007674mbp_djvu.txt>.

Comitê Internacional da Cruz Vermelha. "Geneva Convention (IV) Respecting the Laws and Customs of War on Land and Its Annex: Regulations Concerning the Laws and Customs of War on Land, 18 October 1907". Disponível em: <www.icrc.org/ihl.nsf/FULL/195?openDocument>.

COTE, William E. "Correspondent or Warrior? Hemingway's Murky World War II 'Combat' Experience", *Hemingway Review* 22, nº 1. Outono de 2002.

DANSETTE, Adrian. *Histoire de la libération de Paris*. 1946; reedição, Paris: Perrin, 1994.

DEMONPION, Denis. *Arletty*. Paris: Flammarion, 1996.

DIAMOND, Hanna. *Fleeing Hitler: France 1940*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

DICKEN-GARCIA, H. *Journalistic Standards in Nineteenth-Century America*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.

DODD, Christopher John, e Lary Bloom. *Letters from Nuremberg: My Father's Narrative of a Quest for Justice*. Nova York: Crown, 2008.

DUFFY, James P., e Vincent Ricci. *Target Hitler: The Plots to Kill Hitler*. Nova York: Praeger, 1992.

DUPUIS, Jérôme. "Le beau nazi d'Arletty", *L'Express*, 2 de outubro de 2008. Disponível em: <www.lexpress.fr/culture/livre/le-beau-nazi-d-arletty_823070.html>.

DUTKA, Alan, e Dan Ruminski. *Cleveland in the Gilded Age: A Stroll Down Millionaires' Row*. Stroud, Reino Unido: History Press, 2012.

EDER, Cyril. *Les Comtesses de la Gestapo*. Paris: Bernard Grasset, 2006.

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. "Bibliography: Treatment of Morphine Addiction, II". Disponível em: <www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/bulletin/bulletin_1952-01-01_1_page007.html>.

FAVREAU, Bertrand. *Georges Mandel, ou, La passion de la République 1885-1944*. Paris: Édition Fayard, 1996.

FEST, Joachim. *Plotting Hitler's Death: The Story of the German Resistance*. Nova York: Metropolitan Books/Henry Holt, 1996.

FITCH, Noel Riley. *Sylvia Beach and the Lost Generation: A History of Literary Paris in the 1930s*. Nova York: Norton, 1985.

FITZGERALD, F. Scott. "Um diamante do tamanho do Ritz", *Seis contos da Era do Jazz e outras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FOLLAIN, John. "Hemingway Staged Own 'Liberation' by Invading Ritz Bar", *Deseret News*, 25 de agosto de 1944. Disponível em: <www.deseretnews.com/article/371853/HEMINGWAY-STAGED-OWN-LIBERATION-BY-INVADING-RITZ-BAR.html?pg=all>.

"France Opens Doors of Gestapo's Paris Headquarters to Public for First Time", *Taipei Times*, 19 de setembro de 2005. Disponível em: <www.taipetimes.com/News/world/archives/2005/09/19/2003272328/2>.

FRISCHAUER, Willi. *Goering*. Londres: Oldham's Press, 1950.

FRYER, Jonathan. "Inga Haag obituary: German Socialite and Spy Who Conspired to overthrow Hitler", *The Guardian*, 13 de janeiro de 2010. Disponível em: <www.guardian.co.uk/theguardian/2010/jan/13/inga-haag-obituary>.

GAULLE, Charles de. *The Complete War Memoirs of Charles de Gaulle*. Nova York: Carroll & Graf, 1998.

GELLHORN, Martha. *Travels with Myself and Another: A Memoir*. Nova York: Tarcher, 2001.

_____. "The Wounded Come Home: Under the Sign of the Red Cross, the White Ship Returns to London with its Precious Freight", *Collier's Weekly*, 5 de agosto de 1944, pp. 14-15. Disponível em: <www.unz.org/Pub/Colliers-1944aug05-00014>.

GELLNER, Ernest. *Anthropology and Politics: Revolutions in the Sacred Grove*. Oxford: Blackwell, 1995.

GERWARTH, Robert. *O carrasco de Hitler — A vida de Reinhard Heydrich*. São Paulo: Cultrix, 2013.

GILBERT, Adrian. "Vél d'Hiv, Paris 1942: 'These Black Hours Will Stain our History Forever'", *The Guardian*, 22 de julho de 2011. Disponível em: <www.guardian.co.uk/sarahs-key/vel-dhiv-paris-1942-world-war-two-adrian-gilbert>.

GILBERT, Martin. *The Day the War Ended: May 8, 1945, Victory in Europe*. Londres: Henry Holt, 1996.

GILDEA, Robert. *Marianne in Chains: Daily Life in the Heart of France During the Occupation*. Nova York: Picador, 2004.

GILLOT, Françoise e Carlton Lake. *Life with Picasso*. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1965.

GILTAY, Christophe. "Chanel: une étoffe pas très résistante", RTL-Info, 18 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://blogs.rtl.be/champselysees/2011/08/18/chanel-une-etoffe-pas-tres-resistante>>.

GIRET, Nöelle. *Sacha Guitry*. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

GISEVIUS, Hans Bernd. *Valkyrie: An Insider's Account of the Plot to Kill Hitler*. Nova York: Da Capo Press, 2008.

GOTTLIEB, Robert. "Duke, Duchess and Jimmy D.: Question Time for the Windsors", *New York Observer*, 3 de maio de 2001. Disponível em: <<http://observer.com/2001/03/duke-duchess-and-jimmy-d-question-time-for-the-windsors>>.

GOUDSMIT, Samuel A. *ALSOS*, introdução de David Cassidy. Nova York: Henry Schuman, 1947.

GROVES, Leslie R. *Now It Can Be Told*. Nova York: Harper, 1962.

GUIEU, Jean-Max. "Chronology of the Dreyfus Affair." Disponível em: <www9.georgetown.edu/faculty/guieuj/DreyfusCase/Chronology%20of%20the%20Dreyfus%20Affair.htm>.

GUITRY, Sacha. *If Memory Serves: Memoirs of Sacha Guitry*. Whitefish, MT: Kessinger, 2009.

_____. *Quatre ans d'occupation*. Paris: Éditions L'Élan, 1947.

HARPPRECHT, Klaus. *Arletty und ihr deutscher Offizier*. Fischer e-books, 2011.

HELLER, Gerhard. *Un Allemand à Paris, 1940-1944*. Paris: Éditions de Seuil, 1981.

HEMINGWAY, Ernest. *By-Line: Ernest Hemingway: Selected Articles and Dispatches of Four Decades*. Organizado por William White. Nova York: Scribner, 1998.

_____. *Letters of Ernest Hemingway*. Organizado por Sandra Spanier. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

_____. "Voyage to Victory: Collier's Correspondent Rides in the War Ferry to France", *Collier's Weekly*, 22 de julho de 1944, pp. 11-13. Disponível em: <www.unz.org/Pub/Colliers-1944jul22-00011?View=PDF>.

HEMINGWAY, Leicester. *My Brother, Ernest Hemingway*. Sarasota, Flórida: Pineapple Press, 1996.

HENLEY, Jon. "Letters from Drancy", *The Guardian*, 18 de julho de 2002. Disponível em: <www.guardian.co.uk/world/2002/jul/18/worlddispatch.jonhenley>.

HIGHAM, Charles. *The Duchess of Windsor: The Secret Life*. Nova York: Wiley, 2004.

_____. *Trading with the Enemy: The Nazi-American Money Plot 1933-1949*. Nova York: Barnes & Noble Books, 1995.

HOTCHNER, A. E. "Don't Touch A Moveable Feast", *The New York Times*, 19 de julho de 2009. Disponível em: <www.nytimes.com/2009/07/20/opinion/20hotchner.html?_r=3>.

_____. "As the Ritz Shuttters, Remembering its Mysteries: A Legend as Big as the Ritz", *Vanity Fair*, julho de 2012. Disponível em: <www.vanityfair.com/society/2012/07/paris-ritz-history-france>.

_____. "The Ritz, Then and Now", *The New York Times*, 31 de janeiro de 1982. Disponível em: <www.nytimes.com/1982/01/31/travel/the-ritz-then-and-now.html>.

HUFFINGTON, Arianna Stassinopoulos. *Picasso*. Nova York: Harper Collins, 1996.

HUGHES, Judith M. *To the Maginot Line: The Politics of French Military Preparation in the 1920s*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.

IRVING, David. *Göring: A Biography*. Nova York: William Morrow, 1989.

JACKSON, Julian. *The Fall of France: The Nazi Invasion of 1940*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

JAMES, Ken. *Escoffier: o rei dos chefs*. São Paulo: Senac, 2008.

JUCKER, Ninetta. *Curfew in Paris: A Record of the German Occupation*. Londres: Hogarth Press, 1960.

KAPLAN, Richard L. *Politics and the American Press: The Rise of Objectivity, 1865-1920*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KARPEN, Lynn. "Chanel, Nº 1", *The New York Times*, 15 de novembro de 1998. Disponível em: <www.nytimes.com/1998/11/15/books/books-in-brief-nonfiction-chanel-no-1.html?src=pm>.

KATZNELSON, Yitzak. *Vittel Diary, May 22, 1943-September 16, 1943*. S.l.: Kibbutz Lohamei Hagettaot, 1972.

KERSHAW, Alex. *Sangue e champanhe: a vida de Robert Capa*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

KERT, Bernice. *Hemingway's Women*. Nova York: Norton, 1998.

KNOPP, Guido. *Die Wehrmacht: Eine Bilanz*. Munique, C. Bertelsmann Verlag, 2007.

KOYAN, Kenneth. "Snapshots of Mary Welsh Hemingway", *Eve's Magazine*. Disponível em: <www.evesmag.com/hemingway.htm>.

LAUB, Thomas J. *After the Fall: German Policy in Occupied France, 1940-1944*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAVAL, Pierre. *The Diary of Pierre Laval, with a Preface by Josée Laval, Countess R. de Chambrun*. Nova York: Scribner's, 1948.

LEVERT, Jean-Pierre, Thomas Gomart e Alexis Merville. *Paris, Carrefour des résistances*. Paris: Paris Musées, 1994.

LICHFIELD, John. "In Wallis's Footsteps: The Holiday Home by Royal Appointment", *Independent*, 25 de março de 2010. Disponível em: <www.independent.co.uk/travel/europe/in-walliss-footsteps-the-holiday-home-by-royal-appointment-192878.html>.

LIDDELL-HART, B. H. *The Rommel Papers*. Nova York: Da Capo, 1982.

LIFAR, Serge. *Ma Vie, from Kiev to Kiev: An Autobiography*. Londres: Hutchinson, 1970.

- LOCHNER, Louis P. "Germans Marched Into a Dead Paris: Muddy Uniforms at the Ritz." *Life*, 8 de julho de 1940.
- MADSEN, Axel. *Chanel: A Woman of Her Own*. Nova York: Holt, 1991.
- MALRAUX, André. *Picasso's Mask*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1976.
- MARNEFFE, Francis de. *Last Boat from Bordeaux*. Cambridge, MA: Coolidge Hill Press, 2001.
- MARTY, Alan T. "Index of Names and Locations in occupied Paris." Manuscrito não publicado.
- _____. "A Walking Guide to occupied Paris: The Germans and Their Collaborators." Manuscrito não publicado.
- MARX, Samuel. *Queen of the Ritz*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1978.
- MASTERS, Brian. *Great Hostesses*. Londres: Constable, 1982.
- MAXWELL, Elsa. "My Troubles with the Windsors: The Famous Hostess at Last Talks About Her 'Feud'", *Washington Post*, 5 de dezembro de 1954, AW1.
- MAZZEO, Tilar J. *O segredo do Chanel Nº 5: a história íntima do perfume mais famoso do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- Mémorial de la Shoah Musée, Centre de Documentation Juive Contemporaine, 411 AP/5.
- MEYER, F. M. "Ein Beitrag zum Morphinismus und zu der Behandlungsmethode nach Kahle", *Deutsche medizinische Wochenschrift*, 1928.
- MEYERS, Jeffrey. *Hemingway: A Biography*. Nova York: Da Capo Press, 1999.
- MITCHELL, Allan. *Nazi Paris: The History of an Occupation 1940-1941*. Nova York: Berghahn Books, 2008.
- MOORE, Matthew. "French Brothels 'Flourished During the Nazi occupation'", *Telegraph*, 1º de maio de 2009. Disponível em: <www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/5256504/French-brothels-flourished-during-the-Nazi-occupation.html>.
- MOOREHEAD, Caroline. *Martha Gellhorn: A Life*. Nova York: Vintage, 2004.
- MORRIS, Sylvia. *Rage for Fame: The Ascent of Clare Boothe Luce*. Nova York: Random House, 1997.
- NEITZEL, Sönke. *Tapping Hitler's Generals: Transcripts of Secret Conversations, 1942-1945*. Nova York: Frontline Books, 2007.
- NEMIROVSKY, Irene. *Suite Française*. Nova York: Knopf, 2006.
- NICHOLAS, Lynn H. *Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ORWELL, George. "You and the Atomic Bomb", *Tribune*, 19 de outubro de 1945.
- PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Nova York: Knopf, NY, 2004.
- _____. *Vichy France: Old Guard and New Order, 1940-1944*. Nova York: Columbia University Press, 2001.
- PELLEGRINI, Laurence. "La Séduction comme couverture: L'Agent secret Hans-Gunther von Dincklage en France." Disponível em: <www.dokumente-documents.info/uploads/tx_ewsdokumente/Seiten_74-76_Pellegrini_Dincklage.pdf>.
- PETROPOULOS, Jonathan. *Art as Politics in the Third Reich*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.
- PETTERS, H. F. W. "The Method of Hubert Kahle for the Abrupt Withdrawal of Narcotics", *Medical Journal and Record*, 1930.
- PICARDIE, Justine. *Coco Chanel: a vida e a lenda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- PICASSO, Marina. *Picasso*. Nova York: Vintage, 2002.
- POURCHER, Yves. *Pierre Laval vu par sa fille*. Paris: Cherche Midi, 2002.
- "Prince of Wales Enables Former Waitress to Laugh at Scoffers", *Boston Globe*, 2 de agosto de 2, 1931, B5.
- PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes, Em busca do tempo perdido, vol. 3*. São Paulo: Globo, 2007.
- _____. *Letters of Marcel Proust*. Nova York: Random House, 1949.
- PRYCE-JONES, David. *Paris in the Third Reich: A History of the German Occupation 1940-1944*. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1981.
- RAMBLER, Nash. "Proust's Last Infatuation: Hélène Chrissoveloni, Princesse Soutzo, madame Morand", *Esoterica Curiosa*. Disponível em: <<http://theesotericcuriosa.blogspot.com/2010/01/prousts-last-infatuation-helene.html>>.
- "Remembrance It Was Incredibly Macabre." *Time*, 4 de setembro de 1989.
- "Relatórios do Pós-Guerra: Atividades da *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* na França: C.I.R. Nº 1, 15 de agosto de 1945", Comissão de Arte Saqueada da Europa. Disponível em: <www.lootedart.com/MN51H4593121>.
- REYNOLDS, Michael. *Hemingway: The 1930s Through the Final Years*. Nova York, Norton, 2012.
- RICCHIARDI, Sherry. "Gun-Toting Journalists", *American Journalism Review*, Outubro/novembro 2005. Disponível em: <www.ajr.org/Article.asp?id=3969>.
- RICHARDS, Dick. *The Wit of Noël Coward*. Londres: Sphere Books, 1970.
- RICHARDSON, John. *Life of Picasso: The Triumphant Years, 1917-1932*. Nova York: Knopf, 2010.
- RIDING, Alan. *Paris — A festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RIOUX, Jean-Pierre. "Survivre", in François Bédarida (org.). *Résistants et collaborateurs*. Paris: Seuil, 1985, pp. 84-100.
- RITZ, Marie-Louise. *César Ritz*. Paris: Éditions Jules Tallandier, 1948.
- ROBB, Graham. "Parisians: An Adventure History of Paris", *The Guardian*, 20 de abril de 2010. Disponível em: <www.guardian.co.uk/books/2010/apr/03/parisians-adventure-history-graham-robb>.
- ROULET, Claude. *The Ritz: A Story That Outshines the Legend*. Paris: Quai Voltaire, 1998.

- RYERSSON, Scot D., e Michael Orlando Yaccarino. *Infinite Variety: The Life and Legend of the Marchesa Casati*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.
- SALPETER, Harry. "Fitzgerald, Spenglerian", *New York World*, 3 de abril de 1927, 12M.
- SCHALLERT, Edwin. "Snooty Stars Always Giving one Another the Ritz", *Los Angeles Times*, 19 de novembro de 1933, A1.
- SCHELLENBERG, Walter. *The Labyrinth*. Nova York: Da Capo, 2000.
- SCHUDSON, Michael, e Chris Anderson. "Objectivity, Professionalism, and Truth-Seeking in Journalism", *Handbook of Journalism Studies*, Karin Wahl-Jorgensen e Thomas Hanitzsch (orgs.). Nova York: Routledge, 2008, pp. 88-101.
- SCHWARZ, Ted. *Cleveland Curiosities: Eliot Ness and His Blundering Raid, a Busker's Promise, the Richest Heiress Who Never Lived and More*. Stroud: History Press, 2010.
- "Sells Furs to Aid French: U.S. Woman, Unable to Get Funds, Plans to Leave Vichy", *The New York Times*, 26 de setembro de 1942, p. 4.
- SHERWOOD, John M. *Georges Mandel and the Third Republic*. Stanford: Stanford University Press, 1970.
- SHNAYERSON, Michael. *Irwin Shaw*. Nova York: Putnam, 1989.
- SOREL, Nancy Caldwell. *The Women Who Wrote the War*. Nova York: Harper Collins, 2000.
- SOUSSEN, Claire. *Le Camp de Vittel, 1941-1944*. Organizado por André Kaspi. Paris: Pantheon Sorbonne, 1993, tese de licenciatura.
- SPEER, Albert. *Inside the Third Reich*. Nova York: Simon & Schuster, 1997.
- SPEIDEL, Hans. *Invasion 1944*. Nova York: Paperback Library, 1972.
- SPOTTS, Frederic. *The Shameful Peace: How French Artists and Intellectuals Survived the Nazi Occupation*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- STAGGS, Sam. *Inventing Elsa Maxwell: How an Irrepressible Nobody Conquered High Society, Hollywood, the Press, and the World*. Nova York: St. Martin's Press, 2012.
- STEEGMULLER, Francis. *Cocteau: A Biography*. Nova York: David R. Godine, 1992.
- SUTCLIFFE, Theodora. "Bar Icon: Frank Meier", 1º de maio de 2012. Disponível em: <www.diffordsguide.com/class-magazine/read-online/en/2012-05-01/page-7/bar-icon?seen=1>.
- TAITTINGER, Pierre. *Et Paris ne fut pas détruit*. Paris: Temoignages Contemporains Élan, 1948.
- TARTIÈRE, Drue. *The House Near Paris: An American Woman's Story of Traffic in Patriots*. Nova York: Simon & Schuster, 1946.
- TAVERNIER-COURBIN, Jacqueline. *Ernest Hemingway's A Moveable Feast: The Making of Myth*. Boston: Northeastern University Press, 1991.
- TAYLOR, Michael. "Liberating France Hemingway's Way: Following Author's 1944 Reclaiming of the Ritz Hotel", *San Francisco Chronicle*, 22 de agosto de 2004. Disponível em: <www.sfgate.com/travel/article/Liberating-France-Hemingway-s-way-Following2731590.php#ixzz24qFzKEty>.
- THAYER, Mary Van Rensselaer. "Fabulous Era Ended with Laura Corrigan", *Washington Post*, 27 de janeiro de 1948, B3.
- THOMAS, Robert. "Frederic Wardenburg 3d Dies, War Hero and Executive, 92", *The New York Times*, 17 de agosto de 1997, A8. Disponível em: <www.nytimes.com/1997/08/17/us/frederic-a-c-wardenburg-3d-92-war-hero.html?_r=1>.
- Universidade de Cambridge. Arquivos Churchill. CHAR 20/198A.
- VALLAND, Rose. *Le Front de l'art: défense des collections française, 1939-1945*. Paris: Librairie Plon, 1961.
- VARENNE, Francisque. *Georges Mandel, mon patron*. Paris, Éditions Défense de la France, 1947.
- VAUGHN, Hal. *Dormindo com o inimigo: a guerra secreta de Coco Chanel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VEILLON, Dominique. *Moda e guerra: um retrato da França Ocupada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- VICKERS, Hugo. "The People Who Caused Me the Most Trouble Were Wallis Simpson and Hitler", *Mail Online*, 26 de março de 2011. Disponível em: <www.dailymail.co.uk/femail/article-1370242/Queen-Mother-The-people-caused-trouble-Wallis-Simpson-Hitler.htm-l#ixzz2SWSigJs>.
- WALLACE, Mike. *Interview with Elsa Maxwell*, 16 de novembro de 1957. Harry Ransom Center, University of Texas at Austin, archives. Disponível em: <www.hrc.utexas.edu/multimedia/video/2008/wallace/maxwell_elsa_t.html>.
- WALSH, John. "Being Ernest: John Walsh Unravels the Mystery Behind Hemingway's Suicide", *Independent*, 9 de agosto de 2012. Disponível em: <www.independent.co.uk/news/people/profiles/being-ernest-john-walsh-unravels-the-mystery-behind-hemingways-suicide-2294619.html>.
- WATTS, Stéphane. *The Ritz*. Londres: Bodley Head, 1963.
- WEBSTER, Paul. "The Vichy Policy on Jewish Deportation", 17 de fevereiro de 2011, *BBC History*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/genocide/jewish_deportation_01.shtml>.
- WELSH, Mary. *How It Was*. Nova York, Ballantine, 1977.
- WHELAN, Richard (org.). *Robert Capa: The Definitive Collection*. Londres: Phaidon Press, 2004.
- WHITE, Edmund. *Proust*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- WHITE, William (org.). *Dateline, Toronto: The Complete Toronto Star Dispatches, 1920-1924*. Nova York: Scribner's, 1985.
- WHITING, Charles. *Papa Goes to War: Ernest Hemingway in Europe, 1944-1945*. Ramsbury: Crowood Press, 1991.
- WILLIAMS, Elizabeth Otis. *Sojourning, Shopping, and Studying in Paris: A Handbook Particularly for*

Women. Chicago: A.G. McClurg, 1907.

WILSON, Christopher. *Dancing with the Devil: The Windsors and Jimmy Donahue*. Nova York: St. Martin's Press, 2002.

_____. "Revealed: The Duke and Duchess of Windsor's Secret Plot to Deny the Queen the Throne", *Telegraph*, 22 de novembro de 2009. Disponível em: www.telegraph.co.uk/news/uknews/theroyalfamily/6624594/Revealed-the-Duke-and-Duchess-of-Windsors-secret-plot-to-deny-the-Queen-the-throne.html.

WOODRUM, Henry C. *Walkout*. S.l., iUniverse, 2010.

ZORN, Eric. "Whiter Days Ahead for Pepsodent?", *Chicago Tribune*, 15 de junho de 2007. Disponível em: http://blogs.chicagotribune.com/news_columnists_ezorn/2007/06/whiter_days_ahe.html.

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

Prólogo, “O Hôtel Ritz, o espelho de Paris”: [Tropas alemãs e civis francesas, 1940](#) (Getty Images, 141555216, Mondadori).

1. “Uma Suíça em Paris”: [Um francês chora ao ver tropas nazistas ocuparem Paris, em 14 de junho de 1940](#). (Gabinete de Informação de Guerra, Arquivos Nacionais, Washington, ARC 535896).

2. “O assunto em voga em Paris”: [Julgamento do Caso Dreyfus, 1896-1899](#). (Getty Images, 107412386, RM/Gamma/Keystone).

3. “Batalha aérea sobre a Place Vendôme”: [Luisa, marquesa Casati](#) (Getty Images, 141555399, Mondadori).

4. “Diamantes tão grandes quanto o Ritz”: [Laura Mae Corrigan](#) (Arquivos da Universidade Estadual de Cleveland, Biblioteca Michael Schwartz).

5. “Os americanos vão a Paris”: [Ernest Hemingway, 1944](#) (Getty Images, 3312466, Picture Post, Kurt Hutton/Stringer).

6. “A atriz francesa e seu amante nazista”: [Fotograma de Arletty em Os visitantes da noite, 1942](#) (Getty Images, 2638086, Hulton Archive/Stringer).

7. “O barman judeu e a resistência alemã”: [O bar do Hôtel Ritz, em Paris, logo antes da ocupação](#) (Getty Images, 145253043, Roger Viollet).

8. “A esposa americana e o diretor suíço”: [Blanche Auzello](#) (fotografia da primeira década do século XX).

9. “O general alemão e o destino de Paris”: [A chegada do general Leclerc em Paris, durante a libertação, em agosto de 1944](#) (Getty Images, 152232439, Universal Images Group).

10. “Os correspondentes de guerra e a corrida para Paris”: [Robert Capa, Olin L. Tompkins e Ernest Hemingway em Mont Bocard, França, 30 de julho de 1944](#) (Getty Images, 50691570, Time/Life Images).

11. “Ernest Hemingway e o Ritz libertado”: [Multidões comemoram no Arco do Triunfo, Paris, 1944](#) (Getty Images, 50654762, Time/Life Images).

12. “Aqueles repórteres de saias”: [Sob disparos de atiradores de elite no Hôtel de Ville, uma multidão se joga no chão durante a Libertação de Paris](#) (Getty Images, 104420310, Gamma/Keystone, 1º de agosto de 1944).

13. “Os últimos trens de Paris”: [Estúdio com pinturas de Pablo Picasso](#) (Getty Images, 50516574, Time/Life Pictures, Nat Farbman, 31 de outubro de 1948).

14. “A guerra de Chanel e outras roupas sujas”: [Coco Chanel](#) (Getty Images, 56226843, Roger Viollet Collection, 1º de janeiro de 1937).

15. “A diva loura e os cientistas nucleares”: [Coronel Fred Wardenburg, 1944](#) (cortesia de Sylvia Crouter).

16. “De Berlim com amor, e as últimas batalhas em Paris”: [Marlene Dietrich no Hôtel Ritz após a](#)

[libertação](#) (Getty Images, 50409886, Time/Life Pictures, Ralph Morse, 1º de outubro, 1944).

17. “Potências em declínio em Paris”: [Festa para o duque e a duquesa de Windsor nos anos 1950, com os Woolworth](#) (Getty Images, 3088537, Premium Archive, Slim Aarons/Stringer).

18. “A grande sombra da guerra”: [Claude Auzello, em seu gabinete no Hôtel Ritz](#) (Getty Images, 106501020, Gamma/Keystone).

Posfácio: [Charley Ritz na sacada do Hôtel Ritz](#) (Getty Images, 121508742, Robert Doisneau, Gamma Rapho).

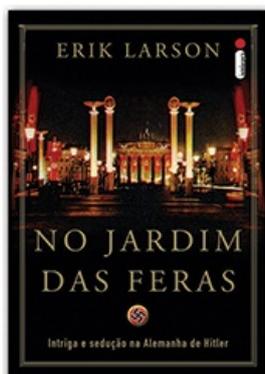
SOBRE A AUTORA



© Sarah Rose

Tilar J. Mazzeo é autora de biografias e obras sobre história da cultura, incluindo *A Viúva Clicquot* e *O segredo do Chanel N° 5* — best-sellers do *The New York Times* — e mais de vinte outros livros, artigos, ensaios e resenhas sobre vinhos, viagens e sobre a história do luxo. Professora adjunta da cátedra Clara C. Piper de inglês da Colby College, ela divide seu tempo entre Paris e Nova York.

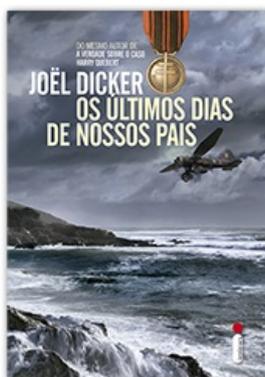
LEIA TAMBÉM



No jardim das feras
Erik Larson



O livro secreto
Grégory Samak



Os últimos dias de nossos pais
Joël Dicker



Toda luz que não podemos ver
Anthony Doerr